

# LETRA da PRAÇA

REVISTA CULTURAL FESTA DA BUGIADA E MOURISCADA

EDIÇÃO IV  
ABRIL 2026



As  
mascaras  
caem.

A história não mente!



*Velho da Bugiada (foto de Manuel Ferreira da Costa, 2004)*



# Índice

|  |     |  |     |
|--|-----|--|-----|
| Mensagem.....                                      | 4   | Auto da Bugiada e Mouriscada.....        | 184 |
| Introdução.....                                    | 5   | São Bartolomeu da Foz do Douro.....      | 188 |
| Trajes.....  | 6   | Covid: Não há festa!.....                | 192 |
| Condutas dos Bugios e Mourisqueiros.....           | 12  | Património Imaterial.....                | 204 |
| Glossário de Termos e Expressões.....              | 16  | Documentário.....                        | 214 |
| O São João na Democracia.....                      | 28  | A Orquestra da Bugiada.....              | 216 |
| Tesouros de 1977.....                              | 34  | Conselho de Velhos da Bugiada.....       | 224 |
| Contributos para a palavra Bugio.....              | 44  | Conselho de Reimoeiros.....              | 228 |
| Fernando Queiróz.....                              | 56  | As Mulheres na Bugiada e Mouriscada..... | 234 |
| São João de Sobrado nas fotografias de Marco.....  | 60  | Bugios e Mourisqueiros em Sintra.....    | 242 |
| Jean-Marie Steinlein.....                          | 66  | Website.....                             | 244 |
| O São João também se dançou na Venezuela.....      | 74  | Retrosaria Palheira.....                 | 246 |
| Benjamim Enes Pereira.....                         | 78  | Mais lama do que sapateirada.....        | 250 |
| Viagem ao Maravilhoso.....                         | 84  | FIMI 2024.....                           | 254 |
| “É o sonho de ser, um dia por ano, dono do mundo.” | 88  | A Bugiada está demasiado grande?.....    | 260 |
| Fernando Cálnha.....                               | 96  | SJS' 25.....                             | 264 |
| Bárbara Alge.....                                  | 102 | BTL 2025.....                            | 270 |
| Cristina Araújo.....                               | 110 | O Funtastic São João de Sobrado.....     | 274 |
| A Dança dos Instrumentos.....                      | 114 | Streaming.....                           | 278 |
| 2012- Uma Comissão só de mulheres.....             | 118 | Gala São João de Sobrado.....            | 284 |
| O que são verdadeiros Bugios.....                  | 122 | Theic.....                               | 292 |
| Lindoro da Ribeira.....                            | 128 | Por trás da festa.....                   | 298 |
| O Cofre Digital da Bugiada.....                    | 136 | Merchandising.....                       | 302 |
| 3 Estórias da Minha Terra.....                     | 138 | Campo e Sobrado.....                     | 310 |
| Polémica Inauguração.....                          | 140 | Utopia do Futuro.....                    | 318 |
| Manuel Pinto.....                                  | 144 | Conta a Lenda deste povo.....            | 326 |
| We came from Space.....                            | 150 | Humano rosto, só o Velho tem.....        | 328 |
| Caixa dos Mourisqueiros.....                       | 158 | Os Protagonistas da Festa.....           | 334 |
| CDBM.....  | 164 | Associação São João de Sobrado.....      | 340 |
| Generoso Ferreira das Neves.....                   | 178 | Conclusão.....                           | 352 |
| SJS' 2018.....                                     | 180 |  |     |

# Mensagem



Orlando  
Alves  
Vice-Presidente  
Associação  
São João  
de Sobrado

**Tenho orgulho no que fizemos. Tenho orgulho no que somos. E tenho ainda mais orgulho quando vejo os meus filhos, e o brilho que têm nos olhos por saber que o pai deles contribuiu para esta história. Não há sentimento mais bonito do que perceber que aquilo que fazemos inspira quem mais amamos.**

A Festa de São João de Sobrado é, para mim, o vibrar da freguesia, o abraço da comunidade, é aquela memória que persiste, porque não se vive apenas em junho, mas todo o ano.

Comecei a viver esta festa em criança, ainda com 7 ou 8 anos, quando me juntei a um grupo de amigos vizinhos para ir de Bugio. Não sabia, naquela altura, que estava a entrar num mundo que me marcaria para sempre. Mais tarde, já com 15 anos, tornei-me Mourisqueiro — um sonho que eu não sabia como alcançar, mas que a vida tratou de me oferecer — senti pela primeira vez o que realmente é pertencer a algo maior. E foi ali, naquele

primeiro dia de São João, que prometi a mim mesmo que só iria parar quando fosse Reimoeiro.

Cumpri essa promessa em 2011. E esse dia... esse dia, quando fui Reimoeiro, ficou gravado em mim como um dos mais importantes da minha vida. Porque naquele momento, naquele papel, senti todo o peso da história, toda a força da tradição e todo o amor que esta festa me ensinou ao longo dos anos.

Sempre gostei de ouvir as histórias do antigamente, aquelas que nos fazem perceber como a festa se fazia quando tudo era mais difícil, mas talvez por isso mais verdadeiro. Hoje, continuamos esse caminho com novos desafios, novas ferramentas e a mesma vontade de honrar quem fez antes de nós. Na direção da Associação São João de Sobrado aprendi o valor do trabalho coletivo: obras que levantámos juntos, logística que afinámos, decisões que tomámos sempre com um objetivo — dignificar a Bugiada e Mouriscada.

A Revista Lavra da Praça é, também ela, um pedaço dessa inspiração. Um projeto que guardo com profundo carinho, porque abriu portas à nossa memória coletiva. Trouxe ao presente pessoas, histórias e momentos que fazem de Sobrado aquilo que é. Esta nova edição, mais recente nas suas recordações, chega carregada de emoções que muitos de nós ainda temos vivas na pele.

Que esta revista — e esta festa — continuem a unir-nos. Que continuemos a celebrar, a recordar e a construir. E que cada leitor sinta, nestas páginas, o mesmo orgulho que eu sinto ao escrever estas palavras.

Porque a festa somos nós. E nós, todos juntos, somos São João de Sobrado.

# Introdução

**Quarta edição. O fecho de um ciclo, a abertura de um Mundo**



Nuno  
Alexandre  
Ferreira  
Coordenador  
da revista Lavra  
da Praça

Chegamos ao fim de uma viagem que começou como um sonho tímido e que hoje se afirma como obra viva: a quarta e última edição da Lavra da Praça. Quatro sementes lançadas ao vento e agora condenadas a germinar para sempre na memória coletiva de Sobrado.

Nas edições anteriores, inquirimos profundamente e entrámos nas entranhas da história. Tirámos do silêncio os rostos mascarados que fizeram da Bugiada e Mouriscada um território sagrado, um espaço onde o espírito de Sobrado lateja sem pedir licença.

Agora, voltamo-nos para o presente e para o futuro que já espreita. De 1974 a 2025, o tempo democrático trouxe liberdade, sim, mas também desafios, reinvenções, medos e impulsos. Sobrado, sempre terra de coração inflamado, sempre fiel à sua festa, vive hoje entre a vontade de mostrar-se ao mundo e o receio de perder o que tem de mais precioso: a identidade.

As mulheres avançaram. As máscaras transformaram-se. Os ritmos abriram caminho a novas vozes.

Houve conquistas e tropeços, vitórias e tensões. Mas é nesse confronto entre passado e futuro, entre tradição e inovação, que a festa encontra a sua força, o seu pulso, o seu caminho.

Esta IV edição é mais completa. Mais madura. Mais ambiciosa. Inventariamos nomes, registamos histórias, detalhamos trajés, observamos a organização e ousamos perspetivar o futuro. Reconhecemos o trabalho da Associação São João de Sobrado e sublinhamos o papel vital que assume na preservação e promoção desta tradição que é, antes de tudo, um ato de identidade.

Que esta revista seja mais do que um objeto: seja ferramenta, legado, centelha. Um convite aberto para que as gerações vindouras mergulhem fundo na essência da festa, no seu mistério e na verdade que ecoa desde há séculos. No fim, permanece o lema que nunca envelhece, nunca balança, nunca falha: “Ela é nossa.” E é nossa também a responsabilidade de a preservar, proteger, mas também divulgar.

**A verdade, porém, é uma só: a festa mudou, porque tinha de mudar e evoluiu sem nunca romper com a sua alma.**

# Trajajes

*Nuno Alexandre Ferreira*

Os trajes usados por Bugios e Mourisqueiros constituem um dos mais importantes elementos materiais da festa, conferindo-lhe a riqueza visual e estética que inunda as ruas de Sobrado no dia de São João. Ainda que respeitando um figurino comum, os trajes podem conter muitas variações, sobretudo no caso dos Bugios. Desde as cores do traje, aos padrões específicos formados pelo patchwork de tecidos que é a base da sua elaboração, os trajes permitem uma grande liberdade na personalização. O mesmo ocorre em relação aos vários adereços, que estando sempre presentes, admitem muitas variantes de cor e forma. É o caso da máscara que cobre a cara dos Bugios, do chapéu com penachos e das meias, mas também de adereços adicionais que muitos optam por levar consigo, como lenços ou brinquedos, para além dos objetos que tradicionalmente são usados como as castanholas, o rabo de raposa e o sardão. Entre os Mourisqueiros, a variabilidade nos trajes não é tão evidente e resulta, sobretudo, das diferentes cores dos trajes listados, sendo que cada par de Mourisqueiros usa sempre fatos iguais.

Os trajes constituem a própria materialização da festa para os seus participantes e, se é verdade que muitos alugam os trajes a cada ano, muitos outros investem na sua aquisição. Como tal, o traje e respetivos adereços são guardados como objetos de grande valor afetivo, mais ainda quando se trata de trajes usados e passados por familiares. Entre os Bugios, vêem-se algumas fardas que evidenciam o desgaste dos anos de uso – são conhecidas por “comedeiras”. Se, noutros tempos, eram sinal da escassez de recursos, que obrigava a prolongar a vida das vestes, hoje mostram, sobretudo, a pertença a uma família que há muito vai de Bugio. Pela sua riqueza e importância patrimonial, alguns exemplares dos trajes usados nesta manifestação integram a exposição permanente do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada (Sobrado), na galeria museológica da Casa do Bugio e do Mourisqueiro e estão também no acervo do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (Lazarim, Lamego) e do Musée International du Carnaval et du Masque (Binche, Bélgica), neste último em resultado de uma oferta feita Benjamin Enes Pereira, em 1983, através do Museu Nacional de Etnologia, bem como no Paço dos Henriques em Alcáçovas (numa oferta de Paulo Lima.)

# Velho



O Velho da Bugiada apresenta um traje que o distingue dos restantes Bugios e que se caracteriza pelo uso de um manto em veludo vermelho, dragonas, luvas brancas, calças brancas e barretina emplumada e com espelhos. O Velho é a única figura que pode usar duas máscaras distintas ao longo do dia. A maioria dos Velhos da Bugiada

opta por se apresentar com uma máscara alegre na parte da manhã e uma máscara de feição mais pesarosa na parte da tarde. Este facto está relacionado com a encenação da lenda, cujo ponto mais dramático (Prisão do Velho) tem lugar durante a tarde. Ultimamente, cada Velho manda produzir o seu próprio manto e adereços.

# Bugio



O traje de Bugio é composto por calça curta e casaco em veludo de cores variadas, chapéu de aba larga com penacho de fitas coloridas, máscara, guizos nas calças curtas (machos e fêmeas), capa (usada pelos ombros, de manhã, e traçada sob o braço esquerdo, à tarde), faixa vermelha à cintura, meias coloridas e listadas, luvas brancas e castanholas. Em vários aspetos, o traje dos Bugios

apresenta semelhança com o dos arlequins, que surgem nas performances dramatúrgicas europeias a partir do século XVI. Ainda que não seja regra, muitos Bugios levam consigo objetos (rabo de coelho ou raposa, bonecos, utensílios agrícolas, réplicas de répteis e outros) com o intuito de “assustar” a formação Mourisca. As máscaras usadas pelos Bugios são muito diversas, desde vulgares máscaras comercializadas no carnaval a peças trabalhadas artesanalmente.

# Reimoeiro



A Mouriscada é liderada pelo Reimoeiro, o qual, além dos elementos referidos usados pelos Mourisqueiros, leva aos ombros, tal como o Velho da Bugiada, as dragonas, peças de origem militar que conferem autoridade e distinção à figura principal

de cada formação. O traje do Reimoeiro é feito em linho, podendo também ser em veludo e, tal como o Velho da Bugiada, a sua barretina cilíndrica tem três plumas, enquanto as barretinas dos restantes Mourisqueiros têm apenas duas.



No caso dos Mourisqueiros, as fardas são atualmente cedidas pela Associação São João de Sobrado (à exceção do Reimoeiro, que, manda fazer propositamente o seu traje para esse dia), mas alguns adereços levam a ativar a rede de colaboração na comunidade, uma vez que espadins e polainas, por exemplo, são cedidos por homens (ou suas famílias) que já tenham integrado esta formação ou que os tenham de família.

A farda de Mourisqueiro é feita em tecido de algodão ou linho e veludo, normalmente listado, e compreende o uso de espadim com lenço branco no

copo, banda vermelha cruzada, polainas e polainitos (“plainites”, na expressão local), cordões dourados (que chegaram a ser em ouro), luvas brancas e barretinas emplumadas e com espelhos. Na indumentária dos Mourisqueiros percebem-se semelhanças com a farda dos exércitos napoleónicos (nas barretinas, plumas, dragonas, correias e faixas) que podem indiciar terem sido as Invasões Francesas (1807-1811), no quadro da Guerra Peninsular, um elemento importante na fixação dos trajes usados pelos Mourisqueiros. Atualmente, estas fardas são confeccionadas com tecido de padrão de riscas verticais, em variadas cores.

# Mourisqueiro

# Condutas Bugios e Mourisqueiros

Nuno Alexandre Ferreira

A Bugiada e Mouriscada é uma mistura de ritual, teatro, dança e devoção. Esta celebração comunitária é organizada inteiramente pelo povo, transmitida oralmente e vivida com um rigor que faz da tradição o seu verdadeiro regulamento.

Tradição é o conjunto de práticas, conhecimentos, crenças, expressões artísticas ou rituais transmitidos de geração em geração dentro de uma comunidade. Pode assumir muitas formas e representa a memória viva de um povo.

Mais do que algo do passado, a tradição é uma herança ativa, pois só existe quando é continuamente praticada e reinterpretada no presente. É uma ponte entre quem veio antes e quem virá depois.

Mais do que uma festa, a Bugiada e Mouriscada é uma forma de estar, um código de honra partilhado por gerações, onde cada gesto, passo e silêncio tem significado. E, para que tudo se cumpra como manda a tradição, Mourisqueiros e Bugios seguem regras que moldam o papel que desempenham no dia de São João.

Quando todos cumprem o que lhes cabe, a tradição cumpre-se. E quando a tradição se cumpre, a identidade permanece. Por esse motivo, seguem-se alguns deveres e regras a cumprir por Bugios e Mourisqueiros no dia 24 de junho:



Mourisqueiro (foto de Hugo Carneiro, 2024)

### Mourisqueiros

A Mouriscada é, hoje, composta por aproximadamente vinte pares de Mourisqueiros liderados pelo seu Reimoeiro. Como tal importa relembrar alguns dos deveres e comportamentos que os Mourisqueiros devem seguir para que a tradição seja cumprida:

- Têm de ser solteiros;
- Manter uma postura séria e austera durante todas as danças não sendo permitido sorrir;
- Não é possível parar de dançar;
- Se um dos Mourisqueiros for obrigado a abandonar a formatura, o seu par também terá de abandonar de igual forma;
- Participar em todas as danças e atividades dos Mourisqueiros, respeitando sempre as ordens do Reimoeiro e dos lugares (incluindo ensaios e construção do palanque);
- Utilizar a farda de forma correta e completa (sendo da responsabilidade dos Mourisqueiros a aquisição da camisa, gravata, lenço, polainitas, sapatos, cordões a imitar ouro e luvas);
- Apresentar-se com a barba desfeita;
- Não é permitida a passagem ou permanência no Largo do Passal (Campelo) antes da Dança de Entrada;
- Comparecer na casa do Reimoeiro às 07h30;
- No momento das danças, estar sempre alinhados face os restantes Mourisqueiros;
- Não sair da formatura quando as danças terminam, aguardando indicações do Reimoeiro e lugares;
- Participar no “jintar” na Casa do Bugio e Mourisqueiro, abandonando o edifício apenas quando for dada ordem pelo Reimoeiro;
- Para que seja possível o Reimoeiro “benzer” os Mourisqueiros, estes têm que permanecer na respetiva formatura;
- Durante a prisão do Velho não é permitido soltar-se no cerco ao Velho.

### Bugios

A Bugiada é, hoje, composta por centenas de Bugios. Como tal importa relembrar algumas dos deveres e comportamentos que os Bugios devem adotar para que a tradição seja cumprida:

- Participar em todas as danças e atividades dos Bugios, respeitando sempre as ordens do Velho e dos lugares;
- Não é permitida a passagem ou permanência no Largo do Passal (Campelo) antes da Dança de Entrada;
- Comparecer na casa do Velho a partir das 07h30;
- Participar no almoço na Casa do Bugio e Mourisqueiro, abandonando o edifício apenas quando for dada ordem pelo Velho;
- Para que seja possível o Velho “benzer” os Bugios, estes têm de permanecer na respetiva formatura;
- Só é possível tirar a careta no “Jintar” (na Casa do Bugio e do Mourisqueiro), quando se estiver a ser “benzido” pelo Velho (na Igreja Matriz), antes de saírem os serviços da tarde (Casa do Marto), para comer o doce (no Quinteiro do Abade), após o final da Dança do Santo ou em momentos/ lugares fora da vista;
- No momento do milagre de São João e da libertação do Velho, não se pode estar à frente da serpe.

**Se todos  
cumprirem,  
a tradição será  
cumprida!**



Bugio (foto de Diana Nunes, 2023)



# Glossário

## de Termos e Expressões sobre a Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado

*Bugiões (foto de Eventuais, 2025)*

*Manuel Pinto*

## **ASSOCIAÇÃO ORGANIZADORA DA CASA DO BUGIO E FESTAS DE S. JOÃO DE SOBRADO**

Associação criada em Sobrado em 1993, com a finalidade de preservar e promover a festa de S. João de Sobrado e tudo o que com ela se relacione. Cabe-lhe organizar a festa, sempre que não surgir uma comissão de festas com Juiz e Mordomos. No âmbito das suas atribuições, a Associação é detentora do bem patrimonial imaterial da festa, em nome dos sobradenses, cabendo-lhe igualmente os direitos de imagem, devidamente registados. A designação Casa do Bugio refere-se igualmente ao edifício que foi construído fora da povoação, na estrada municipal que liga Sobrado a Alfena. De dimensões avultadas, destina-se, entre outras funções, a acolher os Mourisqueiros e os Bugios no “jantar” do dia 24 de junho.

## **BAGADAS**

Palavra corrente na Vila de Sobrado, e na região, para designar lágrimas. Na Festa de S. João de Sobrado, diz-se que as crianças Bugios vão “alimpar as bagadas ao Velho”. Isso acontece quando o Velho da Bugiada é preso e o Reimoeiro não cede por nada deste mundo a libertá-lo. Antes de ser levado prisioneiro, despede-se dos seus, em momentos de elevada comoção e lágrimas. É nessa altura que umas crianças se abraçam ao seu patriarca, suplicam clemência ao captor e pegam em lenços brancos para limpar as tais bagadas do prisioneiro.

## **BANDA DE MÚSICA**

Não haveria festa da Bugiada e Mouriscada sem a Banda de Música. Ou, pelo menos, não haveria, com as características que hoje tem. Mais do que isso: não pode ser qualquer banda. Tem de ser a Banda de S. Martinho de Campo. Corre na vila que, num determinado ano, por qualquer razão, foi convidada a Banda de Vilela. Quando começou a tocar para a Dança de Entrada, os Mourisqueiros não arrancavam, pois não se sentiam identificados com o que ouviam, porque a música não era tocada a seu jeito. Foi só quando chegou, chamada de urgência, a Ban-

da de Campo que a dança pôde começar. Além da procissão, onde também seguem os Mourisqueiros, a Banda acompanha as Danças de Entrada, a condução das duas formações aos respetivos “castelos”, a primeira fase do ataque dos Mourisqueiros, o momento após a Prisão do Velho (“Música da Paixão”) e a entrega do ramo.

## **BARRETINA**

É um objeto cilíndrico que os Mourisqueiros usam na cabeça, decorado com fitas e com espelhos e encimado de plumas. O Velho da Bugiada usa também uma barretina, que tem, no entanto, um design ligeiramente diferente (termina em bico na parte anterior).

## **BATER**

Verbo utilizado para referir momentos das danças de Bugios e Mourisqueiros em que os respetivos líderes (Velho e Reimoeiro) dançam com cada um dos pares. Dado o número de intervenientes, no dia da Festa, são batidos apenas alguns dos pares, já que se assim não fosse, as danças se prolongariam por tempo excessivo. No entanto, nos ensaios essa regra é escrupulosamente cumprida.

## **BUGIADA**

Refere-se ao agrupamento e danças dos Bugios. Representa os cristãos e contrapõe-se à Mouriscada. Quando organizada, estrutura-se em duas filas paralelas, lideradas pelo Velho da Bugiada. O número e exuberância dos Bugios tem levado muitos a designar a Festa de S. João por Festa da Bugiada, se bem que, em rigor, a Bugiada seja apenas uma parte da Festa.

## **BUGIO**

Integrante da Bugiada. Não existe controlo relativamente a quem pode aceder ao estatuto de Bugio, havendo na Bugiada crianças, adultos e idosos, homens e mulheres. Em épocas passadas, até aos anos 60-70 do século XX, era socialmente malvisto as mulheres irem de Bugio, mas elas participavam, procurando disfarçar a sua condição. Usam como

traje uma calça curta terminada em folhos, um gibão e uma capa que vai, de manhã, sobre os ombros e, de tarde, sob um dos braços. Na cabeça, levam um chapéu de abas largas e um penacho de fitas multicolores. Não se pode olvidar um importante elemento de identificação do bugio: a máscara. Nas mãos, são obrigatórias as castanholas.

## **CABIDELA (dia da)**

Almoço de confraternização dos Bugios com que terminam os trabalhos de recolha dos pinheiros e tábuas para a construção dos castelos dos Bugios e Mourisqueiros, tudo isto sob coordenação geral do Velho da Bugiada, habitualmente no último sábado antes da festa, que é também véspera do último ensaio. Tem lugar por norma num restaurante local ou numa casa previamente combinada. É pago pelos comensais e participado pelo Velho, Guias, Rabos e outros colaboradores. Tradicionalmente, o prato desse dia é arroz de cabidela.

## **CAIXA**

Tambor, instrumento acústico feito de uma caixa em forma cilíndrica com peles tensas dos dois lados, tocada com baquetas e que acompanha todas as danças dos Mourisqueiros, com exceção quando estas são acompanhadas por marchas tocadas pela Banda Musical (na Dança de Entrada, na entrada no “castelo” mourisco e no desfile que antecede o ataque ao “castelo” dos Bugios). O termo designa também a pessoa que toca o tambor. É da responsabilidade da Associação Casa do Bugio a contratação do tocador.

## **CAMPELO**

Lugar central da vila de Sobrado, junto ao qual se situa o Passal e que é palco das principais manifestações da festa da Bugiada e Mouriscada.

## **CANHÃO**

Arma de carregar pela boca, tipo espingarda, normalmente de fabrico local, utilizado exclusivamente nos “castelos” de Bugios e Mourisqueiros, durante o

combate entre uma e outra formação, na altura da Prisão do Velho. É carregado com pólvora seca e disparado para o ar, produzindo apenas estrondo. Existe um controlo apertado, quer de quem manuseia a pólvora, quer de quem pode utilizar o “canhão” para ir ao “castelo” dar tiros.

## **CAPA**

Parte do traje dos Bugios, utilizada sobre os ombros da parte de manhã do dia da Festa e por debaixo de um dos braços da parte de tarde. Pode ser de várias cores, embora predominem os tons avermelhados escuros.

## **CAPELA DAS ALMINHAS**

Minúscula capela setecentista sobradense, situada junto à estrada principal que liga Valongo a Paços de Ferreira. É nessa zona, a cerca de 300 metros para o lado norte de Campelo, que têm lugar algumas das apresentações das Estdalhadas e, sobretudo, onde se formam e iniciam as Danças de Entrada. É também nesta capela que dá a volta a procissão do dia de festa, cerca do meio-dia.

## **CARETA**

O termo tradicionalmente mais usado em Sobrado para designar a máscara utilizada pelos Bugios, pelos protagonistas das Estradhadas e de todos os rituais agrícolas da tarde, bem como da Dança do Cego. Outrora era feita de peles, madeira, cortiça, papel, metal, etc. O plástico tornou-se o material mais comum nos tempos que correm. Dizia-se, antigamente, que uma boa máscara de Bugio era aquela que fosse “feia, mas que fizesse rir”.

## **CASTANHOLAS**

Instrumento de percussão normalmente de madeira constituído por duas partes côncavas e ligadas entre si, é usado na festa de S. João de Sobrado por cada um dos Bugios, com exceção do Velho da Bugiada, como forma de expressão e para marcar o ritmo de algumas danças. Muitas das castanholas usadas em Sobrado continuam a ser executadas

localmente. Em muitos casos, as castanholas são ornadas com motivos diversos, nomeadamente rabos de raposa ou coelho.

### **CASTELOS**

Também conhecidos por palanques. São estruturas de madeira construídas ad hoc, habitualmente no sábado anterior à festa, e constituídas por um esqueleto de toros de pinho cortados na ocasião, encimados por um estrado à altura de uns 2,5 metros. O estrado é rodeado de um corrimão igualmente de toros de pinho em três dos lados, ficando desguarnecido o quarto. São instalados no Passal, perto do coreto: o dos Bugios junto à estrada principal e, na direção da igreja, a cerca de 50 metros, o dos Mourisqueiros. É nestes castelos que decorre a Prisão do Velho, altura em que o castelo Bugio acolhe igualmente a Serpe, por debaixo do estrado, por entre a folhagem.

### **COLHER OS DIREITOS (OU COBRANÇA DOS DIREITOS)**

É o primeiro acto dos rituais agrícolas que decorrem após a hora de almoço, cerca das 15 horas. Um Bugio, montado ao contrário num burro e rodeado por múltiplos Bugios, percorre o Passal, recolhendo as contribuições ou impostos (os ‘dreitos’, na locução popular) junto dos feirantes. À medida que recebe esses direitos (uma bebida, um doce... ou apenas umas trocas de palavras jocosas), o que monta o jumento vai ‘descarregando’ o encargo num grosso livro, usando um pau como caneta e o “cu” do burro como tinteiro.

### **COMEDEIRA (FARDA)**

Diz-se de uma farda ou traje de Bugio já puída de tanto ter sido usada. O nome advém, segundo se diz na vila, dos “tempos da fome”: os mais pobres, que nem dinheiro tinham para um almoço melhorado no dia de S. João, usavam essas fardas velhas como passe de entrada no “jantar” servido aos Bugios e Mourisqueiros logo no começo do dia. E assim, além de “matarem a Paixão”, como muitas vezes se diz em

Sobrado, enchiam a barriga de canja e de um cozido à portuguesa, e mesmo do assado, sopas secas e aletria, quando, em tempos, eram servidos.

### **COMISSÃO DE FESTAS**

É constituída por um juiz e por diversos mordomos, provenientes de diferentes lugares da vila. É de livre iniciativa do juiz, o qual, em alguns casos, assume a função por promessa. Até há alguns anos, com um número de Bugios manifestamente inferior ao atual, cabia ao juiz nomear o Velho da Bugiada desse ano, algo que já não acontece hoje em dia. Compete, no entanto, à comissão, superintender numa série de tarefas relacionadas, sobretudo, com gestão do arraial, a contratação dos grupos que o animam, arruamentos e fogo de artifício, contratação da Banda Musical e da GNR, organização de peditórios e outras iniciativas de angariação e fundos, etc. No passado, a pertença às comissões era sobretudo tarefa masculina, mas nas últimas décadas, as mulheres passaram também a integrá-las e, em 2012, aconteceu mesmo que houve não apenas uma juíza, mas toda a comissão foi constituída por mulheres.

### **CUCA MACUCA**

Designação que toma a serra de Santa Justa, na lenda que está subjacente à Festa de S. João de Sobrado. A origem do nome não se encontra devidamente estudada. É conhecido quer do lado de Valongo, quer do lado de Gondomar. Na serra de Cuca Macuca habitavam, segundo a lenda, os mouros, dedicando-se à extração de ouro.

### **DANÇA DA JAQUINA**

Nome que se deu a uma manifestação da festa, já desaparecida e que é ainda mal conhecida. Segundo o testemunho de sobradenses, esse número fazia-se nos anos 1950 e constava do seguinte: depois das Danças de Entrada e antes da Cobrança dos Direitos, um mascarado agarrado a uma figura vestida de mulher, de pernas para o ar, dava a volta ao Passal, fazendo o percurso comum a outras manifestações deste dia. O carácter erótico da cena terá originado tensões na comunidade e poderá ter estado na origem da sua extinção.

### **DANÇA DE ENTRADA**

Corresponde à dança de apresentação dos Mourisqueiros e dos Bugios, por esta ordem sequencial, na zona principal da festa, com passos distintos nas danças de cada uma das formações. Tem lugar ao fim da manhã e parte da zona da capela das Alminhas. A Banda de S. Martinho de Campo conduz cada agrupamento até Campelo, após o que os Mourisqueiros são acompanhados pelo rufar da caixa e os Bugios pelo toque da tocata de rabeças e violas, até junto da entrada do adro, onde os respetivos reis os abençoam com água benta.

### **DANÇA DO CEGO**

Também conhecida por Sapateirada. Apesar do nome, não se trata de uma dança, mas da representação de uma farsa que põe em cena dois grupos de personagens: o Sapateiro, a sua Mulher (fiandeira) e Moço, e, do outro lado, o Cego e o seu Moço. Todos vão mascarados. O que é representado em diferentes sítios do Passal é, no essencial, o rapto da mulher do sapateiro por parte do moço do cego e a luta do visado por reaver aquela que ele se vangloriava de nunca o trair. O que mais chama a atenção, na Sapateirada, é o aspergir dos circunstantes com lama e excrementos e o jogo entre atores e espectadores, uns por os sujar e os outros por lhes fugir.

### **DANÇA DO DOCE**

Dança que Mourisqueiros e Bugios, por esta ordem e em separado, executam no átrio da residência paroquial, a meio da tarde, após o que o pároco é obrigado, por tradição, a dar um copo de vinho e um doce típico local a cada participante. Os Mourisqueiros dançam esta dança sem a barretina.

### **DANÇA DO SANTO**

Dança que Mourisqueiros e Bugios, por esta ordem e em separado, executam em frente ao adro da igreja paroquial, ao fundo do Passal, ao fim do dia, após a Prisão e libertação do Velho da Bugiada.

### **DANÇA DO SOBREIRO**

Dança que Mourisqueiros e Bugios, por esta ordem e em separado, executam depois da Dança de Entrada, ao cimo do Passal, do lado sul. Todas as danças aqui referidas têm a mesma estrutura e morfologia, demorando cada agrupamento de 30 a 45 minutos.

### **DRAGONAS**

São peças metálicas de uniformes militares de altas patentes colocadas sobre os ombros, das quais pendem franjas de fios de seda ou ouro. Na festa de S. João as dragonas integram o traje do Reimoeiro e do Velho da Bugiada, conferindo-lhes autoridade e prestígio.

### **EMBAIXADAS (CORRER AS)**

Na parte inicial da Prisão do Velho, quando Bugios e Mourisqueiros sobem aos respetivos “castelos”, e quando se começam a ouvir os “canhões”, um cavaleiro, habitualmente vestido de mourisco, mas sem barretina, percorre múltiplas vezes o trajeto de um a outro pólo do conflito, uma mão na rédea e outra na espada, levando e trazendo mensagens, na mira de se conseguir a paz. A isso se chama “Correr as Embaixadas”.

### **ENSAIO**

O ensaio dos Bugios e Mourisqueiros ocorre, quando o calendário permite, nos quatro domingos anteriores à festa, ao fim da tarde. Ambas as formações comparecem aos ensaios “à civil” e sem máscara. Os Bugios levam castanholas e os Mourisqueiros um pau ou cana a fazer de espada (no último ensaio, os mouriscos acrescentam uma faixa vermelha no peito, em diagonal). Nos bastidores muita coisa se passa, entretanto: no final dos ensaios dos dois primeiros domingos, Guias e Rabos dos Bugios anotam o nome dos interessados em exercer funções como Semeador, Cego, Lavrador, Moço do Cego, Sapateiro, Moço do Sapateiro e Mulher do Sapateiro, entre outros. A decisão é tomada e comunicada pelos Guias e Rabos, no final do terceiro ensaio.

## ENTRAJADAS

Ver Estardalhadas.

## ESPADIM

Tem dimensão um pouco menor do que a espada e é utilizada por todos os Mourisqueiros, incluindo o Reimoeiro. Do copo do espadim pende um lenço branco.

## ESTARDALHADAS

É a única componente da festa que varia de ano para ano. É constituída por indivíduos ou grupos de mascarados, que procuram satirizar e pôr a nu acontecimentos e peripécias da vida local, mas também acontecimentos de âmbito nacional e internacional. Surgem de livre iniciativa e constituem sempre uma surpresa para todos, visto que não carecem de qualquer inscrição prévia. Aparecem, habitualmente, na Casa do Bugio, aquando do “jantar”. Transitam, de seguida, para a zona onde se iniciam as Danças de Entrada, e desfilam a seguir aos Bugios. Nos últimos anos, tem-se instituído o hábito de alguns destes grupos, que se movimentam em carrinhas, tratores ou camiões, lançarem sacos e esponjas com água sobre os circunstantes, gerando-se em alguns sítios pequenas batalhas, que refrescam em dia que é, frequentemente, de muito calor, mas não agradam a todos.

## FARDA

Termo usado para referir os trajes usados por Bugios e Mourisqueiros. As fardas dos Bugios são de cada um ou então, emprestadas ou alugadas; as dos Mourisqueiros são pertença da Casa do Bugio.

## GUIAS

São as duas posições mais destacadas nas formações de Bugios e Mourisqueiros. Correspondem aos ‘cabeças de fila’ de uma e outra formação. No caso dos Mourisqueiros, quem vai de Guia será o Reimoeiro dos anos seguintes.

## GUIZOS

Objetos metálicos arredondados e ocos, com uma abertura e uma pequena bola de metal no interior.

O guizo macho tem um rasgo e o guizo fêmea tem dois (têm sonoridades diferentes), sendo usados os machos numa perna e os guizos fêmeas na outra. Agitados pelos passos de dança, funcionam como pequenos chocalhos. São usados como adorno, dependurados no traje dos Bugios. Daí que a Bugiada, ao dançar, produza sonoridades exóticas, concorrendo para a algararra que caracteriza esta formação.

## JANTAR

No S. João de Sobrado, janta-se de manhã. O ‘banquete’, que remete para o banquete da lenda da festa, acontece por volta das 9h30 e é bem necessário para quem vai fazer um esforço hercúleo de dançar um dia inteiro, sob um sol por vezes escaldante, com máscara e sob roupas pesadas e quentes. Menu: canja, cozido à portuguesa e, antes de tudo, muito refresco. Mourisqueiros e Bugios comem em lugares separados e pouco tempo coincidem no mesmo local: quase só o tempo suficiente para um primeiro gesto de animosidade: de cada lado, o rei envia uma delegação ao outro lado, com uma giga de ofertas onde constam ossos, cornos, toros de hortaliça crua, cascas de batata, entre outros mimos. Desde a construção da Casa do Bugio, é aí que decorre este repasto, antecedido e seguido por danças. Outrora, esta refeição tinha lugar na casa do juiz da festa ou em algum espaço por ele arranjado.

## JUIZ

É alguém que se dispõe a organizar a festa no ano seguinte, constituindo uma comissão de colaboradores e presidindo aos respetivos trabalhos. A lista dessas pessoas é, por norma, anunciada no final da missa de festa do ano anterior e as funções de juiz cessam formalmente ao transmitir o cargo à comissão seguinte, simbolizada na entrega de um ramo, acompanhado pela banda de música, no adro da igreja paroquial.

## LAVRA DA PRAÇA

É uma das partes em que se estrutura a festa. É constituída por quatro manifestações, todas elas ritualizando - em ordem inversa à natural - fases dos trabalhos

agrícolas: colher os direitos, semear, gradar e lavrar. Decorrem a partir das 15h00, partindo e regressando de uma casa particular, em Campelo, com percurso pelo Passal. Os papéis são executados por lavradores mascarados, apoiados por uma junta de jumentos. Em rigor, não tem muito que ver com a Bugiada e Mouriscada e as suas características levaram alguns antropólogos a formular a hipótese de que as partes da festa sobradense não estiveram sempre associadas no mesmo dia.

## MÁSCARA

O mesmo que careta. Este disfarce e instrumento de transfiguração tem um lugar central na festa e é utilizado em todas as manifestações e por todos os intervenientes, com exceção dos Mourisqueiros. Acreditava-se que a máscara confere capacidades e poderes especiais a quem a usa e há histórias locais que o documentam. Merece aqui destaque um pormenor que passa despercebido a muita gente: todos usam a mesma máscara no dia da festa, com uma exceção: o Velho da Bugiada. Este usa uma máscara alegre da parte da manhã, e uma máscara de cunho trágico da parte da tarde, associada à perseguição e captura de que será objeto.

## MATA-BICHO

Era o copo de água-ardente, mais umas bolachas, que em tempos passados, cada rei dava aos seus ‘homens’, quando estes se dirigiam, ao romper do dia, às respetivas residências, para uma saudação e uma dança. Hoje o mata-bicho é um pouco mais abundante, com doces e salgados e bebidas de vários tipos.

## MEIOS

É o par de Mourisqueiros que dançam a meio das filas da Mouriscada. Os dois dançam com os que lhes estão à ilharga, dançam entre si e dançam com o Reimoeiro quando, a certa altura da dança, são ‘batidos’ por ele. Por norma, entrar como Meio significa iniciar um percurso ascendente que leva, sete anos depois, a chegar a Reimoeiro. Na Bugiada, dada a sua dimensão - largas centenas de participantes - não existe o lugar de Meio.

## MOURISCADA

É o conjunto dos Mourisqueiros, sob o comando do Reimoeiro. Está estruturada em duas filas, com dois Guias à cabeça, dois Rabos na extremidade e dois Meios, como o nome indica, a meio. O facto de serem apenas jovens solteiros, de usarem espada, polainas e uma barretina semelhante à que usavam as tropas napoleónicas confere aos Mouriscos um ar militar e de tropa bem organizada.

## MOURISQUEIRO

É o membro da Mouriscada. Só podem ir de Mourisqueiros jovens solteiros. Nos tempos em que a estrutura da comunidade local assentava na economia agrícola e em que havia casas de lavradores, mais ou menos abastadas, cabia a cada casa destas ‘apresentar’ um Mourisqueiro.

## ORQUESTRA

Também chamada “Arroquesta”, é um termo hoje menos usado para designar o grupo de tocadores de rabecas, violinos e violas braguesas ou ramaldeiras que acompanham as danças da Bugiada.

## PAIXÃO

É a palavra que designa o sentimento dos sobradenses relativamente à festa. Refere-se a um misto de amor, entrega, sofrimento e gozo que advém de participar ativamente na festa, qualquer que seja o papel que nela se desempenhe, incluindo o de quem assiste, que é também sempre de comentador. Em boa verdade, a palavra não é facilmente traduzível, mas é sempre a resposta à pergunta: “porque é que participas nesta festa?”.

## PALANQUE

Nome que também se dá aos “castelos” de Bugios e Mourisqueiros.

## PASSAL

Espaço amplo de cerca de dois hectares, frondosamente arborizado por plátanos, situado entre o adro

da igreja paroquial e a estrada principal, no centro da vila. É aqui que decorrem as principais manifestações da festa da Bugiada e Mouriscada. É também, em certa medida, um espaço simbólico. Por exemplo: até às Danças de Entrada, nenhum Bugio ou Mourisqueiro pode atravessar o Passal. E mesmo os Mourisqueiros, quando vêm do “jantar” para a procissão, são obrigados a aceder à igreja por carreiros antigos da propriedade da paróquia, de modo a evitar a entrada naquele espaço.

### **PENACHO**

Adorno do chapéu dos Bugios (com exceção do Velho da Bugiada que usa barretina). Como o nome indica, é provável que o penacho fosse outrora feito de penas. Hoje, e desde há muitas décadas, é construído com fitas multicolores de papel, algumas delas onduladas, atadas a um pau leve que, por sua vez, é fixado num dos lados do chapéu.

### **PLUMAS**

Em rigor, pluma significa pena. Na verdade, em Sobrado, as plumas são trabalhos de penas em tufo, que ornam a parte superior das barretinas do Reimoeiro, do Velho da Bugiada e de todos os Mourisqueiros. Ao contrário das barretinas destes, que têm duas plumas, as do Reimoeiro e do Velho têm três. Atendendo ao que se disse sobre o penacho, não seria de estranhar que todos os Bugios e Mourisqueiros dançassem outrora com a cabeça enfeitada com penas.

### **POLAINAS**

Termo que designa as perneiras em couro, de cor preta, branca ou castanha, utilizadas pelos Mourisqueiros, como parte integrante do seu traje. Peça que protege a parte da perna entre o pé e o joelho, afivelada por fora.

### **PÓLVORA**

Utilizada nos “castelos” bugio e mourisco, durante a Prisão do Velho. Com ela se enchem os “canhões” ou

mosquetes de carregar pela boca, cujo gatilho, ao ser puxado, produz tiros potentes, ainda que inofensivos.

### **PRISÃO DO VELHO**

Decorre ao fim do dia, cerca das 19 horas, nos dois “castelos” construídos no Passal. As cenas mais dramáticas e teatrais passam-se no “castelo” dos Bugios, quando o Reimoeiro ali dá entrada e prende o seu homólogo. É o momento clímax da festa da Bugiada e Mouriscada.

### **PROCISSÃO**

Culmina a parte religiosa da festa, que inclui igualmente a missa festiva. Tem a característica de serem os Mourisqueiros a transportar os andores dos santos, incluindo a imagem de S. João Baptista.

### **RABOS**

São as posições da cauda (extremidade posterior) das duas filas em que se organizam Bugios e Mourisqueiros. Na hierarquia de cada formação, colocam-se em terceiro lugar, depois do Rei e dos Guias.

### **RAMO (ENTREGA DO)**

Ato de passagem de testemunho da comissão de festas de um determinado ano à comissão do ano seguinte. É um momento festivo simbolizado na entrega de um ramo de um juiz ou juíza cessante ao seguinte. Tem lugar no adro da igreja, no final da Dança do Santo dos Bugios, já ao escurecer do dia, acompanhada pela Banda Musical.

### **REIMOEIRO**

Corruptela de “Rei Moiro”, no modo de falar local. É o líder dos Mourisqueiros e a ocupação do lugar significa normalmente o ponto culminante de um percurso iniciado vários anos antes.

### **RODÍZIO**

Componente das danças dos Mourisqueiros caracterizada pela formação de dois semicírculos que, a partir de um sinal do Reimoeiro, começam

a rodar em sentido inverso, ao som de gritos produzidos pelos próprios Mourisqueiros e do toque acelerado da caixa. A dado momento, cada fila abandona em corrida ligeira o espaço, dirigindo-se em sentidos opostos e regressando ao ponto inicial, restabelecendo-se a formação habitual das duas filas paralelas.

### **ROUBO (RITUAL)**

Surge este termo associado à festa em dois contextos. O primeiro é o da lenda: na posse da imagem de S. João, os Mouriscos procuraram apropriar-se dela, tendo nascido aí o conflito com os Bugios. O outro contexto refere-se à aceitação social de pequenos roubos (de doces, por exemplo) que alguns Bugios executavam recorrendo a dispositivos como o Sardão.

### **SAPATEIRADA**

É uma das partes da festa, também conhecida por Dança do Cego (ver esta expressão).

### **SARDÃO**

Um dos objetos que outrora eram mais comuns, transportados pelos Bugios, quando dançavam. Hoje é raro vê-los. Trata-se da imitação de lagartos (ainda que sem membros), com uma mola por dentro, a qual uma vez accionada, permitia ao sardão abrir e fechar a boca, podendo, assim, agarrar coisas.

### **SERPE**

É uma figura central e decisiva no desfecho do conflito entre Bugios e Mourisqueiros e da própria festa. Trata-se de uma espécie de dragão, de tons esverdeados, língua vermelha e longa cauda, com um comprimento que andarás entre os 3 e os 4 metros. Quando os Bugios se vêem derrotados pelos Mourisqueiros e com o seu Rei levado prisioneiro, recorrem à Serpe e surpreendem os Mouriscos no caminho, de modo que estes, aterrorizados, abrem brechas, permitindo a libertação do Velho, no meio de grande correria.

### **TREMOÇOS (DIA DOS)**

Também conhecido por Beberete. Os antigos diziam “antremoços”. Ocorre no final do quarto e último ensaio oficial que tem lugar no último domingo antes da festa. A comissão de festas deve fornecer aos Bugios e Mourisqueiros, assim como aos tocadores, tremoços, vinho e broa, preparados localmente. Nos últimos anos, em que o último ensaio tem decorrido em frente à Casa do Bugio, é nestas instalações que tem lugar o beberete. E muita gente da comunidade que assiste ao ensaio aproveita também para confraternizar.

### **VELHO DA BUGIADA**

A par do Reimoeiro, o Velho da Bugiada é uma figura central da festa, cabendo-lhe não apenas o papel de dirigir a Bugiada e suas danças, mas também de realizar uma série de outras tarefas, relacionadas com a construção dos “castelos”, com o convite aos advogados e ao cavaleiro que vai “correr as embaixadas”, com a designação, juntamente com os seus Guias, dos que vão executar os diferentes papéis nos “serviços da tarde”, relacionados com os trabalhos rituais de cunho agrícola e com a Dança do Cego. É um posto muito pretendido e de elevada carga simbólica.



Às portas do Porto a freguesia de Sobrado, em Valongo, é anualmente palco, a 24 de junho, de uma das mais fabulosas materializações do vasto património lendário da região: um confronto entre mouros (os “mouriscos”) e cristãos (os “bugios”) pela posse da imagem de S. João.”

---

Joel Cleto



Os Doutores da Lei e o Velho (foto de José Fernando Vale, 2001)

# O São João na Democracia

Numo Alexandre Ferreira

A Revolução de Abril de 1974 marcou uma viragem profunda na sociedade portuguesa e o São João de Sobrado não ficou à margem dessa transformação. Longe de romper com a tradição, o período pós-ditadura inaugurou uma nova fase de adaptação, participação comunitária e crescente valorização cultural da Bugiada e Mouriscada, reafirmando a vitalidade de uma festa que sempre soube reinventar-se sem perder a sua identidade.

## A festa em liberdade: novos protagonistas, novas dinâmicas



Guarda chuvas e casacos no São João de 1974 (foto de Diogo Oliveira, 1974)

O primeiro São João celebrado em liberdade, em 1974, ficou marcado pela chuva intensa, que reduziu a assistência, mas não travou a realização da festa. Nesse ano foram protagonistas Adelino Dias “Maninho”, como Velho da Bugiada, e António Pereira, como Reimoeiro. A realização da festa, apesar das adversidades, simbolizou a resiliência de uma tradição que se sobrepõe às circunstâncias. Como escreveu Manuel Pinto, no seu blog:

*“Em 1974, houve cheias por altura do S. João e choveu que Deus a dava no dia 24. Quase ninguém se atreveu a ir à festa. Mas nem por isso as danças se deixaram de fazer. Porque o S. João de Sobrado não é um mero espectáculo, mas algo que dá sentido à vida - individual e colectiva.”*

Nesta edição da festa, as chuvas acabaram por influenciar também a Dança do Cego/ Sapateira, em especial a sua conexão com a lama.

A liberdade política trouxe também novas formas de organização e maior envolvimento da comunidade. Os juizes e as comissões de festas passaram a assumir mais responsabilidades e maior protagonismo na preparação do evento. Paralelamente, a festa começou a atrair cada vez mais visitantes, e o programa profano (composto por espetáculos e concertos) ganhou dimensão, sobretudo a partir dos anos 2000, com a presença de nomes relevantes da música nacional e internacional. As campanhas de angariação de fundos tornaram-se igualmente mais estruturadas.

Um dos marcos sociais mais significativos deste período foi a progressiva integração das mulheres na Bugiada, conquistando um espaço que durante décadas lhes estivera vedado. A tradição manteve-se, mas tornou-se um pouco mais inclusiva, refletindo mudanças mais amplas na sociedade portuguesa.



Nanda, uma referência na Bugiada e no São João (foto de festivity, final dos anos 70)

### Continuidade e mudança nos papéis rituais

Apesar das transformações, manteve-se uma forte continuidade nos papéis centrais da encenação ritual. A longa carreira de Velhos da Bugiada com participações repetidas termina simbolicamente com “Maninho”, em 1976. Depois dele, apenas alguns casos pontuais de repetição se registaram: Luís Loira (duas vezes, anos 70), Laurentino Alves (três vezes, anos 70), Norberto Pinto (cinco vezes, anos 80 e 90) e Joaquim Brito (duas vezes, início do milénio). Desde então, não voltaram a ocorrer repetições, o que demonstra uma maior rotatividade e democratização do papel.

Entre os narradores destacaram-se figuras como José Marujo, Fernando Queirós e Vasco do Vilar, cujas vozes ajudaram a manter viva a dimensão oral e interpretativa da festa.

Já no caso dos Reimoeiros, a repetição foi mais frequente nas décadas de 70, 80 e 90, com nomes como Manuel Fernandes da Silva, José Eduardo Silva, Manuel Fernando Coelho e José Fernando Silva, embora também aqui essa prática tenha desaparecido nas últimas décadas.

Em 1991, ocorre novamente um encontro de gerações, uma vez que o Velho Norberto Pinto foi aprisionado pelo seu filho também chamado de Norberto Pinto. É curioso, que o menino que limpou as bagadas também seria Reimoeiro em 2003, Rui Pinto.

### Crescimento, visibilidade e patrimonialização

Ao longo das décadas seguintes, a Bugiada e Mouriscada cresceu em número de participantes (especialmente na Bugiada) e sofreu ligeiras alterações rituais. A festa passou também a prolongar-se um pouco mais no dia 24 de junho, acompanhando novas dinâmicas dos participantes da festa bem como dos seus rituais. Uma das críticas que os “antigos” costumam referir é que a festa termina cada vez mais tarde, no dia de São João.



*Um encontro de gerações com o Velho da Bugiada Norberto Pinto, o seu filho Norberto Pinto como Reimoeiro e outro filho, Rui Pinto, como Bugio (foto de festivity, 1991)*

Paralelamente, aumentou o interesse académico, artístico e mediático. Desde os anos 70, investigadores, realizadores, jornalistas e fotógrafos têm contribuído para documentar e interpretar a festa. O documentário Bugiadas (1977), de Ângelo Peres, é um marco videográfico, tal como o documentário Viagem ao Maravilhoso (1990), de Brandão Lucas. A RTP levou imagens da festa ao telejornal em 1992, ampliando a sua visibilidade nacional, mas não foi caso único.

No plano editorial, multiplicaram-se livros, artigos de jornal, artigos científicos e ensaios, com destaque para autores como Manuel Pinto, Benjamin Enes Pereira, Ernesto Veiga de Oliveira, e, mais recentemente, Bárbara Alge, Maria Cristina da Cunha Araújo e vários investigadores portugueses e estrangeiros, destacando-se o projeto Festivity da Universidade do Minho. A festa passou,



*Comissão de Festas de 1978, liderada por José Bessa (acervo ASJS, 1978)*

assim, a ser objeto de estudo em áreas como a antropologia, etnografia, estudos da performance e comunicação cultural.

A própria comunidade aposta no registo e memória da festa, produzindo-se brochuras, livros, panfletos. Fazem-se ainda recolhas de fotografias, de documentação e de história.

### ASJS, musealização e reconhecimento institucional

A criação, em 1993, da Associação Organizadora da Casa do Bugio e das Festas de São João de Sobrado (hoje Associação São João de Sobrado) foi decisiva para a preservação, organização e valorização da festa. A construção da sua sede, a Casa do Bugio e do Mourisqueiro, consolidou um espaço físico de memória e encontro, passando a integrar a narrativa da festa por aqui se realizar, desde 2001, o “jintar” da Bugiada e Mouriscada.

A partir dos anos 2000 intensificaram-se os esforços de patrimonialização. Em 2012, a Bugiada e Mouriscada foram reconhecidas como património cultural imaterial de interesse municipal. Em 2014 foi inaugurado o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, reforçando a vertente museológica e de investigação. Vários projetos académicos, como o Festivity (2018–2022), contribuíram para aprofundar o conhecimento científico sobre a festa.

Embora o processo de candidatura a património imaterial da UNESCO tenha sido iniciado, acabou por sofrer interrupções e reestruturações, não tendo sido concluído até ao momento. Atualmente, está em fase de conclusão o processo de registo da festa no Inventário Nacional do Património Cultural e Imaterial, pelo que estando concluído, é natural que o próximo passo seja a candidatura à Unesco. No entanto, importa referir que, todo este caminho de valorização pa-



Dança dos Bugios junto da Casa do Bugio e do Mourisqueiro (foto de Eventuais, 2025)

trimonial da festa é fruto da consciencialização patrimonial por parte da comunidade e das instituições locais.

### Memória, homenagem e reinvenção comunitária

A partir da década de 2010 tornaram-se frequentes galas de homenagem a antigos Velhos da Bugiada e Reimoeiros, reforçando a dimensão memorial da festa. Monumentos públicos, exposições e publicações dedicadas à iconografia sanjoanina e à história local aprofundaram essa ligação entre tradição, identidade e património.

Mesmo durante a interrupção forçada pela pandemia de Covid-19 (2020–2021), a festa manteve-se simbolicamente viva: celebraram-se missas em honra de São João, colocaram-se fardas às janelas e evocaram-se momentos rituais de forma simbólica. A ausência física não quebrou a continuidade

cultural, mas reforçou o vínculo emocional da comunidade à festa.

O regresso à rua em 2022 foi, por isso, mais do que uma retoma festiva: foi a reafirmação de uma tradição que resiste, que se adapta e que se projeta no futuro.



Exposição sobre a Bugiada e Mouriscada nos anos 30 (foto de Município de Valongo, 2022)



O final da festa (foto de Eventuais, 2025)

### Tradição em movimento



Exposição sobre a Bugiada e Mouriscada nos anos 30 (foto de Município de Valongo, 2022)

O São João de Sobrado, no período pós-25 de Abril, mostra que as tradições não são relíquias imutáveis, mas organismos vivos. A democratização dos papéis, a

inclusão de novos participantes, o reforço associativo, a investigação académica e a crescente visibilidade pública não descaracterizaram a Bugiada e Mouriscada; ao contrário, conseguiram ampliar o seu significado.

Entre memória e mudança, ritual e espetáculo, local e global, a festa mantém a sua função essencial: reunir a comunidade em torno de uma narrativa partilhada, onde história, mito e identidade se entrelaçam todos os anos, a 24 de junho, nas ruas de Sobrado.

Quanto ao futuro, este parece promissor. Conhecendo as raízes da festa e tendo-se compreendido que, ao longo do tempo, a Bugiada e Mouriscada sempre se adaptou aos obstáculos que surgiram, acredita-se que continuará a fazê-lo, ajustando-se às condições e à realidade de Sobrado e do seu povo.

### Bibliografia

- Pinto, M. (2010) Coisas estranhas da festa de Sobrado. Consultado a 8 de fevereiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2010/06/coisas-estranhas-da-festa-de-sobrado.html>



Velho da Bugiada (foto de Ana Marujo, 1977)

# Tesouros de 1977

**Macal e Tino Juca em fotografias e documentário**

Numo Alexandre Ferreira

Há datas que, mesmo sem pretender, se tornam eternas. 1977 é um desses marcos, um ano que não apenas viu a festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado erguer-se em plena liberdade democrática, mas também nos deixou um dos mais fascinantes espólios fotográficos de que há memória.

O Velho da Bugiada foi interpretado por Laurentino Alves (o conhecido Tino Juca) que possivelmente neste ano repetia a façanha do ano de 1975, ainda que sem certezas. Ele foi três vezes Velho da Bugiada. O Reimoeiro, símbolo de autoridade e liderança do lado mourisco, coube a Manuel Miranda (também conhecido por Macal). E a batuta da organização esteve nas mãos de Lindoro Pisca, juiz da festa nesse ano.

Da edição deste ano, existem belíssimas imagens em vídeo captadas para um verdadeiro documentário sobre a festa bem como álbum fotográfico, recentemente descoberto, que veio despertar a atenção para este ano.

O conjunto destas imagens não é apenas um arquivo visual. É um testemunho da força de uma comunidade que vive a tradição não como passado, mas como identidade. É a demonstração de que a Bugiada e Mouriscada vive nos rostos, nos gestos, nas roupas e na tradição. Porque há anos que passam. E há anos que ficam para sempre.

## Bugiadas de Ângelo Peres

O documentário “Bugiadas” (1977), realizado por Ângelo Peres em colaboração com a Moviola – Cooperativa de Acção Cinematográfica, é uma das mais preciosas criações audiovisuais dedicadas à Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Com 37 minutos de duração, o filme mergulha nas cores, sons e rituais desta tradição secular, oferecendo ao espectador não apenas uma representação visual da festa, mas também uma pro-

funda aproximação à cultura e ao quotidiano da comunidade local.

Através das intervenções de figuras como o tio Bustela, o sr. Marujo, José Marujo, José Bessa e o maestro da Banda de S. Martinho, o documentário revela o cuidado na organização da festa, a devoção a São João, as lendas e os rituais, enquanto capta a vida cotidiana de Sobrado nos anos 70. A beleza das imagens, a sensibilidade da captação e a riqueza informativa tornam “Bugiadas” um registo único, estando o original preservado no ANIM – Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, com uma cópia no espólio da Associação São João de Sobrado.

Neste documentário, através das várias entrevistas e imagens que foram gravadas, é possível compreender que:

- Antigamente eram os lavradores que organizavam a festa enquanto nos anos 70 os trabalhadores já tinham assumido essas funções. Essa informação foi transmitida com algum desdém face aos lavradores. Era uma mudança já sentida na sociedade local;
- A CIFA- Companhia Industrial de Fibras Artificiais era o principal polo industrial de sobrado tendo sido gravada a saída dos seus trabalhadores;
- Registaram-se imagens preciosas do coreto com acesso para o seu interior através das escadas bem como da estrada nacional com muro e escadas no lado do largo do passal;
- A igreja Matriz ainda apresentava os santos originais na fachada (Santo André e S. Francisco). A imagem de S. Francisco foi destruída um tempo depois;
- Ainda era visível a figura do aguadeiro na festa (ainda retratada noutras imagens nos anos 80);
- Elevado número de Bugios estavam presentes na Dança do Cego;

- O Velho da Bugiada aparece no momento da Dança do Cego;
- Existência de Bugios junto ao palanque dos Mourisqueiros no início do confronto;
- O Mensageiro que troca as mensagens entre as duas hostes encontra-se sem farda de Mourisqueiro;
- Existência de Bugios e Mourisqueiros no corredor entre palanques, juntamente com as pessoas que assistem à festa;
- Em 1977 já 2 Crianças-Bugio participaram na Prisão do Velho;
- A serpe tinha um aspeto mais assustador e monstruoso do que atualmente;
- O Velho da Bugiada desce de costas para as pessoas durante a Prisão do Velho;
- Na procissão:
  - as crianças da Cruzada participaram. Uma menina da Cruzada segura no Agnus Dei (cordeiro de Deus) e as restantes seguram numa fita;
  - os andores antigos apresentavam um aspeto barroco e grandioso;
  - andores:
    - S. André (imagem antiga com relicário e um resplendor)
    - S. Caetano;
    - S. João de Sobrado;

O documentário já foi transmitido várias vezes, nomeadamente em 2007 e 2010 na festa de São João

de Sobrado, em 2011 no Centro Social e Paroquial de Sobrado, em 2012 na Universidade do Minho, e em 2018 no FIMI- Festival Internacional de Máscara Ibérica, entre outros.

Ângelo Peres, nascido no Porto em 1951, é um realizador de renome, conhecido pelo seu trabalho em títulos como *Nos Passos do Infante* (1994) e *O Meu, o Teu e o Nosso* (1999). Licenciado e mestre em Ciências da Comunicação, com formação avançada em Comunicação Audiovisual e Jornalismo, Peres dedicou grande parte da sua carreira à televisão e ao cinema, lecionando em várias instituições e contribuindo ativamente para a preservação e divulgação do património cultural português através do audiovisual. Foi realizador da RTP (1976-2002), foi docente de comunicação audiovisual e multimédia da Universidade do Minho (1996-2012), na Escola Superior Artística do Porto e na Escola Superior de Jornalismo do Porto. É atualmente gestor, produtor e realizador de uma empresa de produção audiovisual. Colabora e presta formação em cursos, workshops e conferências de comunicação, cinema, vídeo e televisão.

### O Tesouro escondido nas gavetas de Sobrado

Décadas mais tarde, em 2020, ano em que o mundo parou, a comunidade de Sobrado foi desafiada a abrir baús, gavetas e álbuns para resgatar memórias. A pandemia cancelou a festa, mas acendeu um movimento inesperado: um chamamento à memória coletiva. E foi então que surgiu uma verdadeira joia.

A sobradense Ana Lúcia Marujo respondeu ao apelo com uma dádiva que eterneceu tudo e todos: um álbum completo com 25 fotografias inéditas da festa de 1977. Um retrato vivo de um tempo que parecia perdido e que voltou com a força de um relâmpago.

Entre as fotografias reveladas, há registos de cortar a respiração:

- A passagem dos Mourisqueiros no Padrão, em Sobrado de Cima, com o icónico Zé Malhado conduzindo a caixa dos Mourisqueiros, a caminho da mítica Casa dos Pereira, onde decorreria o jantar.
- A Dança de Entrada dos Mourisqueiros, captada num momento de energia pura.
- O Jantar dos Bugios na Casa dos Pereira, onde corpos fatigados, máscaras pousadas e risos cúmplices revelam o espírito da festa.
- A Dança de Entrada dos Bugios, explosão de cor e movimento.
- E, claro, as inesquecíveis Entrajadas, adornadas pela presença quase cinematográfica do Skoda do sapateiro, já famoso na época e agora imortalizado em película.

Cada fotografia é um portal, uma viagem. Sobrado viveu intensamente em 1977 e não deixou que o tempo o apagasse.



Dança de entrada da Bugiada com os músicos (foto do filme *Bugiadas*, 1977)



Dança do Doce da Bugiada (foto do filme *Bugiadas*, 1977)



Prisão do Velho com Macal como Reimoeiro e Tino Juca como Velho da Bugiada (foto do filme *Bugiadas*, 1977)



Pormenor do Velho da Bugiada (foto do filme *Bugiadas*, 1977)

### Bibliografia

- Valongo, C.M. (2018) Bugiada e Mouriscada presente no Festival Internacional da Máscara Ibérica. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://www.cm-valongo.pt/viver/noticias/noticia/bugiada-e-mouriscada-presente-no-festival-internacional-da-mascara-iberica>
- Latina, C.A. (2018) Festival Internacional da Máscara Ibérica apresenta "Dias de Cinema" na CAL. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://casamericalatina.pt/cal/festival-internacional-da-mascara-iberica-apresenta-dias-de-cinema-na-cal/>
- Pinto, M. (2007) Dia 21, no Passal: projecção do filme "Bugiadas". Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2007/06/dia-21-no-passal-projecao-do-filme.html>
- Pinto, M. (2010) O positivo e o menos positivo de 2010. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2010/06/o-positivo-e-o-menos-positivo-de-2010.html>
- Pinto, M. (2011) Valongo (e a Bugiada) será sede da Rede Ibérica da Máscara. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/06/valongo-e-bugiada-sera-sede-da-rede.html>
- Pinto, M. (2012) Não permitir a 'domesticação' da Festa. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2012/07/nao-permitir-domesticacao-da-festa.html>
- AoNorte (2015) Prémio "Jovens Talentos": Juri- Ângelo Peres. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://ao-norte.com/jovenstalentosjuri.html>



A



B



C



D



E



F



G



H



I



J



K

A.- Bugios e Velho (foto de Ana Marujo, 1977)  
 B.- Tino do Juca como Velho da Bugiada (foto de Ana Marujo, 1977)  
 C.- Dança de entrada dos Bugios (foto de Ana Marujo, 1977)  
 D.- Velho da Bugiada e Bugios (foto de Ana Marujo, 1977)  
 E.- Dança de entrada dos Bugios (foto de Ana Marujo, 1977)  
 F.- Bugios (foto de Ana Marujo, 1977)  
 G.- Jantar na Casa dos Pereira em Sobrado de Cima (foto de Ana Marujo, 1977)  
 H.- Jantar dos Bugios na Casa dos Pereira em Sobrado de Cima (foto de Ana Marujo, 1977)  
 I.- Mourisqueiros no Padrão em Sobrado de Cima (foto de Ana Marujo, 1977)  
 J.- Dança de entrada dos Mourisqueiros (foto de Ana Marujo, 1977)  
 K.- Entrajadas (foto de Ana Marujo, 1977)



A



D



G



H



K



B



E



I



L



C



F



J

A.- Bugiada (foto de Ana Marujo, 1977)  
 B.- Mouriscada (foto de Ana Marujo, 1977)  
 C.- Dança de Entrada dos Bugios (foto de Ana Marujo, 1977)  
 D.- Mourisqueiros (foto de Ana Marujo, 1977)  
 E.- Mourisqueiros, destacando-se António Lopes à esquerda e Bugios no centro (foto de Ana Marujo, 1977)  
 F.- Zê Malhado como Caixa dos Mourisqueiros (foto de Ana Marujo, 1977)  
 G.- Bugios (foto de Ana Marujo, 1977)  
 H.- Bugiada (foto de Ana Marujo, 1977)  
 I.- Pormenores (foto de Ana Marujo, 1977)  
 J.- Jantar dos Bugios (foto de Ana Marujo, 1977)  
 K.- Bugiada junto do Cabo (foto de Ana Marujo, 1977)  
 L.- Dança de Entrada dos Mourisqueiros (foto de Ana Marujo, 1977)



# Contributos para a compreensão da palavra

# Bugio

## etimologia, significado(s) e contexto simbólico

Paulo Caetano Moreira

### Resumo

É habitual os Bugios, da festa do São João de Sobrado, serem associados, pelas suas tropelias e brincadeiras com os macacos bugios. Por sua vez, estes são muitas vezes associados com o Norte de África e, nomeadamente, com Bejaia (Bugia, em português), uma cidade argelina, por esta se encontrar numa região onde vivem macacos (espécie *Macaca Sylvanus* (SHEA, 2023)). Mas será mesmo assim, será esta associação historicamente fundamentada? Com este trabalho pretende-se perceber o quer dizer *bugio* e o porquê de encontrarmos os Bugios na festa da Bugiada e Mouriscada sobradense. Procura-se, desta forma, compreender o significado ou significados da palavra e explicar a razão da sua presença na festa do São João de Sobrado, questionando a interpretação tradicional que a associa exclusivamente ao universo do macaco e da momice.

A presente reflexão baseia-se na análise comparativa de fontes lexicográficas, literárias e toponímicas, abrangendo textos medievais, obras literárias quinhentistas, dicionários históricos e documentação contemporânea. Através da leitura crítica desses registos procura-se identificar as diferentes camadas semânticas associadas à palavra *bugio*, bem como compreender a forma como esse(s) significado(s) evoluíram ao longo do tempo e poderão relacionar-se com a construção simbólica das personagens da Bugiada e Mouriscada de Sobrado.

### **Bugio: o(s) seu(s) significado(s)**

Este tema acompanha-me há já vários anos e prende-se com a análise etimológica e simbólica da palavra *bugio*. Numa conversa informal, quando o assunto surgiu, avancei com a hipótese de esta poder estar relacionada com *vigia* (vigilante, sentinela) / *vigio* (do verbo *vigiar*), tendo em conta a semelhança fonética



Bugios (foto de Município de Valongo, 2024)

entre os termos e a frequente troca entre *b* e *v*, característica do norte de Portugal e da Galiza, por fenómeno de betacismo. Com o passar do tempo, foram surgindo diversos elementos que parecem corroborar e fortalecer esta hipótese.

Na bibliografia, contudo, é muito comum encontrar-se a associação direta da palavra *bugio* ao macaco. Desde antigos dicionários, passando, por exemplo, pela obra de 1904, sobre Valongo, da autoria do Padre Joaquim Lopes dos Reis, até escritos mais recentes. Tudo parece encaminhar-nos para esta associação e para uma definição de *bugio* como sendo alguém que desempenha um papel de momice e imitação de macacos. A palavra surge, assim, frequentemente e quase de forma exclusiva, definida como sinónimo de macaco ou de alguém que executa gestos de imitação e momice.

Lopes dos Reis sobre o assunto, embora referindo-se aos Bugios da festa de Santo António, iniciada no século XVIII e que se fazia, desde o final de junho e se estendia pelo mês de julho, na freguesia de Valongo, escreve:

“Constitui a parte importante d’esta festa a celebre dança da *bugiada* formada pelos indivíduos promotores da festa [...] a que chamavam *bugios* talvez pelas muitas macaquices que faziam e pela espécie de força mímica que representavam ao compasso de 6 por 8, e cuja musica despertava nos nossos velhos tanto entusiasmo como a *Marselheza* no coração dos revolucionarios francezes” (REIS, 1904, p. 299).

Já sobre a vizinha Bugiada e Mouriscada sobradense, o mesmo autor observa:

“Em Sobrado, freguezia do concelho de Vallongo, se fazem todos os annos no dia de S. João as danças da Mourisca e bugiada que nada tem de commum com a de Vallongo, tornando-se os seus bugios notaveis pelas momices que praticam e cabriolas altamente caricatas que fazem. Em saltar ninguem lhes ganha” (REIS, 1904, nota roda-pé, p. 301)<sup>1</sup>.

Quanto ao testemunho de antigos dicionários, por exemplo, um de 1813 (SILVA), indicando esta associação de *bugio* (nas formas masculina e feminina) aos macacos<sup>2</sup> e à cidade de Bugia, fornece-nos, igualmente, significados relacionados com castiçal e vela. Por sua vez, esta é associada com vigilância, como acontece na atualidade:

- Bogio - “de Bugia, Terra, donde vierão bugios”;
- Bugio - “espécie de macaco”;
- Bugiar - “fazer bugiarias. “ide bugiar””;
- Bugiarias - “gestos, momos de bugios, ou ridiculos. Brincos, bonecros, e frandulagens de pouco preço”;
- Bugia - “femea do bugio”, “castiçal pequeno. Vela de cera fina, que se acende nas bugias”;
- Castiçal - “instrumento de metal com bocal, e prato, ou base, onde se põem velas, e bugias”;
- Vela - “a pessoa que vigia, e vela, sentinela”;
- Vigia - “vela, do que está desperto”, “o acto de vigiar. Espia, sentinela”, “vigilancia”, “vigia que usa nas coisas da justiça”;
- Vigiar - “Espiar, observar desperto e sem dormir. Velar”.

Da mesma forma, na relação com velas e a cidade

argelina, encontramos, numa outra publicação, de 1885 (SOARES), o seguinte:

- *Bugia* - “velinha de cera”, “vela de spermacete, “de Bugia cidade da Argélia, na África setentrional, onde se fabricavão as taes velinhas de cera”, “fr. *bougie*<sup>3</sup>, nome que vinha no rotulo dos pacotes de velas de spermacete”;
- *Bugio* - “macaco, mono”, “feito, mas engraçado”, “Bugia, cidade argelina, ao norte de África”.

Já num outro dicionário, bem mais antigo, de 1562, as palavras *bugio* e *bugia* têm uma tradução para o latim como *simius(i)* e *simia(ae)*, respetivamente, não existindo sequer, no mesmo dicionário, a palavra macaco, porventura, por ainda não ser muito usada ou ainda não existir no vocabulário português. Esta veio de África subsariana (WIKIPÉDIA).

Por outro lado, já nos tempos medievais, *bugio* e *bugia* eram associados a animais, aparentemente como sendo já sinónimo de macaco e macaca:

- Nos “Diálogos de São Gregório”, com tradução, no século XIV, para português, encontramos: “[...] hũü jogar con hũa bugia<sup>4</sup> e tragia sas compããs que lhi fazia tanger” (GREGÓRIO, [Séc. XIVa]);
- Ainda do século XIV ou inícios do século XV, numa outra obra literária de carácter religioso, o “Horto do Esposo”, encontra-se: “As femeas das bugias ham grande afeyçom e amor a seus filhos” (HORTO, Séc. XIV/XV);
- Já o “Livro de Esopo”, fabulário clássico grego

traduzido para o português (e partes em galego-português) no século XV, refere: “Ho lobo sse partio confuso, e o bugio começou a olhar a rraposa [...]” (ESOPO, [Séc. XVa]), bem como “[C]omta este poeta este emxemplo e diz que hũa bugia fazia gram queixume aas outras animalias [...]” (ESOPO, [Séc. XVb]);

- Igualmente do século XV, no livro “Leal Conselheiro”, de D. Duarte, encontra-se “[...] per ledice se tornam bugios ou cáaes [...]” (DUARTE, Séc. XV).

Mais tarde, numa tradução para português e com publicação em 1502, relativa às viagens do mercador veneziano Marco Polo (1254-1324), em “Ho Livro Terçeiro”, em referência aos animais existentes na “provincia de Abastia<sup>5</sup>” indica: “e som alli bugios de muytas maneiras e guatos paules, e guaatos meymoões, que de todo parece que tem semelhança de homeens” (POLO, [1502/1922]).

Em dicionários atuais, a título de exemplo na Infopédia, *online*, *bugio* continua a indicar: “designação comum, extensiva a qualquer espécie de primata; macaco, símio”, bem como etimologicamente indica que é “de *Bugia*, topónimo, cidade africana donde os macacos eram originários”. Por seu turno, o dicionário, *online*, Priberam refere que tem uma origem proveniente do “árabe *bojaiia*” e indica, ainda que erradamente, que é “relativo a ilha de onde se exportavam velas e talvez também macacos”<sup>6</sup>.

No entanto, importa referir que, na atualidade, em algumas regiões portuguesas, mantém-se o significado de *bugia* como sendo o castiçal ou vela, o que

revela, nesta área, a persistência semântica da palavra e o uso contínuo desse significado. Por outro lado, são vários os topónimos portugueses com a designação Bugio. Contudo, parece que estes factos (o significado como castiçal e vela e a existência de topónimos) não são suficientes para que, correntemente e de forma generalizada, a palavra deixe de se concentrar somente à volta (e quase exclusivamente) dos animais símios.

### **Bugio: toponímia, vigilância e proteção**

Em Portugal continental e pelo menos no arquipélago da Madeira, verificam-se vários topónimos com a designação Bugio, ou com esta palavra associados, entre os quais alguns bastante conhecidos:

- O ilhéu, forte e farol do Bugio, na foz do rio Tejo;
- O farolim do Bugio, na barra do porto de Viana do Castelo (já documentado em 1777 na Planta da Barra de Viana e Forte de Santiago (NUSSANE, 1777);
- A ilha do Bugio, no sub-arquipélago das Desertas (Madeira). Nesta pequena, estreita e longa ilha encontra-se, no seu extremo sul, o farol da Ponta da Agulha. Foi construído em 1961, contudo, a existência de uma anterior estrutura de apoio à navegação seria já uma realidade, embora porventura rudimentar e precária<sup>7</sup>;
- O rio Bugio (afluente do Vizela) que banha São Martinho de Silves (onde também existe

<sup>1</sup> Lopes dos Reis acrescenta, ainda: “Tambem vimos n’um documento em que se descrevia a Procissão de Corpus Christi no Porto que a bugiada era um dos muitos bailes que tomavam parte dessa procissão nos séculos XIII, XIV, XV e XVI” (REIS, 1904, nota de roda-pé, p. 301).

<sup>2</sup> Atualmente, na generalidade os dicionários vão fazendo esta mesma associação de que bugio apenas quer dizer macaco e tem relação com a cidade de Bugia. Curiosamente, no INFOPÉDIA também já se encontra para bugio a seguinte definição: “regionalismo na festividade joanina da vila de Sobrado, no concelho de Valongo, designação atribuída aos integrantes do grupo dos cristãos, na representação que narra a disputa entre mouros e cristãos pela posse da imagem de São João” (INFOPÉDIA - consulta em 12/01/2026).

<sup>3</sup> “Bougie” em francês é o mesmo que “vela” em português.

<sup>4</sup> A palavra “bugia” resulta da tradução de “símia”, do latim para o português (GREGÓRIO, [Séc. XIVb]).

<sup>5</sup> Esta província situar-se-á na zona do Índico.

<sup>6</sup> A cidade mediterrânica de Bugia, encontra-se na África continental e não numa ilha (PRIBERAM - consulta em 12/01/2026).

<sup>7</sup> Este é o território português mais a sul. Na Madeira existe, igualmente, a Fonte da Bugia, na Calheta, e o sítio da Bugiaria, no Funchal. Relativamente à ilha do Bugio existe a ideia de que o seu relevo se encontra associado com a fisionomia do macaco bugio, pelo que à parte norte, vista a partir da ilha Deserta Grande, lhe foi atribuída a designação de Cu de Bugio. Em finais do século XVI é referido este nome como antigo (ver LEMOS, 2022). Contudo, a atribuição de Cu do Bugio, terá provavelmente sido em momento posterior à atribuição e generalização do nome do macaco brasileiro. Estará mais associada com o facto de na extremidade sul da ilha, se encontrar o farol, ou seja, um antigo bugio (farol/facho), no local que, inclusive, se chama Ponta da Agulha. Assim, não será de estranhar a designação de Cu quando vista do lado norte. Desta forma, será de se aventar que com o tempo facilmente poderá ter passado de uma designação do género de “Cu da Agulha” para Cu de Bugio. O nome Agulha derivará do facto da ilha ser longa e estreita.

a rua do Bugio) e Jogueiros, nos concelhos de Fafe e Felgueiras, respetivamente. Em Silvares existiu a antiga Fábrica de Fiação de Algodão do Bugio. O rio percorre zonas montanhosas e de grande desnível;

- Lugar do Bugio, em Santo André de Tojeiras (Castelo Branco);
- Lugar do Bugio, em Vila Viçosa;
- Monte do Bugio, Monte da Bugiada, em Alcácer do Sal;
- A Lapa do Bugio, na serra da Arrábida, na vertente sudoeste, em posição sobranceira ao mar (onde se encontra uma necrópole pré-histórica (ISIDORO, 1963, pp. 69-71)). Próximo existe o farol do Cabo Espichel.

Veja-se que estes locais<sup>8</sup> partilham características comuns: a relação com pontos elevados, estratégicos, de vigilância, de proteção e de orientação onde se instalam equipamentos para esse fim. Isto leva-nos a levantar a hipótese de que *bugio/bugia* se aproximam semanticamente de *faro/farol*, *facho/facha*, ou seja, pontos com luz, por vezes complementada por fumos para comunicação.

Bugia, na Argélia, partilha destas mesmas características. Trata-se de uma cidade costeira do Mediterrâneo. Porventura, devido à sua localização, recebeu o referido nome pelo facto de ela própria ter/ser farol, luz de orientação e ser ponto de vigilância. Pode, desta forma, o seu nome advir, assim e desde tempos antigos, do latim *vigilo/vigilare* tendo em conta a sua posição estratégica.

A palavra, de facto, pode ter-se generalizado com o significado associado aos equipamentos de orientação, navegação e comunicação ou mesmo pelo eventual comércio, relacionado com cera e velas, que a referida cidade fazia. Também é possível que as velas tenham acabado por receber essa designação, de bugias, por serem instrumentos de vigília/vigilância e luz de comunicação e orientação.

E, conforme atrás referido, é possível e é crível que a cidade tenha recebido em tempos antigos, um nome associado com a vigilância, tal como os topónimos portugueses, enquanto locais de luz de orientação, comunicação e vigilância, em tempos antigos e pelas mesmas razões, o terão recebido.

Acrescente-se que, no português correntemente falado, pelo menos em Portugal, para designar o animal símio é utilizada a palavra macaco e não bugio, sendo que esta última designação é corrente no

Hipóteses de evolução a partir do latim:

*Vigilo* > vigio, vigia, bugio, bugia

*Vigilare* > velar, vigiar, vigia, vegia, begia, bugia, bugio, bugiar

*Vigilia / vegilia* > vigília, vegília, begília, begia, bugia, bugio

<sup>8</sup> Acrescente-se aqui um outro exemplo de topónimo, existente fora de Portugal e localizado no Brasil, a Praia da Bugia/Praia do Farol, em Conceição da Barra, no estado do Espírito Santo.

Brasil para designar, ao que parece, apenas uma determinada espécie de macacos (*Alouatta*). Por outro lado, na atualidade, não se encontra informação de que o macaco do Norte de África (espécie *Macaca Sylvanus*) tenha a designação de bugio, à exceção de dicionários que, consecutivamente, se vão copiando e repetindo uns aos outros.

### O búzio e o macaco bugio: vigia, alerta e comunicação

O búzio (curiosamente palavra muito parecida foneticamente com *bugio*, porventura com uma mesma origem) é uma concha que se torna instrumento para produzir sons de alerta. O próprio macaco bugio, ao que parece designação restrita da espécie *Alouatta*, existente no Brasil, tem vocalizações, igualmente, de alerta que se ouvem a

grandes distâncias. “Os sons emitidos podem se assemelhar a gritos, latidos, rugidos e ao roar” (VIEIRA).

Curiosamente, tanto o búzio, o instrumento sonoro usado para alerta, como o próprio macaco bugio são, assim, conhecidos pela sua capacidade sonora de aviso. Este paralelismo pode não ser casual e reforça a ideia de bugio como figura de alerta, vigia e guarda. Por outro lado, leva-nos a levantar a hipótese que tanto o búzio como o macaco bugio têm designações com uma origem associada a vigilância e alerta.

“A vocalização é uma das características mais marcantes da espécie: os sons graves, emitidos principalmente pelos machos ao amanhecer e entardecer, servem para marcar território e evitar confrontos com outros grupos”, sendo que o



Macaco Bugio (foto National Geographic, s/d)

“bugio é considerado um dos primatas mais barulhentos do mundo. Seu vocalizar pode ser ouvido a uma distância de até cinco quilômetros nas florestas” (CABRAL, 2025).

Estes macacos que, com os descobrimentos, receberiam o nome bugio são eles próprios animais observadores, vigilantes e comunicadores. Desta forma, é de considerar como muito provável que tenham recebido este nome devido às suas características comportamentais e não tanto devido ao antigo significado da palavra *bugio* como sinónimo de macaco, pois os *Alouatta* emitem “rugidos” e “vocalizações de alarme” (OLIVEIRA e AOES, 1993, p. 165), bem como são primatas “atentos e cautelosos”, sendo que em determinadas situações “mostram sinais de vigilância acrescida” (OLIVEIRA e AOES, 1993, p. 170).

Estamos, efetivamente, perante um animal, o bugio brasileiro de características e hábitos relacionados com a vigilância, o alerta e com a comunicação, essências que se encontram na origem da definição de *bugio*, que, conforme verificado, adquiriu novos significados com o tempo.

Mesmo na Idade Média, ou antes, o macaco conhecido do Norte de África (*Macaca Sylvanus*) terá adquirido, na região ocidental da península, a designação de bugio por estar relacionado com vigilância e alerta, características que poderão, igualmente, possuir. Não será, ainda, de excluir totalmente a possibilidade da associação do nome com a cidade argelina de Bugia (Bejaia).

### Do prestígio à desvalorização do termo

Recuando no tempo, encontramos indícios de que *bugio*, de facto, poderia ter tido um significado relevante e funcional no quotidiano, especialmente no contexto

de defesa e da navegação marítima e terrestre. A palavra, conforme atrás referido, surge associada a pontos estratégicos, nomeadamente, elevados, usados para vigilância e orientação — locais que vigiam, mas também que guiam, conduzem, encaminham.

Vigiar implica observar, velar, estar atento, mas implica também comunicar e orientar, indicando caminho. Não é irrelevante que, em francês, *bougie*, e em espanhol, *bujía*, tenham, igualmente, relação com luz e orientação. As definições, para *bugia*, nestas línguas são idênticas à portuguesa, pois *bougie* e *bujía* referem-se a vela em francês e em espanhol, respetivamente. Por outro lado, em galego encontramos *bugio* como “lugar próprio para se esconder”, ao que podemos associar a guarita para a sentinela e, igualmente, encontramos *bugia* como “pequena vela de cera”<sup>9</sup>.

Se *bugio*, ainda que no masculino (e também na forma feminina), se encontrava associado com fogo/luz, vigilância, orientação, com o tempo a palavra adquiriria uma carga claramente depreciativa. Associadas com *bugio* existem expressões, como acima se verificou, muito usuais já no passado, como “vai bugiar” (vai passear, vai-te embora, vai dar uma volta)<sup>10</sup>, “fazer bugiarias” (fazer gestos, representações e momos ridículos) ou *bugiganga* (objeto de pouco valor), sendo que estas expressões parecem ter tido origem nesse processo de desvalorização semântica.

Essa carga pejorativa da palavra é antiga, mas não tão antiga quanto isso, pois parece que tal ocorre mais a partir do momento em que passa a existir, na América, um macaco com o nome bugio, embora conforme atrás verificado *bugio* já seria sinónimo de símio. Este novo macaco é diferente do macaco do Norte de África (da espécie *Macaca Sylvanus* e designado por macaco berbere (VERÍSSIMO, 2023) ou macaco de Gibraltar (onde foi introduzido)). O novo da América Latina, da espécie *Alouatta*, é



Farol do Bugio, Oeiras (foto de newinoeiras.nit.pt/, 2022)

também chamado de guariba e macaco barbado<sup>11</sup> (VIEIRA). O nome bugio, tudo aponta que o recebeu com os descobrimentos e parece ter sido a partir desse momento que o processo de depreciação da palavra se aprofundaria. Na prática, ao que parece, essencialmente na literatura quinhentista, *Bugio* passaria a ser apenas sinónimo de macaco, tendo desaparecido quase por completo a associação com luz, vigilância e orientação. Um processo em que dramaturgos e poetas terão participado.

Nas primeiras décadas do século XVI, após a chegada dos portugueses ao Brasil, o poeta e dramaturgo Gil Vicente (c. 1465 – c. 1536), nas suas farsas, designadamente no *Auto das Fadas* (1512?), refere-se a *bugio* como sendo um animal da seguinte forma: “Bogio / Este animal compreende / Quanto se póde

cuidar; / Porém o seu não falar / Encobre e sofre o qu’entende” (VICENTE, 1512?, versos 705-709).

Já na *Comédia de Rubena* (1521), uma das suas personagens, Clita, criada de Cismena, filha de Rubena, diz: “Senhora eu não saberia dizer / que tenham he a vossa / vos fermosa como a rosa / & eu cara de bogia / que vida ha de ser a nossa” (VICENTE, 1521, versos 885-889). Neste caso a comparação a *bugia* poderá estar relacionada, porventura, com a vela de cera, ou mesmo boneca de cera, não se descartando, contudo, que a relação possa ser com a macaca bugia.

Pouco tempo depois, no *Auto Pastoril Português* (1523) o autor escreve: “Vai, vai, Joane, bugiar / Não andes com o alparvado<sup>12</sup>” (VICENTE, 1523a, p. 34v).

<sup>9</sup> Dicionário Galego Estraviz (ESTRAVIZ – consulta em 14/01/2026).

<sup>10</sup> Ao verbo bugiar poderá ter acontecido o mesmo que a bugio. Inicialmente seria uma outra forma do verbo vigiar e, eventualmente, veio a adquirir um significado diferente. “Vai bugiar” seria, assim, igual a “vai vigiar”, como quem diz “vai dar uma volta para vigiar”.

<sup>11</sup> Curiosamente, no Brasil existe também a abelha bugia de cor idêntica a uma espécie de macacos bugios.

<sup>12</sup> Alparvado é o mesmo que “aparvalhado, tolo”.

Aqui, num verso refere o verbo *bugiar* e no seguinte encontramos a palavra *alparvado*, que quer dizer o mesmo que aparvalhado, depreciando, portanto, o referido verbo, atribuindo-lhe uma carga pejorativa.

Na mesma altura Gil Vicente na *Farsa de Inez Pereira* escreve:

“Esta vida he mais que morta. / Sam eu coruja ou corujo, / Ou sam algum caramujo, / Que não sae senão á porta? / E quando me dão algum dia / Licença, como a bugia, / Que possa estar á janella, / He ja mais que a Madanella, / Quando achou a alleluia” (VICENTE, 1523b, versos 34-38).

Neste caso, ainda que existam interpretações de vários autores de que *bugia* se encontra aqui para comparação com a fêmea do macaco, também poderemos considerar a comparação com a vela ou candeia para que “possa estar à janela” e a sua luz tenha liberdade para ser vista e para iluminar.

Uma década depois, Gil Vicente, no *Auto de Mofina Mendes* (1534) volta a referir *bugios*: “Senhora, não monta mais / Semear milho nos rios, / Que queremos por sinais / Meter coisas divinas / Na cabeça dos bogios” (VICENTE, versos 631-634). Através da sátira, do sermão burlesco e da farsa este autor indica que “aqueles que, como Mofina Mendes, são cegos diante das coisas divinas, são comparados a macacos” (COELHO, 2017, p.109). No entanto, não será de deixar de referir que esta referência a “bogios” se enquadra, curiosamente, nuns versos associados à iluminação, às candeias e às velas.

Mais tarde, em 1545, no “Auto de El-Rei Seleuco”, atribuído a Luís Vaz de Camões (c. 1524-1580), encontramos: “Haveis isto de acabar. / Coração, hi bugiar”

(CAMÕES, 1843 [1545]), p. 295). Aqui, igualmente, o verbo *bugiar* parece ter uma carga pejorativa.

Já em 1561, um outro autor, o escritor Jorge Ferreira de Vasconcellos (1515-1585), na *Comedia Ulysippo* (VASCONCELLOS, 1618 [1561]) refere, pelo menos em quatro momentos, *bogia/bugia*: “Porem ha dias que sei onde a bogia tem o rabo” (p. 45v); “Prometo vos dona bugia que eu vos amanse” (p. 104); “dir vos ei amigo Barbosa, porque saibais onde a bogia tem o rabo,& de que pé me calço” (p. 109); “vem a bogia cahiu me no chiste de lhe eu querer bem” (p. 161v). Este autor, ainda que pareça associar a *bugia* à vela e ao castiçal, a uma mulher ou até mesmo à macaca, não deixa de escarnecer e de fazer hilaridade.

Gil Vicente, Camões e Jorge Ferreira de Vasconcellos<sup>13</sup>, nas referidas obras literárias, alternando entre um significado de *bugio/bugia* como sendo vela/castiçal/luz e um outro como sendo macaco, parecem contribuir, em grande medida, para o processo de depreciação da palavra. Desvalorizam esse significado antigo associado a objetos utilitários (vela/castiçal/luz/farol) e associam a palavra, nas formas masculina e feminina, à designação de macaco, mais vincada com a existência, no Brasil, do tal macaco *bugio* (*Alouatta*), fazendo sobressair e tornar mais notável uma definição associada com a comicidade, o ridículo e a farsa. Efetivamente, com o tempo, o sentido da palavra ganharia progressivamente uma carga mais pejorativa e *bugio* passaria a ser essencialmente sinónimo de macaco.

No início, as Bugiadas, compostas por um conjunto de Bugios, ocorriam nas procissões do Corpus Christi, instituídas a partir do século XIII. Desempenhariam um importante e sério papel, contudo, passariam, mais tarde, a ser associados com o macaco *bugio*, com macaquices e com o ridículo. O Pe. Joaquim Lopes

dos Reis, em 1904, embora referindo-se à Bugiada do Santo António de Valongo, parece dar conta desse processo de desvalorização e ridicularização:

“Queremos tambem ainda dizer, pois que é este o logar mais opportuno para isso, que n’esta dança tomavam parte muitas pessoas importantes que parece tinham por honra e gloria pertencer a tal aggremação. N’estes últimos tempos é que já bugios não eram senão quasi que individuos que não tinham que perder nem que ganhar, os quaes procuravam d’aquella maneira passar oito dias de bebedeira e barrigadas, pelo que a bugiada perdeu muito do antigo brilho e asseio” (REIS, 1904, pp. 301e 302).

Dá-nos, assim, a ideia de que, inicialmente, uma Bugiada poderia ser coisa séria e que com o passar do tempo os Bugios, na generalidade das Bugiadas, resvalariam para a vulgaridade e para os excessos. Inclusive, as Bugiadas que incorporavam, conforme referido, as procissões do Corpo de Deus, posteriormente, passariam a ser proibidas, decerto devido ao descrédito que foram acumulando.

O significado mais funcional e simbólico de *bugio*, associado a vigia, sentinela, proteção e orientação, parece, de facto, ter-se diluído. O mencionado Padre Joaquim Lopes dos Reis indica a decadência social e simbólica que a Bugiada de Valongo havia sofrido, sublinhando que aquilo que outrora fora motivo de honra passou a ser associado a excessos e desordem. Tal processo poderá ter contribuído, de facto, para o descrédito e posterior proibição, nas procissões do Corpo de Deus, de certas manifestações ligadas às Bugiadas, as quais transitariam para outras festividades.

### Considerações finais

A associação que se tem verificado quase exclusiva ao macaco e ao Norte de África, embora antiga, não esgota a riqueza semântica da palavra *bugio*. A

ligação à vigilância, à orientação e à luz, tanto no plano linguístico como no simbólico e toponímico, abre novas possibilidades de interpretação para a presença dos Bugios no São João de Sobrado, uma festa ritual, complexa e profundamente simbólica. É indiscutível a associação de *bugio* com vigia, vigilância, farol e guia. E, conforme atrás verificado, são os vestígios linguísticos que se encontram em castiçal e vela, bem como os vestígios na toponímia que permitem essa associação.

Na festa da Bugiada e Mouriscada do São João de Sobrado encontramos os Bugios e os Mourisqueiros. Se estes últimos nos remetem claramente para o universo mourisco/mouro, os Bugios parecem representar uma figura mais ambígua, cujo significado parece ter sido reinterpretado ao longo do tempo. Nas Bugiadas e no caso específico da de Sobrado, os Bugios, são personagens que parecem adquirir originalmente esta denominação porque, de facto, o objetivo seria esse mesmo de lhes atribuir uma conotação de vigia, de alerta e de defesa. Esse significado original foi perdendo valor, ou melhor, tomando significados diferentes, ao que parece, com a atribuição, após a chegada dos portugueses ao Brasil, da designação de *bugio* ao macaco latino-americano (espécie *Alouatta*). Ao processo associaram-se os poetas e dramaturgos do século XVI, com os seus escritos no campo da farsa, chalaça e zombaria.

Sendo a festa sobradense baseada numa narrativa de uma lenda em que se encontra em disputa uma imagem de São João, pertencente aos cristãos, é admissível, é razoável, que para esses cristãos tenha existido esse objetivo de os designar por Bugios, até porque existe um confronto aberto com os Mourisqueiros. Os Bugios tomariam esse significado original, por serem os protetores, defensores e guardiões dessa imagem e, inclusive, do próprio chefe, o Velho da Bugiada, com necessidades de vigilância e alerta, ainda que no plano do simbo-

<sup>13</sup> Anteriormente, do século XIII, existe uma referência a bugia, relativa vela, nas Cantigas de Amigo. É da autoria do poeta Nuno Treenz: “Em mi tolher meu amigo / filhou comigo perfia, / por end ardera, vos digo, / ante el lume de bogia” (TREENZ, século XIII [1525-1526], 255).

lismo e da representação. Mas também será razoável considerar que, tratando-se de uma festa e de uma representação, estes mesmos Bugios tenham adquirido e incorporado algumas dessas características de irreverência também voltadas para o seu próprio divertimento e o do público.

Com o tempo, as palavras mudam o seu sentido. Será que nos encontramos numa altura em que o significado do Bugio sobradense pode voltar a adquirir e a fazer sobressair essa definição de personagem associado à vigília e à guarda, neste caso da imagem de São João, bem como de proteção do seu Velho da Bugiada?

#### Bibliografia

- CABRAL, Tânia (2025). Bugio. <https://www.todabiologia.com/animais/bugio.htm>
- CAMÕES, Luís Vaz de (1843 [1545]). Obras Completas de Luís de Camões, Corretas e Emmendadas pelo Cuidado e Diligência de J. V. Barreto Feito e J. G. Monteiro. Classicos Portuguezes. Tomo III. Paris: Officina Typographica de Fain e Thunot.
- COELHO, Sílvia Cristina da Silva (2017). A presença da sublimitate in humilitate em três autos de Gil Vicente. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte. <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/9452e0d1-387b-4e34-9b4c-268bcb053e2/content>
- DUARTE, D. (Séc. XV). Leal Conselheiro. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval, LEAL, 74.18, <http://medieval.rb.gov.br/verbete.php?verbete=bugios&cid=27954>
- ESOPO ([Séc. XVa]). Livro de Esopo. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval, ESOP, 24.7, <http://medieval.rb.gov.br/verbete.php?verbete=bugio&cid=27942>
- ESOPO ([Séc. XVb]). Livro de Esopo. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval, ESOP, 42.1, <http://medieval.rb.gov.br/verbete.php?verbete=bugia&cid=27897>
- ESTRAVIZ - <https://estraviz.org/>
- GREGÓRIO, São ([Séc. XIVa]). Diálogos de São Gregório. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval, GREG, 1118.6, consultado em: <http://medieval.rb.gov.br/verbete.php?verbete=bugia&cid=27897>
- GREGÓRIO, São ([Séc. XIVb]). Sancti Gregorii Papae Dialogorum Libri IV, de Vita et Miraculis Patrum Italicorum, et de Aeternitate Animarum. Consultado em: [https://www.documentacatholicaomnia.eu/01p/0590-0604,\\_SS\\_Gregorius\\_I\\_Magnus,\\_Dialogorum\\_Libri\\_IV-De\\_Vita\\_et\\_Miraculis\\_...\\_LT.pdf](https://www.documentacatholicaomnia.eu/01p/0590-0604,_SS_Gregorius_I_Magnus,_Dialogorum_Libri_IV-De_Vita_et_Miraculis_..._LT.pdf)
- HORTO (Séc. XIV/XV). Horto do Esopo. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval, ORTO, 207.15, <http://medieval.rb.gov.br/verbete.php?verbete=bugias&cid=27902>
- INFOPÉDIA - <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bugio>
- ISIDORO, Agostinho (1963). A Lapa do Bugio (Necrópole pré-histórica da Azóia). Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 19(1), pp. 69-71. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/8773>
- NUSSANE, José Champalimaud de (1777). Planta da Barra de Viana, e Forte de Santiago. <https://maolmar.blogs.sapo.pt/19033.html>
- OLIVEIRA, Dilmar Alberto Gonçalves de; AOES, César (1993). Aspetos do Comportamento do Bugio Alouatta fusca (Primates, Cebidae) no Parque Estadual da Cantareira (São Paulo). Rev. Inst. Flor., São Paulo, 5(2):163-174.
- POLO, Marco ([1502/1922]). O livro de Marco Paulo - O livro de Nicolao Veneto - Carta de Jeronimo de Santo Estevam, conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502; com tres fac-símiles. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional. Consultado em: <https://archive.org/details/marcopaulooliv00polo/page/146/mode/2up>
- PRIBERAM - <https://dicionario.priberam.org/bugio>
- REIS, Padre Joaquim Lopes dos (1904). A Villa de Vallongo Vallongo: suas Tadicções e Historia, descrição, costumes e Monumentos. Porto: Typographia Coelho (a vapor).
- SHEA, Rachel Hartigan (2023). Os macacos africanos que gostam do frio. National Geographic. [https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/os-macacos-africanos-que-gostam-do-frio\\_1424](https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/os-macacos-africanos-que-gostam-do-frio_1424)
- SILVA, António Morais (1813). Dicionario da Lingua Portugueza. Lisboa: Typographia Lacerdina.
- SILVA, José Lemos (2022). Ilha do Bugio, ilhas Desertas, 2025 (c.). Região Autónoma da Madeira. <https://www.arquipelagos.pt/imagem/213723/>
- SOARES, António Joaquim de Macedo Soares (1885). Dicionario Brasileiro de Lingua Portugueza. Elucidario Etymologico-critico. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 1885-1886, vol. VIII, fasc. 1 (1889). Typ. G. Leuzinger e Filhos.
- TREEZ, Nuno (Século XIII [1525-1526]). Cancioneiro da Biblioteca Nacional. Cantiga n.º 1202.
- VASCONCELLOS, Jorge Ferreira de (1618 [1561]). Comedia Ulyssippo. Lisboa: Officina de Pedro Craesbeeck.
- VERÍSSIMO, Daniel (2023). Pode o macaco berbere regressar a Portugal? <https://wilder.pt/opiniao/pode-o-macaco-berbere-regressar-a-portugal>
- VICENTE, Gil (1512?). Auto das Fadas.
- VICENTE, Gil (1521). Comedia de Rubena.
- VICENTE, Gil (1523a). Auto Pastoral Português.
- VICENTE, Gil (1523b). Farsa de Inez Pereira.
- VICENTE, Gil (1534). Auto de Mofina Mendes.
- VIEIRA, Carla Araújo. Bugio. <https://www.infoescola.com/mamiferos/bugio/>
- WIKIPÉDIA. Macaco, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macaco>



Velho da Bugiada em sua casa (foto de Município de Valongo, 2024)

Entre a caneta e o microfone

# Fernando Queirós

o cronista da festa de Sobrado

Numo Alexandre Ferreira

## Um homem, muitas vidas

Em cada comunidade há figuras que se tornam pilares da memória coletiva. Em Sobrado, esse nome é incontornável: Fernando Manuel Vitorino de Queirós (1929–2001). Jornalista, radialista, dinamizador cultural, dirigente desportivo e homem de iniciativas incansáveis, Queirós foi, durante mais de meio século, um verdadeiro arquiteto da vida comunitária do concelho.

Nascido a 17 de fevereiro de 1929, em Águas Santas (Maia), era filho de Manuel Vitorino de Queirós, farmacêutico, e de Etelvina da Conceição Pinto Monteiro, professora. Viveu na Rua de S. Gonçalo nº 169, em Sobrado Valongo, onde lançou raízes profundas e ergueu o seu legado.

Trabalhou inicialmente na farmácia do pai, mas cedo se deixou seduzir pelo jornalismo. Ainda nos anos 1950 começou como correspondente do Jornal de Notícias, do Comércio do Porto e do Diário de Lisboa. Em 1952 fundou o jornal O Valonguense e, pouco depois, o histórico Correio do Douro, do qual foi diretor durante largos anos. A escrita tornou-se não só profissão, mas missão cívica e cultural.



Rancho das Padeirinhas de Valongo fundado por Fernando Queirós (foto de Rancho Infantil e Juvenil Padeirinhas Valongo 2.0, anos 50)

Fernando Queirós foi muito mais do que jornalista. Criou e dinamizou associações, grupos desportivos e culturais; trouxe a Valongo artistas de renome; bata-

lhou pela instalação de serviços essenciais — da feira semanal de Sobrado ao primeiro banco no concelho; fundou rádios e jornais que ainda ecoam na memória.

O seu currículo é tão vasto que parece ficção: organizou corridas de bicicletas, galgos e motorizadas; foi presidente de clubes desportivos; criou o rancho das Padeirinhas de Valongo; lançou jornais locais em vários concelhos vizinhos; em 1967 fez campanha nos jornais para a vinda da carreira x hoje o 94 para o concelho, tendo-o conseguido com a colaboração do Deputado Engº Armando Magalhães; e apresentou durante anos o programa “Vamos à Vida”, na Rádio Jornal FM.

Valongo e Sobrado não seriam os mesmos sem a sua energia criadora.

## O locutor da Bugiada e Mouriscada



Queirós com a sua esposa e amigos no Casino Estoril (foto cedida pela família Queirós, s/d)

Mas se há uma faceta que eternizou Fernando Queirós, foi a ligação à Festa de São João de Sobrado, em particular à Bugiada e Mouriscada. Durante décadas, foi ele quem deu voz à lenda, narrando-a ao microfone com uma paixão que transformava cada palavra em identidade.

Em 1978 apoiou a edição da primeira brochura da festa, pela Oficina Gráfica do Correio do Douro. Em 1982, convocou os grupos da Bugiada e Mouriscada para integrarem o FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, levando Sobrado ao palco internacional. A convocatória foi efetuada através de uma edição especial do Boletim Paroquial, datado do dia 4/11/1982. O boletim, assinado pelo jornalista Fernando Queirós, informou: “no SÁBADO dia 6, partem de Campelo os elementos da Bugiada e Mouriscada às 13 horas, sendo reconstituição do principal da festa entre as 14,30 e as 15,30 horas. Depois a Bugiada assiste a

uma sessão solene no Auditório de Carlos Alberto (Praça Carlos Alberto) às 16 horas”.

Fernando não apenas explicava a festa: ele fazia a festa maior. As suas fotografias, artigos e narrações projetaram a tradição para além dos muros locais, tornando-a orgulho regional e nacional.

A dimensão da sua obra foi reconhecida em vida e após a sua morte:

- Em 2001 recebeu a Medalha de Mérito Municipal – Prata, atribuída pela Câmara Municipal de Valongo. Na reunião de câmara de 16 de maio de 2001, foi deliberada a concessão de medalha de mérito de prata a Fernando Queirós. Após longa análise do seu curriculum Vitae, foi decidido que “Face a tão extenso e diversificado curriculum e considerando que (...) o Sr. Fernando Manuel Vitorino Queiroz desenvolveu, ao longo da sua vida, no



Fernando Queirós (foto cedida pela família Queirós, s/d)



Jornalista Queirós em Valongo (foto cedida pela família Queirós, s/d)

Concelho de Valongo que escolheu para sua terra adoptiva, uma extensa e diversificada ação sócio-profissional, designadamente nas áreas do jornalismo, do desporto, da cultura e da economia (...) revelando-se um homem de ação e criatividade, contribuiu com a sua meritória atividade, de forma assinalável, para o progresso de Valongo. (...) Graças à sua ação jornalística, exercida ao longo de cerca de 50 anos (...) o Município de Valongo, as suas gentes e atividades foram projetadas no país e no mundo (...). Por tudo isto, a sua meritória ação sócio-profissional e familiar merece ser realçada e apontada como exemplar. (...) que lhe seja atribuída a medalha de mérito de prata.”

- Em 2009, uma rua do concelho passou a ostentar o seu nome. Fernando Melo, Presidente da Câmara Municipal de Valongo referiu que “a inclusão do nome de Fernando Queiroz na toponímia do concelho pelos serviços que este filho da terra prestou na divulgação do concelho (...) fica assim com mais uma artéria, a juntar às avenidas imensas que deixou no coração de familiares e amigos.”

- Foi ainda homenageado no V aniversário da elevação de Lordelo a cidade, na secção de imprensa.

Fernando Queirós deixou também um legado familiar imenso: casado com Maria Martins Ferreira, foi pai de 16 filhos, muitos deles também ligados à cultura, ao ensino, ao jornalismo e à vida comunitária.

No jornalismo, no desporto, na cultura e na economia, Fernando Queirós foi motor de transformação. No microfone do São João de Sobrado, na fundação de jornais, na luta por infraestruturas ou na presidência de clubes, esteve sempre movido pela mesma força: dar mais e melhor à sua terra e às suas gentes.

Em Sobrado, ainda hoje, ao som dos bombos, violinos e rabecas de São João, há quem diga em silêncio: “Ninguém narra o São João como narrava o Sr. Queirós e o Sr. Marujo....”

# São João de Sobrado

nas fotografias de Marco

*Nuno Alexandre Ferreira*

*Armando Marco (foto de Jornal de Notícias, 2024)*



Armando Marco na sua exposição na Biblioteca Municipal de Paredes (foto de C.M. de Paredes, 2019)

Há vidas que se desenham em silêncio, outras que se revelam em cor, mas a de Armando José Moreira, o fotógrafo que todos conheciam simplesmente como Marco, escreveu-se em luz.

Nascido a 22 de abril de 1936, em Cete, Paredes, Armando José Moreira cedo se tornou mais conhecido pelo nome que o acompanharia para sempre: Marco, numa referência carinhosa e assumida ao lugar onde nasceu, em Cete. Filho da terra, apaixonado pelas suas raízes, foi um homem cuja vida se escreveu entre artes plásticas, fotografia, jornalismo e ensino.

O gosto pelas artes plásticas marcou-o desde cedo. Foi essa paixão que o levou a escolher o curso de Pintura Decorativa na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, no Porto. Concluiu-o com distinção em

1965, ano em que realizou também a sua primeira exposição individual na extinta Galeria Divulgação, ligada à icónica livraria portuense.

Determinado a aprofundar a sua formação artística, frequentou igualmente os cursos de Gravador Fotoquímico e de Artes Gráficas, ainda na Soares dos Reis. Mais tarde, concretizou outro objetivo antigo: a licenciatura em Artes Plásticas/Pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, terminada em 1986. A pintura, dizia, era “o que eu sou”.

A fotografia surgiu na sua vida por sugestão de amigos. E depressa descobriu que também podia criar universos com a máquina fotográfica. Encontrou nela uma nova forma de arte, uma outra maneira de captar o mundo e de o interpretar.

Assim começou o seu percurso no fotojornalismo, que viria a ocupar mais de três décadas da sua vida. Trabalhou no Jornal de Notícias e no Diário de Notícias, realizando milhares de reportagens por todo o país e além-fronteiras. Colaborou ainda com a antiga edição Musicalíssimo.

Versátil, humano, atento, sentia-se igualmente à vontade a cobrir o quotidiano, o desporto ou eventos culturais. Quem viveu esses tempos lembra-se da sua figura esguia, dos longos cabelos apanhados e da bonomia que o acompanhava sempre.

Num dos trabalhos, durante a cobertura de uma prova automobilística, sofreu um atropelamento que o deixou entre a vida e a morte. Sobreviveu. E voltou ao terreno.

Multiplicou-se ao longo da vida. Além do fotojornalismo, dirigiu graficamente inúmeras publicações, concebeu cenários para peças de teatro e foi autor e orientador do Boletim Cultural de Paredes.

Ensinou com generosidade:

— Desenho, na Escola Soares dos Reis;

— Fotojornalismo, no Curso de Fotografia da Cooperativa de Ensino Superior Artístico Árvore.

Publicou diversos trabalhos, entre os quais o álbum “Ribeira Douro” (1996), editado com o apoio da Câmara Municipal do Porto, por ocasião da elevação

do centro histórico do Porto a Património Mundial.

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto recorda ainda as inúmeras exposições que dedicou ao Norte: os municípios do distrito do Porto, o Rio Paiva, Trás-os-Montes e o Alto Douro. O seu trabalho fotográfico integrou também seis álbuns, um deles acompanhado por um longo texto de Agustina Bessa-Luís.

Faleceu a 27 de fevereiro de 2024, aos 87 anos, deixando um legado artístico e humano de valor incalculável. O funeral realizou-se no Mosteiro de Cete, em Paredes, no dia 29 de fevereiro de 2024, pelas 16h, seguindo para o Cemitério de Cete.

O Município de Paredes, colegas de profissão, amigos, familiares e todos os que acompanharam o seu percurso prestaram-lhe homenagem. Sérgio Almeida, jornalista e antigo colega, sublinhou o seu contributo para o Jornal de Notícias e a sua relação com o Boletim Cultural de Paredes. A AJHLP recordou o seu carácter, a sua entrega e a sua marca inapagável.

Marco viveu para observar — e para transformar o que via. Viveu para partilhar histórias, para ensinar, para criar. A sua obra permanece: nas fotografias que atravessam décadas, nas pinturas que revelam a alma, nos alunos que formou, nos lugares que iluminou com o seu olhar. E assim ficará: como um homem que fez da luz a sua linguagem e da arte, a sua vida.

#### Bibliografia

- Lusa, A. (2024) Fotojornalista Marco morreu esta terça-feira no Porto aos 87 anos. Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://www.dn.pt/cultura/fotojornalista-marco-morreu-hoje-no-porto-aos-87-anos>
- Paredes, C.M. (2020) Exposição de Pintura e Fotografia. Consultado a 21 de novembro de 2025 em [https://www.cm-paredes.pt/pages/1241?event\\_id=963](https://www.cm-paredes.pt/pages/1241?event_id=963)
- Almeida, S. (2024) Morreu Marco, o fotógrafo que nunca deixou de ser artista. Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://www.jn.pt/cultura/artigo/morreu-marco-o-fotojornalista-que-nunca-deixou-de-ser-artista/17811187>
- Pinto, M. (2007) Fotos de Armando Moreira (Marco) (1ª Parte). Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2007/05/fotos-de-armando-moreira-marco-1-parte.html>
- Pinto, M. (2007) Fotos de Armando Moreira (Marco) (2ª Parte). Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2007/05/fotos-de-armando-moreira-marco-2-parte.html>

## O Espólio Fotográfico de Marco sobre a Bugiada e Mouriscada

Em 1981, enquanto Manuel Pinto preparava o livro *Bugios e Mourisqueiros* (publicado em 1983), Marco percorreu as ruas de Sobrado no próprio dia 24 de junho, acompanhando de perto a intensidade da festa. Dessa incursão nasceu um conjunto extraordinário de imagens que, hoje, mais de quatro décadas volvidas, se afirmam como documentos essenciais para compreender a evolução desta manifestação cultural.

As fotografias agora partilhadas mostram momentos essenciais da celebração: o estrondo dos foguetes lançados nas traseiras da igreja, a passagem dos Mourisqueiros na procissão, os gestos devocionais dirigidos a São João, a vibrante teatralidade da Bugiada e até figuras já desaparecidas do quotidiano, como o aguadeiro. Cada fotografia conserva um pedaço do que é e do que foi Sobrado, revelando camadas de tradição que continuam a emocionar quem as reconhece no presente.

Ao recuperar este espólio, oferece-se muito mais do que um exercício de nostalgia. Resgata-se um património visual que permite compreender a festa como fenómeno cultural vivo, em transformação constante, mas profundamente enraizado na identidade local. E é precisamente por isso que o trabalho de Marco permanece tão relevante: porque não apenas registou a festa, mas captou-lhe a alma.

A.- Mourisqueiros na procissão (foto de Marco, 1981)

B.- Aguadeiro no São João (foto de Marco, 1981)

C.- Lançamento de foguetes, nas traseiras da igreja paroquial (foto de Marco, 1981)

D.- Bugio (foto de Marco, 1981)

E.- Bugio (foto de Marco, 1981)

F.- Bugio junto de populares (foto de Marco, 1981)

G.- Ofertas votivas a S. João (foto de Marco, 1981)

H.- Cena alegórica de S. João na procissão (Foto de Marco, 1981)



# Jean-Marie Steinlein

o homem que fotografou a alma das máscaras

*Nuno Alexandre Ferreira*



Bugiada (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)

Nasceu em 1940, em França, quando a Europa ardia em guerra e o mundo aprendia a sobreviver entre ruínas. Chamava-se Jean-Marie Steinlein — jornalista, fotógrafo, editor científico —, mas sobretudo, um viajante obstinado em busca da alma humana. Viveu em Estrasburgo, no cruzamento de fronteiras e culturas, e talvez tenha sido essa condição de homem entre mundos que lhe deu o olhar certo: aquele que reconhece a beleza nas margens, o sagrado no comum, a humanidade atrás da máscara.

Durante décadas, percorreu países inteiros com a câmara ao ombro e um olhar curioso como o de uma criança diante do mistério. Fotografou festas, rituais, máscaras, procissões, carnavais, tradições de Natal e Ano Novo. Passou pela Roménia e pela Itália, pela Alemanha, Suíça, Áustria, Eslovénia, Grécia, Hungria, Espanha, Portugal... e muitos outros destinos, deixando um arquivo que é tanto documento etnográfico quanto poema visual.

Era o fotógrafo do instante fugaz, daquele gesto que antecede o riso ou a dança, daquele olhar que o disfarce não consegue esconder. O seu trabalho atravessava fronteiras e estações, mas o tema era sempre o mesmo: o folclore enquanto espelho da alma coletiva, o humano em comunhão com o mistério.

Na informação do seu perfil no flickr, encontra-se o seguinte:

Jean-Marie Steinlein pegou sua máquina do tempo e passou os últimos trinta anos buscando festivais de máscaras nos cantos mais remotos da Europa, da Bulgária à Escócia, longe dos carnavais midiáticos. Nesta era de integração europeia, os dragões romenos, o buso húngaro, o kurent esloveno, o dziady polonês e o survakari búlgaro, criados em grande segredo e “revelados” durante os principais ritmos que estruturam a vida rural, nos desafiam a refletir sobre essa herança compartilhada e nossas raízes.

A maioria dos grupos étnicos africanos, ainda mais eficazmente do que suas máscaras, transmitiu os mitos que explicam sua origem e uso. Para os europeus, a tarefa é menos simples. O que podemos extrair desses fragmentos de mitos que permanecem, mimetizados aqui e ali?

“Os significados das máscaras permanecem obscuros”, diz Claude Gaignebet, “mas uma coisa é certa: mascaradas quase idênticas, da Polónia a Portugal, nas mesmas datas, devem ter compartilhado um significado comum há muito tempo, um significado que ainda precisa ser redescoberto.”

Nos anos 1980, Steinlein chegou a Portugal. A sua lente pousou sobre Sobrado, em Valongo, onde registou a Bugiada e Mouriscada, uma das mais intensas e simbólicas festas populares portuguesas. Entre os



Dança dos Mourisqueiros (Foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)

tambores e as fitas coloridas, captou o brilho das máscaras dos Bugios, o olhar decidido dos Mourisqueiros, a fé que une o sagrado e o profano. Imortalizou ainda as tradições de Carnaval de Trás-os-Montes, onde as máscaras de madeira, os chocalhos e o fumo das lareiras parecem condensar séculos de rituais.

As suas fotografias, espalhadas hoje por livros dedicados às máscaras e ao folclore europeu e preservadas em álbuns digitais no Flickr, são fragmentos de uma Europa que resiste ao esquecimento: uma Europa de aldeias, de danças, de rostos cobertos e corações descobertos. Uma das suas fotos relativas à Bugiada e Mouriscada encontra-se no livro *Carnavais et Mascarades* de Pier Giovanni d’Ayala et Martine Boiteux publicado em 1988 em Paris (França), sendo que um dos exemplares foi adquirido pela Associação São João de Sobrado.

Jean-Marie Steinlein viveu como fotografava: com discrição e intensidade. Não buscava fama nem o centro das atenções; buscava histórias, olhares, instantes. E foi assim, silenciosamente, que construiu um dos acervos mais belos e humanos sobre a cultura popular do continente.

#### Bibliografia

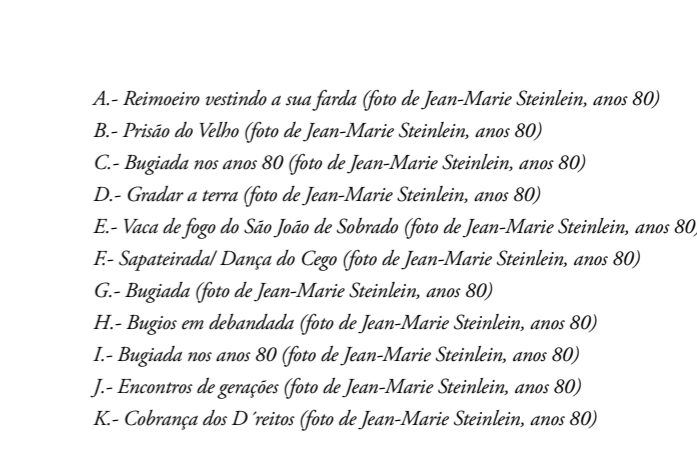
- IMDB (s/d) Jean-Marie Steinlein. Consultado a 1 de novembro de 2025 em [https://www.imdb.com/pt/name/nm16061626/bio/?ref\\_=nm\\_ov\\_bio\\_sm](https://www.imdb.com/pt/name/nm16061626/bio/?ref_=nm_ov_bio_sm)
- Memória, L. (2017) Jean-Marie Steinlein. Consultado a 1 de novembro de 2025 em <https://www.libramemoria.com/defunts/steinlein-jean-marie/1443338183a4e568fd93add0fe7c2bb>
- King, N. (2020) Fotos do São João de Sobrado por Jean Marie Steinlein anos 80. Consultado a 1 de novembro de 2025 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/05/12/fotos-do-sao-joao-de-sobrado-por-jean-marie-steinlein-anos-80/>

Faleceu em 28 de novembro de 2017, em Estrasburgo, aos 77 anos, “ao som do jazz”, como diz o texto que anunciou o seu falecimento:

“É com profundo pesar que anunciamos o falecimento de Jean-Marie Steinlein, que partiu em sua última jornada em 28 de novembro de 2017, ao som do jazz... O funeral será realizado na segunda-feira, 4 de dezembro de 2017, às 14h30, na Igreja de Saint-Louis em Strasbourg-Robertsau, rua Jeanne d’Arc. Não serão aceites flores ou coroas de flores; em vez disso, doações para instituições de caridade podem ser feitas.”

Há algo de profundamente poético neste adeus. O fotógrafo que eternizou as máscaras, partiu ao som da improvisação, deixando como legado não apenas imagens, mas um testemunho silencioso daquilo que a Europa tem de mais genuíno: a beleza das suas festas, o riso e o suor do povo, o poder simbólico das tradições que sobrevivem ao tempo.

Jean-Marie Steinlein não fotografava o exótico. Fotografava o essencial! E é por isso que, em cada uma das suas imagens, a humanidade olha-nos de volta, entre o tambor, o fogo e a dança.



A.- Reimoeiro vestindo a sua farda (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 B.- Prisão do Velho (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 C.- Bugiada nos anos 80 (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 D.- Gradar a terra (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 E.- Vaca de fogo do São João de Sobrado (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 F.- Sapateiradal Dança do Cego (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 G.- Bugiada (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 H.- Bugios em debandada (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 I.- Bugiada nos anos 80 (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 J.- Encontros de gerações (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)  
 K.- Cobrança dos D'ritos (foto de Jean-Marie Steinlein, anos 80)



*Dança em Casa do Velho (foto de Anônimo Martins Degas, 1998)*

*Cariacás, outrora terra de oportunidades, agora de memórias (foto de Joteis Pestana, slb)*

O São João também  
se dançou na

# Venezuela

*Nuno Alexandre Ferreira*

O São João é uma tradição que define quem somos e como nos ligamos à nossa terra. Mas quando a vida leva muitos de nós para longe, para países como a Venezuela, o São João transforma-se numa forma de manter Sobrado vivo, mesmo à distância. Entre famílias, amigos e vizinhos emigrantes, a Bugiada e a Mouriscada continuava a ser celebrada com a mesma intensidade que nas ruas da vila. Manuel Pinto, no seu blogue bugiosemourisqueiros.blogspot.com, relatou em 2006 uma história que ilustra perfeitamente esta ligação:

“Não têm fim as histórias que se contam em Sobrado, demonstrativas da paixão pela Bugiada e pela Mouriscada. Esta passou-se com uma família dos Senande e é contada por um dos filhos: O pai estava emigrado na Venezuela. Sempre que podia, vinha a Sobrado para ir de Bugio. Aconteceu alguns anos vir directo para a festa e os familiares saberem que ele cá estava quando já estava a dançar. Num certo ano, veio munido de uma máquina de filmar e fez um filme sobre a Bugiada que levou para o país em que vivia e trabalhava. Nos anos em que não podia vir a Sobrado ao S. João, projetava o filme numa parede e punha os filhos a dançar a Bugiada.”

Um seguidor do blogue, Tsiwari, captou a poesia desse gesto:

“A paixão... numa tela rolava o filme, em frente a ela dançavam a bugiada.”

Filipe Costa Alves recorda, entre 1983 e 1999, como os emigrantes portugueses em Caracas procuravam recriar a festa:

“Os adultos tentavam recriar a Bugiada, sempre mais a parte da Bugiada, com as suas danças e os movimentos e gestos de Bugios e do Velho da Bugiada. Obviamente as crianças viam e alguns tentavam repetir exatamente os mesmos movimentos. Era tudo muito descontraído e informal, faziam-se duas filas de ‘Bugios’, discutia-se como se deviam fazer os gestos e passava-se assim o dia.”

Eugénio Fonseca acrescenta outra memória:

“Juntávamo-nos no clube da Hermandade Gallega de Valle Fresco em Caracas para celebrar o São João. Dançávamos, punhávamos alguém a fazer de velho, havia música da bugiada com cassette com o hino e levava-se de comer, tipo um piquenique, com mais de 100 pessoas. Vivi em Caracas entre 1982 e 1992, junto do aeroporto de Caracas. Lembro-me de, inclusive, haver uma equipa de futebol ‘O Sobrado’ que jogava no Fuerte de Tiuna, porque havia vários campos de futebol e eles organizavam torneio.”

Este relato reforça a ideia de que as festas não eram apenas atos performativos de preservação cultural, mas espaços de sociabilidade comunitária, nos quais a memória coletiva se consolidava e se transmitia. A Bugiada e a Mouriscada funcionava como pontos de referência identitária que atravessavam o quotidiano e marcavam o calendário anual da comunidade emigrante. Mesmo os elementos aparentemente informais — a cassette com o hino, o piquenique, a escolha de alguém para representar o Velho — tornam-se instrumentos de resiliência cultural, mantendo vivas tradições que, de outra forma, poderiam diluir-se no contexto migratório.

Sociologicamente, estes relatos mostram como a cultura popular resiste à dispersão geográfica e se adapta às novas condições. A emigração transforma o espaço físico, mas a festa recria o espaço simbólico de Sobrado em Caracas: as salas de estar tornam-se palcos, as cassetes substituem os músicos ao vivo, e as crianças tornam-se aprendizes da tradição, garantindo que a memória cultural não se perca.

Em última análise, o São João persiste na saudade, nos gestos de cada Bugio, na alegria que atravessa oceanos. Mesmo longe, na Venezuela, Sobrado continuava presente — em risos, em passos de dança, em piqueniques improvisados e torneios de futebol. É essa saudade viva, esse esforço coletivo de memória e identidade, que garantiu que Sobrado, a Bugiada e a Mouriscada não fossem esquecidos, independentemente da distância.

#### Bibliografia

- Pinto, M. (2006) Mais uma história. Consultado a 13 de janeiro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2006/06/mais-uma-histria.html>



Fiestas de San Xuán de Valle Fresco (foto de Hermandade Gallega A.C., 2016)

# Benjamim Enes Pereira

## a análise e interpretação da Bugiada e Mouriscada

Nuno Alexandre Ferreira

Benjamim Enes Pereira nasceu a 25 de dezembro de 1928, na freguesia de Carreço, em Viana do Castelo. O território onde cresceu, marcado pelo mundo rural, viria a ser decisivo na forma como, ao longo de toda a sua vida, olhou, escutou e interpretou o país. Antropólogo, etnólogo e museólogo, Benjamim Pereira foi uma das figuras fundamentais da antropologia portuguesa do século XX e um dos principais responsáveis pela consolidação de uma museologia moderna, ética e profundamente humanista.

Em 1959, a convite de António Jorge Dias, integrou o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, o primeiro polo verdadeiramente dedicado à investigação antropológica em Portugal. Tornou-se, assim, membro da equipa que viria a fundar a moderna antropologia portuguesa, ao lado de

Margot Dias, Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano. Sobre esse momento fundador, a antropóloga Clara Saraiva escreveu:

*“Benjamim Enes Pereira fez parte da equipa fulgurante que fundou a moderna antropologia portuguesa. O mais jovem de todos, tornou-se o grande museólogo, o artista encenador das deslumbrantes exposições do Museu de Etnologia.”*

Apesar de ser o único elemento do grupo sem formação universitária formal, Benjamim Pereira destacou-se desde cedo pelo rigor do seu trabalho, pela capacidade de sistematização e pela extraordinária sensibilidade no contacto com as pessoas. Esse reconhecimento levou à atribuição de uma tarefa central: a organização da Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa, publicada em 1965 pelo Instituto de Alta Cultura, obra de referência indispensável para o estudo da etnografia nacional.

Em 1963, mudou-se para Lisboa, na sequência da criação do Centro de Estudos de Antropologia Cultural, do qual foi membro fundador. A partir desse momento, o seu trabalho intensificou-se, combinando investigação científica, recolha sistemática de objetos, produção escrita e registo visual. Fotografias e filmes tornaram-se instrumentos fundamentais do seu método. Desde 1960, realizou filmes etnográficos em contexto de trabalho de campo, documentando práticas agrícolas, técnicas artesanais, festas, rituais e formas de organização comunitária.

Em 1970, participou diretamente nas filmagens realizadas em Portugal pelo Instituto do Filme Científico de Göttingen, num contexto em que o cinema etnográfico era entendido como técnica de registo complementar à descrição escrita e fotográfica. Para

Benjamim Pereira, filmar e fotografar eram formas de conhecimento e, sobretudo, meios essenciais para contextualizar os objetos e os modos de vida quando estes eram apresentados em contexto museológico.

O seu percurso profissional está indissociavelmente ligado ao Museu Nacional de Etnologia, cuja criação foi profundamente marcada pelo trabalho desenvolvido nos centros de investigação. Benjamim Pereira foi responsável, até à sua aposentação, pela conceção, execução e montagem de todas as exposições do museu. A sua intervenção definiu uma linguagem expositiva inovadora, assente no rigor científico, no respeito pelas culturas representadas e numa narrativa visual clara e envolvente. Mesmo depois da reforma, continuou a colaborar com o museu até 2002.

A sua ação estendeu-se muito para além do museu nacional. No âmbito da Rede Portuguesa de Museus, Benjamim Pereira colaborou na avaliação, consultoria e acompanhamento de numerosos museus locais e regionais, contribuindo decisivamente para a qualificação das práticas museológicas em Portugal. Ajudou instituições a definirem planos de ação, a organizarem coleções e a conceberem exposições, sempre com um profundo respeito pelas comunidades e pelos contextos locais.

Após a aposentação, coordenou e concebeu vários projetos museológicos de grande relevância, entre os quais se destacam o Museu da Luz, criado para preservar a memória da aldeia submersa pela barragem do Alqueva, o Museu do Traje de Viana do Castelo, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco, o Museu do Abade de Baçal e o Centro Cultural Raiano, em Idanha-a-Nova.

A dimensão humana do seu trabalho foi frequentemente destacada pelos seus pares. Clara Saraiva escreveu também:

*“Era um apaixonado pelo trabalho, pela etnografia e pelas pessoas.”*

Benjamim Enes Pereira faleceu a 1 de janeiro de 2020, no Hospital de Viana do Castelo. O Museu Nacional de Etnologia declarou então:

*“O Museu Nacional de Etnologia está de luto pela perda de Benjamim Pereira, um dos seus fundadores e uma das figuras incontornáveis da antropologia e da museologia em Portugal. Todos nos sentimos hoje órfãos e sem palavras para exprimir o quanto lhe devemos.”*

Em 2001, havia sido distinguido com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Mérito, reconhecimento público de uma vida dedicada à salvaguarda, ao estudo e à valorização da cultura portuguesa.

O legado de Benjamim Pereira permanece vivo nas exposições que concebeu, nos museus que ajudou a estruturar, nos objetos que recolheu e, sobretudo, na ética do olhar que nos deixou: um olhar atento, respeitador e profundamente humano sobre as pessoas e os seus modos de vida. A sua obra continua a ensinar-nos que a antropologia não é apenas ciência, mas compromisso, escuta e memória partilhada.

### Os Mouros e os Bugios de Sobrado (Valongo)

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado, em Valongo, é uma das mais fascinantes manifestações populares portuguesas, onde história, ritual e performance se cruzam de forma singular. Entre as décadas de 1970 e 1980, Benjamim Enes Pereira, uma das maiores figuras nacionais em etnologia e antropologia, dedicou-se ao estudo desta tradição, registando tanto imagens como reflexões analíticas que permanecem fundamentais para a compreensão desta festividade.

Em 1971, na sua obra *Máscaras Portuguesas*, Benjamim Pereira mencionou Sobrado:



Reimoeiro (foto de Benjamim Enes Pereira, anos 80)

*“Na povoação de Sobrado (Valongo), tinha lugar uma pantomina de personagens mascaradas, separadas em dois grupos distintos e antagónicos, os quais, além de combates, mimavam a cena da lavra ritual (...).”*

A análise aprofundada do investigador sobre a festa surgiu em 1982, quando escreveu um artigo exclusivamente dedicado à Bugiada e Mouriscada, em francês, para a revista da Société d'Archéologie et des Amis du Musée de Binche, na Bélgica. Como referiu Carmo Lorena,

*“Esta é uma publicação muito relevante. Trata-se de um dos textos mais desenvolvidos sobre a festividade de Sobrado e representa um novo paradigma analítico.”*

Benjamim Enes Pereira observou que:

*“Nesta aldeia, no dia de São João, realiza-se uma apresentação que envolve a maioria da sua população, e a sua preservação é um facto singular, na medida em*

*que as convulsões ocorridas no tecido socioeconómico, ao contrário do que acontece normalmente, fomentaram e revitalizaram esta festa de origem antiga.*

*A apresentação, intitulada ‘Dança dos Bugios e dos Mourisqueiros’, é marcada por vários sinais de intercâmbio cultural e faz parte da festa do santo precursor. Uma lenda local coloca São João na encruzilhada de dois povos étnica e culturalmente distintos: os Mouros e os Cristãos Visigodos que povoaram esta região na antiguidade. Esta ligação baseia-se na cura milagrosa de uma princesa moura, uma cura realizada pelo santo através da sua imagem, que acaba por ser disputada numa luta. Os figurantes, divididos em dois grupos distintos e antagónicos, expressam um simbolismo bastante complexo através dos seus trajes e performances dramáticas.”*

A festa envolve elementos teatrais, dança e rituais simbólicos. Benjamim destacou ainda:

*“Há poucas décadas, o rei era seguido de perto por um bobo da corte mascarado que imitava cada movimento seu em uma apresentação burlesca e zombeteira; esse personagem não existe mais hoje em dia.”*

Prosseguindo a sua abordagem, indicou, em tom de análise crítica, que:

*“Rodney Gallop explica a representação da Lavra simbólica como um rito de fertilidade agrícola, um encanto mágico mimético que opera por meio da inversão. Ele vê os mouros e a serpe como um legado da procissão de Braga ou de alguma outra cerimônia mais antiga que pode ter dado origem a ambos. Ele conecta a batalha entre os dois grupos com os combates rituais entre o verão e o inverno, também um rito agrário de magia mimética, visando o triunfo da vegetação sobre o declínio. Essa interpretação, derivada das teorias de Frazer, parece-nos atualmente muito inconsistente e superficial.”*

Importa referir que as análises de Gallop e de Benjamim Pereira, distanciam-se em cerca de 40/50 anos, sendo uma das possíveis razões para análises distintas.

Relativamente a personagens, trajes e danças, a festa distingue-se pelo contraste entre os grupos:

- Mouros: ordem, harmonia e eficiência; trajes luxuosos; armas e ornamentos de ouro.
- Bugios: desordem, confusão; máscaras e implementos agrícolas; ligação ao ciclo agrícola e à Lavra da Praça.



Bugios (foto de Benjamim Enes Pereira, s/d)

Segundo Pereira:

*“O traje e os acessórios enfatizam o aspeto guerreiro e a posição social dos Mouros: as espadas e os ornamentos de ouro; Para os Bugios: a máscara e os implementos agrícolas, o processo de inversão, sua marginalidade e a sua estreita relação com a agricultura; as danças, cujo significado mais profundo permanece velado, acentuam as oposições: as dos Mouros, mais do que uma manifestação estética, expressam com força as capacidades físicas do grupo, enquanto as dos Bugios demonstram a turbulência mais excessiva;*

*A máscara, ao permitir a transição da realidade para a fantasia, introduz uma rutura no quotidiano, agitação e o fabuloso; Para os Bugios, o ritual da Lavra da Praça é, de facto, uma prova de sua ligação com as atividades agrícolas e o fim do ciclo de sementeira, de cabal relevância nesta localidade no passado;*

*O carregar da imagem de São João pelos Mouros acentua a falta de prestígio dos Bugios, que são cristãos;*

*A batalha, e o mecanismo da vitória parcialmente frustrada pela intervenção de um ser fantástico, reintegra o antigo chefe ao grupo Bugio, evitando assim uma derrota catastrófica.”*

Benjamim Pereira relaciona as origens da festa com as festividades do Corpus Christi e com outras Bugiadas, indicando inúmeros elementos que suportam esta associação.

*“Os Bugios se identificam com os cristãos e, conseqüentemente, com a população local. Por sua vez, e como o próprio nome indica, os mouros se identificam com um grupo externo. As diferentes fases da representação dos Mouros e dos Bugios parecem conter uma lição sobre reintegração e inculturação: os Bugios, em sua conduta, chegam a um nível de dissolução, põem em risco a sobrevivência do grupo que, ao confrontar outro grupo estrangeiro, é dominado por este último. Mas, segundo certas constantes, o desfecho fatal é evitado no último minuto pela intervenção de um ser fabuloso que impede a derrota final.*

*Os significados e símbolos que descobrimos no âmbito deste evento certamente sofreram transformações profundas e atualmente nos parecem decodificados e desvinculados de suas causas originais.*

*A presença dos Mourisqueiros, dos Bugios e da serpe durante a Festa de São João em Sobrado representa, sem dúvida, a adoção destas mesmas figuras, que anteriormente faziam parte da procissão de Corpus Christi.”*

Ele ainda recorda a resistência às proibições eclesásticas do século XVIII:

*“No século XVIII, a Igreja se opôs a essa complexa procissão de participantes leigos e seculares, proibindo-os de participar, alegando a indecência de certas danças e figuras (...). Mas como afirma Luís Chaves, as danças não desapareceram com essas proibições: ‘elas eram externas e anteriores às procissões em que apareciam, e nunca depen-*

*deram delas. Estavam incorporadas a elas como realidades representativas da colaboração pública e secular. Expulsas das procissões, continuaram a existir pela mesma razão que havia criado seu uso, antes e fora dessa colaboração legalmente sancionada’. Permaneceram seculares, embora fragmentadas como sempre: reuniam-se apenas para o desfile, independentemente umas das outras.”*

Ele relaciona ainda a Bugiada de Sobrado com a de Santo António dos Almocreves:

*“Parece-nos que devemos admitir que foi a partir da execução dessas danças na procissão de Corpus Christi que ocorreu sua transposição e integração em outras festividades. Assim, em Valongo, por exemplo, as celebrações de Santo António incluíam uma pantomima realizada pelos Bugios, durante a qual era representada a morte de seu chefe, que, no final, ressuscitava graças à intervenção deste santo. A tradição remonta esse costume a uma epidemia que, em meados do século XVIII, assolou os animais de carga desta localidade, mergulhando a maioria da população, moleiros de profissão, em uma situação desesperadora. Isso terminou graças à intervenção de Santo António, e foi a partir desse momento que se formou uma espécie de irmandade, chamada Bugiada, para organizar as festas em sua homenagem e garantir sua continuidade.*

*A ‘Bugiada’ de Valongo caiu em desuso; mas encontramos nela toda a sua vitalidade na freguesia vizinha de Sobrado. Ali, ainda hoje, a posição do rei no nível coreográfico, o acompanhamento musical, a qualidade do traje, etc., fazem com que a apresentação mourisca coincida com os padrões registados nos arquivos de Arrifana do Sousa, que foram mencionados anteriormente.*

*Cabe ressaltar que, nesses textos, a ‘Mourisca’ era de responsabilidade de almocreves, alfaiates e alabardeiros, e que a versão lendária da ‘Bugiada’ de Valongo colocava os almocreves no centro dessa história.”*

Benjamim Pereira contribuiu para a preservação material da festa, doando trajes e máscaras ao Museu Internacional do Carnaval e da Máscara, em Binche:

*“Em 1983, o Museu Internacional do Carnaval e das Máscaras recebeu, por intermédio da Embaixada de Portugal, uma importante coleção de trajes e máscaras tradicionais de carnaval de Portugal. Esta coleção complementou, felizmente, aquisições anteriores. Tinha sido reunida para o nosso museu por Benjamin Ernesto Pereira, curador do Museu Etnológico de Lisboa, e Ernesto Veiga de Oliveira, dois amigos do Museu de Binche, graças a uma subvenção do Ministério da Cultura de Portugal. O Sr. Pereira não poupou esforços, uma vez que estas novas aquisições enriqueceram consideravelmente a representação do seu país no nosso museu. (...) Esta nova coleção incluiu: dois trajes de Bugios, dois trajes de Mouriscos, (...) As máscaras, que foram oferecidas pelas autoridades portuguesas, chegam em um momento muito oportuno para complemen-*

*tar a importante seção europeia do Museu de Binche e constituem novos marcos que provavelmente ajudarão a compreender melhor, por meio de seu estudo comparativo, os profundos laços que unem as tradições de máscaras em todo o nosso continente.”*

Fotografias suas ilustram ainda o livro *Festividades Cíclicas em Portugal* (1984) de Ernesto Veiga de Oliveira, o que permite afirmar que Benjamim e possivelmente Veiga de Oliveira, estiveram em Sobrado nos anos 70 e 80 para trabalho de campo. A sua conexão com a festa continuou ativa até à defesa da tese de Maria Cristina Cunha Araújo, em 2005, dedicada a ele.

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado é muito mais do que uma celebração local; é uma tradição complexa, secular e profundamente simbólica. Graças ao trabalho de Benjamim Enes Pereira, das suas análises e documentação, a festa transcende o tempo e permanece como um

dos exemplos mais significativos da riqueza cultural portuguesa, onde história, ritual e teatro popular se encontram de forma harmoniosa.



Capa do livro *Festividades Cíclicas em Portugal*, de Ernesto Veiga de Oliveira que inclui foto da Bugiada (foto de Líliana Queirós, s/d)

#### Bibliografia

- SPAE (2022) Trabalhos de Antropologia e Etnologia: Revista inter e transdisciplinar de ciências sociais e humanas- vol. 62. Consultado a 16 de janeiro de 2026 em [https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/50454748/tae\\_62\\_.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/50454748/tae_62_.pdf)
- MC (2020) Nota de pesar pela morte de Benjamim Pereira. Consultado a 16 de janeiro de 2026 em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/comunicado?i=nota-de- pesar-pela-morte-de-benjamim-pereira>
- Ribeiro, B. (2025) Conhecer Benjamim Enes Pereira. Consultado a 16 de janeiro de 2026 em <https://vilapraiaedancora.blogs.sapo.pt/conhecer-benjamim- enes-pereira-182112>
- Saraiva, C. (2020) Os caminhos do Benjamim. Consultado a 16 de janeiro de 2026 em <https://www.publico.pt/2020/01/02/culturaipilon/comentario/caminhos-benjamim-1899084#>
- Araújo, M. (2004) Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho (o S. João de Sobrado - Valongo) Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Lorena, C. (2022) Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 16 de janeiro de 2026 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aaf-4cc1-43e7-ac2b-8646aac30d3>
- Pereira, B. (1982) Les Matures et les Bugios de Sobrado (Valongo) Consultado a 16 de janeiro de 2026 em [https://www.archeo-binche.be/wp-content/uploads/2022/11/ELB-MRM-C833\\_05.pdf](https://www.archeo-binche.be/wp-content/uploads/2022/11/ELB-MRM-C833_05.pdf)



Reinacção no momento do "rosário do Santo" (foto do documentário Viagem ao Maravilhoso, 1990)

# Viagem ao Maravilhoso

Nuno Alexandre Ferreira

Em 1990, a RTP exibiu um episódio da série documental Viagem ao Maravilhoso que viria a tornar-se um dos mais importantes registos audiovisuais da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, no concelho de Valongo. Realizado por Carlos Brandão Lucas, o documentário Bugios e Mourisqueiros permanece, ainda hoje, uma das abordagens televisivas mais sérias, completas e sensíveis sobre esta singular celebração sanjoanina. Integrado numa série dedicada às tradições populares portuguesas, o filme acompanha, ao longo de todo o dia 24 de junho, os rituais, personagens e momentos simbólicos que compõem esta festa onde o sagrado, o profano, o teatro popular e os ritos de fertilidade se entrelaçam.

### Um dia em que o mundo se vira do avesso

Na freguesia de Sobrado, o Dia de São João é representação, mito e inversão. Bugios (cristãos) e Mourisqueiros (mouros) recriam uma lendária batalha que estrutura todo o enredo ritual. Mas antes do confronto final, o documentário mergulha no universo visual e sonoro que define a celebração: máscaras expressivas, trajes garridos, plumas coloridas e o som vibrante de rabecas, guizos e castanholas, amplificado pelos altifalantes que ecoam pela aldeia.

Um dos elementos mais emblemáticos, também captado pela câmara, é o camponês mascarado que finge realizar tarefas agrícolas — semear, gradar, lavar — mas de forma invertida. Este gesto simbólico traduz a lógica ritual da festa: agir ao contrário para provocar fertilidade e renovação, eco de práticas ancestrais que sobrevivem na teatralidade popular.

### Personagens, locais e danças: o coração da tradição

O documentário detém-se nas figuras centrais da encenação ritual, revelando inclusive os rostos reais que sustentam a força simbólica da festa. O Reimoeiro ganha corpo em José Fernando Barbosa e Silva, conhecido como “Tuna”, enquanto o Velho da Bugiada é interpretado por Domingos Monteiro, conhecido por “Vizela”. Ao identificar estes participantes, o filme sublinha a fusão entre pessoa e personagem, entre vida quotidiana e representação cerimonial.

A câmara acompanha alguns dos momentos mais emblemáticos do ciclo festivo: as Danças nas Casas do Reimoeiro e do Velho da Bugiada, o jantar e a troca de oferendas, a Dança de Entrada, as Entrajadas, os Serviços da Tarde, a Sapateirada e a Dança do Doce. Mais do que registar coreografias, estas sequências revelam uma teia de relações comunitárias, hierarquias simbólicas e códigos performativos que, por um dia, transformam Sobrado num vasto palco ao ar livre, onde cada gesto é simultaneamente tradição e encenação.

Para além do ritual previsto, o documentário preserva também episódios imprevistos que se tornaram parte da memória coletiva da celebração. Entre eles, destaca-se a queda do cavalo do mensageiro que foi um momento de sobressalto, mas que não interrompeu, contudo, a postura destemida da figura, que continuou a abrir caminho entre o público junto aos palanques dos Bugios e Mourisqueiros e a trocar as mensagens entre ambas as formaturas. Instantes como este reforçam a dimensão viva e imprevisível da tradição.

De forte impacto visual é ainda a sequência da procissão, associada no filme ao chamado “Roubo do Santo”. Filmada com apurado sentido cinematográfico, apresenta os andores de São João e São Sebastião, entre outros elementos, num ambiente de intensa carga simbólica. A montagem, porém, desloca este momento para a cena da Prisão do Velho, quando, na realidade, a missa e a procissão decorrem durante a manhã. Esta opção narrativa, ao privilegiar a densidade dramática sobre a cronologia exata, revela a forma como o documentário constrói uma verdade sensorial e simbólica, mais do que estritamente temporal.

### A batalha, o milagre e a alegria

Ao cair da tarde chega o clímax: a batalha entre Bugios e Mourisqueiros. O Velho da Bugiada é capturado, num momento de tensão coletiva que envolve figurantes e espectadores. Mas a narrativa ritual reserva uma reviravolta: surge uma serpe, figura fantástica que intervém milagrosamente, libertando o líder cristão perante a explosão de alegria do povo. É a intervenção divina de São João, ponto de reconciliação e encerramento simbólico do conflito.

### Um documento maior da cultura popular portuguesa

Com câmaras de Miguel Quiroga, som de Pedro Belo, iluminação de José Maria, montagem de Manuel António e sonoplastia assinada por Chiquita Banana, o documentário alia rigor técnico a uma

abordagem etnográfica sensível. A pesquisa de Marina Brandão Lucas e a realização de Carlos Brandão Lucas resultam num equilíbrio raro entre olhar televisivo e respeito pela vivência comunitária.

Em 2009, Manuel Pinto, no seu blog [bugiosemourisqueiros.blogspot.com](http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com), referiu que:

*“Tem quase duas décadas, mas é um dos melhores documentos audiovisuais sobre a Festa de Sobrado. Foi difundido pela RTP, inserido numa série de documentários sobre tradições populares portuguesas intitulada “Viagem ao Maravilhoso”.”*

Em resposta ao artigo de Manuel Pinto, “São” acrescentou que *“(…) Tenho uma gravação caseira do filme*

*quando da sua transmissão e para mim, apesar de tudo é o trabalho mais sério e credível a nível televisivo sobre a festa. É sempre bom revê-lo e poder partilhá-lo. (...).”*

Na atualidade, em 2026, quase quatro décadas depois, Bugios e Mourisqueiros continua a ser uma referência incontornável para quem estuda ou simplesmente se encanta com a Bugiada de Sobrado.

Tendo sido cedido pelo Arquivo da RTP, encontra-se no Arquivo da Associação São João de Sobrado e disponível no canal oficial da festa no Youtube. Mais do que um registo festivo, o filme preserva um património imaterial em movimento, neste que é um dia em que a ordem se inverte e o maravilhoso ainda encontra lugar na realidade.



Domingos Monteiro, Velho da Bugiada (Acervo ASJS, 1990)

### Bibliografia

- Memóriamedia (s/d) Viagem ao Maravilhoso. Consultado a 09 de fevereiro de 2026 em <https://memoriamedia.net/index.php/viagem-ao-maravilhoso/1286-bugios-e-mourisqueiros>
- Pinto, M. (2009) “Viagem ao Maravilhoso” - O vídeo de Carlos Brandão Lucas. Consultado a 09 de fevereiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2009/06/viagem-ao-maravilhoso-o-video-de-carlos.html>



**“É o sonho de ser,  
um dia por ano,  
dono do mundo.”**

**Hélder Pacheco**

*Nuno Alexandre Ferreira*

Uma das grandes figuras da memória e cultura portuenses, Hélder Pacheco nasceu no Porto, na antiga Rua do Correio, a 31 de janeiro de 1937. Historiador social e cultural, pedagogo e profundo conhecedor das tradições populares, construiu ao longo de décadas uma obra singular dedicada à identidade do Porto e das suas gentes.

Formado em Belas-Artes, Ciências Pedagógicas e História, completou ainda formação em várias universidades europeias, sempre com foco na educação, património e desenvolvimento cultural. A sua carreira docente (desde o ensino preparatório ao superior, passando pela inspeção e coordenação pedagógica) revela um percurso marcado pela inovação educativa e pelo compromisso cívico. Participou em comissões de reforma educativa e foi responsável por projetos pioneiros de ligação entre escola, cidade e património, como A Escola à Descoberta do Porto e Ler o Porto.

Enquanto investigador e divulgador cultural, publicou centenas de estudos, crónicas e ensaios em revistas especializadas, jornais e meios de comunicação, incluindo colaboração regular na Antena 1 e no Jornal de Notícias. Coordenou levantamentos exausti-

vos sobre tradições regionais e foi voz ativa em comissões nacionais dedicadas à defesa do património.

A sua bibliografia, vasta, coerente e profundamente afetiva, constitui um verdadeiro arquivo vivo do Porto. Obras como Tradições Populares do Porto, Porto: A Cidade é um Sentimento, Porto: Memória e Esquecimento, Ver o Porto ou Ainda e Sempre Porto tornaram-se referências incontornáveis para quem procura compreender o espírito da cidade, o quotidiano das suas freguesias e a herança cultural das comunidades.

Distinguido com inúmeras condecorações, entre as quais o título de Grande Oficial da Ordem do Mérito, Hélder Pacheco é reconhecido como guardião da memória portuense. A sua escrita, ao mesmo tempo rigorosa, humana e profundamente poética, preserva aquilo que muitas cidades deixam escapar: a alma.

Num tempo em que o passado se dilui com facilidade, o seu trabalho recorda-nos que a história se faz de pessoas, gestos e lugares. E que o Porto, visto por Hélder Pacheco, é mais do que uma cidade: é um sentimento que se transmite de geração em geração.

(...) e por isso eu gosto desta festa



Bugio (foto de Helder Pacheco, 1986)

Numa das suas obras, O Grande Porto (1986), Helder Pacheco dedicou dezenas de páginas aos concelhos que envolvem a Invicta, nomeadamente Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo e Vila Nova de Gaia. Sobre Sobrado, criou uma das descrições mais vívidas alguma vez escritas sobre a freguesia. Do Rio Ferreira à Capela de São Gonçalo, da Fábrica da Balsa, da crescente indústria do mobiliário bem como sobre o declínio da CIFA, das tradições, de Quintarrei, Feira das Abelhas, da Capela de São Gonçalo e do lugar da Senhora das Necessidades, nenhum fragmento lhe escapou.

Da Bugiada e Mouriscada, escreveu um brilhante texto, mas não se ficou por aí. Mesmo no início do livro, surge uma fotografia da Dança do Cego, seguindo-se em jeito de capa sobre o concelho de Valongo,

o que ele designou “Retrato de um Bugio: Sobrado (24 de junho, 1986):

Nesse texto, escreveu:

“O sonho é ir de bugio e a bugiada torna-o realidade. O sonho dos pobres (e, como o sonhar também enche a barriga, contaram-me que, em Sobrado, um pai levava os filhos a dançar na bugiada para esquecerem a fome). Sonhos de momentos: danças, rituais insólitos, trajos inesperados, fantasias e sonoridades esquecidas. Castanholas e guizos. As cores berrantes, chamando a atenção: este é o meu sonho. E a máscara é presença onnipotente, chave da transmutação. (Quem somos nós, que a vida é um instante?). Máscaras fantásticas, ocultando rostos. «Quem vai ali?» ninguém sabe, e o bugio não pára, a dançar, a

dançar. A correr, a voar pela festa. «Ali vai a minha roupa de bugio». «Então emprestou a roupa?» «Pois! Ai que desgosto, ando aqui aleijado duma perna e num posso andar ós saltos. Bem me custa ver outros com a minha roupa e a minha máscara!». Perguntei a um bugio que descansava da corrida: «Foi você que fez o traje?». «Eu num sei costurar, mandei-o fazer a uma costureira». «Há quatro anos que venho de bugio». Esta, sim, é a Festa. É o país dos encantamentos que resistem. É o sonho de ser, um dia por ano, dono do mundo. Feito bugio, escondido por detrás da máscara. É a alegria (e a dor?)”.

A força desta descrição levou Américo Coelho a escrever, em jeito de comentário:

“Revejo-me, exatamente neste texto, porque isso já me aconteceu. Ninguém calcula (a não ser quem costuma lá andar) o quanto custa vermos a nossa

farda passar, e sabermos que quem deveria ir dentro dela seríamos nós. É um dia muito triste, apesar de saber que alguém está feliz, e ao mesmo tempo não «estando lá» estamos a contribuir de alguma forma, para que a tradição seja cumprida. Este texto traduz na plenitude todos os sentimentos e emoções que se vive nesse dia. Até parece que foi um Bugio que o escreveu (...).”

Helder Pacheco recorreu também às descrições de Rodney Gallop (1961) e de Manuel Pinto (1983) sobre a festa, mas acrescentou-lhes uma leitura mais humana e social do que sociológica ou etnográfica. O título que escolheu já anuncia essa visão:

“A festa do S. João (conhecida pela Bugiada de Sobrado, onde o verão triunfa do inverno e, apesar de tudo, o bem do mal)”.

Sobre a festa, escreveu:

“Mas, aqui, o Bem é anarca, rude sujo, mal vestido, malcriado, desordeiro. São os Bugios. E o Mal é bonitinho, asseado, impecável, apumado. São os Mouriscos. (como explicar às crianças que os feios são bons, contrariamente ao que deles diz a propaganda?) É a subversão das verdades estabelecidas (e por isso eu gosto desta festa).”

Descreve ainda o arraial, os trajes, as coreografias e rituais. Com surpresa, pergunta:

“(...) são intrigantes as danças e as coreografias. E os trajos. Quem os inventou? (disseram-me que, dantes, na orquestra dos Bugios apareciam instrumentos arcaicos, há muito desaparecidos.)”

Para Pacheco, o auge da festa é a batalha ritual entre Bugios e Mouriscos, passando pela Prisão do Velho, pelas trocas diplomáticas, pelos tiros de pólvora, pela conquista do palanque dos Bugios pelo Reimoeiro. Neste ano de 1986, o Velho da Bugiada foi Alberto



Dança de entrada dos Bugios (foto de Helder Pacheco, 1986)



Reimoeiro (Joaquim de Sousa Pinto) e Mourisqueiros (foto de Hélder Pacheco, 1986)

Batata e o Reimoeiro foi Joaquim de Sousa Pinto. Mas, como narra:

*“(...) quando tudo parece ganho para os Mouros, aparecem uns Bugios, trazendo monstruoso dragão (...), pondo os inimigos em debandada. Aqui, como durante a função, o réptil é talismã. (...)”*

E conclui com entusiasmo:

*“É assim. Eu não acreditava, mas pecador me confesso, quem nunca viu a bugiada não percebe o que é a paixão da festa na sua mais funda condição.”*

O que torna esta descrição tão singular é o humanismo com que vê a festa até ao último sopro do dia:

*“Ao cair da noite, próximo das oito, tudo acaba. Sentado na beira da estrada, esperando que o trânsito acalme, vou vencendo o desfazer da festa. Os Bugios regressam a casa, suados, as máscaras na mão. Perderam o ar misterioso e são gente calma. A fadiga derrota-os. Passou um de espingarda, com a mulher ao lado e o filho ao colo a dormir. O Bugio, máscara terrífica, afaga, mansamente, o rosto da criança, e diz para alguém da janela: «então até pró ano». E diz um homem*

*para o filho: «pró ano vais de Bugio, eu compro-te um fato». Passa um Bugio de barbas brancas, com a mulher e um casal de filhos; o rapaz levante a máscara e o chapéu.*

*E passa outro com a namorada e a futura cunhada, a servir de pau-de-cabeleira (mas agora nem havia perigo, porque os Bugios vão derreados e não podem com uma gata pelo rabo, quanto mais com arroubos amorosos impróprios das normas). A velha de brincos de ouro, vestida de negro, mãos tismadas e veias grossas – do trabalho da terra – sentou-se no muro, ao meu lado, olhou para mim e disse: «A nossa festa continua linda, foi um ror de gente.»*

*Veio uma rapariga e pegou-lhe na mão: «Avó, venha pra casa, que já é tarde»; «Vou já, deixa só ver mais um bocado. Pró ano posso num estar cá.» (Pois, penso eu, nesta luta fingida entre a Vida e a Morte, já que a Vida ganhou, é preciso aproveitar e ser feliz. Daqui a um ano, amanhã, daqui a um minuto, ninguém sabe o que será: num momento se está vivo, no outro se está morto. E no meio não há nada.)”*

Manuel Pinto, reconhecendo a sensibilidade desta obra, escreveu:

*“No exemplar que me dedicou, o autor agradece o ter-lhe ‘desvendado o rosto desse país fantástico e ter-no que permanece na Bugiada de Sobrado.’”*

Todo este conjunto de descrições mostra a extraordinária capacidade da Bugiada e Mouriscada de cativar



Romeiros de S. João (foto de Hélder Pacheco, 1986)

e apaixonar até quem dela nada sabia. Mas mostra, sobretudo, a firmeza do olhar de Hélder Pacheco: um olhar que não se limita a registar factos, mas que os transforma em memória viva, em emoção partilhada, em pertença.

Através da sua escrita, Sobrado, o Porto e todas as suas tradições sobrevivem, não como meros objetos de estudo, mas como territórios afetivos, lugares onde o passado e o presente se reencontram. Porque, para ele, a cultura não é apenas aquilo que herdamos; é aquilo que continuamos a amar.

#### Bibliografia

- Pacheco, H. (s/d) Sobre Hélder Pacheco. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://helderpacheco.wordpress.com/notas-sobre-o-porto-de-helder-pacheco/about/>
- Pinto, M. (2011) “O sonho de ser, um dia por ano, dono do mundo” Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/12/o-sonho-de-ser-um-dia-por-ano-dono-do-mundo.html>
- Pinto, M. (2013) (6) Quais são alguns dos desafios que a Festa de S. João de Sobrado enfrenta?. Consultado a 26 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/06/6-quais-sao-alguns-dos-desafios-que.html>
- Pacheco, H. (1986) O Grande Porto. [Novos Guias de Portugal]. Lisboa: Editorial Presença





# Fernando Caínha

## A paixão pela mouriscada

Nuno Alexandre Ferreira

Há pessoas que passam pela vida e há outras que ficam a viver na memória de uma terra inteira. Em Sobrado, quando se fala de paixão, entrega e compromisso na Mouriscada, há um nome que surge com uma naturalidade quase sagrada: Fernando Caínha.

Manuel Fernando Gaspar Moreira nasceu a 29 de junho de 1967. Partiu cedo demais, a 26 de setembro de 2003, com apenas 36 anos, vítima de um acidente perto de casa. Mas há vidas que não se medem por anos, mas pela intensidade com que se entregam. E a de Caínha foi vivida com o coração inteiro, sobretudo quando o assunto era o São João de Sobrado.

Motorista de profissão, protagonista da tradição por destino, é um dos mais recordados Reimoeiros da história recente da festa. A sua ligação à Bugiada e Mouriscada começou cedo, ainda rapaz. Durante oito anos foi Bugio. O corpo dançava de um lado, mas o coração já batia noutro. Como ele próprio confessou, “(...) tinha sempre aquela paixão de ir de Mourisqueiro (...)”. Faltava apenas o empurrão certo. Um dia, deixou de adiar o que já lhe ardia por dentro e atravessou a fronteira.

O percurso que fez na Mouriscada foi rápido, mas profundamente simbólico. Não foi uma subida feita de pressa; foi uma caminhada feita de entrega. Contou-o assim, com a simplicidade de quem fala da própria vida:

*“Fui oito anos de bugio, ao fim de oito anos passei a ir de mourisqueiro. Primeiro fui à linha, depois comecei a ir no meio, fui de rabo, fui dois anos de guia, ao fim de dois anos de guia fui de rei mouro.”*

Cada posição que ocupou não foi apenas um lugar na Mouriscada: foi um degrau na construção de uma presença que se tornaria inesquecível. Quando chegou a Reimoeiro, não vestiu apenas uma farda. Vestiu a responsabilidade de representar uma história maior do que ele.

O ano de 1995 ficou gravado como um dos mais marcantes da Mouriscada. Caínha foi o Reimoeiro. Do outro lado da festa, Joaquim Silva (Quim Miranda) foi o Velho da Bugiada. José Marujo assumiu a narração e António Moreira (Tone Pisca) foi o juiz. Mas, para muitos, foi sobretudo o ano em que a figura do Rei Mouro ganhou uma dimensão quase mítica.



Mourisqueiros em casa do Reimoeiro (foto de Manuel Fernando Moreira, 1995)

Para Caínha, chegar ali era cumprir um sonho antigo. Numa entrevista ao Museu da Língua Portuguesa, disse: “É um sonho que uma pessoa tem, se chegar àquele ponto de rei mouro.” E explicou o que sentia pela festa com a emoção crua de quem não sabe amar pouco: “O significado desta festa é ser uma festa única, embora haja outras festas, mas como esta, sei lá! As pessoas vêm que uma festa como esta não há em lado nenhum e sentem uma enorme satisfação por ter uma festa dessas na freguesia.”

Mas o brilho do dia de São João escondia o peso dos meses que o antecediam. Ser Reimoeiro não era vaidade — era sacrifício. Era tempo roubado ao descanso, à família, ao próprio corpo. Ele próprio descreveu esse lado invisível da festa:

*“a festa afeta na questão de uma pessoa ter os preparativos para o dia da festa. Perde-se muito tempo porque o Rei Mouro tem que equipar os Mourisqueiros e o Mourisqueiro gasta muita coisa, das plumas a umas plainas que se leva nos sapatos. E, nesse caso, o Rei Mouro é que tem a preocupação de equipar o Mourisqueiro de cima a baixo e nem sempre a Comissão de Festas tem tudo. Às vezes há aquela Mouriscada que leva*

*muitos Mourisqueiros e tem que se pedir a outras pessoas de fora, que realmente já tenham essas coisas, já foram há mais anos, e uma pessoa tem que perder tempo e desgaste físico. Eu, por exemplo, nesse ano que fui de Rei Mouro emagreci cinco quilos. Nesse ano que fui de rei não tinha hora de chegar a casa. Havia dias que nem ia trabalhar de tarde porque me deitava muito tarde, ia cedo para o trabalho e não tinha hipótese de trabalhar.”*

Em 1995, a Casa do Bugio e do Mourisqueiro ainda não existia. Os ensaios faziam-se onde era possível e o último, o ensaio dos tremoços, aconteceu nos armazéns do juiz.

No dia grande, 24 de junho, Caínha saiu de casa na Rua São João de Sobrado, junto à Ermida de São José, no Refojo. Vestia uma farda listada de tons esverdeados, barretina a condizer, coroada com plumas brancas e bordôs, polainas e polainitos brancos. Alto, firme, austero, mas com um fogo nos olhos que só quem ama verdadeiramente a festa consegue ter e, sobretudo, demonstrar.

Na procissão, como acontecia antigamente, o Reimoeiro e os seus guias integraram a dianteira dos an-

dores, e não a frente de São João. O Caixa dos Mourisqueiros foi Zé Malhado. A festa correu dentro da tradição, e a Dança do Santo, a última do dia, ainda aconteceu sob a luz do sol, como se até o tempo tivesse querido prolongar aquele momento.

Quando lhe perguntaram o que era a paixão, Caínha respondeu de forma simples e com o coração:

*“Paixão é o sentir! A paixão verdadeiramente daquela pessoa que vai no dia de São João de Rei Mouro. Só a emoção que a pessoa sente em cima do palanque e no restante dia, desde a manhã que começa a festa até à prisão do velho e à última dança que se faz, é aquela alegria que uma pessoa sente.”*

E quem o viu dançar sabe que não eram palavras bonitas, mas a descrição exata do que ele fazia.

Emanuel Oliveira, que teve a sua primeira participação na Mouriscada em 1995 e posteriormente se

tornou Reimoeiro em 2004, guardou-o para sempre como referência maior:

*“Ele foi o meu primeiro Reimoeiro. Ele era um espetáculo! Para mim foi o melhor Reimoeiro que eu acompanhei! Como postura, como personalidade e mesmo em termos de dança. Do que eu me recordo, ele foi o único que fez a Dança do Sobreiro do princípio ao fim, completa e sem cortes, tendo batido todos os Mourisqueiros, um a um. Como pessoa era excelente, muito acarinhado por toda a gente. Do Dia de São João em 1995, lembro-me que o jantar foi na Casa do Tone Pisca, meu tio, na Lomba, e tivemos de vir a correr, porque era longe e algumas barretinas ficaram sem espelhos porque já estávamos atrasados para a cruzada antes do Roubo do Santo. Foi um Reimoeiro fenomenal na minha opinião e sempre foi uma referência para mim.”*

Em 2008, Manuel Pinto, no seu blog bugiosemourisqueiros.blogspot.com, lançou um pedido, por su-



Troca de oferendas (foto de Manuel Fernando Moreira, 1995)



Procissão de São João (foto de Manuel Fernando Moreira, 1995)

gestão de Pedro Vale, de se dedicar um mês a uma figura da festa de São João de Sobrado, tendo mencionado Fernando Caínha como a sua primeira opção. Seguiram-se alguns comentários e num deles, possivelmente do proponente do tema, o seguinte:

*“Numa família de Bugios como a minha quase foi um sacrilégio eu ter ido de Mourisqueiro. Para mim os Mourisqueiros sempre foram secundários até ao momento que por intermédio do Fernando reparei neles. Tive o orgulho e a maior das honras dele ter sido o meu primeiro Reimoeiro. a ele devo uma das minhas maiores alegrias: o facto de ter sido Reimoeiro. Todo o meu percurso como Mourisqueiro tentei imita-lo, pois se temos algo para fazer devemos fazê-lo da melhor forma - e ele foi o melhor, quer como Mourisqueiro quer como pessoa. pela postura pela atitude pela agilidade - o meu ídolo.”*

#### Bibliografia

- Pinto, M. (2008) Um desafio aos leitores: Quem sabe algo sobre Fernando Caínha? Consultado a 27 de janeiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/04/um-desafio-aos-leitores-quem-sabe-algo.html>

Quando Fernando Caínha partiu, Sobrado não perdeu apenas um homem. Perdeu um líder, uma figura incontornável da Mouriscada. A dor foi coletiva, porque toda a gente reconhecia nele algo raro: alguém que não estava na festa por vaidade, mas por amor verdadeiro.

Mas há pessoas que não desaparecem. Ficam nas memórias contadas vezes sem conta, nas imagens antigas, nos gestos que outros repetem sem dar conta, nas comparações inevitáveis que surgem todos os anos. O nome de Caínha continua a ser dito com respeito, com carinho e com aquela pontinha de emoção na voz.

E sempre que a Mouriscada sai à rua, a sua presença é sentida. Porque há pessoas que passam pela festa... e há outras que se tornam parte dela para sempre.



Fernando Caínha e seus pais (foto de Manuel Fernando Moreira, 1995)

# Bárbara Alge

## A austríaca que investigou a Bugiada e Mouriscada

Nuno Alexandre Ferreira

Barbara Alge (n. 1981, Áustria) é uma etnomusicóloga austríaca e professora universitária. Desde 2019, é professora de Etnomusicologia na Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt am Main, onde também atuou como professora interina entre 2017 e 2019.

Alge estudou violoncelo no Conservatório Estadual de Vorarlberg e, posteriormente, no Conservatório de Viena. Paralelamente, iniciou estudos em musicologia na Universidade de Viena, com ênfase em estudos franceses, concluindo o mestrado em Artes em 2004. Durante sua formação, realizou um intercâmbio Erasmus em Paris (Saint-Denis) e participou de seminários de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa. Entre 2005 e 2006, continuou seus estudos de violoncelo em Portugal.

Em 2008, obteve o doutorado (Dr. phil.) em Etnomusicologia pela Universidade de Viena, sob orientação de Gerhard Kubik, com a dissertação “O mouro” na imaginação de comunidades rurais do norte de Portugal – um estudo de dramas de dança em contextos religiosos.

Entre 2009 e 2017, atuou como professora adjunta de Etnomusicologia na Universidade de Música e Teatro de Rostock (Hochschu-

le für Musik und Theater Rostock). Em 2016, concluiu sua habilitação nessa instituição, obtendo a *venia legendi* em etnomusicologia/musicologia, com uma tese dedicada à música brasileira e suas conexões com o colonialismo. No mesmo ano, foi professora visitante no Departamento de Musicologia da Universidade

de Viena. Em 2013, atuou como professora visitante na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Durante o período em Frankfurt, concluiu também um mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Humboldt de Berlim, em 2018, refletindo seu interesse pelas humanidades digitais e pela gestão do conhecimento acadêmico.

Barbara Alge é igualmente membro da equipa de investigação do INET – Instituto de Etnomusicologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Seus principais interesses de pesquisa incluem: música e dança no mundo lusófono, música e pós-colonialismo, construção de identidades pós-coloniais, etnografia, música global, humanidades digitais e ciência da informação.

Seu trabalho tem especial foco em Portugal, Brasil (Minas Gerais) e São Tomé e Príncipe, articulando música, etnografia, história e colonialismo.

### Danças mouriscas no Norte de Portugal: tese de doutoramento de Bárbara Alge

Barbara Alge esteve em Sobrado nos anos de 2004 e 2005, regressando em 2007, para realizar investigação de terreno sobre a Bugiada e Mouriscada, no âmbito da sua tese de doutoramento intitulada *O Mouro na Imaginação de Comunidades Rurais do Norte de Portugal – Um Estudo de Danças Dramáticas em Contextos Religiosos*. A tese foi defendida a 31 de janeiro de 2008 na Universidade de Viena, na Áustria.

A dissertação, com mais de 330 páginas, é acompanhada por dezenas de fotografias e por um DVD, encontrando-se redigida em língua alemã. Trata-se de um trabalho de extrema importância para o estudo da festa, não só pela profundidade e qualidade da investigação realizada, mas também por ter sido conduzida por uma etnomusicóloga estrangeira, o que atesta a relevância folclórica da Bugiada e Mouriscada no contexto europeu.



Bugiada (foto de Barbara Alge, s/d)

Acresce ainda o facto de se tratar de uma investigadora mulher e de o estudo se centrar de forma particular nas danças e na música da festa, sem descurar a componente etnográfica mais ampla, sustentada por um vasto conjunto de entrevistas.

Manuel Pinto escreveu sobre a apresentação desta tese e indicou um resumo da tese de Bárbara Alge que é importante reproduzir:

*“(...) Baseada em pesquisas de campo levadas a cabo pela autora entre 2004 e 2007, esta dissertação, escrita em alemão, estuda performances de cristãos e mouros em festas religiosas no Norte de Portugal: a festa do São João Baptista chamada “Bugiada” em Sobrado a 24 de Junho de 2005, a Festa dos Caretos, em Torre de Dona Chama, a 26 de Dezembro de 2005 e o Auto da Floripes, em Neves, a 5 de Agosto de 2006.*

*Apesar de se distinguir no que respeita à forma, — porque se trata dum dança, dum drama de luta e dum teatro popular —, estas performances podem ser atribuídas ao género performativo da “mourisca”. A autora usa o termo “dança dramática” para todas as formas estudadas.*

*A “mourisca” é uma dança dramática, por vezes ritual, muitas vezes processional, de carácter exótico, e em parte com elementos guerreiros. Também pode ser uma representação teatral dum luta entre cristãos e mouros. Nas suas diferentes formas, as mouriscas são encontradas na Europa e noutros continentes devido a processos de colonização. Em Portugal, a mourisca, na sua variante dum batalha entre cristãos e mouros, é hoje encontrada sobretudo no Norte do país. A dissertação concentra-se nesta variante.*

*Diferentes autores deduzem a mourisca dum dança dos mouros. Uma análise da literatura sobre este fenómeno cultural demonstra que danças dramáticas com alguma relação com os mouros são associadas ao termo “mourisca”.*

*No entanto, o termo “mouro”, em Portugal, não designa apenas os mouros históricos da Península Ibérica, mas é um termo complexo, cujas significações são explicadas nesta tese.*

*A dissertação parte da hipótese que o “mouro” como lembrança dum figura da história de Portugal (o mouro histórico), assim como mito (“o tempo dos mou-*

*ros”) e como figura projectiva (imaginário local, lendas) ainda se encontra no imaginário de comunidades rurais no Norte de Portugal, e que este facto também se manifesta nas danças dramáticas de mourisca.*

*A introdução da tese de doutoramento apresenta a história dos mouros na Península Ibérica e a política cultural em Portugal e explica o processo de composição desta obra.*

*A parte principal da tese divide-se numa parte etnográfica em que os resultados do trabalho de campo são apresentados, numa parte com uma análise crítica da literatura, e numa parte em que os termos “mouro” e “mourisca” são analisados com base na primeira e segunda parte.*

*As conclusões são deduzidas dum análise da parte principal e discutem-se as seguintes questões: 1) Porque é que a mourisca é associada ao mouro?, 2) O mouro pode ser utilizado como unidade significativa numa comparação de mouriscas?, e 3) Porque é que o imaginário do mouro e performances de mourisca se encontram no Norte de Portugal actualmente?*

*No contexto da questão 2 é demonstrado que o mouro das variantes de mourisca estudadas apresenta características formais e semânticas apesar de diferentes contextos de realização. Estas características correspondem em parte a observações feitas por outros autores em Espanha e no México. A questão 3 discute o Como e o Porquê da transmissão dos fenómenos culturais estudados. Pontos importantes são a liderança com o passado histórico e a criação da identidade nacional e local.*

*Os anexos contêm um glossário de palavras portuguesas, transcrições musicais e coreográficas, o texto do Auto da Floripes, correspondência pessoal com informantes, a agenda das pesquisas de campo da autora, uma bibliografia com obras referidas e consultadas, uma lista das ilustrações e a descrição do DVD de acompanhamento.*

*O manuscrito da dissertação contém 490 páginas (1,5 espaço entre linhas), 48 fotografias e outras ilustrações, assim como um DVD de acompanhamento ilustrando as performances.”*

## A Bugiada e Mouriscada em 2005



Dança do Sobreiro com o palco ao fundo (foto de Barbara Alge, 2005)

Na sua tese de doutoramento, Barbara Alge descreve de forma detalhada o modo como se desenrolou o seu trabalho de campo e as sucessivas visitas à vila de Sobrado. Atendendo ao facto de a dissertação se encontrar redigida em língua alemã, apresenta-se seguidamente uma versão traduzida de excertos considerados particularmente relevantes:

*“Em 29 de novembro de 2004, visitei Sobrado pela primeira vez, tendo viajado de autocarro desde São Pedro da Cova, atravessando a serra de Cuca-Macuca, onde, segundo a tradição, terá ocorrido a lenda dos Mouros de Valongo. Em Valongo, conheci a diretora do Museu Municipal, Paula Machado. (...)”*

*No dia anterior, 28 de novembro de 2004, teve lugar a festa em honra de Santo André, padroeiro de Sobrado (...). Na Junta da Freguesia recolhi folhetos informativos sobre a localidade. Mais tarde, visitei o fotógrafo de Sobrado, onde tive oportunidade de assistir a filmes da Bugiada de 1990 e 1994. Realizei também as minhas primeiras entrevistas com José Marujo e Margarida Pinto. Em 26 de março de 2007, voltei de autocarro de Valongo para Sobrado e observei vários homens — incluindo membros da Bugiada — reunidos na praça principal.”*

Relativamente ao dia 24 de junho de 2005, data da realização da Bugiada e Mouriscada, as descrições da

autora são particularmente extensas e reveladoras, começando pelos primeiros momentos da manhã:

*“Como a famosa festa de São João do Porto acontece na noite de 23 para 24 de junho, poucas pessoas da região fazem o esforço de continuar as celebrações em Sobrado no dia seguinte. Conversando com moradores de cidades próximas do Porto, percebi que a Bugiada de Sobrado não é muito conhecida. Eu própria passei a noite na festa de São João, no Porto. De manhã, apanhei o comboio do Porto para Valongo, onde encontrei Natália (com cerca de 25 anos) na paragem de autocarro. Também ela se dirigia a Sobrado para participar como bugio. Contou-me que isso representava um sacrifício àquela hora do dia e depois da noite passada nas festas do Porto, mas que queria muito ir de Bugio porque tem ‘fé’ e ‘paixão’ e considera a festa muito bonita.”*

Sobre o ambiente vivido em Sobrado nesse dia de São João de 2005, Barbara Alge recorda:

*“A atmosfera da Bugiada e Mouriscada, em 24 de junho de 2005, era composta pelas barracas do arraial — que vendiam doces, sapatos, bolsas, chapéus, CDs e cassetes —, pela multidão, pelo cheiro a faturas, bifanas e outras frituras, pela música do Hino de Sobrado difundida pelos altifalantes, pelo ruído do recinto da feira e pelas ruas, janelas e varandas decoradas, algumas delas adornadas com mantas. Tal como no São João do Porto, também se vendiam martelos de plástico que rangiam. Comparativamente a outras festas portuguesas, havia poucos vendedores estrangeiros, o que, segundo Manuel Pinto, se devia ao facto de a festa ser menos conhecida e de Sobrado não ser uma cidade. Após as danças em frente à igreja, os personagens e o público dirigem-se para almoçar, sendo que alguns fazem piqueniques no parque do Largo do Passal. (...)”*

Barbara Alge realizou um trabalho de investigação notável que, por se encontrar redigido em alemão, permanece ainda pouco analisado e explorado em Portugal. No âmbito da sua pesquisa, entrevistou, entre outros, Benjamim Enes Pereira, José Marujo, o pároco de Sobrado, Manuel Pinto, André Marujo, Manuel

Moreira e António Pinto. Recolheu igualmente partituras do Hino de São João de Sobrado, bem como melodias associadas aos Bugios e aos Mourisqueiros.

O conjunto da sua tese constitui uma fonte de enorme relevância para a compreensão da Bugiada e Mouriscada nos inícios do segundo milénio, bem como nas décadas anteriores, em particular através do valioso corpus de entrevistas e da análise aprofundada das componentes musicais, coreográficas e etnográficas da festa.

### A Cedência do seu acervo



da esquerda para a direita: Adelino Moreira, André Marujo e José da Silva (foto de Barbara Alge, 2007)

A 26 de janeiro de 2022, a Associação São João de Sobrado entrou em contacto com a autora, inicialmente por correio eletrónico, seguindo-se um contacto telefónico. A conversa, embora breve, revelou-se muito interessante e esclarecedora.

Apesar de ser austríaca, Barbara Alge demonstrou um excelente domínio da língua portuguesa, falando com um ligeiro sotaque brasileiro, resultado do facto de ter vivido e desenvolvido trabalho de investigação em etnomusicologia tanto em Portugal como no Brasil.

Durante a conversa, informou que todo o seu acervo audiovisual, composto essencialmente por vídeos recolhidos no âmbito da investigação, se encontra depositado no Arquivo Sonoro de Viena. Referiu ainda que essa instituição permite a cedência dos materiais e que, da sua parte, autorizaria igualmen-

te a disponibilização do acervo à Associação São João de Sobrado. A autora explicou também que se deslocou a Sobrado enquanto se encontrava a estudar em Lisboa, ficando alojada na casa de uma amiga em São Pedro da Cova (Gondomar). Sempre que realizava trabalho de campo em Sobrado, regressava a essa residência. Relativamente ao registo fotográfico realizado durante a investigação, esclareceu que as fotografias se encontram guardadas em disquetes, sendo atualmente muito difícil a sua recuperação, atendendo às limitações tecnológicas do período em que foram produzidas.

A autora cedeu de imediato uma cópia da sua tese, redigida em língua alemã, ao arquivo da Associação São João de Sobrado, concretizando assim uma promessa anteriormente feita a Manuel Pinto, que até então permanecia por cumprir: “Uma cópia para a Associação da Casa do Bugio foi já prometida pela autora.”

No que respeita ao seu acervo videográfico, o mesmo encontra-se atualmente em processo de cedência, no âmbito de uma iniciativa conjunta desenvolvida pela Associação São João de Sobrado e pelo CDBM — Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada.

**Hino de Sobrado (Marcha de São João, Marcha da Entrada, siehe DVD Nr. 2)**  
Teil A, B und C

Parte da partitura do Hino São João de Sobrado (Partitura de Bárbara Alge, 2005)

**Dança dos Bugios (siehe DVD Nr. 4)**  
Violenen, rabecas

Melodia da Dança dos Bugios (violinos) da Bugiada de Sobrado em 24 de junho de 2005 (Partitura de Bárbara Alge, 2005)

### Bibliografia

- Pinto, M. (2008) Danças mouriscas no Norte de Portugal: tese de doutoramento de Bárbara Alge. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/06/danas-mouriscas-no-norte-de-portugal.html>
- Goethe, U. (s/d) Alge, Barbara. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em [https://www.uni-frankfurt.de/68807545/Barbara\\_Alge](https://www.uni-frankfurt.de/68807545/Barbara_Alge)
- HMT (2016) Musikwissenschaftlerin Barbara Alge habilitiert. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em <https://www.hmt-rostock.de/aktuelles-service/medieninformatoren/detail/n/musikwissenschaftlerin-barbara-alge-habilitiert-4613/>
- Wikipedia (2025) Barbara Alge. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em [https://de.wikipedia.org/wiki/Barbara\\_Alge](https://de.wikipedia.org/wiki/Barbara_Alge)
- Alge, B. (2012) Die Mourisca aus Portugal - Botschafterin zwischen den Kulturen. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em [https://www.academia.edu/28842549/Die\\_Mourisca\\_aus\\_Portugal\\_Botschafterin\\_zwischen\\_den\\_Kulturen\\_2012\\_](https://www.academia.edu/28842549/Die_Mourisca_aus_Portugal_Botschafterin_zwischen_den_Kulturen_2012_)
- Alge, B. (2007) O “Mouro” como elemento comparativo em duas performances de Mourisca em Portugal. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em [https://revistataonline.weebly.com/uploads/2/2/0/2/22023964/omouro\\_barbaraalge\\_tae47\\_1-4\\_comp.pdf](https://revistataonline.weebly.com/uploads/2/2/0/2/22023964/omouro_barbaraalge_tae47_1-4_comp.pdf)
- Alge, B. (2006) A memória colectiva religiosa em danças dramática de Penafiel, Sobrado e Braga. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em <https://run.unl.pt/entities/publication/7fa7d2fb-7dd8-4a98-ab2d-3f799a222928>
- Alge, B. (2010) Die Performance des Mouro in Nordportugal. Berlin: VWB – Verlag für Wissenschaft und Bildung



Vários participantes da Bugada e Mouriscada, em particular da família Busca e amigos. (foto de Helder Trino, anos 90)

# Cristina Araújo

quando uma mulher escreveu o que os homens representavam

Numo Alexandre Ferreira

Durante grande parte do século XX, a Bugiada e Mouriscada de Sobrado foi vivida, narrada e legitimada maioritariamente por homens. É neste território simbólico profundamente masculinizado que surge o trabalho de Maria Cristina Cunha Araújo.

Natural de Valongo, onde tudo indica que continua a residir, Cristina Araújo, tirou o mestrado em História Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É professora do 2.º ciclo do ensino básico, profissão que sempre conciliou com uma atenção persistente à história local, às práticas culturais tradicionais e à dimensão antropológica da memória coletiva. Durante vários anos lecionou no Agrupamento de Escolas Vallis Longus, desenvolvendo projetos de valorização histórica e cultural, e mais recentemente integrou o Agrupamento de Escolas de Ermesinde.

Esta dupla condição — académica e profundamente enraizada no território — é fundamental para compreender a qualidade do seu trabalho. Cristina Araújo não observa a Bugiada à distância. Aproxima-se dela com método, mas também com empatia; com rigor científico, mas sem perder o contacto com a experiência vivida da comunidade.

Sobre a sua vida e carreira académica e profissional, pouco se conhece.

## Bugios e Mourisqueiros: O outro lado do espelho

Entre 2002 e 2004, no âmbito do Mestrado em História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Prof.ª Doutora Maria Conceição Meireles Pereira, desenvolveu a dissertação Bugios e Mourisqueiros: O outro lado do espelho. A apresentação pública do trabalho, a 15 de junho de 2004, contou com a presença de Benjamim Enes Pereira, uma das figuras maiores da antropologia portuguesa, sinal claro da relevância científica e etnográfica da investigação.



Tese de Cristina Araújo (foto de Nuno King, 2022)

A tese foi dedicada à sua mãe, Maria da Conceição Marques da Cunha (1943-1997), mas também a todos os Bugios e Mourisqueiros que dão vida à festa. Nos agradecimentos, Cristina Araújo mencionou todos os que contribuíram para a investigação, incluindo Manuel Moreira (Velho da Bugiada), Luís Silva (Reimoeiro), Adelino Dias (Maninho), Filipe, Vítor Hugo Moreira Pedro, José Marujo, António Pinto, e a Banda de S. Martinho, entre muitos outros. Em tom de homenagem, concluiu:

*“A todos, ofereço esse mundo tão belo, quanto único e subtil: a «Bugiada» de Sobrado.”*

Logo no início da tese, a autora sublinha a singularidade do fenómeno:

*“Em Portugal, este ritual parece ser único, pois não foram encontrados registos alguns, ou mesmo semelhantes, em relação à «Bugiada» de Sobrado.”*

Esta afirmação não surge como mero elogio da excecionalidade local, mas como ponto de partida para uma análise profunda de um ritual que articula história, mito, oralidade e identidade coletiva. Para Cristina Araújo, a Bugiada não pode ser compreendida como simples espetáculo folclórico. Trata-se, antes, de um sistema simbólico complexo, cuja lógica interna só se revela através da observação prolongada, da escuta dos protagonistas e da análise estrutural do ritual.

O trabalho de campo realizado pela autora é particularmente relevante. Cristina Araújo entrevistou figuras centrais da festa: Manuel Moreira (Velho da Bugiada), Adelino Dias (Maninho), José Marujo, Luís (Reimoeiro), entre outros Bugios e Mourisqueiros, recolhendo descrições factuais, memórias, interpretações e narrativas pessoais. Este material permitiu-lhe reconstruir os treze momentos fundamentais da festa (identificados por ela), sublinhando que muitos deles ocorrem em simultâneo, o que torna impossível uma perceção total do ritual por um único observador:

*“Como o observador é incapaz de estar em vários lugares ao mesmo tempo, para assistir à totalidade do ritual, a Festa da «Bugiada» foi relatada (...) aos microfones da Junta de Freguesia de Sobrado.”*

É precisamente esta fragmentação que conduz a autora a uma das imagens mais felizes da sua análise:

*“Analisar a estrutura da «Bugiada» é deparar com uma espécie de ‘puzzle’ bastante complexo e de difícil explicação.”*

Este “puzzle” é composto por “associações, simulações e metáforas” que, isoladamente, parecem não ter nexos, mas que, integradas, revelam uma coerência simbólica profunda. A festa funciona, assim, como uma narrativa ritualizada que se constrói no movimento, no corpo e na repetição.

Um dos contributos mais relevantes da tese de Cristina Araújo reside na análise da lenda da Bugiada enquanto estrutura fundacional do ritual. Longe de ser um simples relato mítico, a lenda funciona como matriz explicativa e legitimadora da festa:

*“No caso de Sobrado, criou-se a lenda da «Bugiada» na qual, de um modo inconsciente, os seus habitantes utilizaram os dados históricos existentes e introduziram-lhe, de um modo progressivo, um conjunto de elementos do maravilhoso popular (a figura da princesa e sua doença; a imagem de S. João; os mascarados e a serpe). O mito da Reconquista Cristã funde-se numa oralidade incessante e progride no sentido da lenda na qual todos os sobradenses identificam a origem da sua Festa, portanto a sua história.”*

*Deste modo, a lenda é, na consciência popular, a própria história que aconteceu há muito tempo e que permite aos sobradenses «saber quem são e onde estão e porque estão ali».*

*Assim, o acontecimento narrado, tornou-se numa verdade inquestionável no imaginário sobradense, mitificando-se. Nela, fundamenta-se a origem da Festa da «Bugiada», tornando-se uma explicação da mundividência histórica da própria comunidade de Sobrado.”*

*“Então, poderemos afirmar que a festa da «Bugiada» é um ritual sincrético de grande riqueza polissémica, que representa, de modo não expresso, a própria identidade de Sobrado.”*

Neste sentido, a festa assume contornos de transe coletivo, um momento de intensidade simbólica máxima:

*“O delírio colectivo da «Bugiada», verdadeiro transe, fermenta essa ‘paixão’, de que tanto falam os sobradenses e na qual a plenitude do ser é atingida.”*

Cristina Araújo interpreta esta “paixão” como expressão de pertença e de identidade, onde o indivíduo se dissolve temporariamente no corpo coletivo da comunidade. Daí que conclua:

*“Poderemos afirmar que a festa da «Bugiada» é um ritual sincrético de grande riqueza polissémica, que representa, de modo não expresso, a própria identidade de Sobrado.”*



Sequência fotográfica dos Mourisqueiros feita por Cristina Araújo (foto de Nuno King, 2022)

Importa sublinhar que este olhar profundamente analítico sobre um universo masculino foi realizado por uma mulher. Numa festa onde o corpo masculino é central e onde a autoridade simbólica é tradicionalmente detida por homens, Cristina Araújo ocupou um lugar distinto: o da intérprete, da mediadora entre o ritual e o pensamento. Não interferiu na prática, mas traduziu-a em conhecimento, dando-lhe espessura histórica e antropológica.

Apesar da relevância do trabalho, o reconhecimento institucional foi escasso e tardio. Apenas em 2022, quase vinte anos após a defesa da tese, a Associação Casa do Bugio procurou Cristina Araújo para conhe-

#### Bibliografia

- King, N. (2022) Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho (O São João de Sobrado- Valongo). Consultado a 10 de fevereiro de 2026 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2022/03/27/bugios-e-mourisqueiros-o-outro-lado-do-espelho-o-sao-joao-de-sobrado-valongo/>
- Araújo, M. (2004) Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho (o S. João de Sobrado- Valongo) Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

cer melhor a investigadora e o seu acervo documental. Um gesto que revela, também, as dificuldades que o mundo da tradição tem em reconhecer quem o estuda de forma crítica e fundamentada. Este encontro ocorreu em Valongo a 3 de janeiro de 2022 e nos registos do secretário da associação foi mencionado:

*“(...) foram 2 horas de muita conversa. Contou-me como foi o trabalho de campo, os contactos com o Sr. Maninho, Sr. Marujo e o Sr. Moreira (Velho da Bugiada). Ficou de nos ceder todo o acervo que tiver sobre a festa (fotografias, referências escritas, etc.). Falou-me muito em Júlio Carlo Baroja e que em 1989 um fotógrafo alemão de um museu de Munique tirou fotos ao S. João de Sobrado. Por fim agradeceu o Vinho e o Livro Rituais da Máscara que lhe oferecemos e disse que em 20 anos a Associação nunca tinha querido saber dela, até agora.” - Nuno Ferreira*

Hoje, Bugios e Mourisqueiros: O outro lado do espelho permanece como uma obra incontornável para compreender a Bugiada de Sobrado seja pela descrição da festa, dos seus rituais e personagens, mas também pela interpretação profunda da festa, da comunidade de Sobrado e da sua forma de estar no mundo.



José Marujo narrando a festa em 1996 (foto de Cristina Araújo, 1996)



A Dança dos Instrumentos criada através do ChatGPT (foto criada por Nuno King, 2026)

# A Dança dos Instrumentos

Uma dança que deixou de se fazer

Nuno Alexandre Ferreira

Entre as muitas camadas que compõem o universo simbólico e coreográfico da Bugiada e Mouriscada, há ainda muitas memórias para recuperar e muitas peças para se juntar neste puzzle tão belo, mas tão complexo.

Maria Cristina Cunha Araújo, na sua tese sobre a Bugiada e Mouriscada, menciona a existência no passado de uma dança que se deixou de “fazer”. É a “dança dos instrumentos”.

Uma memória que, de forma despercebida, foi transmitida por Adelino Dias, o “Maninho”, citado por Cristina Cunha, é a de uma dança que, nas suas palavras, “deixou de realizar-se”. Esta frase, simples e definitiva, abre uma porta para um passado festivo mais diverso do que o que hoje conseguimos observar. Era a Dança dos Instrumentos.

### Uma dança que desfilava

Segundo “Maninho”, tratava-se de uma dança “executada durante a tarde”, diferente das restantes pela sua organização visual. Não era uma roda, nem um confronto, nem uma cena dramática isolada. Era um grupo em desfile coreografado, estruturado e visualmente marcante:

“a dança dos ‘instrumentos’ era feita por doze elementos repartidos por seis filas paralelas, desfilando ao som dos instrumentos musicais que caminhavam na frente do grupo. Este era liderado pelo ‘Velho’ que ocupava uma posição central. As roupas eram à vianense — eram tão bonitas! Os passos eram os mesmos das outras danças”.

A imagem é clara: seis filas paralelas, músicos à frente, movimento coordenado pelo espaço. Mais do que uma dança para ser vista de perto, parecia pensada para ser observada como conjunto, quase como um quadro em movimento a atravessar o espaço festivo.

### O som que abria caminho

Um dos elementos mais invulgares é precisamente aquele que dá nome à dança: os instrumentos. Tal como foi mencionado “desfilando ao som dos instrumentos musicais que caminhavam na frente do grupo”, aqui nada de invulgar uma vez que todas as danças de Bugios e Mourisqueiros são realizadas com instrumentos (caixa dos Mourisqueiros, orquestra dos Bugios e até a Banda Musical), no entanto aqui o que é diferente é que a composição era muito específica (12 elementos) e a sua organização também (os elementos eram repartidos por seis filas paralelas).

Dentro do contexto da Bugiada, onde música e movimento estão profundamente ligados, esta configuração aponta para uma forma processional coreografada, talvez inserida num momento específico do ciclo festivo, hoje desaparecido ou absorvido por outras sequências.

### Trajes que faziam a dança brilhar

A memória afetiva do informante fixa-se também na imagem: “As roupas eram à vianense — eram tão bonitas!”. A exclamação é reveladora e direta. O traje à vianense, com a sua riqueza ornamental, não surge aqui como vestuário quotidiano, mas como marca de solenidade e exibição.

Isto sugere que a dança tinha uma função também visual dentro da festa: criar um momento de brilho coletivo, de representação identitária, onde o grupo se apresentava como corpo organizado e festivamente embelezado.

### O “Velho” no centro

Outro detalhe intrigante é a liderança da dança: “Este era liderado pelo ‘Velho’ que ocupava uma posição central”. A figura do “Velho” é fundamental na Bugiada estando associada à autoridade simbólica, à memória e à ordem ritual.

Aqui, colocado no centro da formação, ele parece funcionar como eixo humano da coreografia. Mesmo sem descrição de falas ou gestos teatrais, a simples presença dessa figura sugere que a dança não era apenas ornamental, mas carregava também uma dimensão simbólica integrada no universo festivo da Bugiada.

### A estranheza de ser igual... e diferente

Talvez o dado mais revelador seja este: “Os passos eram os mesmos das outras danças”. A diferença, portanto, não estava nos movimentos, mas na forma de os organizar no espaço, na presença dos músicos à frente, no traje e na figura central do “Velho”.

Isto faz da “dança dos instrumentos” algo particularmente interessante: não uma invenção coreográfica isolada, mas uma variação formal dentro do próprio sistema festivo da Bugiada. Uma maneira diferente de mostrar o mesmo vocabulário de passos, transformando a dança em desfile, imagem e encenação coletiva.

### Uma peça perdida do mosaico festivo

Esta descrição do Sr. Maninho transcrita por Cristina Cunha é importante e lindíssima. No entanto, mais ninguém se refere a esta dança. Será que existiu mesmo? Será que foi adulterada e integrada na Bugiada? ou será que foi outra tradição efémera que surgiu mas que entretanto desapareceu rapidamente? Algumas questões que ficam.

O facto de quase não existirem outras referências a esta dança não a torna menos plausível — pelo contrário, lembra-nos que as festas populares são organismos vivos, que ganham e perdem elementos ao longo do tempo. Quando “Maninho” afirma que a

dança “deixou de realizar-se”, está a assinalar o momento em que uma prática deixou de ser transmitida, ficando apenas na memória.

É possível que alguns dos seus elementos tenham sido integrados noutras partes da festa. Também é possível que tenha desaparecido quase por completo, restando apenas esta descrição como vestígio.

Mais do que uma curiosidade, esta dança recorda-nos que o património imaterial não é feito apenas do que resiste, mas também do que se perdeu pelo caminho. E, por vezes, é numa frase do próprio Maninho (“eram tão bonitas!”) que sobrevive a prova de que essa beleza existiu mesmo, dançou pelas ruas... e depois desapareceu.



Pormenor - A Dança dos Instrumentos criada através do ChatGPT (foto criada por Nuno King, 2026)

### Bibliografia

- Araújo, M. (2004) Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho (o S. João de Sobrado- Valongo) Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto



A equipa organizadora da Sarrabulhada da Comissão de 2012 (foto de Albino Pereira, 2011)

# 2012

## Uma comissão só de mulheres

Nuno Alexandre Ferreira

Em 2012, a Festa de São João de Sobrado viveu um momento absolutamente singular e, até hoje, irrepetido. Pela primeira vez, uma das festas mais emblemáticas e simbolicamente masculinas do concelho foi integralmente organizada por uma comissão composta apenas por mulheres, liderada pela juíza da festa, Lúcia Maria M. Leão B. Lourenço, e coadjuvada por mais 46 mulheres. Não foi apenas uma curiosidade organizativa: foi um acontecimento social com impacto simbólico profundo.



As mordomas diretamente para o Jornal de Notícias (foto de Jornal de Notícias, 2011)

Num território festivo historicamente marcado por uma forte presença masculina (sobretudo no imaginário associado à Bugiada e Mouriscada e à própria estrutura de poder das comissões) esta edição rompeu silenciosamente com normas não escritas, mas solidamente enraizadas. Não houve confronto direto, nem discurso reivindicativo explícito. Houve, isso sim, ação, competência e resultados.

### Organizar é também exercer poder

Do ponto de vista sociológico, organizar uma festa popular é exercer poder simbólico: decidir prioridades, gerir recursos, negociar apoios, definir narrativas e projetar uma imagem da comunidade para o exterior. Ao assumirem esse papel, estas mulheres ocuparam um espaço tradicionalmente masculino sem pedir licença e sem necessidade de comparação.

A comissão feminina não procurou “fazer igual aos homens” nem demonstrar superioridade. Reivindicou algo mais subtil e mais eficaz: o direito a fazer à sua maneira. E fê-lo com audácia, inovação e irreverência.

As iniciativas de angariação de fundos foram variadas e reveladoras de uma abertura a novos públicos e linguagens: torneios de futebol feminino, Bye Bye Summer Party, Rally Paper TT Trilhos São João, Queima

do Velho, Sarrabulhada, entre muitas outras. Foi também com esta comissão que o Ensaio dos Tremoços passou a figurar nos cartazes oficiais da festa, sinal claro de uma abordagem mais inclusiva e experimental.

### Impacto local, eco nacional

O facto de a comissão ser composta exclusivamente por mulheres não passou despercebido. Pelo contrário: foi suficientemente impactante para merecer destaque no Jornal de Notícias, projetando Sobrado para além das fronteiras locais e transformando a festa num caso de estudo informal sobre género e tradição.

Como sublinhou Manuel Pinto posteriormente:

*“Comissão de Festas: em Sobrado não era novidade haver comissões constituídas só por mulheres. Creio que pelo menos já houve na Festa da S<sup>a</sup> das Necessidades. Mas na Festa de S. João, que é território ainda muito masculino, foi a primeira vez, o que merece registo. A imagem que passou para o exterior foi de que formaram equipa e trabalharam equipa. E, como era de esperar, deram conta do recado. Entre outras iniciativas, a Comissão apoiou a edição de um livro ilustrado, da autoria de Francisco Costa, que só tive ocasião de encontrar alguns dias depois da Festa.”*

### Tradição não é imobilidade

A edição de 2012 decorreu entre 17 e 24 de junho, com um cartaz artístico sólido e apelativo para a época: Grupo Republika, Romana, Expensive Soul, Jaguar Band, artistas e grupos locais, duas sessões pirotécnicas e uma forte adesão popular. A Bugiada foi liderada por Luís Nunes e a Mouriscada por Amável Ferreira, garantindo continuidade e respeito pelas estruturas tradicionais.

A comissão apoiou ainda a publicação de um livro da autoria de Francisco Costa, com fotografias maioritariamente de 2011, contribuindo para a divulgação e valorização da Bugiada e Mouriscada enquanto património cultural.

O reconhecimento do trabalho foi tal que, posteriormente, o próprio Pároco de Sobrado convidou estas mulheres a continuar o seu contributo na angariação de fundos para a aquisição e instalação de uma escultura em honra de São João, inaugurada em 2014 no adro da Igreja Matriz. Um gesto que simboliza confiança institucional e validação pública.

### Feminismo prático, não discursivo

Talvez o aspeto mais interessante desta experiência seja o seu carácter prático e não ideológico. Não houve manifestos, nem slogans. Houve trabalho, organização e sucesso. Um feminismo vivido no terreno,

que prova que a tradição não se perde quando se transforma: fortalece-se.

Em tudo o que se propuseram, estas mulheres alcançaram. E ao fazê-lo, deixaram uma marca duradoura na história da festa e da comunidade. Uma revolução discreta, mas profundamente significativa.

Valentes mulheres. E uma festa que, em 2012, foi verdadeiramente delas.



Prisão do Velho (foto de Paulo Fernandes, 2012)

### Bibliografia

- Pinto, M. (2011) Composição da Comissão de Festas de 2012. Consultado a 13 de janeiro de 2026 em [https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/09/composicao-da-comissao-de-festas-de.html?fbclid=IwY2xjawPTnHVleHRuA2FlbQlXMQBzcnRjBmFwcF9pZBAyMjJwMzcxNzg4MjAwODkyAAEeGUiGuj4UucpWkKlM3T\\_yNG9i8JNB2YW37DHO6hHGjNMTuAC\\_xU27uXfmSyk\\_aem\\_5Mg7bU5806saoy5OaSQwtg](https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/09/composicao-da-comissao-de-festas-de.html?fbclid=IwY2xjawPTnHVleHRuA2FlbQlXMQBzcnRjBmFwcF9pZBAyMjJwMzcxNzg4MjAwODkyAAEeGUiGuj4UucpWkKlM3T_yNG9i8JNB2YW37DHO6hHGjNMTuAC_xU27uXfmSyk_aem_5Mg7bU5806saoy5OaSQwtg)
- Pinto, M. (2011) Domingo: porco no espeto e caldo verde. Consultado a 13 de janeiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/09/domingo-porco-no-espeto-e-caldo-verde.html>
- Pinto, M. (2012) O cartaz da festa de 2012. Consultado a 13 de janeiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2012/06/o-cartaz-da-festa-de-2012.html>
- Pinto, M. (2012) Sete notas sobre a festa de 2012. Consultado a 13 de janeiro de 2026 em [https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2012/07/sete-notas-sobre-festa-de-2012.html?fbclid=IwY2xjawPTnI1leHRuA2FlbQlXMQBzcnRjBmFwcF9pZBAyMjJwMzcxNzg4MjAwODkyAAEmrM95DYsziXEEjl0POUp\\_kOx\\_kn0eXcNxFJvekqS4eT7Se\\_Y7mN8KL4DhT4\\_aem\\_D8kW0PUh9nkV28Z5ya90tg](https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2012/07/sete-notas-sobre-festa-de-2012.html?fbclid=IwY2xjawPTnI1leHRuA2FlbQlXMQBzcnRjBmFwcF9pZBAyMjJwMzcxNzg4MjAwODkyAAEmrM95DYsziXEEjl0POUp_kOx_kn0eXcNxFJvekqS4eT7Se_Y7mN8KL4DhT4_aem_D8kW0PUh9nkV28Z5ya90tg)
- Pinto, M. (2011) Comissão de Festas 2012 é notícia no JN. Consultado a 13 de janeiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/10/comissao-de-festas-2012-e-noticia-no-jn.html>
- Ribeiro e Araújo (2021) Ser Bugia e dizer-se Bugio: uma análise da participação das mulheres no tempo da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, Portugal. Revista Género, 22(1), 1-27. Consultado a 13 de dezembro de 2025 em <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/47877>



# O que são “Verdadeiros Bugios”

Bugios (foto de Município de Valongo, 2024)

Nuno Alexandre Ferreira

A expressão “verdadeiros Bugios” circula há décadas no discurso informal da Bugiada de Sobrado, funcionando simultaneamente como marca identitária, critério de distinção e instrumento de legitimação simbólica. Este artigo propõe uma análise crítica do conceito, partindo de testemunhos internos e externos à festa, procurando compreender o seu significado social, os seus efeitos práticos e as tensões que gera na transmissão da tradição..

## Introdução: uma expressão aparentemente consensual

No vocabulário corrente da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, a expressão “verdadeiros Bugios” surge com frequência em comentários, debates, críticas e justificações. É usada como se o seu significado fosse evidente e partilhado por todos. No entanto, quando questionada diretamente, revela-se vaga, ambígua e profundamente subjetiva.

O próprio Manuel Pinto, no seu blog bugiosemourisqueiros.blogspot.com, em 2009, lançou essa mesma questão:

*“A São colocou aqui em baixo um comentário que acho valer a pena ser ‘repscado’ para aqui. Re-*

*ferindo-se a uma expressão que já apareceu aqui em comentários várias vezes, diz assim:*

*“Já agora aproveito para lançar uma questão e, quem sabe encontrar uma definição para o termo tão correntemente usado nesta gíria “bugiística”.*

*Algun leitor me consegue definir este termo “Verdadeiros Bugios”? O que são os verdadeiros Bugios?”*

*Quem quer dar uma achega para a resposta?”*

Esta discrepância entre uso frequente e definição incerta torna o conceito particularmente interessante do ponto de vista antropológico e sociológico, pois indica a presença de um marcador simbólico de pertença cuja força não reside na clareza, mas precisamente na sua elasticidade.



Bugios (foto de Município de Valongo, 2024)

## O “verdadeiro Bugio” como construção social

A análise dos testemunhos recolhidos ao longo dos anos, desde comentários em blogs comunitários a opiniões de protagonistas da festa, permite identificar um ponto comum: não existe um “verdadeiro Bugio” único, mas várias interpretações concorrentes.

Nos comentários de resposta a este artigo de Manuel Pinto, seguiram-se algumas indicações a considerar.

*“(…) Eu costumo dizer que os Bugios não são mais do que 40, mas estou errado, pois esquecemo-nos dos Bugios anónimos que de manhã vestem a farda e a tiram à noite, com tanta paixão como os que vão de Velho. Este eu denomino de Bugio puro, pois é o que vai apenas por paixão sem interesses além. Contudo, isto não chega pois para que o dia aconteça é necessário muito mais – este sim é o verdadeiro bugio. O que trabalha todo ano, o que vive a Bugiada nos cafés, o que vai a todos os ensaios, o que se levanta às 6.30 para fazer os palanques. É também*

*aquele que pelo que faz, acha que tem direito de fazer algum serviço como recompensa, é aquele que pela idade acha que tem direito a ir de Velho, é aquele que tem interesses, o que se zanga com o melhor amigo pelo São João. Ora analisando parece que o verdadeiro bugio é um interesseiro. Não intendam isto de forma depreciativa, pois “quem quer a bolota atrepa”, e esses são os que devem ser premiados, e se se zanga é porque vive intensamente aquela coisa que só um sobradense consegue perceber.” - Pedro Vale*

Ao se aperceber de que o seu comentário se havia tornado em artigo de discussão, São referiu o seguinte:

*“(…) Coloquei a questão por a achar vaga e de difícil definição. Não pretendo que se ache uma definição única, mas sim, gostaria de ler as diferentes interpretações da expressão. Contudo, relativamente ao que escreveu*

*o Pedro concordo quando diz que o verdadeiro bugio trabalha todo o ano, vai aos ensaios e vive a Bugiada no café, não obstante gostaria de acrescentar que para mim (que também não tenho interesse particular na bugiada - pelo menos em “ir de lugar”) o verdadeiro Bugio trabalharia e defenderia os interesses da festa e da sua preservação (...), e finalmente em terceiro lugar que houvesse um maior empenho e interesse naquilo que poderá vir a ser um pulmão vivo de preservação do espólio das memórias de uma festa única, a Casa do Bugio. Posto isto, e paixões à parte (porque a paixão não é mensurável) creio que o verdadeiro bugio no mínimo deveria conhecer primeiro o que é sê-lo e aí sim, partir para lutas e interesses.” - São*

Um anónimo acrescentou, de forma muito pertinente, que:

*“Eu acrescento às duas excelentes opiniões, que um Bugio, sabe as “regras” sabe onde e quando pode tirar a careta, não passeia pelo passal sem a mesma, durante os serviços e muito menos durante a prisão do Velho, não passeia no mesmo Passal com a namorada ou namorado, termina a dança de entrada faz a cruz espera para ser benzido e aí vai almoçar. Para além destas coisas básicas importantes há outra que os verdadeiros bugios não fazem, um Bugio que saiba o que faz corre atrás da serpe, nunca á frente da mesma e muito menos á frente do Velho, á frente do velho e entre este e a serpe não devem ir Bugios. (...)”*

Como passados tantos, ainda hoje, em pleno 2025, esta expressão continua a ser usada, posta à discussão, António Marques Vale, Velho de 2009, referiu a sua opinião:

*“O verdadeiro Bugio, é aquele que está presente sem ser visto, vive o momento com alegria e nunca pensa em mais nada que o dia 24 de junho. O que se passa agora é precisamente o contrário, passa o ano a pensar no que poderá ou não conseguir para viver um momento no dia 24 de junho e no dia esquece que esse momento é de todos os Bugios.”*

Por conseguinte, João Paulo Pereira, também mencionou:

*“Falar de ser Bugio, é muitas vezes cair nas frases feitas e palavras repetidas, para tentar ser diferente, quis explicar ao ChatGPT, a minha visão, amor e paixão de bugio, para ver se ele me entendia, pelos vistos ele até me conhece:*

*Ser Bugio é uma paixão, e não se aprende: herda-se, sente-se, vive-se. Não se escolhe por acaso, escolhe-se com o corpo inteiro. É o salto que chama, o som do bombo que prende, a máscara que liberta.*

*Ser Bugio é pertencer sem precisar de explicar. É dançar o excesso, rir do mundo, guardar a tradição no movimento. É esconder o rosto para revelar a alma.*

*Na Bugiada, o Bugio não representa, vive. Corre, cai, levanta-se, insiste. Defende São João com alegria teimosa e coração aberto.*

*Ser Bugio é uma paixão, que passa de geração em geração, que dura um dia, mas marca uma vida inteira.”*

Sara Nunes também deu a sua opinião:

*“Verdadeiros Bugios são os que sabem trajar bem e tornar-se irreconhecíveis. Cumprir as regras. Dançar com vigor e alegria. Sabem a tradição e o motivo dos momentos serem como são.”*

*Para uns, o verdadeiro Bugio é o que:*

- *Trabalha todo o ano para a festa;*
- *Assume serviços, lugares e responsabilidades;*
- *Conhece profundamente os rituais e as regras.*

*Para outros, é aquele que:*

- *Vive a Bugiada sem interesses pessoais;*
- *Se entrega ao momento sem procurar protagonismo;*
- *Está presente “sem ser visto”.*

Estas visões não são necessariamente incompatíveis, mas entram em tensão quando se transformam em critérios de exclusão.

### Status, antiguidade e capital simbólico

Um dos aspetos mais sensíveis associados à noção de “verdadeiro Bugio” é o status. A antiguidade, a experiência acumulada e a ocupação de determinados papéis na festa funcionam como capital simbólico, conferindo autoridade e legitimidade a quem os detém.

No entanto, quando esse capital se cristaliza, corre-se o risco de:

- Legitimar desigualdades
- Justificar decisões pouco transparentes;
- Bloquear a renovação geracional.

A tradição, paradoxalmente, pode tornar-se conservadora no sentido mais restritivo do termo: conservar pessoas e posições, em vez de conservar significados e práticas.

### A normatividade invisível: saber-estar e disciplina ritual

Outro elemento recorrente nas definições de “verdadeiro Bugio” é o domínio de um conjunto de regras implícitas: onde circular, quando tirar a careta, como dançar, como se posicionar em relação ao Velho, à Serpe e aos restantes grupos.

Este saber não está codificado formalmente, mas é transmitido oralmente e por observação. Aqui surge uma questão central:

Está este saber a ser efetivamente transmitido, ou está a ser usado como fronteira simbólica entre “quem sabe” e “quem não sabe”?

Quando a pedagogia dá lugar à censura, a tradição deixa de ser partilhada e passa a ser guardada.

### Paixão versus apropriação

A paixão pela Bugiada é um elemento transversal a quase todos os discursos. Contudo, a paixão, quando associada à ideia de exclusividade, pode transformar-se em apropriação simbólica.

O “verdadeiro Bugio”, segundo algumas leituras críticas, é aquele que:

- Defende a festa, mas aceita que ela não lhe pertence;
- Reconhece que o dia 24 de junho é vivido de formas diferentes;
- Entende que a tradição é coletiva e mutável, ainda que enraizada.

Quando a paixão se converte em posse, o risco é a transformação da Bugiada num campo de disputa identitária, em vez de um espaço de celebração comunitária.

### O problema da dicotomia: verdadeiros vs. “outros”

A distinção entre “verdadeiros Bugios” e “Bugios normais” ou “sem paixão” cria uma dicotomia redutora. Ela ignora trajetórias descontínuas, falhas ocasionais, mudanças de vida e até diferentes formas legítimas de envolvimento.

Do ponto de vista académico, esta divisão aproxima-se de um processo de gatekeeping cultural, em que um grupo define quem tem legitimidade para representar a tradição.

### Bibliografia

- Pinto, M. (2009) O que são verdadeiros Bugios? Consultado a 19 de dezembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2009/05/o-que-sao-verdadeiros-bugios.html>

### Conclusão: uma pergunta mais produtiva

Talvez a questão “o que são os verdadeiros Bugios?” seja menos relevante do que outra, mais fértil:

Que práticas, atitudes e valores garantem a continuidade, a dignidade e o sentido coletivo da Bugiada?

Enquanto a resposta a esta pergunta permanecer aberta, plural e transmissível, a tradição manter-se-á viva. Quando se fecha em rótulos rígidos, corre o risco de se tornar autorreferencial.

Em última instância, a Bugiada não precisa de “verdadeiros Bugios” como categoria de distinção, mas de Bugios conscientes, capazes de honrar o passado sem o transformar num instrumento de exclusão no presente.



Bugiada (foto de Hugo Carneiro, 2023)



Lindoro da Ribeira no palanque a dar o tiro (foto de Márcio Costa, s/d)

# Lindoro da Ribeira

## O Bugio que quase interrompeu a Prisão do Velho

Nuno Alexandre Ferreira

Na Bugiada de Sobrado há nomes que ecoam geração após geração. Nomes que vivem na memória coletiva porque foram feitos de entrega, humildade e amor genuíno à festa. Um desses nomes é, sem dúvida, Lindoro da Ribeira.

Lindoro da Costa Dias nasceu a 4 de novembro de 1933 e faleceu a 23 de junho de 2007, aos 73 anos. A sua história não se mede por um papel específico, mas por uma presença contínua. Durante quase seis

décadas consecutivas vestiu a farda de Bugio, dançou, participou, subiu ao palanque, ajudou, ensinou, observou os mais novos a entrar e os mais velhos a sair. Foi parte viva da engrenagem humana que mantém a Bugiada de pé.

Dançou com figuras míticas como Augusto da Munha, André da Munha e Maninho. Mas, mais do que os nomes ao lado de quem dançou, foram os nomes que vieram depois que melhor mostraram a



Lindoro da Ribeira (foto de Márcio Costa, s/d)

sua influência. Muitos aprenderam com ele o que não se ensina em ensaios: o respeito pelas regras da festa, a importância do coletivo sobre o individual e o valor da constância. Em casa, o legado continuou. O seu filho, Márcio Costa, viria a ser Reimoeiro em 2002, do lado oposto, mas movido pelo mesmo amor à tradição que o pai lhe transmitiu.

### Uma vida inteira dentro da festa

Há quem vá à Bugiada por um ano especial. Há quem vá durante uma fase da vida. E há quem faça da festa uma extensão da sua própria identidade. Lindoro era desse grupo raro.

Ano após ano, lá estava ele. Não para aparecer mais, mas para faltar nunca. Não para reclamar lugares de honra, mas para cumprir o seu lugar, qualquer que ele fosse. Essa regularidade, essa fidelidade silenciosa, foi construindo um respeito profundo entre os seus pares. Ele não era apenas “mais um Bugio”, ele era uma referência de continuidade, de presença certa, de compromisso inabalável.

A forma como vivia a festa transparecia nos pequenos gestos, nas rotinas, nas palavras simples. Para ele, o São João não era apenas um dia no calendário: era um ciclo inteiro de expectativa, preparação e memória.



Márcio Costa, Reimoeiro, com o seu pai Lindoro (foto de Márcio Costa, 2002)

### O Bugio que partiu no dia que mais amava

A 23 de junho de 2007, na véspera do dia maior da Bugiada, Lindoro partiu. A coincidência foi dura e profundamente simbólica: morreu precisamente no dia que antecede a festa que viveu durante cerca de 60 anos seguidos.

No dia seguinte, Manuel Pinto registou no seu blog:

*“A Festa de S. João de 2007 deixa registado um caso raro: o Sr Lindoro da Ribeira, quase de certeza o bugio mais antigo de Sobrado ainda em actividade, foi a sepultar precisamente no dia de S. João, precisamente no dia em que, se estivesse vivo, iria de bugio pela 60ª vez e levado à última morada por outros bugios devidamente fardados, embora sem máscara nem penacho. Ao chegarem ao local*

*do almoço, as muitas centenas de bugios prestaram sentida homenagem a este ‘decano’, com um minuto de silêncio, terminado com uma salva de palmas. Não é habitual, em Sobrado, dizer como ouvi hoje dizer de Lindoro da Ribeira: “Morreu um bugio”.*”

A expressão ficou. Não morreu apenas um homem da terra. Morreu alguém cuja vida estava entranhada na própria tradição.

Tsiwari escreveu, em resposta:

*“As voltas que a vida dá... se lhe perguntassem em que dia queria ser enterrado, muito provavelmente, escolheria um 24 de Junho. (...) Foi comovedor ver o caixão carregado por seis bugios, vestidos a rigor... uma bonita homenagem! (...)”*

O funeral tornou-se, assim, uma extensão simbólica da festa: o corpo levado por Bugios, fardados, como se a comunidade que ele serviu durante toda a vida o acompanhasse na última caminhada.



Lindoro Dias (acervo da família, 2007)

### O homem por trás da careta

Para lá da figura pública dentro da Bugiada, havia o homem das memórias familiares, das frases repetidas todos os anos, dos rituais domésticos que anunciavam a chegada do São João. Um familiar recordou:

*“(...) para mim será sempre recordado pois foi ele que me levou a primeira vez de Bugio, já passaram 17 anos. Sempre que chegava o S. João ele (...) via a farda “cumedeira” como ele chamava, ao sol e ele dizia com alegria “está a chegar” “oh rapaz não tires a careta se eu te vir sem careta vais ver”. São recordações que não esqueço porque apesar de ser meu tio era um dos grandes nomes do S. João... (...)”*

Nesta memória simples está o retrato mais completo de Lindoro: o entusiasmo, a alegria quase infantil pela proximidade da festa, o humor, o carinho e o orgulho discreto em ver os mais novos seguirem o mesmo caminho.

### Grande na festa, maior na humildade

Dias depois da sua morte, Manuel Pinto voltou a escrever sobre ele, deixando um retrato que muitos reconhecem como definitivo:

*“Ele, que não era grande em estatura, foi, reconhecidamente, um dos grandes Bugios das últimas décadas. Vivia essa pertença e essa identidade com intensa “paixão”.*

*O que mais se destaca neste Bugio de gema é a humildade. Em praticamente sessenta anos ininterruptos, teria por certo ‘galões’ para exhibir, reivindicando, em algum ano, uma posição de mais destaque - Guia, Rabo ou, porque não, Velho. Nunca foi por aí. E contentava-se com coisa bem simbólica, mas grande nos códigos da festa: poder, cada ano, subir ao castelo, tomar conta e dar pólvora aos ‘canhões’ dos combatentes bugios.*

*Quiseram as circunstâncias que fosse a enterrar precisamente no dia de S. João. Precisamente no dia em que, já com mais de 70 anos, completaria 60 de ininterrupta participação na Bugiada. E foi a sepultar levado por Bugios. Como ele provavelmente teria gostado.*

*Há oito dias foi-lhe prestada singela homenagem, antes de se iniciar o almoço de Bugios e Mourisqueiros.”*

### “Foi dorido ouvir aquele repetido “Façam uma pausa”.”

No dia de São João, a homenagem a Lindoro da Ribeira decorreu no jintar da Bugiada e no momento do funeral, onde Bugios carregaram o seu caixão. Foi provavelmente um caso único e merecidamente justo. No entanto, para muitos a homenagem poderia ter sido maior.

No momento da Prisão do Velho, terá sido planeada uma homenagem, mas não correu como esperado. O narrador desta edição, “Sr. Vasco” do Vilar, fez a narração, tal como já aconteceu inúmeras vezes uma vez que foi narrador vários anos em décadas distintas. Ele recebeu um texto que, segundo Manuel Pinto, “era para ter sido lido nesse dia, através da instalação sonora do Passal (...)” e dizia o seguinte:

*“Chegados a este momento, fazemos uma pequena pausa na nossa dissertação, pois queremos prestar uma justa e merecida homenagem a alguém muito especial – a alguém que fazia hoje 60 anos consecutivos de bugio e que só aqui não está neste momento fisicamente devido a uma grande e recente infelicidade. De facto, após uma curta mas grave e avassaladora doença que o impossibilita de aqui estar fisicamente, mas estando, concerteza, em espírito, esta grande figura do S. João de Sobrado e das Bugiadas: estamos a falar, naturalmente, de Lindoro da Costa Dias, mais comumente conhecido por “Lindoro da Ribeira”. Assim, num justo tributo à sua pessoa e a tudo o que o mesmo representa, gostaríamos que todos os presentes se associassem a nós e à nossa homenagem, e dessem uma grande salva de*

*palmas em honra deste grande homem a quem Sobrado em geral, mas as Festas de S. João e as Bugiadas em especial, tanto devem e tanto vão ficar a dever”.*

A pausa nunca aconteceu, ainda que, ao que tudo indica, pudesse ter sido previamente combinada, ainda que não tenha sido executada. Como escreveu Tsiwari num comentário ao artigo de Manuel Pinto, “Foi dorido ouvir aquele repetido “Façam uma pausa”.”

O próprio Manuel Pinto escreveu sobre o sucedido, lançando em discussão a escolha do timming:

*“Será correcto interromper um ponto alto da festa, por razões que, ainda que a ela ligadas, são estranhas à ‘solenidade’ do momento? (...) Não há memória de algo semelhante ter ocorrido no passado. Recordemos: Como é hábito, quando Mourisqueiros e Bugios subiram aos respectivos castelos, um locutor pegou no microfone e começou a relatar a lenda que está por detrás da festa, através da instalação sonora instalada no Passal. Até aqui, nada de especial. (...)”*

A Prisão do Velho decorreu com normalidade até que após a tomada do palanque dos Bugios pelo Reimoeiro e depois de se ter assenhorado das bandeiras, o momento polémico aconteceu e Manuel Pinto igualmente o descreveu, analisou e ainda lançou um desafio:

*“E foi quando, pela instalação sonora, o locutor anunciou que se ia fazer uma pausa e começou a apelar ao Velho e ao Rei que suspendessem as movimentações, para todos ouvirem o que ele próprio, locutor, tinha para dizer. Disse e repetiu várias vezes o apelo, mas não foi ouvido; e a representação prosseguiu normalmente.*

*Para quem sabia que, na manhã do próprio dia de S. João, tinha ido a enterrar um prestigiado bugio sobradense - o Lindoro da Ribeira - não era difícil imaginar que a pretendida interrupção se destinava a homenageá-lo (isto apesar de já lhe ter sido*

*prestada homenagem por Bugios e Mourisqueiros, no começo do ‘jantar’, a meio da manhã).*

*Ouviram-se pessoas a protestar por considerarem que aquele apelo era ali deslocado e até ‘obsceno’. (...) num momento que poderíamos considerar sagrado, será legítimo alguém de ‘fora da representação’ ousar impor a suspensão do acto, mesmo em nome de um motivo nobre?”*

*Deixo o assunto à consideração dos leitores.”*

Um legado maior do que qualquer momento

Com a distância de quase duas décadas, esse episódio surge como um detalhe perante a dimensão da vida que Lindoro dedicou à Bugiada. Quem o conheceu reconhece que, pela sua simplicidade e amor à festa, ele próprio dificilmente desejaria que o ponto alto da representação fosse interrompido por sua causa.

Lindoro da Ribeira foi um dos grandes, não por ter querido ser, mas porque viveu a Bugiada como poucos. Nunca quis holofotes. Nunca quis ser protagonista. Quis apenas estar, dançar, cumprir, sentir que fazia parte daquele corpo coletivo que, todos os anos, dá vida à tradição.

E é por isso que permanece. Na memória de Sobrado, não é apenas um nome da história da festa. É um exemplo do que significa, verdadeiramente, ser Bugio.

#### Bibliografia

- Pinto, M. (2007) Um dia especial para um bugio muito especial. Consultado a 28 de janeiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2007/06/um-dia-especial-para-um-bugio-muito.html>
- Pinto, M. (2007) Lindoro da Ribeira: homenagem a um grande Bugio. Consultado a 28 de janeiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2007/07/lindoro-da-ribeira-homenagem-um-grande.html>
- Pinto, M. (2007) Será correcto o que se passou este ano na Prisão do Velho? <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2007/07/ser-correcto-o-que-se-passou-este-ano.html>



Lindoro da Ribeira e seu filho Márcio (foto de Márcio Costa, s/d)



*A bênção dos Mourisqueiros, pelo Reminocino (foto de André Ferreira, 2015)*



A Bugiada de 2017 como capta do grupo (foto partilhada por Fábria Pinto, 2017)

# O cofre digital da Bugiada:

## Como um grupo de Facebook se tornou arquivo, arma e alma da festa de Sobrado

Numo Alexandre Ferreira

Há tradições que sobrevivem ao tempo; outras sobrevivem ao escrutínio. E depois há o São João de Sobrado, que sobrevive a ambos, com a mesma obstinação com que os Bugios e Mourisqueiros se defrontam, desde tempos que a memória já mal alcança. Mas, em pleno século XXI, a arena desta batalha deixou de ser apenas o largo, o adro ou a rua empedrada. A luta pela tradição passou também a travar-se... no Facebook.

Criado a 30 de maio de 2011, o grupo de facebook “S. João com tradição- Bugiada de Sobrado”, obra de Fábria Pinto, nasceu numa era em que poucos imaginavam que um simples espaço digital pudesse tornar-se numa das maiores caixas pretas da história da Bugiada e Mouriscada. O que começou como um ponto de encontro para apaixonados transformou-se, ao longo de 14 anos, num gigante: 8.837 membros (dados de novembro de 2025) que participaram, discutiram, discordaram, riram, brigaram, reconstruíram e, de alguma forma, escreveram a história recente da festa.

E não exageramos: este grupo é hoje um arquivo vivo, um museu em constante mutação, onde fotografias esquecidas renascem, vídeos se tornam testemunhos, cartazes viram relíquias, e memórias individuais ganham voz coletiva. Entre publicações oficiais, registos espontâneos, documentos históricos e até publicidade intrusa (sempre pronta a ser varrida), o grupo acumulou o que nenhum museu físico conseguiria acompanhar com tanta rapidez: o pulso real da comunidade.

Mas a história não se faz apenas de flores e o grupo também não.

Com a democratização implacável das redes sociais, o espaço que se pretendia de diálogo transformou-se, muitas vezes, numa arena acesa de críticas, desabafos, ironias afiadas e até algumas máscaras (e não as de Bugio). Ali, nos cafés virtuais onde todos têm voz,

discutiui-se (e ainda se discute) de tudo: da cor das fardas à legitimidade das tradições, dos bastidores às polémicas próprias de uma festa que é tão identitária quanto emocional.

Houve quem tentasse calar, controlar ou até apagar o grupo. E houve quem o tenha protegido como se fosse a última fogueira de São João acesa no meio da noite. Mas, contra tudo e contra todos, o grupo permaneceu. Cresceu. Resistiu. E tornou-se algo maior do que qualquer intenção original.

Hoje, o “S. João com tradição- Bugiada de Sobrado” é um espelho sem filtros (às vezes lisonjeiro, outras vezes cruel) daquilo que Sobrado é: uma comunidade viva, apaixonada, crítica, imperfeita, vibrante e orgulhosa. É ali que estão guardadas as memórias, as discussões, os momentos de glória e também os de desgaste. É ali que se encontram as provas de que a tradição não morre porque... ninguém a deixa morrer.

Quando, daqui a décadas, se quiser estudar como a Bugiada e Mouriscada atravessou o início do século XXI, será neste grupo que se encontrarão as respostas. Será ali que estarão os rostos, as palavras, os conflitos, as celebrações, os detalhes que nunca chegam aos livros, mas constroem a verdadeira cultura.

O “S. João com tradição- Bugiada de Sobrado” deixou de ser apenas um grupo. É arquivo. É tribuna. É diário coletivo. É memória viva de uma das festas mais singulares de Portugal.

E, enquanto houver São João, haverá sempre alguém a carregar uma fotografia, a abrir um debate ou a reacender uma chama digital. Porque, afinal, a tradição já não se escreve apenas nas ruas, escreve-se também na internet.

Sobrado inventou uma festa única. O grupo “S. João com tradição” inventou a forma de a eternizar.

# 3 Estórias da Minha Terra

Fábia Suzano Pinto



Dança do Doce dos Bugios (foto de Fábila Pinto, s/d)

## Ela já 'tá pra lá

A estória de hoje tem algumas semelhanças com uma outra que contei há tempos. Mais uma vez a paixão incondicional dos sobradenses pela bugiada.

A esposa de um bugio ( dos doentes) havia falecido uma semana antes do s. João. Fez-se o enterro e deu-se início ao luto. Mas o dia de s. João aproximava-se e o bicinho da paixão começou a mexer no viuvo.

Dia de S. João. Pela freguesia ouvem-se os foguetes e os guizos dos bugios que rumam a casa o velho. O viuvo começa a impacientar-se ao ouvir e ver os seus camaradas passarem. Vem à janela, uma, duas, três vezes, os vizinhos estão a topá-lo ( conhecedores da sua paixão pela bugiada)... Que diacho... Como haveria de resistir à paixão!?

Esperou até meio da manhã, não aguentou mais. Vestiu a farda, a careta e o chapéu, olhou-se ao espelho e dirigiu-se a uma porta traseira. Sorreiteiramente tentou esgueirar-se sem que os vizinhos o vissem. Sem resultado. Quando estava quase “ safo”, um vizinho mais atento espeta-lhe a pergunta “ Então fulano já vais!?”.

Como uma criança apanhada a roubar, o bugio vira-se e em jeito matreiro responde:

- Já ela já 'tá p'ra(1) lá à oito dias, agora vou p'ra lá também! seguindo caminho para matar a negra(2).

(1) O já estar para lá refere-se ao cemitério da vila(onde a mulher estava enterrada), que fica no centro e junto ao local onde se desenvolve a festa, obviamente o bugio não ia para o cemitério mas sim para a festa ( lugar de Campelo).

(2) Matar a negra, não, não é uma expressão racista, matar a negra significa matar a paixão, a paixão é negra, a paixão é muita. É uma expressão muito utilizada em Sobrado, normalmente ligada à festa de S. João.



Caos no Palanque (foto de Fábila Pinto, s/d)

## No ano em que se partilharam munições

Esta não aconteceu há muito tempo, portanto é normal que ainda se conserve mais ou menos fresca na cabeça de alguns sobradenses.

A festa correu dentro dos conformes durante todo o dia, chegava a hora de um dos pontos mais altos do dia. A prisão do velho. A carga dramática da cena (é comum verem-se sobradenses a chorar emocionados), a cara espectante dos populares, a música da paixão da banda de Campo e os tiros dos bugios e dos mourisqueiros dão o tempero à “ coisa”. Mas, nesse ano algo não aconteceu como o normal. Os bugios sobem ao palanque, preparam as armas. Os mouros fazem soar o primeiro tiro. Pó no ar. Cheiro intenso a pólvora. O povo assiste. Tensão no ar. Os bugios não rispos-tam o tiro. o povo começa a impacientar-se, os bugios também. Diacho! Esqueceram-se dos furminantes (fulminantes). Sai um bugio a toda a pressa ao palanque inimigo, pedir furminantes para fazer a guerra. A cena continua. Os bugios dão tiro. Pulam. Faz-se a guerra.

P.S. Esta estória prova não só o espírito de partilha dos sobradenses mesmo em “ guerra”, mas é também mais uma acha para a complexidade desta festa.

### Bibliografia

- Pinto, F. (2007) No ano em que se partilharam munições. Consultado a 1 de abril de 2026 em <https://estoriasdaminhaterra.blogs.sapo.pt/12140.html>
- Pinto, F. (2007) Ela já 'tá pra lá. Consultado a 1 de abril de 2026 em <https://estoriasdaminhaterra.blogs.sapo.pt/13147.html>
- Pinto, F. (2007) Ecos do passado - técnicas para iludir a fome. Consultado a 1 de abril de 2026 em <https://estoriasdaminhaterra.blogs.sapo.pt/15100.html>



Almoço dos Bugios (foto de Fábila Pinto, 2007)

## Ecos do passado - técnicas para iludir a fome

Outrora o almoço dos bugios ( e dos mouros também) tinha outro significado que hoje não tem, servia para matar a fome de muitos. Tempos houve em que a fartura era pouca ou nenhuma e ir de bugio significava, além de matar a paixão, matar a fome.

Numa conversa de bugios ( e amantes da festa), em vésperas de S. João e a discutir sobre tradições, contou um afamado bugio a seguinte estória:

“Antes não eram assim tantos bugios, eram 40, 50 bugios, o meu pai conta que um ano que andavam de bugio e que chegaram ao tacho, o dono ao ver tantos bugios veio avisar o velho a dizer que a comida devia ser pouca. Ele atão puxou a bugiada, fe-los andar p'ra frente e p'ra trás, p'ra cima e p'ra baixo até os queimar, quando entraram po tacho iam queimadinhos de sede, encharcaram-se de refresco e vinho e assim a comida chegava sempre.”

Andavam de bugio - vestidos de bugio

Tacho- almoço

puxou a bugiada - esforçou-os fisicamente, o velho vai à frente e “ puxa” comanda a bugiada que o segue

Queimar! queimadinhos - cansados, exaustos;



# Polémica Inauguração

## Monumento aos Bugios e Mourisqueiros

Nuno Alexandre Ferreira

Há monumentos que celebram. Há monumentos que evocam. E há monumentos que, sem nunca o terem pedido, revelam o que uma comunidade tem de mais profundo e, por vezes, de mais vergonhoso. O Monumento aos Bugios e Mourisqueiros, inaugurado em 21 de junho de 2008, tornou-se tudo isso: símbolo de tradição, orgulho artístico... e testemunho involuntário de intolerância.

Hoje, quem passa pela rotunda do Largo do Passal vê uma obra monumental de 850 quilos, concebida por Agostinho Mendes Rocha, dedicada a um dos momentos mais épicos da Festa de São João: a Prisão do Velho.

Mas poucos imaginam que, no dia da sua revelação oficial, Sobrado viveu uma explosão de preconceito que ainda hoje ecoa nas conversas mais cuidadosas e nas memórias mais silenciosas.

Antes da inauguração, o blog de Manuel Pinto já deixava escapar entusiasmo:

*“Vai ser inaugurada (...) uma escultura de grandes dimensões alusiva à festa dos Bugios e Mourisqueiros (...) alusiva a um dos momentos mais altos da Festa de S. João: a Prisão do Velho.”*

Tudo indicava que 2008 seria um ano marcante, um ano para orgulhar Sobrado. Um ano para elevar Sobrado a outro patamar. E foi! mas por motivos que ninguém desejava.

### 21 de junho de 2008: o dia em que Sobrado perdeu a inocência (ou a máscara)

No dia 21 de junho de 2008, a presença das autoridades — o presidente da Câmara Municipal de Valongo, Dr. Fernando Melo, o presidente da Junta António Monteiro, e o presidente da Casa do Bugio António Pinto, mostrava a importância do momento. Até o pároco, Padre Vicente Nunes, marcava a

ocasião com bênção solene. O ambiente era comunitário, festivo, carregado de simbolismo.

O monumento estava coberto por um plástico preto. O sol dificultava a visão. A tensão crescia. O tecido cai. E o espanto instala-se. O Reimoeiro altivo. O Velho da Bugiada e a Criança-Bugio ajoelhados, suplicantes. Uma composição belíssima — mas sabotada.

Colocado na figura do Velho, revelando-se no exato segundo da inauguração, estava um símbolo fálico. Uma afronta! Uma emboscada! Um insulto!

Como registou Manuel Pinto:

*“O acto da inauguração ficou assinalado por um episódio lamentável: por debaixo da cobertura que escondia a estátua a inaugurar, alguém havia colocado no Velho da Bugiada, à socapa, um símbolo fálico. A mensagem creio que toda a gente a percebe. Mas não se pode aceitar que aqueles que não têm coragem de expressar cara a cara e nos locais próprios as suas opiniões, se aproveitem de momentos como este para dar conta da sua intolerância e da sua incapacidade de aceitar a diferença.”*

Sim! Percebeu-se. E Sobrado, nesse instante, percebeu de si próprio mais do que queria admitir. Não foi uma brincadeira: foi um ataque calculado!

A mensagem era clara: o alvo não era a estátua. O alvo tinha nome: Filipe Dias, o Reimoeiro de 2008.

A homofobia não se escondeu; pelo contrário, revelou-se com toda a sua pequenez. A tentativa era óbvia: ridicularizar, expor, envergonhar um homem quando desempenhava um dos papéis mais simbólicos da tradição local. Foi uma violência emocional, uma humilhação pública. E, mais sério ainda, foi uma acusação moral mascarada de piada.

Alguém achou que tinha o direito de transformar a vida íntima de um homem numa arma. E fê-lo num dia de festa, no centro da vila, perante toda a comunidade.

### Revolta e vergonha espalham-se pelos comentários



Velho da Bugiada com objeto fílico (foto de vídeo de youtube, 2008)

Logo após o escândalo, as reações começaram a brotar. E os comentários fazem hoje parte do registo histórico:

*“(...) quem teve aquele acto desagradável só pode ser alguém com uma mentalidade muito atrasada e que não consegue lidar com as diferenças dos outros! A pessoa que teve aquele pensamento e mais tarde passou à acção com toda a certeza esqueceu-se de um grande pormenor, é que não envergonha apenas o Mourisqueiro mas sim toda a população de Sobrado pois a festa é de todos e todos contribuem para o melhor, e não estavam apenas sobradenses a assistir à inauguração...! Devemos todos aceitar as diferenças das pessoas e deixarem-se de preconceitos!!! Um bem haja a todos os mourisqueiros e que não se deixem desmoralizar por este tipo de pessoas!” — Silvia*

*“(...) posso dizer-lhe que este é um dos momentos mais tristes para nós, enquanto população, mas o que o Reimoeiro não esconde é, por outro lado, sinal da raça grande de que são feitos alguns sobradenses. Lamentável é que esta sua atitude ainda tal signifique.” - Tsiwari*

*“A cena (...) foi um insulto a todos Sobradenses...” — anónimo*

Alguns tentaram até criar teorias ainda mais mesquinhas:

*“Isto só bem mostrar que afinal a gente de Sobrado ainda tem a mentalidade de antigamente. É preciso inovar, mas parece que é difícil. Ainda por cima gozam com outras localidades. Quem cospe para o ar sujeita-se a que o cuspe lhe caia em cima. Como alguém sugeriu se calhar a pessoa ou pessoas que fizeram isto não estarão na “lista cor-de-rosa”? Era engraçado saber...” — anónimo*

Mas houve também quem preferisse achar graça — revelando-se no processo:

*“Por acaso até estava giro :) e foi bastante oportuno.” — anónimo*

O verdadeiro retrato da comunidade estava ali: solidariedade, vergonha, crítica... e mesquinhez.

### O homem que esteve no centro da tempestade: Filipe Dias

O mais grave de tudo isto é que Filipe Dias não era um desconhecido. Não era alguém que tivesse “caído no papel”. Era Mourisqueiro há muitos anos, profundamente dedicado à festa.

Um antigo Reimoeiro testemunhou:

*“O Reimoeiro chama-se Filipe e é Mourisqueiro há 11 anos. Como todos os outros Mourisqueiros sempre cumpriu os seus deveres dentro do possível da sua vida pessoal. Para mim, pessoalmente, foi um bom guia e sempre pude contar com ele quando fui de Reimoeiro. Esteve sempre presente, com grande esforço pessoal e financeiro, tendo para isso que vir de avião ao sábado e regressar ao domingo durante um mês. Ficará para sempre nas minhas memórias como o meu primeiro par. Podes contar comigo para te ajudar no dia (espero que o faças). Críticas, só no dia 25 quando formos analisar a forma como se comportou no dia antes.”*

Mas isso não bastou para travar a maledicência. Tan-



Filipe Dias, Reimoeiro de 2008 (foto de Hélder Ferreira, 2008)

tos comentários ofensivos chegaram a Manuel Pinto que ele teve de tomar posição:

*“Como estão escritos em termos não aceitáveis (...) decidi não os publicar.”*

Filipe, com uma dignidade que muitos não tiveram, escreveu:

*“É com grande orgulho que em 2008 serei Rei Mourisqueiro, depois de 14 anos de espera. Como já foi retificado, existe uma hierarquia nos Mourisqueiros e creio que ganhei o direito ao mais alto posto dentro dos Mourisqueiros, tanto por anos como por amor e respeito que tenho à festa de São João. Agradeço a todos os que me apoiam (não nomeados por serem muitos) e também aos que me criticam, pois assim fortalecem o meu direito e mérito de ter chegado onde cheguei.”*

*Acolho todas as críticas de bom agrado pois só assim se chega firme a todas as metas, embora alguns tentaram por todos os meios, chegando mesmo a difamarem sobre mim para alcançar o posto de Rei que assim sendo seriam rei sem mérito próprio. Saúdo todo o mundo e feliz São João! o REI MOURO 2008: Filipe Dias”*

### Bibliografia

- Pinto, M. (2008) Em primeira mão- Escultura alusiva ao S. João no centro de Sobrado. Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/04/em-primeira-mo-escultura-alusiva-ao-s.html>
- Pinto, M. (2008) Inauguração da estátua sobre a Festa. Consultado a 21 de novembro de 2025 em: <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/06/preparativos-e-uma-inaugurao.html>
- Pinto, M. (2008) Os reis de 2008. Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/01/os-reis-de-2008.html>
- Pinto, M. (2008) Ecos da festa de 2008 (2). Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/06/ecos-da-festa-de-2008-2.html>
- Pinto, M. (2008) Ecos da festa de 2008 (1). Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/06/ecos-da-festa-de-2008-1.html>
- Pinto, M. (2008) Então, que achou da festa deste ano? Consultado a 21 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/06/ento-que-achou-da-festa-deste-ano.html>



Mingos Cuco, Velho da Bugiada e Filipe Dias, Reimoeiro (foto de Hélder Ferreira, 2008)

Não atacou ninguém. Não se vitimizou. Não devolveu a agressão. Mostrou, pelo contrário, o que significa ter carácter, coisa que alguns, em 2008, não sabiam sequer reconhecer.

A verdade que ninguém gosta de dizer em voz alta

Há quem tente desvalorizar este episódio, como se tivesse sido apenas um “momento infeliz”. Mas não foi. Foi homofobia! Foi preconceito! Foi violência simbólica. E foi, acima de tudo, uma tentativa de humilhar um homem que merecia respeito.

O monumento permanece intocado, firme, silencioso. Mas a verdade não desaparece: Sobrado traiu um dos seus naquele dia. E por mais que a história tente avançar, há memórias que não deveriam ser apagadas.

Porque a lição é dura, mas necessária: Nenhuma tradição justifica intolerância. Nenhuma festa legítima o ódio. Nenhuma comunidade tem o direito de vigiar, muito menos atacar, a vida íntima de um dos seus.

O passado de Sobrado é bonito, mas este capítulo não é. E só quando for assumido, de frente e sem desculpas, é que a comunidade poderá dizer, com verdade, que evoluiu.



# Manuel Pinto

## Entre o arrebatamento e a razão

Nuno Alexandre Ferreira

Manuel Joaquim da Silva Pinto (Sobrado, Valongo, 6 de março de 1954) é Professor Catedrático aposentado e Professor Emérito da Universidade do Minho, investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) e uma referência nacional nas áreas do Jornalismo, Educação para os Media e Sociologia da Comunicação.

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1975–1980), iniciou a sua atividade profissional como jornalista no Jornal de Notícias, função que exerceu entre 1980 e 1988, no âmbito do então Global Media Group. Doutorou-se em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho em 1996, instituição onde desenvolveu a maior parte da sua carreira académica.

Desde 1988 foi docente universitário na Universidade do Minho, no curso de Comunicação Social, tendo colaborado igualmente na lecionação de mestrados em Sociologia da Cultura e Estilos de Vida e em Sociologia da Infância. Ao longo do seu percurso, desempenhou diversos cargos acadé-

micos e científicos, entre os quais Diretor do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Diretor do Programa Doutoral em Ciências da Comunicação, Presidente do Conselho do Instituto de Ciências Sociais e membro eleito do Conselho Geral da Universidade do Minho, pelo movimento Universidade Cidadã.

É especialista em Literacia para os Media, Estudos Jornalísticos, Sociologia dos Media e Políticas de Comunicação. Coordenou a equipa portuguesa do projeto europeu EMEDUS – European Media Literacy Education Study, financiado pela Comissão Europeia, e é co-diretor do Observatório de Media, Informação e Literacia (MILObs). Em 2014, foi membro eleito da primeira equipa do Conselho Geral Independente da RTP.

No domínio da investigação sobre culturas populares tradicionais, destacou-se pelo estudo da Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, tendo participado, entre 2018 e 2021, no projeto FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É autor e coautor de numerosos trabalhos científicos sobre esta manifestação cultural, incluindo textos de enquadramento teórico sobre festividades e identidades comunitárias.

Pelo seu contributo académico e científico, foi homenageado pelo Município de Valongo no âmbito das comemorações dos 180 anos do concelho. Aposentou-se no início de dezembro de 2020, num gesto que assumiu como abertura à renovação do corpo docente universitário, mantendo, contudo, uma intensa atividade intelectual e cívica. Regressou ao jornalismo como colaborador voluntário do jornal digital SeteMargens.com.

Em reconhecimento pela relevância dos serviços prestados à Universidade do Minho e pela excepcionalidade do seu percurso científico, foi distinguido com o título de Professor Emérito da Universidade do Minho.

### **Manuel Pinto e a Bugiada de Sobrado: pensar, registar, partilhar**

Desde sempre que Manuel Pinto esteve profundamente ligado à Festa de São João de Sobrado, quer como admirador atento, quer como investigador persistente e fotógrafo amador. A sua relação com a Bugiada e Mouriscada não se construiu a partir de um interesse ocasional, mas antes de uma presença continuada, feita de observação, escrita, recolha de memórias e diálogo com a comunidade e até sustentada por base familiar. Em reconhecimento desse percurso, é sócio honorário da Associação São João de Sobrado desde 1997, distinção que sublinha os seus esforços de investigação e promoção da festa.



Manuel Pinto na “Património Imaterial, Identidade, Recurso e Risco” em Sobrado (foto de Turismo do Porto e Norte, 2013)

A sua intervenção estendeu-se também ao plano associativo e organizativo. Na Assembleia Geral da Associação da Casa do Bugio, ocorrida a 24 de setembro de 2004, “o professor Manuel Pinto apresentou este tema e deu a conhecer com detalhes a criação do site da Casa do Bugio onde será lançada toda a informação sobre a Casa do Bugio e a festa de S. João. Falou da importância do inventário que irá ser feito dos Velhos da Bugiada e Reimoeiros e que seguidamente se poderia avançar para um outro onde vigorassem também guias e rabos, etc. Para tal pedia a colaboração de todos.” Esta preocupação com o inventário, o registo e a memória revela uma visão precoce sobre a necessidade de salvaguarda sistemática do património imaterial associado à festa.

O seu contributo escrito inicia-se formalmente em 1983, com a publicação de um pequeno livro dedicado à festa, obra que viria a tornar-se uma referência incontornável. Como assinala Carmo Lorena, na sua abordagem ao trabalho excepcional concretizado:

*“(…) Em 1983, Manuel Pinto, natural de Sobrado, publica um pequeno livro sobre a festa. Embora tenha feito, por esta altura, duas breves referências à festa de Sobrado. Nesta altura, Pinto ainda notava a ausência de trabalhos aprofundados sobre o assunto e reconhecendo não ter essa pretensão – “A abordagem que se segue não pretende ser senão uma resumida descrição dos aspectos e momentos mais significativos” (1983, p. 12) –, espera, embora modestamente, que o seu contributo possa servir como guia a quem visita Sobrado no dia 24 de Junho e como incentivo a pesquisas futuras.*

*Às 14 páginas de texto com a descrição de trajas de Bugios e Mourisqueiros, Serviços da Tarde e Prisão do Velho (...), segue-se a narrativa da lenda, para logo depois entrarmos numa secção um pouco mais analítica, que lança algumas hipóteses interpretativas. A primeira é relativa à origem da*

*festividade, ou melhor dizendo, das suas representações, na impossibilidade de situar o festejo na cronologia histórica. Assim conclui, em linha com Gallop, que muitos dos figurantes e performances terão sido assimilados de outras festas, que não as de São João, e terão resultado numa agregação de elementos que nem sempre estiveram associados. A outra aproximação analítica, bem mais auspiciosa, prende-se com o papel da(s) festa(s) na vida colectiva das sociedades. Mais especificamente para o caso de Sobrado, Pinto indaga: “como explicar a permanência desta festa ao longo dos tempos, a sua continuidade hoje em dia e mesmo a sua revitalização nos últimos anos?” (...). De certa forma, está aqui também presente uma interrogação sobre a ‘sobrevivência’ da festa, mas essa perplexidade tem razão de ser, tal foram as transformações ocorridas durante o século XX no tecido social e económico da vila e da região. Desafortunadamente, nem três páginas são dedicadas a este tópico do papel da festa na vida comunitária. Depois de apresentar seis breves exemplos da ‘paixão’ que os sobradenses têm pela festa – a que dão primazia mesmo em face de doença, morte e guerra – e de assinalar, como já o havia feito Benjamim Pereira, que este é um espectáculo teatral invulgar uma vez que não existe uma separação rígida entre ‘actores’ e assistência, o autor conclui que “de alguma forma, é a comunidade que ali está representada” (...). Esta afirmação é tão pertinente como promissora, mas fica sem desenvolvimento. No capítulo final da obra, Manuel Pinto apresenta “alguns problemas e hipóteses de interpretação” e distancia-se do contexto especificamente sobradense para focar-se antes em três aspectos mais abrangentes: 1) as festas do ciclo junino; 2) as festas de mouros e cristãos (de antagonismo e luta); e 3) o significado das lutas rituais e das representações de máscaras.*

*Na primeira dimensão, explora-se “uma hipótese que, embora pouco satisfatória e conclusiva, constitui uma importante pista de investigação”. Tra-*

ta-se da influência das procissões do Corpus Christi e da transferência dos seus elementos para outras festividades, o que, segundo Pinto, “vem levantar a pergunta se as representações de Sobrado não poderão ter sido uma importação de elementos das procissões de Braga ou Penafiel, transferidas para o dia 24 de Junho” (1983, p. 44). Na segunda, sobre a oposição entre mouros e cristãos, conclui-se o seguinte: “abordar as festas de mouros e cristãos é fundamentalmente colocar a questão do processo da cultura popular, dos seus elementos primitivos, do peso dos elementos cristãos e do modo como essa cultura popular assimilou, na sua própria evolução, um facto histórico [...] como foi a presença dos povos árabes. É, pois, colocar a questão dos Bugios!” (...). Quanto ao terceiro eixo, relativo à dinâmica interna da festa, o autor destaca uma vez mais os Bugios que, a seu ver, “personifica[m] a vida da comunidade e a luta ingente que ela tem de travar pela sua sobrevivência e prosperidade. Daqui a razão do uso das máscaras.” (...). Mas além do significado dos mascarados, estabelece também o das lavras rituais, concordando com Gallop quanto a serem ritos de fertilidade.

Manuel Pinto lança ideias para investigações posteriores (e nisso é exemplar e caso único), mantendo-se comedido e prudente quando diz que a sua é uma “reflexão limitada. Mas talvez seja preferível isto, a avançar para altos voos, sem um aprofundamento do fundo que está por detrás das formas de que a festa ainda hoje se reveste” (...). Esta afirmação tinha toda a razão de ser, ainda mais se devidamente situada: 1983. Não obstante, naquela época, Sobrado vivia uma reconfiguração socioeconómica profunda, que teve também repercussões na festa. Porém, volvidos quase 40 anos, a mesma afirmação podia ser escrita novamente com propriedade, pois pouco mais se avançou.”

Entre 2004 e 2015, enquanto editor e coordenador do Blog Bugios e Mourisqueiros, Manuel

Pinto publicou cerca de 409 artigos dedicados à organização da festa, às iniciativas da Associação da Casa do Bugio e, sobretudo, ao resgate de memórias, fotografias e documentação. Em tom informal, mas rigoroso, este blog constituiu um verdadeiro arquivo digital da Bugiada e Mouriscada, desempenhando um papel fundamental no conhecimento e divulgação da festa durante o período em que esteve ativo.

Participou ainda, direta ou indiretamente, em projetos da Universidade do Minho relacionados com o registo da festa no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial e com o projeto Festivity, integrando redes académicas mais amplas e dialogando com investigadores de diversas áreas. A sua presença em congressos, encontros científicos e eventos culturais reforça a dimensão pública e partilhada do seu trabalho, sempre orientado para a valorização da festa.

Entre as suas contribuições mais relevantes destaca-se também o texto para o livro *Máscara Ibérica – Vol. II*, obra de grande importância pela qualidade dos textos e das fotografias, pela transcrição em castelhano e pela integração da Festa de São João de Sobrado no conjunto mais vasto das festividades de máscaras da Península Ibérica. Nesse contexto, Manuel Pinto descreve a festa como “Apaixonada e colorida, telúrica e exuberante. Assim se poderia adjectivar aquela que é, certamente, uma das mais espantosas manifestações da cultura popular portuguesa: a Festa de S. João de Sobrado. Entrar nela é muito mais do que assistir a um espectáculo: é entrar num jogo de cumplicidade, é deixar-se apanhar pelo espírito da festa que é ritual, participação, arrebatamento.”

Mais do que um investigador isolado, Manuel Pinto afirma-se como uma das figuras centrais da Bugiada e Mouriscada, pela consistência do seu trabalho, pela capacidade de mobilização e pela convicção de que estudar a festa é, também, uma forma de a manter viva.



Apresentação do livro “São João de Sobrado. A Festa da Bugiada e Mouriscada” (foto de Fábio Macedo, 2024)

#### Bibliografia

- ICS-UM (2020) Professor catedrático Manuel Pinto aposentou-se no início de dezembro. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em <https://www.comunicacao.uminho.pt/evento/professor-catedratico-manuel-pinto-aposentou-se-no-inicio-de-dezembro/>
- JNR (2017) Quase 80 valonguenses homenageados. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em <https://www.jornalnovoregional.pt/2017/11/quase-80-valonguenses-homenageados/>
- CECS-UM (2017) Investigador do CECS homenageado pelo concelho de Valongo. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em <https://www.cecs.uminho.pt/investigador-do-cecs-homenageado-pelo-concelho-de-valongo/>
- CECS-UM (s/d) Manuel Pinto. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em <https://www.cecs.uminho.pt/investigador/manuel-pinto/>
- CECS-UM (2022) Manuel Pinto: professor emérito. Consultado a 15 de janeiro de 2026 em [https://www.cecs.uminho.pt/manuel-pinto-professor-emerito/#prettyphoto\[group\]/0/](https://www.cecs.uminho.pt/manuel-pinto-professor-emerito/#prettyphoto[group]/0/)
- ASJS (2004) Livro de Atas da Assembleia Geral: Ata nº 13



Bugiada das

# We came from space

**A tradição foi remixada numa linguagem futurista**

*Nuno Alexandre Ferreira*

A Bugiada e Mouriscada, em Sobrado, é daquelas festas que parecem ter sido feitas para sobreviver ao tempo. Máscaras, rituais, personagens e narrativas transmitidas de geração em geração, tudo isto já tem uma força própria, mas foi preciso aparecer o projeto Interpretações Gráficas da Festa da Bugiada e Mouriscada para mostrar que tradição também pode ser matéria-prima para inovação.

Integrado no Festival do Norte e promovido pela We Came From Space, este projeto, de 2013, criou uma ponte direta entre o imaginário ancestral da festa e a linguagem gráfica da nova geração de ilustradores portugueses. O resultado? Uma coleção de serigrafias que não replica a festa, reinterpreta-a.

O ponto de partida foi simples e ambicioso: revistar a iconografia da Bugiada e Mouriscada com olhos contemporâneos. Para isso, dois académicos (Rui Vitorino Santos e Júlio Dolbeth) e o coletivo artístico ARARA guiaram um grupo de jovens ilustradores através de uma verdadeira imersão nos símbolos da festa.

Durante a primeira fase, os participantes exploraram:

- a história e narrativa da Bugiada,
- personagens centrais como o Reimoeiro, o Velho, o Cego ou a Serpente,
- a estética dos Bugios e Mouriscos,
- e paralelos com outras tradições portuguesas, como os Caretos ou o figurado de Barcelos.



*Processo criativo (foto de Álvaro Martino, 2013)*

Foi um mapeamento visual e cultural que ligou a festa ao universo mais amplo das manifestações populares do norte de Portugal, não para a colocar num pedestal, mas para a contextualizar como fonte viva de criação.

Na segunda fase, o grupo passou da análise ao gesto. Cada ilustrador começou por trabalhar individualmente, experimentando formas, cores, personagens e detalhes. Depois, as abordagens foram cruzadas entre todos, permitindo que as linguagens se contaminassem e se transformassem.

O objetivo não era a fidelidade histórica, mas sim a criação de novas narrativas visuais a partir dos elementos tradicionais da festa. Foram representadas cenas emblemáticas como a Sementeira e a Lavra Ritual, a Dança do Cego ou a Cobrança dos Direitos, sempre a partir de uma perspetiva contemporânea e gráfica.

As ilustrações finais foram impressas manualmente em serigrafia nas instalações da We Came From Space. E este detalhe importa: o processo manual dá às peças um carácter orgânico que combina perfeitamente com a natureza ritual da Bugiada.

Participaram nesta criação coletiva: Andy Calabozo, Catarina Azevedo, Hugo “Xesta” Moura, Laro Lagosta, Miguel Almeida, Min, Nelson Duarte, Nicolau, Paulo Mariz e Ricardo Abreu.

As imagens resultantes não são assinadas individualmente, uma vez que cada cartaz é uma composição que mistura vários autores, reforçando o espírito colaborativo do projeto e da própria festa. Hoje, grande parte da coleção está exposta na Associação São João de Sobrado, acompanhada por fotografias do processo criativo.

Este projeto nasceu também no contexto da candidatura da festa a Património Imaterial da UNESCO. E é precisamente neste momento que iniciativas como esta fazem diferença: mostram que tradições vivas não se conservam apenas, elas reinventam-se.

“Interpretações Gráficas da Festa da Bugiada e Mouriscada” não pretende substituir o que existe. Pelo contrário: revela novas camadas possíveis num património que continua a inspirar. É tradição, sim, mas vista a partir de um presente que não tem medo de experimentar.



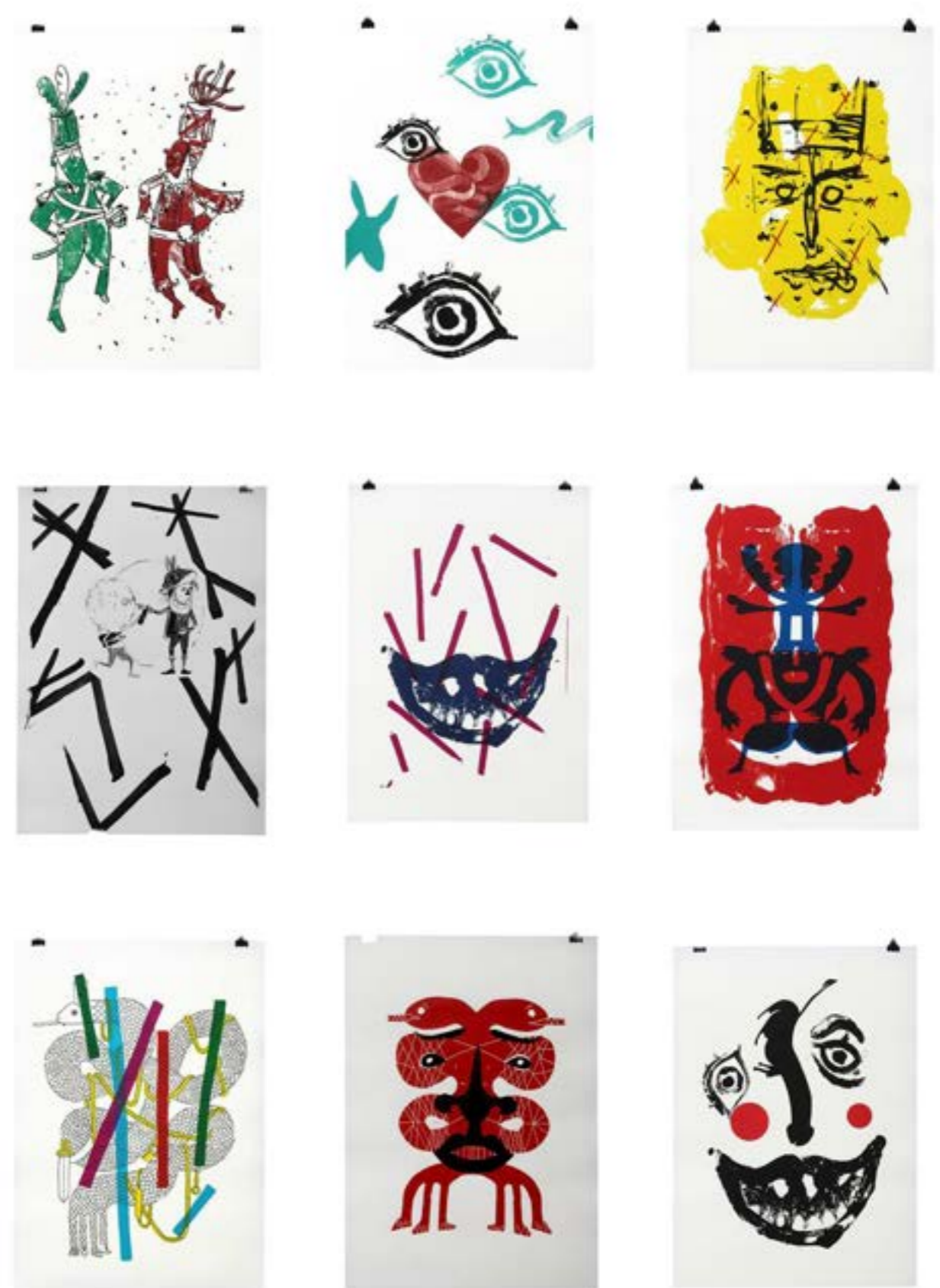
Processo criativo (foto de Álvaro Martino, 2013)



Processo criativo (foto de Álvaro Martino, 2013)



Processo criativo (foto de Álvaro Martino, 2013)



9 pinturas inspiradas na Bugiada e Mouriscada (projeto We came from Space, 2013)



13 pinturas inspiradas na Bugiada e Mouriscada (projeto We came from Space, 2013)



**Bibliografia**

- Pinto, M. (2013) Um livro, um vídeo e uma exposição. Consultado a 27 de novembro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/07/um-livro-um-video-e-uma-exposicao.html>
- Dolbeth, J. (2014) Convergências entre ilustração contemporânea em Portugal e património popular português. Consultado a 27 de novembro de 2025 em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/82876>



Dança do Doce (foto de Município de Vátongo, 2017)



Pedro Dias, o Caixa dos Mourisqueiros (foto de Hugo Carneiro, 2024)

# Caixa dos Mourisqueiros

## o monótono rufar do tambor

Numo Alexandre Ferreira

Na Mouriscada, tanto o tambor que é tocado como a pessoa que usa o instrumento denominam-se de Caixa. Por tradição, tem sido sempre um homem a tocar a caixa, dirigindo parte das danças mouriscas através das suas melodias bélicas. Sempre a pé, o seu tronco suporta o tambor que é tocado por duas baquetas. Em algumas partes das danças encontra-se no mesmo local a tocar, mas noutras toca em movimento. É uma das figuras centrais da Mouriscada, uma vez que intervém e acaba por definir, com o som da caixa os movimentos rítmicos e danças dos Mourisqueiros, não podendo parar nem errar para não colocar em causa a boa execução das danças por parte dos mouriscos.

O Caixa é músico, guia invisível, maestro de guerra simbólica, guardião do tempo certo. O seu erro é o erro coletivo. O seu cansaço é abafado pela responsabilidade de manter viva uma coreografia que atravessa gerações.

A primeira referência escrita à caixa e à sua melodia deve-se a Rodney Gallop que mencionou, a propósito da Dança do Doce dos Mourisqueiros a qual presenciou em 1932 que *“A única música consistia no monótono rufar do tambor que combinava com o silêncio e ar decidido dos dançarinos, a emprestar ao seu desempenho uma qualidade estranhamente sinistra, como que a presagiar uma explosão de selvageria primitiva. (...)”*.

Nas décadas seguintes, investigadores e etnógrafos fixaram em imagem e palavra aquele que se tornaria uma das figuras mais emblemáticas da Caixa. Santos Júnior, nas suas filmagens dos anos 30, registou aquele que é o testemunho visual mais antigo quer da festa quer da caixa, tendo como protagonista o célebre tocador da época (Tio Fritoso). Em 1940, Armando Leça visitou Sobrado e também abordou a existência da Caixa dos Mourisqueiros, deixando fotografias marcantes do mesmo executante no seu labor.



Fritoso no seu último ano como Caixa dos Mourisqueiros (Foto de J.R. Santos Júnior, proveniente do Centro de Memória de Torre de Moncorvo, cedida pelo CDBM-Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1964)

Teresa de Jesus André, aluna de Santos Júnior, ao documentar a festa nos anos 60, deixava claro o papel central desta figura ao escrever:

*“Tamboleiro é a designação dada, em Sobrado, à pessoa que comanda a troupe dos Mouriscos tocando tambor.”*

E acrescentava ainda, num retrato humano e vívido do tocador que então assumia a função:

*“O tamboleiro é o senhor Joaquim Frutuoso de oitenta e dois anos de idade, homem “nervosento”, porque a idade assim o [permite], segundo a opinião duma mulherzinha que o conhece desde miúdo. Toca há muitos anos e vive tudo isto de alma e coração, com uma intensidade tal, que gosta de dirigir a dança, parar quando muito bem entender e fica furioso quando alguém se intromete. Apesar disto, sente-se cansado e ameaça deixar de tocar, facto que traz preocupados todos aqueles que se interessam pela realização desta festa, porque não encontram outro tamboleiro que desempenhe tão bem o seu papel.”*



Ilídio da Rola (foto de Manuel Ferreira da Costa, s/d)

Esse tocador manter-se-ia como referência maior até 1964, ano do seu último São João na função, encerrando um ciclo antigo da Mouriscada e abrindo caminho a uma nova geração de Caixas.

### Ilídio da Rola: A Memória Resgatada

Há figuras que o tempo quase apaga, mas que a memória coletiva teima em trazer de volta. Elísio Vieira da Costa, conhecido como Tio Elídio da Rola, é uma delas.

As galas de São João de Sobrado têm permitido recolher memórias importantes e resgatar figuras do passado. O Tio Elídio da Rola foi um dos casos. Não existem muitas informações nem registos fotográficos, mas isso não impediu que a sua memória fosse recuperada.

Elísio Vieira da Costa nasceu em Sobrado a 24 de outubro de 1912 e faleceu a 9 de agosto de 1989. Foi Caixa dos Mourisqueiros pelo menos duas vezes, a primeira na década de 40 no ano em que o Luís Caixeiro (Luís Ribeiro Fernandes) prendeu o pai (Joaquim Ribeiro Fernandes) e a segunda possivelmente na década de 60. Mesmo com poucos registos, o seu nome ecoa na linhagem dos que sustentaram o ritmo da tradição.

### Zé Malhado: Meio Século de Tambor

Se há um nome que todos conhecem, é o de José Barbosa Silva, o eterno Zé Malhado.

O Zé Malhado foi Caixa dos Mourisqueiros por quase 5 décadas, conduzindo a Mouriscada com o



Zé Malhado (acervo ASJS, s/d)

seu toque peculiar e sublime, acompanhando inúmeros Reimoeiros e Mourisqueiros por várias gerações, nomeadamente figuras como Manuel Joaquim Pinto (anos 60), Macale e José Eduardo Maiata (anos 70), Fernando Tuna (anos 80 e 90), Caínha (anos 90) e muitos outros. Ele substituiu o célebre Fritoso em 1965, tendo ainda sido contemporâneo de Ilídio da Rola.

José Barbosa Silva nasceu em Recarei, a 5 de fevereiro de 1938, tendo falecido com 78 anos, a 27 de julho de 2016. Tocou pela última vez no São João de Sobrado em 2014, no ano de Bruno Moreira como Reimoeiro.

Era um homem com um temperamento forte e por vezes difícil, sendo por vezes complicado convencê-lo a tocar no São João, mas sempre aceitava. Uma

das histórias mais interessantes foi que, debilitado, teve de tocar a Caixa numa carrinha.

Foi sepultado no cemitério de Sobrado e em 2020, em pleno covid, foi homenageado pelos Mourisqueiros (diga-se de várias gerações) que lhe colocaram uma lápide na sepultura e um ramo de flores. Na lápide que os Mourisqueiros ofereceram encontra-se o seguinte: “Que nunca nos esqueçamos de quem se entregou de alma e coração pelo São João. Descanse em paz ZÉ MALHADO! ENQUANTO EXISTIR O SÃO JOÃO, SERÁS LEMBRADO!”

Na Caixa substituí-o Fernando Lopes por alguns anos e logo a seguir o seu aprendiz de pequenino, Pedro Dias, que ainda se mantém na função.

### Fernando Presunto: O Regressado



Fernando Presunto (foto de Paulo Luís, 2017)

Fernando Lopes foi caixa dos Mourisqueiros cerca de seis anos, nomeadamente em 1969 e 1970 e também entre 2015 e 2018.

O ano, possivelmente mais memorável para ele, terá sido quando o seu irmão, António Lopes, foi Reimoeiro em 1970. Dois irmãos a comandar a Mouriscada neste ano.

Quando Zé Malhado deixou de tocar, Fernando Lopes tornou-se a salvação, ainda que temporária, porque também a sua idade não permitiria muito tempo.

Em 2015, Manuel Pinto referiu que:

*“Mais cedo ou mais tarde iria acontecer: este ano houve que mudar aquele que toca a caixa, no acompanhamento das danças dos Mourisqueiros. Já não acontecia tal há décadas. Fernando Lopes não é propriamente um novato na função - e menos ainda um estreante: já tocou pelo menos nas festas de de 1969 e 1970, quando o seu irmão foi de Reimoeiro. Aparentemente, não se esqueceu. Os ensaios que tem feito este ano demonstram, se dúvidas houvesse, que temos caixa.”*

E, de facto, havia.

### Pedro Dias: O Ritmo do Futuro

A tradição vive porque alguém a sonha antes de a herdar. Pedro Dias, nascido a 11 de outubro de 2001, é o mais novo Caixa de sempre, tendo assumido a função com 17 anos apenas.

A sua paixão pela Caixa começou bem cedo. Em 2014, Manuel Pinto, no seu blog, já mencionava que:

*“Tomem atenção a este miúdo, Pedro de seu nome. O seu grande sonho é pôr os Mourisqueiros a dançar ao som do tambor por si tocado. Há*



Pedro Dias (foto de Hugo Carneiro, 2024)

*uns dois ou três anos que comecei a observá-lo. Quer nos ensaios, quer no dia da Festa, não largava o ‘caixa’ nem por um momento. Acompanha-o como se fosse a sua sombra. Põe os ouvidos à escuta. Memoriza os ritmos e as intensidades. E confidenciou-me alguém que sabe que ele está a ficar pronto para ser ele a executar a função. Claro, o corpo*

*ainda não ajuda. O volume da caixa e a exigência da tarefa não é pera doce. Mas ele não desiste. Tem-na fisgada e vai fazer tudo por que chegue o seu dia. Os Mourisqueiros não podem ficar dependentes apenas de um tocador. (...)”*

Esse dia chegou em 2019, quando foi convidado pelo Reimoeiro Ricardo Alves para assumir a função.

Pedro também já foi Mourisqueiro e descreveu assim a sua ligação ao instrumento:

*“A partir de 2010 sempre foi a minha perdição. Lá está, o meu irmão logo no ano seguinte foi de Mourisqueiro e então acompanhava sempre o meu irmão. Sempre que eu o acompanhava invés de ficar no lugar das outras pessoas, eu não sei porquê, mas eu interessava-me tanto pela caixa que ficava ao lado de quem tocava a caixa. (...) Para teres noção, eu tocava a caixa e em minha casa andava para trás e para a frente como se estivesse a fazer o São João.”*

Hoje, é ele quem carrega o peso físico do tambor e o peso simbólico da continuidade.

### O Ritmo que Não Pode Parar

A história da Caixa dos Mourisqueiros é uma história de resistência física, de nervos de aço e de devoção absoluta à festa. Cada um destes homens foi bússola rítmica, memória viva e elo entre gerações.

Enquanto houver São João em Sobrado, haverá alguém a carregar a caixa e a marcar o compasso de uma dança que pertence a todos os que já tocaram, aos que tocam agora e aos que ainda sonham vir a tocar.

E quando o tambor rufa, não é só a dança que começa. É a história que volta a bater.

### Bibliografia

- Alge, Bárbara (2010) Die Performance des Mouro in Nordportugal. VWG: Berlim (Alemanha)
- André, Teresa Moura de Jesus (1965) - As bugiadas do S. João em Sobrado-Valongo. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
- Araújo, M. (2004). Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho. O S. João de Sobrado-Valongo. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto
- Moreira, B. (2025) Para lá da lenda de São João de Sobrado: Os sentidos da Festa e o lugar dos recursos culturais no concelho de Valongo. Consultado a 10 de fevereiro de 2026 em [https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/170858?fbclid=IwY2xjawPSSipleHRuA2FlbQIxMABicmlkETBYSRjYVN4cVNRR-GtEWGtRc3J0YwZhcHBfaWQQMjlyMDM5MTc4ODIwMDg5MgABHnF44honmi93u\\_B2dxgUQgs25A7HV6g2Gy2oSMfsODddWPBz9aazC8czwRLd\\_aem\\_rT6Y75Uj1xGFAjyERGx9Wg](https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/170858?fbclid=IwY2xjawPSSipleHRuA2FlbQIxMABicmlkETBYSRjYVN4cVNRR-GtEWGtRc3J0YwZhcHBfaWQQMjlyMDM5MTc4ODIwMDg5MgABHnF44honmi93u_B2dxgUQgs25A7HV6g2Gy2oSMfsODddWPBz9aazC8czwRLd_aem_rT6Y75Uj1xGFAjyERGx9Wg)
- Pinto, M. (2011) Rodney Gallop (1) - A Dança dos Mourisqueiros em 1932. Consultado a 10 de fevereiro de 2026 em <https://bugiosmourisqueiros.blogspot.com/2011/12/rodney-gallop-1-danca-dos-mourisqueiros.html>
- King, N. (2020) Zé Malhado homenageado pelos Mourisqueiros. Consultado a 10 de fevereiro de 2026 em: <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/06/25/ze-malhado-homenageado-pelos-mourisqueiros/>
- Pinto, M. (2014) Pedro e a Paixão pelo tambor. Consultado a 10 de fevereiro de 2026 em <https://bugiosmourisqueiros.blogspot.com/2014/06/pedro-e-paixao-pelo-tambor.html>



Caixa do Frito (foto de Fábio Macedo, 2025)



# CDBM

## O Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada na investigação, valorização e reconhecimento de um antiquíssimo costume

Paulo Caetano Moreira

### O Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

O Município de Valongo, em 2014, implementou as suas primeiras seis marcas identitárias. Entre elas uma relacionada com a singular festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, de incontornável valor cultural e uma das mais ricas e emblemáticas manifestações do património imaterial do país. No mesmo ano, tendo em conta a importância de que se reveste a festa sobradense, nomeadamente, para a comunidade, e dando continuidade a uma aspiração que se havia desenhado com o objetivo de a promover, divulgar e valorizar, bem como de contribuir e cooperar para a salvaguarda desta antiquíssima tradição sanjoanina foi criado, por parte do município, o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada (CDBM). A sua inauguração ocorreria, a 19 de junho, no edifício onde funcionara, desde 2001, o Centro Cultural de Sobrado.

O novo centro de documentação, enquanto espaço temático e interpretativo da festa, na sua abertura contou com o apoio institucional da então Junta de Freguesia de Campo e Sobrado, da então Associação Organizadora da Casa do Bugio e Festas de São João de Sobrado, agora designada por Associação São João de Sobrado, e da Entidade Regional de Turismo Porto e Norte de Portugal. O processo contou, igualmente, com o apoio do Agrupamento de Escolas de Valongo, do qual fazem parte as escolas básicas de Sobrado.

O estudo, reconhecimento e divulgação da Bugiada e Mouriscada do São João de Sobrado, assim como a criação de acervo documental, fotográfico, bibliográfico e patrimonial, tem sido missão do CDBM. Contribui, desta forma, para a defesa e salvaguarda desta manifestação, transmitindo-a às gerações futuras. O acervo que tem vindo a reunir resulta, nomeadamente, da receção de doações de particulares e das próprias atividades que desenvolve. Possui uma sala de leitura, aberta

ao público, com uma pequena biblioteca onde disponibiliza bibliografia sobre a manifestação e sobre património cultural, história e antropologia. Da mesma forma, disponibiliza documentação fotográfica e de imagens em movimento, essencialmente, sobre a Bugiada e Mouriscada. Possui, igualmente, uma sala polivalente/auditório, espaços de trabalho e áreas de exposição permanente e de mostras temporárias.

O CDBM tem uma diversidade de atividades, dirigidas ao público em geral, promovendo as mencionadas exposições, algumas envolvendo a comunidade, nomeadamente a escolar. Aqui, inclui-se a anual decoração sanjoanina no exterior do edifício. Efetua, com regularidade, a mudança na exposição permanente dos trajes, do Velho da Bugiada e do Reimoeiro, pelos da última festa. O centro tem vindo a interagir com a comunidade e divulga as diferentes atividades e eventos, bem como divulga diversificados conteúdos através da sua página na rede social Facebook.

Proporciona serviços educativos e visitas guiadas por espaços associados com a manifestação, assim como tem vindo a prestar apoio, a estudantes e investigadores, em estudos académicos sobre a festa. Este espaço interpretativo e de memória associado ao São João de Sobrado, no desenvolvimento dos mencionados serviços educativos, realiza atividades práticas dirigidas ao pré-escolar, ao ensino básico e secundário no próprio espaço ou em sala de aula. Igualmente, são realizadas atividades práticas com grupos OTL e com seniores. Em todas as atividades, por norma, são sempre efetuadas visitas orientadas pelas exposições patentes.

Procede à prestação de informações específicas sobre a temática e realiza pesquisas, recolha de informação, como acervo documental e bibliográfico, nos mais diversos suportes e faz o seu tratamento. O centro acolhe estagiários do ensino profissional e do ensino superior.

Ainda, no âmbito das suas funções o CDBM realiza, entre outros eventos, apresentações de livros, jornadas, encontros e participa com comunicações em outras iniciativas, fora do concelho, associadas com a temática do património cultural imaterial. Igualmente, participa ou coopera em ações promocionais e realiza exposições, em diferentes locais do país, sempre com o objetivo de valorizar e prestigiar a Bugiada e Mouriscada.

O CDBM é um polo agregador de informação específica sobre esta tradição, bem como sobre património cultural em geral. Tem como propósito estabelecer a ligação desta festa com outras suas congéneres existentes em todo mundo, assim como com eventos onde a máscara é elemento central. Proporciona, desta forma, o conhecimento e investigação, dentro de um diálogo civilizacional, salutar e de respeito entre culturas.

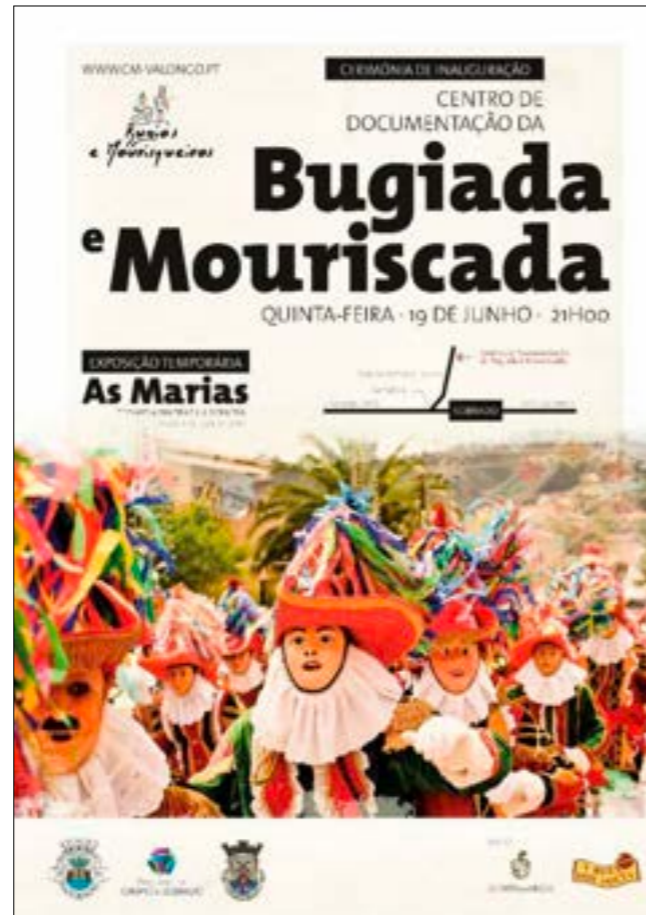
O CDBM tem ainda como fim contribuir para uma leitura global do património cultural da região, nomeadamente do Concelho de Valongo, potenciando e interpretando o território numa estreita relação com a Bugiada e Mouriscada e a sua comunidade. Igualmente, contribui para o reforço da identidade local associada com a festa, a qual é um forte elemento agregador da mencionada comunidade. O centro encontra-se ao serviço desta, inclusive, através da cedência do edifício às associações e às escolas sobradenses, onde desenvolvem diversificadas iniciativas.

Atualmente, de acordo com o Regulamento da Organização dos Serviços Municipais, integra a Divisão de Património Cultural, Bibliotecas, Arquivo e Documentação, que agora assegura a sua gestão e funcionamento (artigo 21.º, j)). O CDBM tem trabalhado em estreita colaboração com a Associação São João de Sobrado, tendo sido agraciado por esta, a 24/01/2025, com o título de sócio honorário.

De entre as diversas atividades, desenvolvidas ao longo de quase doze anos, de destacar<sup>1</sup>:

• 2014 •

19/06 - Inauguração do CDBM e exposição “As Marias: Bugios e Mourisqueiros”, da artista plástica Cláudia Oliveira;



Cartaz da inauguração do CDBM (foto Município de Valongo, 2014)

19/11 - Apresentação do vinho “Bugios e Mourisqueiros”;

6 a 30/12 - Apoio à exposição “A Bugiada. Marias Paperdolls”, de Cláudia Oliveira, no Palacete Viscondes de Balsemão, Porto.



Visita ao CDBM (foto de CDBM - Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2019)

• 2015 •

24 a 28/02 - Exposição fotográfica “São João de Sobrado: Olhar a Tradição”, de aluna da EPV;

18/04 - Comemoração do Dia Internacional de Monumentos e Sítios (DIMS) com o Percurso pelos Espaços da Bugiada e Mouriscada;

19/06 - Exposição coletiva de pintura “Perspetivas Pintadas: Bugiada e Mouriscada”;

10/11 - A partir desta data, cooperação no âmbito do protocolo, assinado no CDBM, entre o Município de Valongo, o Centro de Estudos, Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, a Junta de Freguesia e a Associação São João de Sobrado, tendente ao estudo, à promoção da festa da Bugiada e Mouriscada e ao registo no INPCI;

24/11 a 8/01 - Montra de Natal da Bugiada e Mouriscada.

• 2016 •

1/03 a 20/05 - Exposição fotográfica “Paixão”, de Jorge Barbosa;

18/04 - Comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios (DIMS) com Demonstração de Jogos Tradicionais, no Largo do Passal;

20/06 - Exposição “S. João de Sobrado: Trabalhos Escolares em Retrospectiva”;

Junho - Peça do Mês: “As Dragonas no São João de Sobrado”;

Julho - Peça do Mês: “O Exuberante Chapéu de Bugio”;

Outubro - Peça do Mês: “Faixa de Bugio com Borlas”;

21/11 a 6/01 - II Montra de Natal da Bugiada e Mouriscada.

<sup>1</sup> Quando a realização da atividade tem lugar no CDBM na listagem tal não é indicado.



Exposição “Viagem pelo Mundo da Máscara” de Mercedes Saavedra (foto de CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2019)

• 2017 •

Abril - Peça do Mês: “Castanholas da Bugiada”;

Junho - Peça do Mês: “O Vestido da Casa do Bugio”;

19 a 21/05 - Ação promocional no Porto Wellcome Center;

21/06 - Exposição de pintura “O Espírito do S. João de Sobrado na Alma de um Povo” e instalação “Eu, Bugio e eu, Mourisqueiro: Paz Sanjoanina de Sobrado”, de Fábio Dias;

4 a 7/05 - Participação em ação promocional, com stand, em Lisboa, no Festival Internacional da Máscara Ibérica (FIMI);

19 a 21/05 - Ação promocional da Bugiada e Mouriscada no Porto Wellcome Center;

Agosto - Peça do Mês: “Barretina de Reimoeiro”;

31/08 - Lançamento do livro “Rituais com Máscara: Rota das Máscaras em Portugal: Valongo”;

4/12 a 8/01 - III Montra de Natal da Bugiada e Mouriscada;

4/12 - Exposição “Edifícios Religiosos de Sobrado em Maquete”, de Joaquim Rocha.

• 2018 •

Janeiro - Peça do Mês: “Máscara de Carnaval tornam-se máscara de Bugio”;

1 a 11/03 - Exposição “Bugios e Mourisqueiros”, em Sintra, no Festival Periferias, numa ação conjunta com a Associação;

15/01 a 28/02 - Exposição do 1.º Raide Fotográfico Caretos de Lazarim na Alcaria de Mazes”, do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI);

4 a 19/05 - Participação na “Exposição de trajes típicos”, na Torre dos Alcoforados, cidade de Lordelo, no concelho de Paredes;

17 a 20/05 - Participação em ação promocional, com

stand, em Lisboa, no Festival Internacional da Máscara Ibérica (FIMI);

24/05 a 30/09 - Exposição de pintura “A Bugiada dá cor ao Desenho”, de Célia Almeida;

29/07 - Participação nas Jornadas do Património Cultural Imaterial, em Torre de Dona Chama, com a comunicação “Festa de São João de Sobrado: Bugiada e Mouriscada”;

28/09 - Jornadas Europeias do Património com encontro intergeracional “Partilhar Memória no CDBM”;

3/12 a 7/01 - IV Montra de Natal da Bugiada e Mouriscada;

13/12 - Participação no “Em Concreto (2): O património imaterial no terreno: expectativas, experiências, perspectivas”, em Guimarães, com a comunicação “São João de Sobrado: Bugiada e Mouriscada”.

• 2019 •

25/01 a 31/03 - Exposição fotográfica “Viagem pelo Mundo da Máscara”, de Mercedes Vázquez Saavedra;

16 a 19/05 - Participação em ação promocional, com stand, em Lisboa, no Festival Internacional da Máscara Ibérica (FIMI);

24/05 - Exposição fotográfica “O Rosto da Bugiada e Mouriscada”, de Luís Carlos Pedro;

8 a 30/06 - Exposição “Bugiada e Mouriscada: Um S. João Diferente, Aqui ao lado: Sobrado, Valongo”, no espaço Art la Vie do então Centro Comercial La Vie Porto Baixa, localizado no coração da cidade do Porto;

22/06 – Jornadas Culturais “Porque se fazem as Festas? Grandes Festa Populares”;

Junho - Publicação de artigo “Bugiada e Mouriscada de Sobrado”, na Revista Nona Arte, n.º 51, da Federação Portuguesa das Confrarias Gastronómicas;

28/09 - Jornadas Europeias do Património com recriação de uma desfolhada, no CDBM”;



Exposição “Viagem pelo Mundo da Máscara” (foto de Mercedes Saavedra, 2019)

• 2020 •

Maio a julho - Participação nas 7 Maravilhas de Portugal tendo a Bugiada e Mouriscada de Sobrado, tendo chegado a Finalista Regional;

8/06 - Obtenção da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, IP. autorização para uso das imagens em movimento mais antigas da festa da Bugiada e Mouriscada, da autoria do Professor Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior;

19/06 - Debate online “Bugiada e Mouriscada em Tempo de Pandemia”, no âmbito de um Ciclo de Debates “Logomarcas de Valongo: Salvaguarda da Identidade de um Município”;

19/06 - Exposição “Bugios e Mourisqueiros em Registos Fotográficos”, da autoria de André da Rocha Ferreira;

19/06 - Submissão do pedido de registo da Bugiada e Mouriscada de Sobrado no INPCI;

21/08 a 30/09 - Exposição fotográfica “O Rosto da Bugiada e Mouriscada”, de Luís Carlos Pedro, no Art la Vie do Centro Comercial La Vie Porto Baixa;

Outubro - Aquisição do livro “A Magia das Máscaras Portuguesas”, de António Pinelo Tiza, para distribuição pelas escolas do concelho;

1/10 a 31/12 - Exposição de fotografia “Bugios e Mourisqueiros: Festividade de S. João – Bugiada e Mouriscada”, no CIMI.

• 2021 •

16/04 a 4/06 - Exposição “Máscaras Rituais: do Solstício de Inverno ao S. João”, da Academia Ibérica da Máscara;

16/04 - Apresentação online do livro “A Magia das Máscaras Portuguesas”, de António Pinelo Tiza;

29/05 - Exposição “Bugios e Mourisqueiros em Registos Fotográficos”, da autoria de André da Rocha Ferreira, na Casa de Cultura de Melgaço;

18/06 a 13/08 - Exposição fotográficas “Bugios e Mourisqueiros” (coletiva) e “O Rosto da Bugiada e Mouriscada”, de Luís Carlos Pedro, repartidas pelo edifício da Biblioteca Municipal de Valongo, átrio da Câmara Municipal de Valongo e bibliotecas de Alfena e Ermesinde;

19/06 - Exposição de pintura e escultura “Bugios e Mourisqueiros no Olhar do Artista”, de Mário Portugal;

19/06 - Apresentação, em Braga, da comunicação “São João de Sobrado, Valongo”, a convite da Comissão de Festas do São João bracarense;

19/06 - Legendagem do vídeo promocional “Festa da Bugiada e Mouriscada. Sobrado - Valongo”.

• 2022 •

Abril - Lançamento do repto à comunidade para recolha de espólio da Bugiada e Mouriscada para o CDBM;

4 a 6/05 - Participação com a comunicação “São João de Sobrado: espaços de interpretação, identidade, comunidade e instituições representativas” no Congresso Internacional “Festividades, Culturas e Comunidades: Património e Sustentabilidade”, da Universidade do Minho, organização pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade;

19/06 - Apresentação do livro infantil “Bugios e Mourisqueiros: A História do São João de Sobrado”, da autoria de Paulo Figueiredo, com ilustrações de Rui Sousa;

Junho - Publicação da nova brochura “Bugiada e Mouriscada: Sobrado. Valongo: 24 de junho”;

3 e 4/09 - Comunicação “Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada: Um Museu-não-Museu”, no Encontro Internacional Desenvolvimento Comunitário e Museus-não-Museus, Fundão;

Setembro - Publicação do artigo/comunicação “São João de Sobrado: espaços de interpretação, identidade, comunidade e instituições representativas”, nas atas do congresso internacional “Festividades, Culturas e Comunidades: Património e Sustentabilidade”, realizado em maio;

14/10 - Exposição “Bugiada e Mouriscada nos anos 30: por Santos Júnior, Alford e Gallop”;



Exposição “Bugiada e Mouriscada na objectiva dos sobradenses- parte II” (Foto de Município de Valongo, 2025)



Presidente da ASJS, António Marques Vale, na exposição “Bugiada e Mouriscada nos Anos 30” (foto de Município de Valongo, 2022)

• 2023 •

16/02 a 28/04 - -Exposição fotográfica “Folia”, da autoria de Egídio Santos;

18/04 - Comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios (DIMS) com “Ordem na Conversa”;

18/05 - “Encontros com a Memória”, assinalando o Dia Internacional dos Museus (DIM);

18/05 - Exposição “Bugiada e Mouriscada na Objetiva dos Sobradenses” – parte I;

26 e 27 de maio - Apresentação da comunicação “Bugiada e Mouriscada: Espaços Interpretativos e de

Salvaguarda”, na Conferência “Máscara Identidade de Uma comunidade”, no CIMI;

7/06 - Apresentação do livro “Os Zés Pereiras: uma tradição musical do Entre-Douro-e-Minho”, de Napoleão Ribeiro e Tiago Manuel Soares;

13 a 30/06 - Cooperação com Associação São João de Sobrado na exposição promocional “Bugiada e Mouriscada”, no centro comercial MaiaShopping;

16/06 - Participação nas comemorações “Portugal Imaterial: Convenção UNESCO 2003 - 2023”, com divulgação da festa;

6 a 10/09 - Participação com ação promocional da Bugiada e Mouriscada na Expoval, em Ermesinde;

10/12 - Apresentação do documentário “Bugiada e



Visita do Bispo do Porto ao CDBM (foto de Fábio Macedo, 2026)



Joaquim Rocha, artista das réplicas do Património Religioso de Sobrado (foto de CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2017)

Mouriscada de Sobrado: a festa e que a faz”, produzido pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade;

Novembro - Publicação da brochura “Bugiada e Mouriscada: Sobrado. Valongo: 24 de junho”, nas versões em espanhol, francês e inglês;

Dezembro - Participação na Revista Municipal Val-lis Longus, n.º 1, 2.ª série, com o artigo “Bugiada e Mouriscada de Sobrado: A Festa e seus Espaços Interpretativos e de Salvaguarda”;

Dezembro - Participação na revista “Lavra da Praça”, editada pela Associação São João de Sobrado, com o artigo da “Bugiada e Mouriscada Fora de Portas e Algumas Designações”.

• 2024 •

26/01 - Apresentação do livro “Desordenamento In-completo”, de Helena Garcia;

28/02 - Encontros com a Memória sob o tema “Namosos de Antigamente”;

15/03 - Apresentação do livro “São João de Sobrado. A Festa da Bugiada e Mouriscada – Comissão de Festas São João de Sobrado 2017”;

12/06 - Adesão do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada – Município de Valongo, à Rede Nacional do Património Cultural Imaterial (RNPCI);

15 e 28/06 - Apoio na realização de exposição promocional da Bugiada e Mouriscada, no centro comercial MaiaShopping;

Julho - Preparação do pedido de adesão do bem patrimonial Bugiada e Mouriscada à Rota “Património Imaterial a Norte” – Rotas a Norte (Aprovação pela Comissão de Gestão das Rotas do Norte em reunião de 20/12/2024);

21/09 - Participação de personagens da Bugiada e Mouriscada no XVI Desfile Internacional da Máscara Ibérica (FIMI), em Lisboa, numa iniciativa conjunta com a Associação São João de Sobrado;

25/10 - “Sons no Património” com um concerto de PZ;

Dezembro - Participação no primeiro tomo da revis-

ta “Lavra da Praça”, com o artigo “Bugiada e Mouriscada fora de portas e algumas designações”;

• 2025 •

Janeiro - Distinção da Bugiada e Mouriscada com o Selo das Rotas do Norte – Selo Rota “Património Imaterial a Norte”;

24/01 - Parte II da exposição fotográfica coletiva “Bugiada e Mouriscada na Objetiva dos Sobradenses”;

Abril - Participação na revista “Lavra da Praça”, tomo II, com o artigo da “São João de Sobrado. A Fotografia mais antiga. Conteúdo e datação”;

1/06 a 10/07 - Colaboração com o Museu Municipal para a realização da exposição “Bugios e Mourisqueiros no Olhar do Artista”, da autoria de Mário Portugal;

7 a 26/06 - Cascata de São João realizada pelo Rancho Santo André de Sobrado;

Agosto - Incorporação no CDBM de documentação da antiga Casa do Povo de Sobrado e periódicos da Junta de Freguesia de Sobrado;

Novembro - Participação na revista “Lavra da Praça”, tomo III, com o artigo da “Bugiada e Mouriscada: a continuidade de uma lenda (1926-1974)”.

• 2026 •

29/01 - Sessão de apresentação de resultados de uma dissertação de Mestrado em Sociologia “Para lá da

lenda de São João de Sobrado: os sentidos da Festa e o lugar dos recursos culturais no concelho de Valongo”, por Beatriz Moreira;

Março - Participação na revista “Lavra da Praça”, tomo IV, com os artigos “Contributos para a compreensão da palavra Bugio: etimologia, significado(s) e contexto simbólico” e “O Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada (CDBM) na investigação, valorização e reconhecimento de um antiquíssimo costume”.

Por este espaço, que já recebeu milhares de visitantes, outras atividades e iniciativas têm vindo a ser desenvolvidas, e continuarão a ser desenvolvidas, em prol das festividades do São João de Sobrado e, nomeadamente, da Bugiada e Mouriscada, enquanto manifestação do património imaterial que se distingue no panorama cultural português, europeu e mundial.



Logótipos CDBM

**CDBM – Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada**

**Morada:**

Rua de Campelo, 340 | 4440-348 Sobrado, Valongo

**Contactos:**

+351 911062744 / +351 220135060

**Email:**

c.doc.bugiada.mouriscada@cm-valongo.pt

**Facebook:**

<https://www.facebook.com/cdbugiadamouriscada>



Prisão do Velho (quadro de Mário Portugal, acervo do CDBM - Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2022)



A angaita do Velho (foto de Paulo Luis, 2018)



# Generoso Ferreira das Neves

## o homem que levou Sobrado no coração

Sr. Generoso (Manuel Pinto, 2009)

Nuno Alexandre Ferreira

Nascido a 26 de setembro de 1929, em Sobrado, Valongo, Generoso Ferreira das Neves cresceu no seio de uma família humilde, entre o som dos teares e a fé que moldava o quotidiano da aldeia. Filho de Miguel Ferreira e Maria Rosa Duarte das Neves, perdeu o pai muito cedo, uma vez que ele emigrou para o Brasil em 1931, quando Generoso tinha apenas dois anos.

O pai nunca mais regressou nem estabeleceu contacto com a família. A mãe, tecedora incansável, criou sozinha os três filhos. Foi nesse ambiente de trabalho e de resiliência que Generoso aprendeu o valor do esforço e da solidariedade, virtudes que marcariam toda a sua vida.

Casou-se jovem, mas a vida reservou-lhe uma dura prova: ficou viúvo aos 39 anos. Ainda assim, o destino concedeu-lhe nova oportunidade de amor, e voltou a casar, construindo uma família marcada pela união e pela fé.

Antes de partir para o estrangeiro, trabalhou na construção civil e nos lavradores locais, tendo depois sido garçom e motorista, profissões que o ensinaram a lidar com o mundo e as suas voltas. Em 1959, como tantos portugueses da sua geração, decidiu emigrar para o Brasil, levando consigo dois dos seus filhos e o sonho de uma vida melhor. No país que o acolheu, encontrou sucesso como empresário, mas nunca esqueceu as origens.

Generoso Ferreira das Neves regressava sempre que podia. E, a partir dos anos 1980, o São João de Sobrado tornou-se para ele uma promessa e uma missão. Foi juiz da festa em vários anos, nomeadamente em 1990, 2000, 2005, 2010 e 2015, papel que desempenhava com devoção e alegria. Na sua voz, o amor pela terra e pela tradição era nítido:

“Desde há cerca de 20 anos que faço questão de estar em Sobrado por altura dos festejos em honra de S. João. Não só porque nasci aqui, mas também porque me permite reviver tempos idos, quando me vi no papel de mourisqueiro, então ainda solteiro, e depois, já casado, também como bugio.”

Ao longo da vida, multiplicou gestos de generosidade. Pagou o concerto do relógio da torre da igreja, ofereceu o restauro de um altar e contribuiu para a aquisição da nova imagem de São João Batista, benzida em 2011. Foi ainda por seu intermédio que o seu amigo e sócio Jacob Barata financiou o elevador da Casa do Bugio, gesto que marcou a história recente da instituição.

### Milagre de São João

Mas talvez o episódio mais comovente da sua vida tenha sido o que ele próprio chamou de “milagre de São João”.

Em 1992, quando viajava para a Europa, recebeu em Paris a notícia de que o seu filho Cassiano tinha sido raptado no Brasil. Desesperado, invocou São João de Sobrado e prometeu que, se o filho regressasse são e salvo, organizaria a festa em sua honra de cinco em cinco anos. O filho foi libertado. E Generoso cumpriu a promessa até ao fim da vida.

### Bibliografia

- Pinto, M. (2009) Sr. Generoso completa hoje 80 anos. Consultado a 20 de fevereiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2009/09/sr-generoso-completa-hoje-80-anos.html>
- Pinto, M. (2010) A generosidade do Sr. Generoso. Consultado a 20 de fevereiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2010/07/generosidade-do-sr-generoso.html>
- Pinto, M. (2009) Generoso Ferreira das Neves será juiz em 2010. Consultado a 20 de fevereiro de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2009/05/generoso-ferreira-das-neves-sera-juiz.html>
- King, N. (2017) Nota de pesar pelo falecimento do Sr. Generoso. Consultado a 20 de fevereiro de 2026 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2017/09/29/nota-de- pesar-pelo-falecimento-do-sr-generoso/>
- King, N. (2015) Sr. Generoso. Juiz várias vezes da Festa de São João. Consultado a 20 de fevereiro de 2026 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2015/05/07/sr-generoso-juiz-varias-vezes-da-festa-de-sao-joao/>

“Faço questão de ser o juiz da festa, de cinco em cinco anos, enquanto viver”, afirmou em entrevista.

### Falecimento

Em 2017, a 29 de setembro, Generoso Ferreira das Neves partiu, aos 88 anos, no Brasil. Deixou, porém, um rasto de fé, de trabalho e de amor à terra.

A Associação da Casa do Bugio, da qual era Sócio Honorário, expressou as sentidas condolências à família transmitindo “A direção da casa do bugio, vem por este meio prestar as sentidas condolências à família do Generoso Ferreira das Neves, grande amigo e benemérito da Casa do Bugio. Informa-se ainda que será realizada dia 5 de outubro as 19h30m a missa do 7º dia na Igreja Paroquial de Sobrado.” enquanto a Comissão de Festas de 2018 recordou-o, referindo que “A vida tem vários mistérios, e o maior deles é a morte. Nunca poderemos entender o porquê de um ente querido ter que partir. Nestas horas não há palavras capazes de confortar os nossos corações. Por isso, vimos aqui prestar a nossa sentida homenagem e manifestar profunda tristeza pelo falecimento do Sr. Generoso Ferreira das Neves (1929-2017). É com esta triste notícia que vemos partir um homem que tanto fez pelo nosso São João de Sobrado! Sentidos Pêsames a toda a família!”

Hoje, o nome de Generoso Ferreira das Neves vive na memória coletiva de Sobrado, inscrito na história da festa que tanto amou. Homem de fé, de palavra e de gestos concretos, deixou-nos um legado maior do que qualquer promessa: a certeza de que a devoção e a generosidade podem atravessar oceanos e permanecer, como chama acesa, no coração de uma comunidade.



# SJS'2018

## Sobrado é outra dança

Prisão do Velho (foto de Paulo Luís, 2018)

Nuno Alexandre Ferreira

A edição de 2018 da Festa de São João de Sobrado permanece como uma das mais marcantes da história recente da celebração. Não apenas pela dimensão do evento ou pela diversidade da programação, mas sobretudo pela forma como conseguiu articular tradição, inovação e envolvimento comunitário, reafirmando a centralidade cultural da Bugiada e Mouriscada na identidade local.

A organização da festa esteve a cargo de cerca de 40 mordomos, que concluíram um percurso iniciado por aproximadamente 80 elementos. Ao longo de um ano inteiro, a comissão promoveu dezenas de iniciativas, desde festas temáticas a eventos gastronómicos e participações em festividades fora de Sobrado (Gandra, Rebordosa, Paços de Ferreira, Paredes, festa dos anos 80, Sarrabulhada, Cozido à Portuguesa, Festa da Francesinha, Noite da Mulher, Noite do

Homem, entre outros), num esforço contínuo de angariação de fundos e mobilização comunitária.

Como explicou Pedro Vale, mordomo da festa, em entrevista ao jornal O Verdadeiro Olhar,

*“Ser mordomo atualmente exige muito tempo e amor à camisola. (...) Nós pagamos para trabalhar.”*

A dimensão humana da festa é um dos seus traços mais singulares. Num território com cerca de 7 mil habitantes, o envolvimento direto da população atinge números excecionais:

*“Temos cerca de mil pessoas — 600 a 800 Bugios, 50 Mourisqueiros e depois nas outras partes da festa — cerca de 10% da população, que participam ativamente no dia da festa”, sublinhou o mesmo mordomo.*



Inauguração da iluminação festival (foto de Nuno King, 2018)

A edição de 2018 foi liderada por Paulo César Dias, enquanto Velho da Bugiada, e por José Manuel Gaspar, no papel de Reimoeiro, figuras centrais de um ritual profundamente enraizado na vivência local.

Para José Manuel Gaspar, assumir o cargo máximo dos Mourisqueiros representou a concretização de um percurso longo:

*“Ser Reimoeiro foi sempre o meu objetivo. (...) Já vou há 15 anos de Mourisqueiro, mas isto é totalmente diferente.”*

E acrescenta:

*“Só quem é de cá da terra é que sabe o gosto que é fazer parte da festa. É um sonho tornado realidade.”*

Também Paulo Dias sublinhou a exigência e a entrega total que a Bugiada implica:

*“Tem que ser paixão. Alguém que venha de fora e diga ‘vou de Bugio por ir’, na dança de entrada, se tiver muito calor, sai fora.”*

Com 35 anos de participação contínua, o percurso até ao papel de Velho da Bugiada foi vivido como um verdadeiro culminar:

*“Primeiro era um Bugio como outro qualquer. Depois o bichinho começou a crescer (...) até chegar ao topo da carreira.”*

Para além do núcleo ritual, 2018 destacou-se pela introdução de elementos inéditos na organização e na estética da festa. Pela primeira vez, a vila foi iluminada



Mordomos da comissão (foto de Nuno King, 2018)

com iluminação festiva temática, inspirada nos Bugios e Mourisqueiros, criando uma identidade visual própria que viria a manter-se nas edições seguintes. Houve ainda DJ's a atuar no palco principal, reforçando a programação noturna e alargando os públicos da festa.

A festa decorreu entre 16 e 24 de junho, ao longo de uma semana completa. O cartaz artístico incluiu Némanus, Virgul, Mastiksoul, João Lucas & Marcelo, P\*ta da Loucura), 4Mens, uma noite de comédia, bombos e dança. O fogo de artifício foi amplamente recordado como um dos momentos altos da edição.



Cartaz da festa SJS 2018 (acervo ASJS, 2018)

#### Bibliografia

- King, N. (2018) Agradecimento ao Povo de Sobrado. Consultado a 25 de fevereiro de 2026 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2018/07/09/ agradecimento-ao-povo-de-sobrado/>
- King, N. (2018) São João de Sobrado 2018. Consultado a 25 de fevereiro de 2026 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2018/06/25/sao-joao-de-sobrado-2018/>
- King, N. (2018) Verdadeiro Olhar sobre o São João de Sobrado. Consultado a 25 de fevereiro de 2026 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2018/06/07/ verdadeiro-olhar-sobre-o-sao-joao-de-sobrado/>

Outro aspeto distintivo foi a forma como os próprios mordomos se integraram visualmente na festa, utilizando fardamento próprio, colorido e variável de dia para dia, reforçando o sentimento de pertença e a visibilidade do trabalho coletivo por detrás do evento.

A comunicação da festa, particularmente através das redes sociais, refletiu o entusiasmo vivido. Numa publicação de divulgação do cartaz oficial, lia-se:

*“Há dias em que a felicidade não cabe no coração! (...) Eis o Cartaz Oficial do NOSSO São João de Sobrado... Aquele que não há igual (...) aquele que é só nosso!” A mensagem encerrava com a afirmação que se tornaria lema identitário: “Sobrado é outra dança!”*

No final, a comissão deixou um agradecimento público à população, sintetizando o espírito vivido:

*“Um obrigado não chega... é pouco perante tamanha grandeza que foi a NOSSA festa! (...) Um sincero OBRIGADO a todos, que ficarão sempre no nosso coração.”*

A Festa de São João de Sobrado 2018 demonstrou que a vitalidade da tradição reside na capacidade de envolver, renovar e emocionar. Mais do que uma edição bem-sucedida, foi uma afirmação coletiva de identidade cultural, construída com trabalho, paixão e memória partilhada. Foi neste período que surgiu a inspiração de se elaborar uma obra mais ampla sobre o São João de Sobrado, que se materializou nestas quatro edições da revista Lavra da Praça, 7 anos depois.



# Auto da Bugiada e Mouriscada

Momento do auto (Acervo da ASJS, 2019)

Nuno Alexandre Ferreira



Mouros (acervo ASJS, 2019)



Momento do auto (acervo da ASJS, 2019)

Em junho de 2019, Sobrado assistiu a um acontecimento cultural singular: a sua lenda maior abandonou por instantes o espaço ritual da rua e das festividades de São João para ganhar nova vida em palco. O “Auto da Bugiada e Mouriscada” foi um gesto profundo de valorização da memória coletiva, um exercício de identidade cultural e uma declaração de amor a uma das tradições mais emblemáticas do concelho de Valongo, através do teatro.

Idealizado pela Associação Casa do Bugio, o projeto nasceu da vontade de olhar para a lenda com tempo, profundidade e sensibilidade. A intenção não era substituir a festa, nem explicá-la de forma didática, mas criar um espaço de reflexão artística onde a narrativa pudesse ser vivida de outra maneira, de uma forma mais íntima, mais consciente, mais humana.



A plateia do espectáculo (acervo ASJS, 2019)

## Da tradição oral ao palco

A responsabilidade dessa transposição delicada coube a Jacinta Quelhas, autora e encenadora do Auto. O texto, datado de 25 de outubro de 2018 e posteriormente cedido à Associação, é resultado de um trabalho atento de estudo, escuta e interpretação da lenda da Bugiada e Mouriscada enquanto manifestação religiosa, teatral, simbólica e comunitária.

A encenação respeitou o cenário temporal medieval que sustenta a base da lenda, preservando o seu carácter simbólico e espiritual, mas oferecendo-lhe uma nova linguagem estética. O resultado não foi uma reconstituição folclórica, mas sim uma leitura artística criteriosa, onde tradição e criação dialogaram com equilíbrio.

Como referiu Jacinta Quelhas:

*“Eu não quis ensinar nada. Quis partilhar um pouco daquilo que sou capaz de fazer.”*

Esta partilha tornou-se o coração do espetáculo.

## Um teatro da comunidade para a comunidade

O elenco foi formado por elementos do Agrupamento de Escuteiros de Sobrado, que aceitaram o desafio com entrega e entusiasmo. Albertina Sousa, António Santos, Diogo Rocha, Hélder Mata, Margarida

Sousa, Miguel Vale, Noémia Silva Dias, Paulo Silva e Sandra Moreira assumiram os papéis desta narrativa ancestral, provando que o teatro comunitário pode alcançar momentos de grande intensidade quando é movido por pertença e dedicação.

Jacinta Quelhas sublinhou várias vezes a gratidão pelo trabalho dos seus atores, todos amadores, que se envolveram ao longo de meses num processo exigente, onde aprenderam texto, movimento e presença em palco, sempre guiados pelo respeito à tradição que estavam a representar.

### Música, espaço e atmosfera

A experiência cénica foi enriquecida pelo acompanhamento musical do grupo de tocadores da Bugiada, cuja presença trouxe a sonoridade ritual da festa para o espectáculo. Essa fusão entre teatro e música tradicional criou uma ponte sensorial entre o palco e o imaginário coletivo associado ao dia 24 de junho.

O espectáculo teve lugar a 20 de junho de 2019 (inserido no programa da festa de São João de Sobrado 2019) na Residência Paroquial de Sobrado, espaço que foi cuidadosamente decorado para evocar a ambiência simbólica da narrativa. O cuidado visual e cenográfico ajudou a transportar o público para um tempo onde fé, conflito e identidade se entrelaçam, reforçando o carácter imersivo da representação.

O quinteiro da Residência Paroquial registou lotação esgotada, sinal claro da curiosidade e do interesse que o projeto despertou na comunidade.

### Uma noite de comunidade e reconhecimento

Entre o público encontravam-se várias figuras ligadas à vida cultural e religiosa local, como o presidente da Associação Casa do Bugio, António César Ferreira, o pároco Vicente Nunes, Manuel Dias e António Marques Vale, todos envolvidos ou apoiantes do projeto.



Discurso de Jacinta (acervo da ASJS, 2019)

No final, o espectáculo encerrou com o emblemático “Santo é Nosso”, momento simbólico que uniu figurantes, atores e público numa celebração coletiva. Mais do que um aplauso, foi um reconhecimento emocional de que ali tinha acontecido algo especial.

*“Sinto orgulho de ter participado no primeiro Auto encenado desta belíssima lenda. Quanta honra! Aguardo ansiosa a repetição.” — Noémia Silva Dias*

A própria Jacinta Quelhas, no seu discurso de agradecimento referiu:

*“Eu embarquei nesta peça pela paixão pela lenda de São João de Sobrado e porque sempre senti que apesar de se viver aquilo que se passa no dia 24, havia muita gente que não percebia muito bem o que é como é que se passavam as coisas devidamente. Eu não quis ensinar nada. Quis partilhar um pouco daquilo que sou capaz de fazer. E foi o que eu fiz. Entretanto respondi ao desafio que a Casa do Bugio me lançou. Agarramo-nos ao Agrupamento de Escuteiros de Sobrado: fomos lhes bater à porta e do Padre Vicente também. E foi com eles que eu trabalhei durante estes longos meses. Eu estou imensamente grata aos meus atores por todo o papel que desempenharam, atendendo que são amadores. Foi muito bom. (...) Realmente isto correu muito bem e estão todos de parabéns.”*

Em nome da Associação Casa do Bugio, Manuel Dias agradeceu às instituições que apoiaram a iniciativa — Câmara Municipal de Valongo, Junta de Freguesia, Comissão de Festas 2019 e Paróquia de Santo André de Sobrado — bem como aos atores e a Jacinta Quelhas pelo empenho e qualidade do trabalho apresentado.

### Um momento único que se tornou memória

Apesar do impacto positivo, do rigor artístico e da forte adesão do público, o Auto da Bugiada e Mouriscada nunca voltou a ser apresentado. Permanece como um momento irrepetível, quase lendário à sua maneira: um episódio em que a comunidade se viu ao espelho através da arte.

Este espectáculo mostrou como a tradição pode ser reinventada sem perder autenticidade, e como o

teatro pode funcionar como ferramenta de preservação e renovação da memória coletiva. Ao retirar a lenda do contexto exclusivo da festa e colocá-la num espaço de escuta e contemplação, o Auto permitiu que muitos a sentissem de forma mais profunda e consciente.

Mais do que uma encenação, foi um encontro entre gerações, entre fé e expressão artística, entre passado e presente. Um exemplo claro de que o património imaterial vive não apenas na repetição dos rituais, mas também na capacidade de ser reinterpretado com respeito, sensibilidade e visão.

E talvez seja essa a maior herança deste projeto: ter provado que a cultura local, quando tratada com cuidado e criatividade, continua a ter força para emocionar, unir e deixar marca duradoura na história de uma comunidade.



### Bibliografia

• King, N. (2019) Auto da Bugiada e Mouriscada. Consultado a 05 de fevereiro de 2026 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2019/06/12/auto-da-bugiada-e-mouriscada/>



Rosa Mota como bugio de papel no S. Bartolomeu da Foz (foto de António Tedim, 2019)

# São Bartolomeu da Foz do Douro

Nuno Alexandre Ferreira

## Entre o Sagrado, o Mal e o Papel

Todos os anos, no mês de agosto, a Foz do Douro ganha uma energia singular com a chegada da Festa de São Bartolomeu, que é uma das tradições mais emblemáticas e identitárias do Porto. Misturando fé, memória, criatividade e mar, esta celebração distingue-se por um ritual muito particular que atra-

vessou séculos: o banho santo, acompanhado do colorido Cortejo dos Trajes de Papel.

A festa tem origem no culto a São Bartolomeu (que se celebra a 24 de agosto), profundamente enraizado na Foz desde, pelo menos, o século XIX. A imagem do santo guardada na Igreja da Foz do Douro, adquirida em 1887, é hoje testemunho

da importância que estas celebrações tiveram e da relação próxima entre a comunidade e com este santo. Durante décadas, os moradores deixaram oferendas, agradeceram graças e preservaram práticas que ainda hoje se celebram.

Um dos momentos mais marcantes da festividade é o banho santo, quando crentes e curiosos entram no mar acreditando na força purificadora das águas. Esta tradição antecede o Cristianismo e está ligada a antigas crenças pagãs que atribuíam aos rios, fontes e mares um poder de cura e proteção.

Na Foz, o ritual manteve-se vivo: primeiro, cumpre-se a fé; depois, celebra-se com a comunidade. Para muitos, o banho é um gesto simbólico de renovação — deixar o que é velho no mar e regressar à terra “lavado” de males e más sortes.

Se o banho santo é o coração religioso da festa, o Cortejo dos Trajes de Papel é a alma festiva. Surgido de forma espontânea, ganhou fama quando jovens locais começaram a desfilarem pelas ruas vestidos com fatos feitos de papel (piratas, noivos, figuras caricatas ou personagens imaginadas), tendo adquirido maior notoriedade a partir dos anos 60. Das primeiras roupas em papel de jornal até às criações coloridas que hoje atravessam as ruas da Foz Velha, o cortejo evoluiu para um espetáculo artístico e popular. Com o tempo, este gesto simples transformou-se numa tradição comunitária. O papel, frágil e efêmero, acaba por simbolizar o próprio banho santo: os trajes desfazem-se ao entrar no mar, num ritual que liga diversão e simbolismo.

Atualmente organizado pela União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, o evento continua a crescer, mantendo o equilíbrio entre devoção, património e festa. Todos os anos, centenas de figurantes percorrem as artérias da Foz num desfile vibrante que culmina no banho santo.

A Festa de São Bartolomeu é uma manifestação cultural que preserva tradições ancestrais e reforça a identidade de uma comunidade que vive entre o mar e a memória. O cortejo, o banho e a devoção for-

mam um património vivo, participado por gerações e reinventado com criatividade e devoção.



Fim do cortejo e banho Santo (foto de António Tedim, 2019)

Uma festa onde o sagrado encontra o profano, o passado conversa com o presente e o papel — tão frágil — ganha a força da tradição.

## Edição de 2019 dedicada às grandes tradições, inclusive a Bugiada e Mouriscada

A Festa de São Bartolomeu na Foz do Douro, em 2019, foi dedicada ao centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen mas também às grandes tradições de Portugal. Para o desfile de trajes de papel que antecede ao banho santo no Oceano Atlântico, estiveram presentes várias festividades e tradições do nosso país, incluindo os Caretos de Póvoa, Filigrana de Gondomar, Festa dos Tabuleiros de Tomar e também a nossa Bugiada e Mouriscada.

Nos dias que antecederam este desfile, algumas notícias iam sendo partilhadas nas redes sociais sobre a participação da festa, ainda que sem informação fidedigna, promovendo-se o debate sobre este assunto.

A TVI, numa reportagem para o Jornal da Noite, no dia 23 de agosto, aborda o cortejo bem como o fabrico dos trajes de papel, sendo visíveis os trajes inspirados na Bugiada e Mouriscada.

No dia 25 de agosto de 2019, domingo, após meses a preparar este desfile, a Associação Paraíso da Foz,

desfilou pelas ruas e avenidas da Foz do Douro, no Porto, com trajes de papel inspirados nos trajes da Bugiada e Mouriscada. Tentaram manter esta tradição e dignificá-la. A Rosa Mota foi a embaixatriz desta associação, tendo se vestido de bugio de papel. Houve Velho da Bugiada, Bugios, Reimoeiro, Mourisqueiros, músicos e até representação da procissão.



Preparação e fabrico dos trajes de papel (foto de Casa do Bugio, 2019)

Nos momentos que antecederam esta festividade na Foz, a Associação Casa do Bugio, nas suas redes sociais, colocou a seguinte informação:

*A Associação Casa do Bugio, convida todos os amantes da nossa festa, para o cortejo de papel das festas de São Bartolomeu do Mar, onde fomos convidados pela Associação Paraíso da Foz, que retrata com toda a precisão o nosso São João, apesar de toda a dificuldade da nossa indumentária ser em papel.*

*Este evento, onde estarão presentes milhares de participantes, é uma forma digna, e diferente de divulgação do São João de Sobrado, por isso, apelamos, que domingo pelas 10:30, na foz do douro, estejam presentes, para assistir este cortejo único.*

Alguns Sobradenses foram curiosos e deslocaram-se à Foz do Douro para ver, por outro ponto de vista, a Bugiada e Mouriscada. Muitos sobradenses gostaram do que viram ou através das fotos que foram surgindo. Outros nem por isso. Nos dias seguintes, nas redes sociais e no grupo de Facebook S. João com Tradição (dedicado à festa), muitos foram os posts e comentários sobre o ocorrido. Alguns positivos, outros negativos e muitos não construtivos. A verdade é que o medo de perda da autenticidade

e valor da festa persiste na mentalidade local e todas as formas diferentes de participação/ divulgação ou envolvimento da festa, criam medo, crítica, mas sem nunca se chegar a uma ação concertada definida e concreta.

*“Faço um esforço e não consigo perceber as hesitações de alguns sobradenses acerca da divulgação da Bugiada fora de portas. Sou da Foz do Douro, onde o Cortejo de S. Bartolomeu é tradição antiga também (nebulosa a história que não vem aqui para o caso) e que recebeu a “visita” das bugiadas. (...)” - Joaquim Pinto da Silva*



Bugiada em papel no Cortejo de S. Bartolomeu da Foz do Douro (foto de Maria Luísa Marques, 2019)

A verdade é que é um assunto demasiado sério e relevante para ser lavrado nas redes sociais. No entanto, também parece que existiu dificuldade em se chegar a um meio termo, uma vez que nas próprias redes sociais, o ano de 2019 foi bastante polémico e ativo, em todo o tipo de assuntos e situações.

Fábia Pinto, administradora do grupo S. João com tradição, indicou algumas perspetivas interessantes e um bom ponto de partida para uma discussão séria:

*“As Bugiadas e Mouriscadas brilham em qualquer lugar que se apresentem. A singularidade das fardas, a riqueza de pormenor e essencialmente a cor, encantam qualquer um. E encantaram, no passado domingo, num desfile de trajes de papel no S. Bartolomeu, no Porto. Uma bugiada e uma mouriscada desfilaram pela rua usando trajes de papel de rigorosa confeção enquanto quedavam num baloiçar de corpo que pretendia reproduzir uma dança de entrada. As exclamações de espanto e vaidade não se fizeram esperar. Espanto por quem contactava pela*

*primeira vez com a Bugiada e Mouriscada e vaidade pelos sobradenses que sem apelo nem agravo se fizeram deslocar para verem as suas tradições noutras paragens.*

*Assinalou-se, assim, um marco na bugiada e mouriscada de Sobrado. Um marco onde um grupo de sobradenses (que cumulativamente às suas origens desempenham cargos na organização que tutela a festa) decidiram que seria bom fazer-se uma Bugiada no Porto, em agosto, desempenhada por portugueses, sobre a pauta desses mesmos sobradenses e a bandeira de que seria promoção da festa.*

*Entre um sem número de questões que poderia levantar coloco as seguintes à discussão:*

*- Quem via o S. Bartolomeu e não conhecia a festa da Bugiada, percebeu do que se tratava? Sabe o que representam as bugiadas e mouriscadas, onde quando e como se realizam?*

*- Essa suposta promoção tem qual objetivo?*

*- O que tem a festa a ganhar com saídas e animações de outros eventos (romarias, tv, desfiles, feiras)?*

*- Onde fica a autenticidade (que nos caracteriza), tradição e contextualização em representações deste tipo?*

*- Por último qual o papel da Casa do bugio e o critério para apoiar iniciativas deste tipo, e em que momento são os sobradenses /sócios ouvidos em decisões deste tipo?*

*Deixo à vossa reflexão e discussão.”*

As respostas não foram concretas totalmente. A comunidade estava dividida entre o anseio de uma promoção maior da festa e o medo da sua perda, no entanto é relevante lavrar para o futuro, estes anseios

#### Bibliografia

- Iporto (2013) São Bartolomeu convida. Consultado a 23 de novembro de 2025 em [https://iporto.amp.pt/es/eventos/sao-bartolomeu-convida\\_es/](https://iporto.amp.pt/es/eventos/sao-bartolomeu-convida_es/)
- Timeout (2019) O cortejo de papel é já este domingo na Foz do Douro. Consultado a 23 de novembro de 2025 em <https://www.timeout.pt/porto/pt/coisas-para-fazer/o-cortejo-do-traje-de-papel-e-ja-este-domingo-na-foz-do-douro>
- Santos, M. (s/d) O Diabo anda à solta- O Culto ao S. Bartolomeu na Foz do Douro. Consultado a 23 de novembro de 2025 em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/11749/10674>
- Fernando, R. (2019) São Bartolomeu da Foz do Douro: e, uma vez mais, cumpriu-se a tradição! Consultado a 23 de novembro de 2025 em <https://etcetajournal.pt/j/2019/09/e-cumpriu-se-a-tradicao-s-bartolomeu-foi-venerado-por-milhares-de-papel-vestidos-e-de-males-expulsos-pelos-abencoados-banhos-na-praia-do-ourigo/>

de um passado próximo ou até mesmo do presente.

Ao que tudo indica, existiu um verdadeiro esforço na divulgação e promoção da festa de S. João de Sobrado fora de portas. Se esse é o caminho? – o futuro esclarecerá. A verdade é que a Associação Paraíso da Foz foi ousada, criativa, respeitosa e dedicada, de uma forma que muitas das vezes nem em Sobrado se encontra.

A Bugiada e Mouriscada pertence a Sobrado e só aqui encontra o seu sentido pleno. Mas, em 2019, fez uma breve viagem ao Porto, efémera como todos os cortejos de trajes de papel de S. Bartolomeu, e deixou uma memória que merece ser registada para o futuro.



São João de Sobrado em papel no cortejo de S. Bartolomeu da Foz (foto de Sara Nunes, 2019)



Bugiada e Mouriscada em papel no banho santo de S. Bartolomeu da Foz do Douro (foto de etcetajournal, 2019)

# Covid: Não há festa!

Nuno Alexandre Ferreira

Há lugares onde as festas populares são apenas eventos, mas em Sobrado, o São João de Sobrado, é identidade, sangue, pulsação, respiração.

Por isso, quando o mundo parou em 2020 e 2021, Sobrado parou com ele, mas doeu infinitamente mais. Foram dois anos em que a pandemia roubou à vila um dos seus maiores tesouros: a Bugiada e Mouriscada, celebrada no dia 24 de junho, em honra de São João. E se o mundo lidou com confinamentos e cancelamentos, aqui sentiu-se algo mais profundo: uma ferida cultural, emocional e comunitária.

Foram tempos de incerteza para a organização, que tentou de todas as formas que a festa se realizasse, mas sem sucesso.

Como lembram Emília Araújo, Alberto Fernandes & Rita Ribeiro, no artigo *A urgência dos ritmos festivos: Análise a partir do caso de S. João de Sobrado*:

“Diferentemente do que aconteceu noutras localidades... as entidades oficiais sabiam que a notícia não seria fácil de dar aos sobradenses.”

A confirmação do pior chegou a 17 de abril de 2020, quando a Comissão Municipal de Proteção Civil

anunciou a suspensão de todas as festividades até ao final do ano. No dia seguinte, a Casa do Bugio solidificou a sentença:

*“A Casa do Bugio (...) vem por este meio comunicar com grande tristeza e desolação que foi determinada a suspensão das grandiosas festas de S. João de Sobrado 2020.”*

A Comissão de Festas, surpreendida pelas circunstâncias dramáticas, deixou também o seu lamento público:

*“OBRIGADO, é a palavra que surge em forma de gratidão, a todos os que estiveram ao lado da Comissão De Festas, durante esta caminhada rumo ao São João 2020. Infelizmente outros valores falam mais alto, a prioridade é a saúde de todos e como tal reiteramos os comunicados já efetuados, tornando publico o cancelamento dos festejos em honra do São João de Sobrado 2020.*

*Esta comissão de festas é composta por gente verdadeiramente apaixonada pela festa e que garante manter o seu trabalho e o seu empenho para que o São João de 2021 seja uma festa inesquecível. Logo que possível voltaremos a trabalhar em prol dos festejos, com energias renovadas para proporcionar, a todos os que amam o São João, uma festa como merecem, libertando toda energia acumulada, com a paixão que nos caracteriza.*

*Contamos com a ajuda de todos para que a 24 junho de 2021, tudo esteja bem, de forma a desfrutar e viver a nossa paixão de forma intensa como nunca.*

*Até lá, fique em casa, para que rapidamente tudo volte à normalidade! Vamos todos ficar bem! A DANÇA NÃO PÁRA”*



Início da celebração religiosa (foto de Nuno King, 2020)



Mourisqueiros e andor de São João (foto de Nuno King, 2020)

Mas naquele ano... A dança parou mesmo. Parou nas ruas, mas não nos corações.

### 2020: O ano impossível

O ano de 2020 ficará gravado nos anais da história como o ano em que não se festejou a Bugiada e Mouriscada. Ainda assim o dia, apesar de diferente, foi de igual forma dedicado ao São João.

Desde que o país entrou em confinamento em prevenção do Covid-19, em março, que uma das questões que se levantava era se haveria São João de Sobrado. Todos achavam que seria uma coisa passageira e que a festa se realizaria na mesma, mesmo que houvesse constrangimentos. Rapidamente todos perceberam que a pandemia seria uma longa travessia do deserto e que a festa não poderia

ocorrer. Claro que todos queriam celebrar o 24 de junho, mas a saúde estava em primeiro lugar e, portanto, a festa foi cancelada por indicações da proteção civil e das autoridades locais.

A tristeza tomou conta dos Sobradenses, especialmente em maio e inícios de junho, nas semanas em que a nossa vila já fervilharia com os ensaios e os últimos preparativos para a festa. Ninguém pensaria, jamais, viver uma situação como esta, mas era pelo bem comum.

Na semana de São João, Sobrado estava sem vida. Foi aí que percebemos a beleza de pequenos pormenores como a iluminação da Igreja Matriz (que estava sublime), a rotunda de Campelo, a Junta de Freguesia e as casas e ruas que muitos Sobradenses decoraram para manter a tradição.

Na noitada de São João não houve espetáculo, mas houve animação. Muitos foram os fogos de artifício caseiros e até uns espetáculos pirotécnicos na noite em Campelo.

Chegou o dia 24 e aí sim foi desolador. Não se viram centenas de bugios e dezenas de Mourisqueiros nas ruas, pois não era permitido. Mas viram-se inúmeras fardas nas janelas para marcar o dia.

Às 10h00 tocaram os sinos a rebate. A missa solene manteve-se e foi uma missa campal. Pelo menos a missa foi permitida, já não estava tudo perdido. E estava tudo belissimamente decorado.



O momento simbólico do "Roubo do Santo" (foto de Nuno King, 2020)

Para espanto de muitos, foram os Mourisqueiros (sem farda) que carregaram o andor florido de São João de dentro da igreja para o adro. A missa foi bonita, mas faltava algo. Depois da comunhão, todos certamente estariam a pensar quando os Mou-

risqueiros iriam entrar, como faziam todos os anos, para roubar o santo. Nada aconteceu. Reinou apenas um silêncio longo e ensurdecido apenas suplantado pelo toque dos sinos que a muitos assustou. Com o fim da celebração, o "roubo do santo" foi evocado com a procissão de São João que não percorreu o Passal mas circundou a Igreja Matriz. Mais uma vez foram os 7 Mourisqueiros a carregar o andor do santo precursor até ao interior da Igreja Matriz. Findavam assim as celebrações religiosas a São João. A Igreja manteve-se aberta à comunidade para que os crentes pudessem visitar o santo e cumprirem as suas orações.

Também houve uma entrajada. Era para a desinfestação do Covid. Uma crítica social à realidade que imperava no momento.

Algo que marcou este dia, foi a aparatosa presença policial da GNR com um elevado número de guardas e até brigada de intervenção. A festa estava cancelada, não havia necessidade. Seria muito bom que essa presença fosse sentida todo o ano e não apenas nesta situação em concreto e numa situação de pandemia.

Às 13h00 ainda eram algumas as pessoas ao longo da Rua de São João de Sobrado. "São horas e eles sem vir". Foi o momento mais sebastianista que Sobrado alguma vez terá vivido. Esperava-se por algo. Mas nada aconteceu. Em algumas casas e ruas dançou-se o São João, sem fardas, com o mesmo entusiasmo, mas não da mesma forma. Foi desolador.

Quando se ouvia o Hino de São João sentia-se um estremecer da espinha e muitos arrepios. Foi um dia muito longo e duro.

Durante a tarde, em Campelo, alguns músicos tocaram músicas de São João e "recriaram-se" momentos da Bugiada e Mouriscada. Era o pouco que podia haver, mas já servia de consolação. Ouviram-se também alguns foguetes que recordaram a prisão do velho.

Muitas foram as fotografias, vídeos e mensagens partilhadas nas redes sociais em forma de desabafo e certamente com as lágrimas nos olhos.

Fica muito por dizer. Muitos sentimentos que não conseguimos descrever nem expressar. Ficam as memórias deste dia, 24 de junho de 2020, dia histórico e que esperemos que nunca mais se repita.

Que este ano seja um ano de preparação e de reflexão. Que se faça a reflexão sobre a festa e que se melhore alguns aspetos, pois tempo temos de sobra e vontade também. E que se prepare o futuro da festa, quer para 2021 como também para os anos vindouros, para que o São João de Sobrado seja uma maravilha de Portugal e uma festa reconhecida em todo o país.

A Banda Musical de S. Martinho também colocou um vídeo na sua página das redes sociais, no próprio dia 24 de junho de 2020:

*“A Banda Musical de S. Martinho deixa um vídeo de homenagem a todos os Sobradenses e devotos do “nosso São João”. Num dia em que o vazio nos preenche a alma...”*

*No vídeo ficam as partes em que a Banda assume um papel importante no desenrolar deste grande dia, esperemos que possa preencher e ajudar a passar melhor a ausência desta grande festividade. Fica também a homenagem a todos os músicos da Banda Musical de S. Martinho que desde a sua fundação passaram pelo nosso quadro e tinham este dia, como um dos mais importantes da sua vida musical.”*

Tatiana Silva, expressou toda a sua emoção através da arte, de uma forma irreverente e fora do comum. Fez uma caracterização do Velho da Bugiada, em maquilhagem, tendo Rafael Silva sido o modelo. Ela transmitiu o seguinte:



*Make-Up de Velho da Bugiada (foto de Tatiana Silva, 2020)*

*“Este ano de 2020 não podemos celebrar o nosso São João nas ruas de Sobrado, mas sentimos a necessidade de o celebrar de outras formas, porque a paixão está viva dentro de nós!!! (...)”*

Igualmente, Flávio Vale e a sua família, colocaram trajes, máscaras e a farda de Velho da Bugiada do ano de 2001 de seu pai, José Fernando Vale:

*“(...) Hoje, a noite foi escura e o dia é cinzento, queremos que do maior, se torne o dia mais pequeno do ano. Resta-nos recordar e fazer algo para que a nossa festa seja lembrada. Porque o S. João é Sobrado, e neste dia Sobrado é o mundo.”*

O período não festivo terminou com o comunicado da Comissão de festas no dia seguinte ao São João, 25 de junho de 2020:

*“Finalmente passou o pior São João de toda a história.*



*Fardas à janela (foto de Flávio Vale, 2020)*

*Certamente ficará na memória de todos de forma negativa, todos sofremos, todos choramos, todos tentamos fazer algo que nos minimizasse a dor, mas todas alternativas encontradas, nenhuma nos devolveu alegria de ouvir logo de manhã o som da caixa, os guizos e as castanholas dos bugios a tocar ao som dos violinos e braguesas e nem a marcha do São João fez explodir alegria e a emoção de todos anos.*

*Não tivemos este ano, mas estamos desejosos, mais do que nunca, de ter tudo de novo e libertar esta angústia que se acumulou durante todos estes dias que antecederam o grande dia.*

*Para o ano queremos voltar a ter ensaios, ter o som dos carroséis, a iluminação nas ruas, as barracas dos comes e bebes, os grupos os dj's, os tremoços, os bugios, os mourisqueiros, a procissão, palanques, as entrajadas, queremos tudo, tudo que temos direito e*

*merecemos, tudo para festejar a dobrar, para o ano queremos o PASSAL CHEIO, como sempre.*

*Para ter tudo isto, a comissão de festas renovou energias, continuará a sua caminhada rumo ao São João de Sobrado 2021, prometemos empenho e durante o ano divertir e dar alegria aos Sobradenses, a quem pedimos, que se unam que trabalhem connosco para em 2021, seja o ano de diversão, de disfrutar da nossa festa a “dobrar”. No próximo ano RETOMAMOS A DANÇA”*

Foi um ano difícil, sem festa. A Comunidade ficou ainda bastante desagrada com a atuação da proteção civil municipal e com a Câmara Municipal de Valongo que em nada foram sensíveis com as festas de São João de Sobrado e da Senhora da Encarnação em Campo, tendo, no entanto, colaborado com alguns apontamentos e uma clara abertura com a Festa de S. Mamede em Valongo. Infelizmente, a não realização da festa repetiu-se no ano seguinte, em 2021, mas já com outra sensibilidade por parte das autoridades locais.

## 2021: Um pouco mais de luz, mas ainda sem festa



*Chapéu e Barretina: duas peças artísticas (foto de Município de Valongo, 2021)*

O segundo ano de pandemia foi diferente. A ferida ainda aberta, mas a vontade ainda maior. Sobrado recusou desaparecer no silêncio. A pandemia do covid e o sistema de lockdown mantinha-se. Em 2021 também não houve festa, no entanto, a vivência da mesma foi mais expressiva, mais visível e um pouco mais pública.

A iluminação saojonina iluminou Sobrado, chegando um pouco mais os corações dos sobradenses. Mas as iniciativas não se ficaram por aqui.

Ainda em abril, alguns meses antes da festa, foram colocadas duas peças comemorativas no âmbito do 20.º aniversário da elevação, à categoria de vila, da freguesia de Sobrado. Escreveu o Município de Valongo:

*“Apesar do combate a esta perigosa pandemia de Covid-19 para o qual todos se devem mobilizar, não podemos deixar de celebrar os 20 anos das Vilas de Campo e de Sobrado, que hoje estão de parabéns.*

*Por isso optamos por destacar os seus símbolos maiores, (...) os lindíssimos Chapéu de Bugio e Barretina de Mourisqueiro, também em tamanho gigante, junto ao Largo do Passal (...).”*

A 18 de junho, a Biblioteca Municipal de Valongo partilhou que em jeito de comemoração do 16.º aniversário da Biblioteca Municipal de Valongo, encontra-se exposta a exposição “O Rosto da Bugiada e Mouriscada”, de Luís Carlos Pedro, que conta com acervo e apoio do CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada e da Associação Casa do Bugio. Ficou patente até dia 13 de agosto. Na Biblioteca de Ermesinde (Vila Beatriz) e na Biblioteca de Alfena (Centro Cultural), também existiram exposições fotográficas sobre a festa.

No dia 19 de junho, pelas 18h00, no âmbito do 7.º aniversário do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, o Município de Valongo procedeu à abertura da exposição de Pintura e Escultura “Bugios e Mourisqueiros no Olhar do Artista”, de Mário Portugal.

No dia 20 de junho, foram, oficialmente inauguradas, as obras de requalificação do Largo do Passal em Sobrado, pelo município de Valongo. A reabilitação

do Largo do Passal estava incluída numa intervenção mais abrangente do Arranjo Urbanístico do Largo do Passal e Áreas Envolventes. A intervenção teve sempre em consideração a utilização do espaço, e da tradição da festa de S. João de Sobrado, mantendo as raízes locais. Foi ainda inaugurada a Praça da Bugiada e Mouriscada que faz parte do Largo do Passal.



A pérgola do Passal (foto de Município de Valongo, 2021)

No dia 23 de junho, à noite, a Associação Casa do Bugio partilhou um vídeo-spot da festa da Bugiada e Mouriscada com a seguinte descrição:

*“No âmbito do protocolo estabelecido, em 2015, entre os parceiros (CMV, Casa do Bugio, Junta de Freguesia e Universidade do Minho), pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade foi produzido, um vídeo (2016), com 13 minutos e 22 segundos, sobre a festa da Bugiada e Mouriscada.*

*Pese embora o vídeo seja interessante e mostre uma resenha de todos os momentos da festa e indique com títulos cada um desses momentos, quem desconhece a nossa tradição, mesmo que seja atraído pelas coloridas imagens e a dinâmica visual não percebe o que está ali a acontecer.*

*No sentido de se minimizar esta situação e de se poder tornar este conteúdo numa ferramenta que melhor possa divulgar a festa, tornou-se pertinente a legendagem do mesmo. Através das legendas, e den-*

*tro dos tempos disponíveis, tenta-se dar a entender o que se passa nas imagens, fazendo-se, inclusive, uma ligação à lenda que lhe está subjacente”*

O Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada também partilhou o mesmo vídeo, em ação concertada por ambas as entidades. Neste mesmo dia, grupos de bombos percorreram Sobrado anunciando a festa, ainda que esta não se pudesse realizar. Nesta noite a Comissão de Festas realizou o habitual espetáculo de fogo de artifício, mantendo esta tradição.

O Presidente da direção da Associação Casa do Bugio, António Marques Vale, nas suas redes sociais, também lançou um repto à comunidade:

*“Mais um ano aterrador está prestes a finalizar, a tristeza que invade os nossos corações tem que ser exposta contrariando tudo o que passamos. Por tudo isso faz com que as nossas ruas se alegrem expondo as fardas na tua janela na tua varanda para que o nosso povo possa dizer... O SANTO E NOSSO. Bom S João para todos.”*

O dia amanheceu triste, cinzento, não por questões climáticas, mas por questões psicológicas e identitárias. Se houve tempos difíceis em Sobrado, 2020 e 2021 foram de certeza um dos períodos mais difíceis. Porque mesmo quando a realidade política, cultural, social ou económica de outrora não era favorável, a Bugiada e Mouriscada era, pois, o reduto de esperança, de alento, de incentivo e força desta comunidade.

Muitos foram os que partilharam fotografias, vídeos, nas suas redes sociais. Outros voltaram a colocar as suas fardas e máscaras nas janelas e nas varandas.

José Gaspar, Reimoeiro de 2018, afirmou:

*“Mais um São João cinzento, mais um ano de saudade, não há palavras para descrever a falta que faz esta nossa tradição a nós sobradenses!!! Mais um ano de espera pelo nosso dia 24!!”*

Paulo Ferreira, Bugio, também transmitiu a sua angústia e tristeza:

*“Trocou-se a alegria, a felicidade pela tristeza e ânsia de dias melhores. O dia mais colorido do ano, deu lugar a um dia sem cor... A ficha não caiu, e nem irá cair! Mais um ano sem sentir o friozinho na barriga logo ao acordar... mais um ano sem poder fazer aquilo que mais gosto, vestir a farda, ouvir o barulho dos guizos, colocar a máscara e entrar num mundo totalmente diferente. Por último, um grande abraço a todo o povo Sobradense e a todos os amantes da nossa linda festa! Que 2022 chegue rapidamente. Oh meu rico São João, faz lá mais um milagre...”*

O que foi possível celebrar foi o ritual religioso. E esse fez-se com toda a poupa e circunstância. Uma missa campal, de frente da Igreja Matriz, que a tantos emocionou, inclusive a Bugios e Mourisqueiros, que em rara aparição conjunta nas celebrações religiosas de São João, por causa da pandemia era possível a sua presença, ainda que sem trajes. Mas também não são os trajes que fazem os Bugios e Mourisqueiros, mas sim o espírito. E esse estava lá. Emocionado, sentido, triste, mas presente.

Mais uma vez, o momento do Roubo do Santo foi realizado. Foram os Mourisqueiros que carregaram o andor de São João.



Mourisqueiros e o andor de São João (foto de Nuno King, 2021)

A Banda de S. Martinho também fez uma atuação diferente, em coordenação com a Comissão de Festas, tendo percorrido as ruas de Sobrado a tocar as músicas da Bugiada e Mouriscada, em particular do Hino de São João de Sobrado, num trio elétrico, um autocarro aberto. Por cerca das 13 horas, como seria habitual ocorrer a Dança de Entrada, a Banda de Música percorreu a Rua S. João de Sobrado. Quando chegou perto do edifício da Junta de Freguesia foi uma comoção geral. Bugios, trajados, dançaram nas varandas de suas casas. Na rua, o trio elétrico abrandou e várias dezenas de pessoas assistiram a esta interpretação musical, mas muitas outras pessoas se juntaram, atrás do trio elétrico, atrás da Banda de S. Martinho, tal como acontece com Bugios e Mourisqueiros, e dançaram, dançaram como Bugios ou como Mourisqueiros, mas dançaram. Foi verdadeiramente emocionante. A Proteção Civil Municipal de Valongo, acompanhou todo este momento.

Na tarde deste dia, a RTP teve um programa transmitido no dia 24 de junho, com imagens gravadas no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada com a presença do Presidente da Câmara Municipal, José Manuel Ribeiro e do presidente da Associação Casa do Bugio, António Marques Vale. O apresentador, José Manuel Monteiro, interpretou umas quadras de São João, da autoria de Paulo Caetano Moreira em 2020:

*“São João de Sobrado*

*Com Bugios e folia*

*Tem de ser adiado*

*Devido à pandemia*

*Os Mourisqueiros não esqueça*

*Não vão poder dançar*

*O santo da cabeça*

*Em casa vamos festejar”*

Hélio Rebelo, presença assídua na festa também par-

tilhou, no dia 24 de junho, uma fotografia com a indicação da tomada da vacina do covid, tendo partilhado uma quadra alusiva ao momento:

*“Neste dia de São João,*

*Sobrado sempre foi rotina.*

*Para o ano lá estarei,*

*Este ano, tomo a vacina!”*



*Sapateirada improvisada (foto de Nuno King, 2021)*

À tarde, decorreu uma Dança do Cego/ Sapateirada improvisada. Não foi totalmente improvisada, mas foi mantida em segredo para evitar ajuntamentos e incumprimentos face às diretrizes que se impunham. Eu estive presente porque havia sido convidado para fotografar o momento.

Colocando-se algumas fotografias do momento, a Associação Casa do Bugio partilhou o seguinte:

*“No dia 24 de junho, houve uma agradável e inesperada surpresa que emocionou e alegrou a tarde.*

*Foi uma sapateirada improvisada, mais rápida do que o habitual, mas que contou com a presença de populares, cumprindo o máximo possível as normas de segurança. Foi lindo!”*

*Ficam aqui algumas imagens desse momento e os parabéns a todos pela realização da mesma e pelo comportamento cívico de todos”*

Ainda sobre este dia, a Associação Casa do Bugio acrescentou:

*“A Associação Casa do Bugio vem, deste meio, agradecer à Comissão de Festas pelo seu trabalho e pelas iniciativas realizadas no passado ano e no dia de São João, bem como a todos os parceiros como a Câmara Municipal, CDBM, Paroquia de Sobrado, Banda Musical de São Martinho e demais intervenientes.*

*Pela nossa percepção, viveu-se um dia mais animado do que o de 2020 e manteve-se viva a festa nas casas de cada um. Desde a decoração sajoanina, as fardas nas janelas, o hino de São João tocado na Rua São João de Sobrado e até o fogo de artifício. São nestes pormenores que se persente a resiliência deste povo e desta festa.*

*Desejamos à nova comissão (a comissão é a mesma com algumas alterações) de festas o maior sucesso, esperando que em 2022 finalmente tenhamos os Bugios e Mourisqueiros a dançar nas ruas de Sobrado e que estas estejam repletas de visitantes! Até 2022. Viva o São João de Sobrado! Ela é Nossa!”*

#### Bibliografia

- King, N. (2020) Comunicado da Comissão de Festas 2020/2021. Consultado a 30 de novembro de 2025 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/04/19/comunicado-da-comissao-de-festas-2020-2021/>
- King, N. (2020) Comunicado da Comissão de Festas 2020/2021. Consultado a 30 de novembro de 2025 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/06/24/roubo-do-santo-2020/>
- King, N. (2020) Comunicado da Comissão de Festas 2020/2021. Consultado a 30 de novembro de 2025 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/06/24/arte-por-tatiana-grosskopf/>
- King, N. (2020) Retomamos a dança. Consultado a 30 de novembro de 2025 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2020/06/25/retomamos-a-danca/>
- Valongo, C.M. (2021) Inaugurada requalificação do Largo do Passal. Consultado a 30 de novembro de 2025 em <https://www.cm-valongo.pt/viver/noticias/noticia/inaugurada-requalificacao-do-largo-do-passal>
- Araújo e Fernandes e Ribeiro (2020) A Urgência dos ritmos festivos: Análise a partir do caso de S. João de Sobrado. Consultado a 30 de novembro de 2025 em <https://repositorium.ueminho.pt/server/api/core/bitstreams/3ff6f25c-f9ac-49c1-98e3-d01634aa6467/content>



*Sapateirada improvisada (fotos de Nuno King, 2021)*

#### 2022: A redenção

Depois de dois anos insuportáveis, dois anos de silêncio, saudade e resistência, a Bugiada e Mouriscada regressou finalmente às ruas. E com ela regressou a alma de Sobrado.

Voltou o Passal cheio. Voltaram os guizos. E, acima de tudo, voltou a alegria, essa que nunca deixou de existir, apenas ficou suspensa no ar, à espera do seu regresso.

O que se viveu em 2020 e 2021 não foi apenas a ausência de uma tradição: foi um luto identitário.

Mas também foi a prova absoluta de que a Bugiada e Mouriscada não se extingue. Mesmo sem rua, sem palanques, sem danças, ela viveu: nas janelas, nas memórias, nas palavras, no toque dos sinos, nas lágrimas, nas improvisações clandestinas, nas fotografias e nos desabafos.

Sobrado mostrou ao país que a cultura não é opcional. É vital. E quando a festa regressa, regressa também a vida.

Viva o São João de Sobrado.

Ela é nossa e nunca parou.





Prisão do Velho (foto de Festivity, 2016)

# Património Imaterial

Nuno Alexandre Ferreira

No panorama das tradições populares portuguesas, poucas manifestações possuem a densidade simbólica, a vitalidade comunitária e a singularidade ritual da Bugiada e Mouriscada, celebrada anualmente em Sobrado, no concelho de Valongo. Esta festa, integrada nas celebrações de São João, é simultaneamente um ritual, um espetáculo popular e uma narrativa dramatizada, onde se encena o confronto entre Bugios e Mourisqueiros pela posse da imagem de São João, baseada numa lenda oral transmitida de geração em geração.

Ao longo do último século, a Bugiada e Mouriscada tem despertado o interesse de etnógrafos, antropólogos, sociólogos e investigadores das mais diversas áreas. Mais recentemente, tornou-se também objeto de um processo institucional e científico com vista ao seu reconhecimento como património cultural imaterial, tanto a nível nacional como internacional. Esse percurso complexo, por vezes interrompido ou reconfigurado, revela muito sobre a forma como as comunidades contemporâneas procuram preservar e valorizar as suas tradições, especialmente em Portugal.

## Uma tradição reconhecida desde cedo pelos investigadores



"Roubo do Santo" (acervo ASJS, 2ª metade do séc. XX)

A singularidade da Bugiada e Mouriscada não passou despercebida aos primeiros investigadores que estudaram as tradições populares portuguesas. O etnógrafo britânico Rodney Gallop, uma das figuras mais importantes no estudo do folclore português no século XX, destacou em 1936 a relevância desta celebração, afirmando que se trata de "um dos mais notáveis rituais que sobrevivem na Europa moderna".

Esta observação, feita num período em que muitas tradições populares começavam a desaparecer ou a transformar-se profundamente, sublinha um aspeto essencial da Bugiada e Mouriscada: a sua continuidade histórica e a sua forte ligação à comunidade que a mantém viva.

Os primeiros estudos sociológicos e antropológicos sobre a festa iniciaram-se precisamente com Rodney Gallop e com a investigadora britânica Violet Alford nos anos 1930. A partir daí, a festa passou a integrar o conjunto das tradições ibéricas frequentemente analisadas no âmbito das festas de mouros e cristãos ou dos rituais de máscaras.

Ao longo das décadas seguintes, diversos investigadores dedicaram atenção à festa sob diferentes perspetivas. Entre eles destacam-se Santos Júnior, Armando Leça, Teresa André, Benjamim Enes Pereira, Cristina Araújo e Bárbara Alge. Também instituições académicas como a Universidade do Minho contribuíram para o aprofundamento do conhecimento sobre esta tradição.

A nível local, a investigação e reflexão sobre a festa beneficiaram do contributo de estudiosos profundamente ligados à comunidade. Entre eles destaca-se o sobradense Manuel Pinto, cujo trabalho de investigação, reflexão e divulgação tem desempenhado um papel importante na valorização cultural da Bugiada e Mouriscada. A par dele, figuras como Paulo Moreira contribuíram para a preservação da memória e para a documentação da festa.

Ao longo do tempo, o cuidado e a preservação deste património imaterial não ficaram apenas no domínio académico. A divulgação da tradição foi sendo promovida por diversas entidades locais, nomeadamente pela Associação São João de Sobrado, pela Junta de Freguesia de Sobrado e pela Câmara Municipal de Valongo.

## O despertar de uma ambição internacional

Com o aumento da visibilidade da festa e a consciência crescente da sua singularidade, começou a surgir entre a comunidade e nos responsáveis locais o desejo de alcançar um reconhecimento mais amplo.

Uma das primeiras manifestações públicas dessa ambição ocorreu em 2009, quando Afonso Lobão,



## unesco

### Intangible Cultural Heritage

*Simbolo do Património Cultural Imaterial da Unesco (foto de UNESCO, 2003)*

então candidato do Partido Socialista à Câmara Municipal de Valongo, anunciou a intenção de propor a festa à UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Segundo noticiava o Diário de Notícias a 23 de julho de 2009:

“O candidato do PS à Câmara de Valongo, Afonso Lobão, anunciou hoje que vai propor à UNESCO a elevação das Festa da Bugiada, que se realizam na vila de Sobrado, a Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Afonso Lobão fez esta proposta durante a apresentação do candidato do PS à Junta de Freguesia de Sobrado, Joaquim Silveira.

O candidato socialista considerou que esta iniciativa seria “uma forma de defesa e valorização desta manifestação histórico-cultural que é uma verdadeira marca do município de Valongo, no país e no estrangeiro”.

Embora a proposta não tenha avançado nesse momento, em parte devido aos resultados eleitorais, a ideia permaneceu viva no imaginário da comunidade. Como acontece frequentemente com projetos

desta natureza, a candidatura à UNESCO começou como um sonho coletivo, ainda distante, mas progressivamente estruturado.

#### O início de um longo caminho pela patrimonialização da festa

Em 4 de fevereiro de 2011, numa reunião da direção da Associação Casa do Bugio, foi dado um passo decisivo:

“(…) foi apresentada a proposta de, juntamente com a Câmara Municipal de Valongo e Junta de Freguesia de Sobrado iniciar os preparativos para a candidatura da Festa da Bugiada e Mouriscada a Património Imaterial da Unesco. Esta proposta foi aprovada por unanimidade e iremos iniciar a partir desta data todo o processo de candidatura.”

Este momento marcou o início de um processo que envolveria instituições locais, investigadores e organismos públicos.

Nesse mesmo ano, Manuel Pinto refletia sobre o potencial da festa para alcançar reconhecimento internacional, estabelecendo uma comparação com outras tradições recentemente reconhecidas:

“As festas da Mare de Déu de la Salut (...) acabam de ser reconhecidas pela UNESCO como património da humanidade, na mesma sessão em que também o fado mereceu essa honra. Trata-se de facto de uma festa riquíssima (...) Mas quem conhece a festa de Sobrado não deixará de concluir que também ela encerra potencialidades para merecer esse reconhecimento, se não sozinha pelo menos enquadrada nas festas e rituais de máscaras ibéricas, um património de facto de inestimável valor. Para tal, muito há que fazer ainda, não apenas no que diz respeito ao pesado e complexo processo da candidatura, mas, eu diria, sobretudo no cuidado e qualifi-



*Prisão do Velho (foto de Bruna Vinhas, 2013)*

cação que a própria festa deve merecer. Há pequenas coisas que dizem respeito não só aos que mais diretamente intervêm na festa, como em todos os que a ela assistem que muito podem contribuir para a dignidade e beleza da Bugiada e Mouriscada. (...)”

Esta observação revela um aspeto particularmente relevante: a Bugiada e Mouriscada pode e deve ser entendida não apenas como uma tradição local, mas como parte de um vasto universo cultural que atravessa a Península Ibérica e que inclui inúmeras festas de máscaras e rituais simbólicos.

#### O reconhecimento municipal: um passo decisivo

Um marco importante neste percurso ocorreu em 17 de maio de 2012, quando o executivo da Câmara Municipal de Valongo reconheceu a Bugiada e Mouriscada como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal. A decisão foi confirmada em Assembleia Municipal no dia 27 do mesmo mês.

Em transmissão do texto de deliberação apresentado e comentando a importância desta deliberação, Manuel Pinto escreveu:

“a) Em primeiro lugar, a Câmara não apenas aprovou aquela deliberação por unanimidade como unanimemente decidiu submeter o assunto a uma próxima reunião da Assembleia Municipal para que, se assim o entender, este órgão se associe também à deliberação já tomada. Esta decisão encerra um significado especial. De facto, esta possibilidade, prevista na lei, permitirá uma tomada de consciência mais alargada e participada da relevância deste património imaterial e, associando-se o órgão à deliberação, dar-lhe-á uma dimensão e significado ainda maiores;

b) Por outro lado, com base no reconhecimento no plano municipal, poder-se-á passar para o plano nacional, através do pedido de inventariação da Bugiada como Património Cultural Imaterial a ser elaborado para apresentação ao Instituto dos Museus e Conservação.

c) Finalmente, como se refere no texto da deliberação, “o Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial permite corresponder a um dos requisitos fundamentais impostos pela Convenção da UNESCO, para possível candidatura à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade”.

Este último passo assume já uma dimensão política, porquanto supõe que o Governo português dê a sua anuência para que o processo seja apresentado na UNESCO. Mas o essencial é, certamente, o valor que encerra a Festa objecto deste processo e o modo como esse valor é vivido, concretizado e reconhecido pela comunidade local - em Sobrado, antes de mais, mas também no Município.

Procuraremos, em próximos textos, reflectir sobre os valores intrínsecos a esta festa, assim como sobre aqueles aspectos que tornam a Bugiada e Mouriscada muito mais do que uma mera tradição que se repete todos os anos.”

Este reconhecimento municipal constituiu um passo fundamental, pois abriu caminho para a inscrição da festa no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial que é uma condição indispensável para uma eventual candidatura à UNESCO.

### Processo de candidatura inicial

Manuel Pinto, no seu blog bugiosemourisqueiros.blogspot.com, escreveu a 26 de junho de 2012 que:

“(…) A Casa do Bugio assumiu a responsabilidade de organizar a próxima edição da festa no quadro dos contactos que têm decorrido com a Câmara Municipal e com a Junta de Freguesia, com vista ao registo nacional da Festa de S. João de Sobrado como património imaterial, bem como à instrução e preparação da candidatura a património da UNESCO. A colaboração entre as três entidades vai ter de ser intensificada e foi entendido que aquela seria a melhor solução para que todos os passos a dar decorram da melhor forma possível. (...)”

A propósito do início deste projeto inicial do registo deste património imaterial, transmitiu igualmente Manuel Pinto a 14 de abril de 2013, no seu blog, que:



Paulo Lima e Hélder Ferreira na conferência realizada no Largo do Passal (foto de Porto e Norte de Portugal, 2013)

“Realiza-se na próxima sexta-feira, dia 19, pelas 21:30h, em Sobrado, uma sessão pública e aberta de esclarecimento sobre a intenção de candidatar a festa da Bugiada e Mouriscada à Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da UNESCO. A iniciativa, promovida e anunciada pela Câmara Municipal de Valongo, decorre na Casa do Bugio no Centro Cultural de Sobrado, e contará com a presença dos “coordenadores do processo” da candidatura, Dr. Paulo Lima e Prof. Dr. Pedro Felix. O objetivo desta sessão é “promover e tornar compreensível o processo de candidatura” da Bugiada e Mouriscada enquanto ‘bem imaterial’. O convite à participação é dirigido a todos os interessados, mas, em particular, a associações, entidades privadas e escolas de Sobrado.”

Nesta informação ficou claro que Paulo Lima e Pedro Felix eram os coordenadores deste processo. Paulo Lima era já chamado de “Sr. Unesco” dadas as candidaturas bem conseguidas do Fado e do Cante Alentejano.

Ainda em 2013, nos dias 24 e 25 de maio, realizou-se uma conferência sobre Património Imaterial: Identidade, Recurso e Risco, numa iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Valongo, Casa do Bugio, Junta de Freguesia de Sobrado e Turismo Porto-Norte. Estas entidades estavam também a trabalhar em conjunto para apoiar a inscrição da Festa da Bugiada e Mouriscada no registo nacional do Património Cultural Imaterial e na candidatura à lista da UNESCO. Esta conferência incluiu no seu programa as seguintes atividades:

- Apresentação do projeto de candidatura da Bugiada e Mouriscada à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial, da Unesco: Pedro Félix
- A Festa e a sua comunicação: Manuel Pinto
- Apresentação do sítio da candidatura da Bugiada e Mouriscada: Manuela Ribeiro
- Pedido de Registo no Inventário Nacional, do Património Cultural Imaterial



Conferência sobre a candidatura à UNESCO realizada em Sobrado (foto de Porto e Norte de Portugal, 2013)

- Atuação da Banda Musical de S. Martinho do Campo
- Intervenções institucionais
- Visita orientada ao Património natural e edificado do Concelho de Valongo
- O Património Cultural Imaterial- um ato de vandalismo nas fluídas comunidades
- A influência da Bugiada e Mouriscada no projeto da Máscara Ibérica: Hélder Ferreira
- Turismo, Cultura e Oportunidades- o caso da Bugiada e Mouriscada: Sofia Ferreira
- Património imaterial e papel das Instituições Públicas na Salvaguarda: Miguel Areosa Rodrigues
- A Fundação Inatel na defesa e preservação da Identidade Nacional: Jacinta Oliveira

Relativamente ao site da candidatura da Festa da Bugiada e Mouriscada a património cultural imaterial, este constituiu-se como espaço privilegiado de documentação, informação e divulgação da Festa de S. João de Sobrado. Apesar de relevante, este website foi descontinuado anos depois.

Esta conferência esteve integrada no Festival do Norte promovido pelo Turismo do Porto e Norte de Portugal. A propósito desta conferência, Manuel Pinto, mencionou que:

“Já lá vai quase uma semana sobre um acontecimento que teve Sobrado por palco e que, com aquela dimensão, só a Festa de S. João poderia motivar. Estou a referir-me à Conferência sobre

Património Imaterial. Foi uma oportunidade de alargar o debate que já tinha começado na sessão de esclarecimento realizada no mês passado no Centro Cultural de Sobrado e que também foi bastante participado.”

Mais do que um evento académico, esta conferência representou um momento de reflexão coletiva sobre o significado da festa e sobre os desafios da sua preservação.

Sobre o Festival do Norte, foram realizadas várias iniciativas, nomeadamente a publicação de um livro “A Volta” de Eduardo Brito e de Rita Faustino, uma abordagem irreverente e alternativa do ponto de vista artístico chamado de We Came from Space e um vídeo relativo à Bugiada e Mouriscada.

### Obstáculos e reconfigurações do processo

A 3 de abril de 2014 surgiu uma notícia que causou impacto na comunidade. O presidente da Câmara Municipal de Valongo, José Manuel Ribeiro, anunciou o adiamento da candidatura à UNESCO.

Segundo o *Jornal de Notícias*:

“Este ano não é possível apresentar a candidatura à UNESCO (...) porque a própria comissão nacional da UNESCO vai privilegiar candidaturas da lista de salvaguarda. Não era viável candidatar a festa porque esta não está em risco. A lista que nos interessa é a representativa”, justificou o presidente da autarquia de Valongo.

A decisão gerou críticas e frustração, mas também abriu espaço para um aprofundamento do trabalho de documentação e investigação.

A 4 de abril de 2014, em reunião da Associação Casa do Bugio, “foi informado que se estava a preparar

uma reunião alargada com o Presidente da Câmara, O presidente da Junta, Vereadores da oposição bem como o Presidente de Agrupamento de Escolas e o Dr. Paulo Lima, com o objetivo de se conhecerem as razões de não ter sido concluída a Candidatura da Bugiada e Mouriscada a Património da Unesco. A reunião será na Casa do Bugio.”

Nesse mesmo ano foi inaugurado o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, CDBM, que ficou instalado nas antigas instalações do Centro Cultural de Sobrado. Assumiu-se como um espaço interpretativo da festa, inserido no plano de salvaguarda do processo de candidatura à lista representativa do património cultural e imaterial, da Unesco, bem como um polo agregador de informação temática e difusor da singular manifestação, contribuindo para que os visitantes de Sobrado compreendam a festa e sejam cativados a regressar no dia de S. João ou em qualquer outro dia do ano. Na cerimónia de inauguração estiveram o Presidente da Câmara Municipal de Valongo, José Manuel Ribeiro, o Presidente da Casa do Bugio, António Pinto, o Presidente da Entidade Regional de Turismo Porto e Norte de Portugal, Melchior Moreira, e o antropólogo Paulo Lima, coordenador da candidatura.

A 1 de agosto de 2014, em reunião da Associação Casa do Bugio, encontra-se lavrado em ata o seguinte:



Logo Bugios e Mourisqueiros registado pela Associação Casa do Bugio (acervo ASJS, 2013)

“foi dado conhecimento de uma reunião que decorreu no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada no passado dia 29 de julho em que estiveram presentes, além do sr. António Pinto, o Sr. Presidente de Câmara e o seu adjunto, o Sr. Presidente da Junta, a Dra Manuela Ribeiro e o Dr. Paulo Lima. Esta reunião realizou-se a pedido do Presidente da Direção da Casa do Bugio, o Sr. António Pinto, pelo facto do Dr. Paulo Lima ter anunciado a 21 de junho passado que ia abandonar o Processo de Candidatura. Pelo Sr. António Pinto foi dado a conhecer que o Dr. Paulo Lima reconsiderou e que continuaria a ser responsável pelo processo de Candidatura, tendo até apresentado propostas e actividades para os meses próximos tendo apenas sugerido que o Prof. Manuel Pinto deveria ser o rosto da Candidatura, enquanto ele, Paulo Lima, seria o responsável pela preparação do processo e, refere também, que até Setembro de 2014 fará o respectivo registo no Inventário Nacional e que até

Novembro de 2014 deverá estar o processo de Candidatura pronto a entregar na Comissão Nacional da UNESCO. Ficou o Sr. Presidente da Câmara de convidar o Prof. Manuel Pinto a assumir o cargo proposto pelo Dr Paulo Lima.”

### Um novo caminho: Investigação científica e salvaguarda patrimonial

A candidatura efetivamente não evoluiu e o Dr. Paulo Lima abandonou o processo. Após várias reformulações, o processo de inventariação nacional passou a ser conduzido pela Universidade do Minho através do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, tendo sido assinado um protocolo tripartido entre Associação Casa do Bugio, Junta de Freguesia de Sobrado e Câmara Municipal de Valongo, juntamente com a Universidade do Minho, tendo como orçamento inicial 29 100€ (financiado de igual forma pelas três entidades promotoras do processo).



Assalto do Reimoeiro ao palanque Bugio (foto de festivity, 2015)

Coordenado por Rita Ribeiro, o projeto, que se iniciou em 2015, reuniu investigadores das áreas da sociologia, antropologia e comunicação, com o objetivo de documentar de forma sistemática todos os aspetos da festa.

Entre as iniciativas desenvolvidas ao longo deste processo destacam-se:

- a recolha de arquivos documentais, fotográficos e sonoros;
- a produção de um vídeo promocional realizado por Martin Dale;
- a criação de um website dedicado ao processo de inventariação;
- a organização de congressos, seminários e publicações científicas;
- a produção do documentário “Bugiada e Mouriscada — A festa e quem a faz”, realizado por Silvana Torricelli em 2022.

Este trabalho evidencia um aspeto fundamental das políticas contemporâneas de património cultural: a necessidade de documentar e estudar profundamente as tradições antes de as inscrever em inventários oficiais.

### Entre a tradição e o futuro

O processo de inventariação nacional deverá estar concluído por volta de 2026, após mais de uma década de investigação e trabalho institucional.

Entretanto, a atual Associação São João de Sobrado tem assumido uma postura cada vez mais ativa na promoção e valorização da festa, através de iniciativas como o registo de marcas, a produção de merchandising e a organização de ações culturais.

Esta estratégia revela uma mudança importante: a comunidade deixou de esperar passivamente pelo reconhecimento institucional e passou a assumir um

papel mais dinâmico na promoção da sua própria tradição.

Hoje, a comunidade de Sobrado parece consciente de que o eventual reconhecimento pela UNESCO poderá representar uma oportunidade significativa para o desenvolvimento cultural e económico da região mas também um desafio.

Entre a visibilidade internacional e o risco de massificação, a preservação da autenticidade da Bugiada e Mouriscada depende sobretudo da comunidade que a mantém viva. É nesse equilíbrio delicado entre tradição, identidade e futuro que se joga o destino desta notável manifestação cultural.



Logo São João de Sobrado: Bugiada e Mouriscada, registado pela ASJS em 2025 (acervo ASJS, 2025)



Primeiro Jantar dos Mourisqueiros na Casa do Bugio e do Mourisqueiro (foto de José Luís Lobo, 2001)

### Bibliografia

- DN (2009) Festa da Bugiada a Património Cultural da Humanidade. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/festa-da-bugiada-a-patrimonio-cultural-da-humanidade.html>
- Pinto, M. (2009) O que as candidaturas ao Município defendem sobre a Festa de S. João de Sobrado. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2009/09/o-que-as-candidaturas-ao-municipio.html>
- Pinto, M. (2012) Já rola a preparação da festa de 2013. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2012/06/ja-rola-preparacao-da-festa-de-2013.html>
- Pinto, M. (2011) Uma festa espanhola património da humanidade. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/11/uma-festa-espanhola-patrimonio.html>
- <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2012/05/festa-de-s-joao-de-sobrado-reconhecida.html>
- Pinto, M. (2013) Sessão de esclarecimento sobre candidatura a património imaterial. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/04/sessao-de-esclarecimento-sobre.html>
- Pinto, M. (2013) Conferência em Sobrado, no quadro da candidatura a património imaterial. Consultado a 6 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/05/conferencia-em-sobrado-no-quadro-da.html>
- Pinto, M. (2013) Conferência de Sobrado sobre património imaterial: cinco notas. Consultado a 6 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/05/conferencia-de-sobrado-sobre-patrimonio.html>
- Pinto, M. (2013) Conversas sobre a festa – convite. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/07/conversas-sobre-festa-convite.html>
- Pinto, M. (2013) O site da Festa da Bugiada e Mouriscada: convite para uma visita. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/06/o-site-da-festa-da-bugiada-e-mouriscada.html>
- Pinto, M. (2013) Um livro, um vídeo e uma exposição. Consultado a 5 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/07/um-livro-um-video-e-uma-exposicao.html>
- JN (2014) Valongo adia candidatura da Bugiada a Património Imaterial. Consultado a 6 de março de 2026 em <https://www.jn.pt/pais/artigo/valongo-adia-candidatura-da-bugiada-a-patrimonio-imaterial/3794761>
- Pinto, M. (2014) Câmara inaugura Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada. Consultado a 6 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2014/06/camara-inaugura-centro-de-documentacao.html>



## BUGIADA E MOURISCADA DE SOBRADO

A FESTA E QUEM A FAZ

Introdução do documentário (foto do documentário de Silvana Torricella, 2023)

# Documentário: A Festa e quem a faz

Nuno Alexandre Ferreira

Poucas celebrações conseguem preservar, com tanto vigor, a força da memória coletiva como a Bugiada e Mouriscada de Sobrado. No cruzamento entre ritual, devoção e identidade, esta festa centenária renova-se ano após ano pelas mãos de quem a vive. Foi precisamente esse pulsar humano que a realizadora Silvana Torricella captou no documentário “Bugiada e Mouriscada de Sobrado: a festa e quem a faz”, uma obra que se oferece ao público como janela aberta para o coração desta tradição.

Gravado ao longo de 2022 no âmbito do projeto Festivity, o documentário acompanhou a festa desde os preparativos até ao esplendor do dia de São João. Mas não o fez de fora: acompanhou cada gesto através das palavras, memórias e emoções de alguns dos protagonistas que, geração após geração, erguem a festa com as suas próprias mãos.

Entre eles estão Gabriel Silva (Bugio), Paulo Caetano Moreira (CDBM), Pedro Ferreira (Mourisqueiro), António Pinto (Casa Palheira), Carlos Barbosa (Velho da

Bugiada 2022), José Gaspar (Reimoeiro 2018), Alexandra Almeida (Bugio) e António Marques Vale (Velho da Bugiada 2009 e Presidente da Associação São João de Sobrado). Cada testemunho é uma peça viva da história; cada voz, um fio que tece o cenário humano da festa.

As entrevistas, apoiadas pela Associação São João de Sobrado e pelo CDBM, foram maioritariamente realizadas na Casa das Artes de Sobrado, embora algumas tenham ocorrido em locais mais pessoais, nomeadamente o atelier de António Pinto (Casa Palheira) e também a casa de António Marques Vale. Essa proximidade transborda para o filme: ali, a tradição não é apenas explicada, é habitada.

O documentário percorre momentos essenciais que antecedem e compõem os rituais de junho, nomeadamente a construção dos palanques por Bugios e Mourisqueiros, o Ensaio dos Tremoços, a entrega das fardas, a criação dos trajes e, finalmente, a vibração do dia 24, registada em imagens captadas em 2022.



Entrevista de António Marques Vale (foto do documentário de Silvana Torricella, 2023)

Mais do que uma narrativa, Torricella oferece uma experiência sensorial, onde a festa se revela como obra coletiva, profundamente enraizada numa comunidade que faz da tradição uma forma de futuro.

Realizado e editado por Silvana Torricella, “Bugiada e Mouriscada de Sobrado: a festa e quem a faz” encontra-se disponível no canal de YouTube da Festa de São João de Sobrado e no website do projeto Festivity, permitindo que a celebração ultrapasse fronteiras e alcance novos públicos.

A primeira apresentação pública decorreu a 10 de dezembro de 2023, no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada (CDBM), tendo sido um momento de encontro entre quem faz, quem estuda e quem admira esta manifestação singular da cultura portuguesa.

Mais do que registar um ritual, o documentário fixa no tempo aquilo que faz da Bugiada e Mouriscada uma festa única: as pessoas que a constroem, que a lembram e que a reinventam todos os anos. Uma declaração de amor à tradição e, sobretudo, a quem a mantém viva.



Entrevista de Alexandra Almeida (foto do documentário de Silvana Torricella, 2023)

### Bibliografia

- King, N. (2023) Novo documentário. Consultado a 29 de novembro de 2025 em <https://saojoaosobrado.wordpress.com/2023/12/05/novo-documentario/>
- Cecs (2023) Apresentação do documentário “Bugiada e Mouriscada de Sobrado: A festa e quem a faz”. Consultado a 29 de novembro de 2025 em <https://www.cecs.uminho.pt/apresentacao-do-documentario-bugiada-e-mouriscada-de-sobrado-a-festa-e-quem-a-faz/>



Músicos da Bugiada (foto de Eventuais, 2025)

# A Orquestra da Bugiada

Nuno Alexandre Ferreira

Na singular Bugiada e Mouriscada de Sobrado, celebrada todos os anos no Dia de São João, em Sobrado, a música ocupa um lugar essencial. As danças dos Bugios, os gestos do Velho da Bugiada e o movimento coletivo da festa ganham forma e ritmo através de um pequeno conjunto de músicos tradicionalmente conhecido como Orquestra — ou, na pronúncia antiga da terra, Arroquesta.

Este grupo de tocadores não é apenas um acompanhamento musical. Ele constitui uma presença ritual que organiza o tempo da festa, guia os passos das danças e cria uma atmosfera sonora própria, repeti-

tiva e quase hipnótica. Ao longo das décadas, o número de músicos e os instrumentos variaram, mas permanecem centrais as violas braguesas (ou ramaldeiras), violinos e rabecas.

Tal como acontece com outros elementos da Bugiada, não existem regras rígidas para o vestuário dos músicos. Procura-se, contudo, manter uma estética ligada ao imaginário rural e tradicional português, com roupas de inspiração folclórica. A simplicidade desta indumentária reforça o caráter comunitário do grupo: não se trata de músicos profissionais, mas de participantes integrados no próprio ritual festivo.



Orquestra da Bugiada com os Bugios e o Velho (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)

### As primeiras descrições da música da Bugiada

Uma das mais antigas referências conhecidas à música da Bugiada encontra-se no relato de Rodney Gallop, que visitou Sobrado em 1932. No seu testemunho descreve a música de forma sucinta, mas reveladora da sua estrutura repetitiva:

*“(...) A música, agora, consistia num pequeno fragmento de melodia indefinidamente repetido por duas rabecas e um violão.”*

No ano seguinte, a investigadora Violet Alford, que acompanhou Gallop, escreveu no artigo “midsummer and morris in Portugal”:

*“Desta vez, dançaram ao som de uma melodia tritonal, monótona e arrastada, tocada por dois violinos e uma guitarra portuguesa com tambor, enquanto os mouriscos dançavam apenas ao ritmo do tambor.”*

Estas observações iniciais são particularmente in-

teressantes do ponto de vista etnomusicológico. Ambas destacam o carácter monótono, repetitivo e hipnótico da música, características que, longe de significarem pobreza musical, indicam a sua função ritual. A repetição cria um campo sonoro contínuo que sustenta o movimento dos Bugios e permite que a coreografia se desenvolva em ciclos.

As primeiras gravações em vídeo da festa foram realizadas pelo professor Santos Júnior, ainda na década de 1930, tendo registado a dança de entrada acompanhada por (aparentemente) seis músicos.

Na década seguinte, o compositor, folclorista e etnomusicólogo Armando Leça, no âmbito da recolha para o cancionário da música popular portuguesa, visitou igualmente Sobrado. No relatório dedicado ao Douro Litoral escreveu:

*“Começamos pelo Sobrado de Valongo, onde pode reconstituir-se a teatral ‘Mourisca’, de velha tradição, com a indumentária pitoresca dos intérpretes,*



Velho da Bugiada, músicos e Franklim Dias (Foto de Idalina Santos, anos 50)

*as cenas do castelo, do dragão salvador, e os convictos ‘advogados’. Viola, rabeca, caixa e tambor. A música não tem relêvo, mas as marchas e as figurações dos dois grupos – os ‘bugios’ e os ‘mourisqueiros’ – são dignos de ser fixados pelo cinema.”*

Além do testemunho escrito, Leça fotografou também a orquestra da festa, captando seis músicos junto dos Bugios e do Velho da Bugiada, Augusto da Munha. Mais tarde, em 1952, voltou a referir-se à festa:

*“Por 1940, em Sobrado de Valongo assisti, no dia de S. João à (‘Mouriscada’) ‘mourisqueira’ com seus juizes, advogados, ‘bugios’, isto é, monos e mouriscos e mais três rabecas, caixa e tambor. Tudo moços solteiros.”*

E em 1962 acrescentaria uma interpretação curiosa sobre a escolha do dia festivo:

*“Por 1940, em Sobrado de Valongo assisti, no dia de S. João à (‘Mouriscada’) ‘mourisqueira’ (...) ins-*

*trumental dos ‘mourisqueiros’, o rufar da caixa; dos bugios: 4 rabecas e 2 violas.”*

Outro estudioso da cultura popular portuguesa, Luís Chaves, também mencionou a música da festa em 1942:

*“A ‘mouriscada’ do Sobrado, de Valongo, tem indumentária sua; há um castelo de Mouros, atacado a cavalo, com debandada final dos agarenos. Cenas guerreiras, o ‘dragão’ salvador e os ‘advogados’, dois grupos de figurantes – ‘bugios e mourisqueiros’ – música de viola, rabeca, tambor, compõem o bailado-auto de guerra.”*

E regressou ao tema em 1967:

*“a ‘mouriscada de Sobrado’, concelho de Valongo (Douro Litoral), a luta simulava-se no ataque do ‘castelo mouro’ por cavaleiros cristãos, que o assaltam, ao som de viola e rabeca entre o rufar de tambor.”*



Orquestra dos Bugios (foto partilhada por Manuel Pinto, s/d)

Outros investigadores também registaram o papel dos músicos na estrutura coreográfica da festa. Teresa André, no seu trabalho de 1964, refere:

*“(...) chegados junto ao terreiro alto entregues aos tocadores de viola e violino que os esperam. Estes tocadores colocam-se de lado aquando da formatura para a dança.”*

Já António Martins da Costa Rangel, em 1967, descreveu a sonoridade peculiar da música:

*“(...) As suas danças acompanhadas por aquela esquisita música de violinos e violas, de ritmo estranho, são uma série de movimentos destemperados (...)”*

E acrescentou ainda:

*“De novo reaparecem os bugios com a sua pseudo-orquestra de violinos e violas (...)”*

A reportagem da RTP sobre a festa no ano de 1973 também gravou os músicos, que se encontram, junto do cruzeiro do Passal, a tocar. O documentário de 1977, de Ângelo Peres, também gravou os músicos da Bugiada, surgindo a música gravada no início do documentário, estando também a Orquestra dos Bugios a tocar na dança de entrada, a serem benzi-dos pelo Velho da Bugiada (junto da Igreja Matriz) e também a tocar alegremente na dança do doce.

Hélder Pacheco, no seu livro “O Grande Porto”, de 1986, também menciona, depois de abordar e citar Gallop, “a música consistia agora num pequeno pedaço de melodia, interminavelmente repetido por dois violinos e uma guitarra» (idem). São intrigantes as danças e as coreografias. E os trajos. Quem os inventou? (disseram-me que, dantes, na orquestra dos Bugios apareciam instrumentos arcaicos, há muito desaparecidos)”.

O documentário Viagem ao Maravilhoso de 1990 registou apenas a dança em casa do Velho da Bugiada tocada pelos músicos da Bugiada.



Músicos da Bugiada (foto de Hélder Pinto, s/d)

### A música como diálogo ritual

Na sua tese sobre a festa, em 2004, Maria Cristina Araújo destaca um aspeto particularmente relevante: a música não é apenas acompanhamento, mas parte integrante da narrativa ritual.

*“Curioso é também notar que a música que envolve a «Bugiada» apresenta uma cumplicidade com toda a diacronia festiva.”*

E explica ainda:

*“Com ritmos diferentes perante as duas formações intervenientes no ritual, a música acompanha a narrativa festiva, sendo mais intensa nos momentos cruciais, e menos nas restantes situações. Cada nota assume uma espécie de diálogo da festa com os espectadores, dirigindo ora Bugios, ora Mourisqueiros.”*

Sobre a estrutura musical dos Bugios acrescenta:

*“A formação dos Bugios, dança ao som de violinos e rabecas. A melodia apresenta 6 notas mais agudas; 8 notas mais graves. Perdeu-se o seu significado.”*

Do ponto de vista etnomusicológico, este tipo de descrição revela uma música que funciona sobretudo como estrutura de orientação corporal e simbólica. A melodia repetitiva cria uma espécie de transe coreográfico leve, permitindo que os dançantes se sincronizem com o ritmo coletivo da festa.

### Uma orquestra popular

Na sua investigação, publicada em alemão em 2010, a etnomusicóloga Bárbara Alge, colocou uma partitura da música da Bugiada e descreveu a formação da orquestra e o perfil dos músicos:



Orquestra dos Bugios (foto de festivity, 1992)

“Uma Orquestra”: A dança do bugio é acompanhada pela chamada “orquestra”, composta por violinos, rabecas (um tipo de violino) e braguesas (guitarras bragensianas). Os músicos são amadores. Alguns deles cobram um cachê de aproximadamente 75 euros. Os nomes dos músicos do festival de junho de 2005 podem ser encontrados no blog da internet de 20 de junho de 2005. Os músicos podem ser identificados por suas camisas brancas, calças/saias pretas e, em alguns casos, lenços vermelhos e chapéus de palha. (...)”

E acrescenta:

“(...) A orquestra de bugios é composta por violas braguesas, rabecas e violinos. Os músicos não são profissionais – alguns tocam apenas uma vez por ano no festival Bugiada – e tocam de ouvido.”

Num dos trechos mais expressivos sobre a relação entre música e dança, a mesma autora descreve o movimento dos Bugios:

“Os movimentos que cada grupo executa nas respectivas danças, são diferentes. Enquanto os Bugios sob a orientação mímica do «Velho» e ao som de rabecas e violinos, numa melodia desajeitada, melancólica e monótona, dançam de modo serpenteado e gracioso (pulam três vezes; inclinam o ombro esquerdo ligeiramente para a direita (ou vice-versa) e posteriormente, com os braços abertos, inclinam-se ligeiramente para trás, rodando os membros superiores e o tronco, ora para a esquerda, ora para a direita, batendo as respectivas castanholas, e assim sucessivamente).”

Esta descrição revela algo fundamental: a música da Bugiada não é feita para ser escutada isoladamente. Ela existe para ser dançada. O som molda o gesto e o gesto confirma o som.

#### Uma memória viva

Hoje, os músicos são escolhidos pelo Velho da Bugiada, podendo variar em número, incluindo homens e



Músicos com o Velho da Bugiada (foto de Festivity, 2016)

mulheres. Mantém-se, contudo, a tradição de uma participação essencialmente comunitária.

Ao longo do tempo, vários nomes ficaram associados à música da Bugiada e à memória da festa, alguns deles homenageados nas Galas de São João de Sobrado: Neca Bustela, Francisco Malta, Manuel da Cova, Neca Chiné, Zé Espinheira, Manuel Tanjarro, Augusto Silveira, José Mendes, Pedro Bessa, Lindo-

ro Pinto, Manuel Cancela, Carlos Bustela, António Bustela, Armando da Gandra, Zé Jeremias, Hélder Pinto, João Paulo Malta, entre muitos outros.

Este grupo é mais do que uma simples orquestra, representa uma continuidade sonora da tradição. A cada ano, quando as primeiras notas se repetem no ar quente do São João, não se ouve apenas uma melodia antiga: escuta-se a memória coletiva de Sobrado.

#### Bibliografia

- Pinto, M. (2006) Uma foto para recuperar memória da festa. Consultado a 9 de março de 2026 em <https://bugiosmourisqueiros.blogspot.com/2006/08/uma-foto-para-recuperar-memoria-da.html>
- Pinto, M. (2011) Rodney Gallop (2) - Bugios: seus trajes e sua dança. Consultado a 9 de março de 2026 em <https://bugiosmourisqueiros.blogspot.com/2011/12/rodney-gallop-2-bugios.html>
- Pacheco, H. (1986) O Grande Porto: Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo, Vila Nova de Gaia. Lisboa: Editorial Presença
- Araújo, M. (2004) Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho (o S. João de Sobrado - Valongo) Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Lorena, C. (2022) Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 16 de janeiro de 2026 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aafb-4cc1-43e7-ac2b-8646aacf30d3>
- Alge, B. (2010) Die Performance des Mouro in Nordportugal. Berlin: VWB – Verlag für Wissenschaft und Bildung
- Abelho
- André, Teresa Moura de Jesus (1965) - As bugiadas do S. João em Sobrado-Valongo. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
- Alford, V. (1933) Midsummer and Morris in Portugal, Folklore

# Conselho de Velhos da Bugiada

Nuno Alexandre Ferreira



A Bugiada sempre foi comandada por verdadeiros líderes, os Velhos da Bugiada. No que concerne à designação de um Bugio como Velho da Bugiada, o processo foi sempre se alterando ao longo das décadas. Em 2009, a direção da Associação Casa do Bugio decidiu “entregar a escolha do Velho da Bugiada ao grupo daqueles que já estiveram nesse lugar. Essa opção pareceu ser preferível àquela outra de colocar eventualmente o assunto numa assembleia geral, visto que, na assembleia, a deliberação corria o risco de ser tomada por pessoas que ou nunca foram de Bugio ou não têm nem o conhecimento nem a experiência exigíveis nesse processo de escolha. Foi, pois, uma forma de colocar essa deliberação nas mãos de quem sabe do assunto.”

Entretanto, os estatutos da Associação e o Regulamento Interno, aprovados em 2022, permitiram formalizar este grupo. Assim, neste ano de 2022, a Associação São João de Sobrado deu um passo histórico ao formalizar o Conselho de Velhos da Bugiada, um órgão que, embora existisse de forma informal há anos, nunca tinha tido enquadramento institucional claro. A iniciativa marcou uma viragem importante na organização da festa e no envolvimento dos seus protagonistas históricos.

## A Criação do Conselho de Velhos: de Informalidade a Instituição (2022)

A reunião de 2 de setembro de 2022 é o marco fundador do Conselho de Velhos da Bugiada. Até então, existia um grupo informal de antigos Velhos que aconselhava a direção, sobretudo no processo de nomeação do novo Velho da Bugiada, mas sem atas, regulamentos ou base documental que tivesse sido mantida com constância.

Conforme registado na Ata nº 1 do Conselho de Velhos da Bugiada, o presidente da Associação, António Marques Vale, propôs a criação formal do Conselho, ao abrigo do Regulamento Geral Interno, que permite a constituição de grupos de trabalho permanentes. A proposta foi aprovada por unanimidade.

Foram também definidos os requisitos de pertença a este conselho:

- ser antigo Velho da Bugiada;
- ser sócio da Associação há mais de cinco anos;
- ter quotas regularizadas.

As responsabilidades atribuídas ao novo órgão seriam amplas: apoiar a direção na promoção, regulamentação, organização e preservação da Bugiada.

A partir deste momento, inaugurou-se uma nova era: tudo passaria a ser registado em ata, e um dossier oficial seria criado para albergar documentação histórica, listas de membros e decisões.

## A Importância do Conselho de Velhos da Bugiada

O Conselho de Velhos não é apenas um grupo consultivo. É um verdadeiro: Guardiã da tradição. Reúne aqueles que carregam memória, experiência e conhecimento profundo, tanto ritual como logístico, da festa.

É este conselho, juntamente com a direção da associação, que discute e aprova os requisitos para ser Velho, garante que as regras não são alteradas durante processos eleitorais e zela pela coerência entre passado e futuro.

Ao incluir Velhos de diferentes décadas, mantém viva a transmissão oral e ritual dos saberes que caracterizam a Bugiada.

E também colabora e aconselha na criação de conteúdos informativos, na organização das Galas São João de Sobrado e na definição de mecanismos de eleição mais estruturados.

Em suma, este órgão tornou-se fundamental para o equilíbrio entre tradição e modernidade, elemento central numa festa que continua a crescer em visibilidade e profissionalização.

## Resenha Histórica das Atas (2022–2025)

A seguir apresenta-se uma síntese cronológica do trabalho realizado pelo Conselho desde a sua criação.

### Ata nº 1 — 2 de setembro de 2022

- Criação formal do Conselho de Velhos.
- Definição de requisitos para integrar o Conselho de Velhos bem como as suas responsabilidades.
- Estruturação das regras de eleição do Velho da Bugiada.
- Estabelecimento das responsabilidades do Velho (guias, rabos, advogados, palanques, serpe, animais, logística da festa, etc.).
- Introdução de medidas de contingência em casos de desistência do Velho.
- Definição de eleições anuais a realizar em março.

### Ata nº 2 — 20 de outubro de 2022

- Proibição de antigos Mourisqueiros ocuparem lugares de destaque na Bugiada (guias ou rabos).
- Confirmação da exclusividade masculina nos “lugares” e no título de Velho.
- Definição do papel da Comissão de Festas em casos de desistência.
- Introdução de um novo e detalhado modelo de eleição do Velho da Bugiada (4 fases).
- Discussão sobre autonomia futura do Conselho.

### Ata nº 3 — 19 de novembro de 2022

- Definição do calendário eleitoral para o Velho de 2025.
- Planeamento da divulgação pública do processo.

### Ata nº 4 — 2 de março de 2023

- Processo de eleição do Velho da Bugiada 2025
- Análise de 13 candidaturas; 2 excluídas por incumprimento de regras.
- Confirmação das regras vigentes.

### Ata nº 5 — 9 de março de 2023

- Primeira apresentação formal dos candidatos a Velho.
- Processo considerado desconfortável, mas útil.
- Discussão sobre transmissões sonoras informativas durante a festa — aprovadas por unanimidade.

### Ata nº 6 — 17 de março de 2023

- Eleição do Velho da Bugiada 2025: José Alexandre Ferreira “Alex”.

### Ata nº 7 — 12 de abril de 2023

- Organização da IV Gala Bugios e Mourisqueiros.

### Ata nº 8 — 20 de outubro de 2023

- Planeamento da V Gala (2024).
- Alteração do requisito de naturalidade e filiação para candidatos a Velho.
- Suspensão da fase de apresentação dos candidatos no processo eleitoral.
- Definição detalhada do calendário para o Velho de 2026.

### Ata nº 9 — 4 de dezembro de 2023

- Clarificação definitiva sobre o “ser sobradense”

### Ata nº 10 — 6 de março de 2024

- Processo de eleição do Velho da Bugiada 2026
- Validação de 7 candidaturas para Velho 2026.

### Ata nº 11 — 16 de março de 2024

- Eleição do Velho da Bugiada 2026: Sérgio Moreira “Pisca”.

### Ata nº 12 — 3 de abril de 2024

- Direção assume integralmente a organização da Gala devido à falta de representantes dos Conselhos.
- Velhos da Bugiada apoiam na entrega de convites, venda de bilhetes e pesquisa de acervo relativo aos homenageados.

### Ata nº 13 — 22 de novembro de 2023

- Processo de eleição do Velho da Bugiada 2027
- Manutenção das regras eleitorais anteriores.
- Definição do calendário para o Velho de 2027.
- Planeamento da VI Gala (2025).

### Ata nº 14 — 7 de fevereiro de 2025

- Processo de eleição do Velho da Bugiada 2027
- Validação de 6 candidaturas para Velho 2027.

### Ata nº 15 — 22 de fevereiro de 2025

- Eleição do Velho da Bugiada 2027: Marco Aurélio Brito Cruz (“Marco Cruz”).

### Ata nº 16 — 12 de setembro de 2025

- Última reunião do mandato da atual direção.

- Discussões sobre melhorias futuras nas Galas e na festa.
- Agradecimento e reforço da importância do Conselho.

## Conclusão:

O Conselho de Velhos da Bugiada representa muito mais do que um órgão consultivo: é uma instituição de memória, continuidade e identidade. Desde a sua formalização, o Conselho de Velhos da Bugiada, trouxe:

- rigor documental;
- transparência eleitoral;
- estabilidade nas regras;
- modernização dos processos eleitorais;
- reforço na organização da festa;
- maior ligação entre direção, bugios e comunidade;

Ao mesmo tempo, preservou essência, autenticidade e tradição — pilares fundamentais para que a Bugiada e Mouriscada continue viva, vibrante e reconhecida como expressão cultural única.

Num tempo em que tantas tradições se perdem, Sobrado escolheu o caminho da valorização, organização e transmissão intergeracional. E é isso que faz da Bugiada não apenas uma festa, mas um símbolo cultural resistente.

# Conselho de Reimoeiros

Nuno Alexandre Ferreira

A Mouriscada sempre foi comandada por verdadeiros líderes, os Reimoeiros. No que concerne à designação de um Mourisqueiro como Reimoeiro, o processo sempre foi simples e atualmente encontra-se estável, pelo que o Conselho de Reimoeiros não elege nenhum Reimoeiro para a festa.

Já existia informalmente um Conselho de Velhos da Bugiada, pelo menos desde 2009, mas nunca havia existido nenhum Conselho de Reimoeiros. Deste modo, quando os estatutos da Associação e o Regulamento Interno foram aprovados, em 2022, permitiram formalizar o Conselho de Velhos da Bugiada e, por decisão da direção, da criação do Conselho de Reimoeiros.

A Associação São João de Sobrado deu, assim, um passo histórico ao formalizar o Conselho de Reimoeiros, um órgão apenas consultivo, mas de extrema importância. A iniciativa marcou uma viragem importante na organização da festa e no envolvimento dos seus protagonistas históricos.

Ao institucionalizar este órgão consultivo interno, a Associação deu forma a algo que já existia na prática: a responsabilidade coletiva de transmitir a tradição.

Ao longo das suas diversas reuniões entre 2022 e 2025, o Conselho construiu um corpo de decisões que revela uma preocupação simultaneamente prática e simbólica: criar condições para o futuro da tradição, garantindo respeito pelo passado e organização no presente.

## A Criação do Conselho de Reimoeiros: a criação (2022)

A reunião de 1 de outubro de 2022 é o marco fundador do Conselho de Reimoeiros. Conforme registado na Ata nº 1 do Conselho de Reimoeiros, o vice-presidente da Associação, Pedro Vale, propôs a criação formal do Conselho, ao abrigo do Regu-

lamento Geral Interno, que permite a constituição de grupos de trabalho permanentes. A proposta foi aprovada por unanimidade.

Foi definido que, para pertencerem a este conselho, os Reimoeiros têm, obrigatoriamente, que ser sócios da Associação São João de Sobrado com as quotas regularizadas no momento de qualquer votação.

Ficou ainda definido que este conselho deve dar apoio à direção na promoção e regulamentação da Mouriscada bem como apoiar a direção na organização de eventos e iniciativas da associação e que sejam referentes à Mouriscada.

A partir deste momento, inaugurou-se uma nova era: tudo passaria a ser registado em ata, e um dossier oficial seria criado para albergar documentação histórica, listas de membros e decisões.

## A Importância Cultural do Conselho

O papel dos Reimoeiros, na Bugiada e Mouriscada, sempre foi aprendido “vendo e fazendo”, obedecendo a uma lógica de transmissão intergeracional. Contudo, com o passar dos anos, a Associação São João de Sobrado sentiu a necessidade de estruturar esse conhecimento, de organizar regras, critérios e procedimentos e, sobretudo, de criar um espaço de escuta para quem viveu a festa por dentro.

Hoje, o Conselho de Reimoeiros cumpre várias funções essenciais:

- Guardião da técnica e do estilo: Os Reimoeiros são responsáveis por manter a tradição, o ritmo, a postura e o espírito próprio da personagem. A uniformização destas práticas torna-se particularmente importante num tempo em que a festa se amplia e se torna mais mediática.
- Transmissão intergeracional estruturada: O Conselho garante que os mais novos aprendem com

método, respeito e consciência histórica, evitando perdas de estilo ou descaracterização.

- Espaço de decisão comunitária: Questões como distribuição de lugares, regras de participação, integração de novos membros ou resolução de conflitos passaram a ser discutidas de forma formal, transparente e democrática.
- Papel consultivo junto da direção: A Associação ganha um interlocutor representativo, capaz de aconselhar decisões logísticas, rituais e organizacionais.
- Salvaguarda da autenticidade: Num contexto de crescimento turístico, o Conselho protege a alma da tradição, evitando desvios, exageros ou modernizações que desconstruam o que é essencial.

#### **Resenha Histórica das Atas (2022–2025)**

A seguir apresenta-se uma síntese cronológica do trabalho realizado pelo Conselho desde a sua criação.

#### **Ata nº 1 — 1 de outubro de 2022**

- Criação formal do Conselho de Reimoeiros
- Definição de requisitos para integrar o Conselho de Reimoeiros bem como as suas responsabilidades.
- Criação da Ficha de Reimoeiro

#### **Ata nº 2 — 27 de outubro de 2022**

- Assuntos relevantes sobre a Mouriscada;
- Inventário de danças e momentos da Mouriscada:

#### **Ata nº 3 — 4 de dezembro de 2022**

- Inventário de danças da Mouriscada:
  1. Dança em casa do Reimoeiro
  2. Dança do Jintar
  3. Saída do Jintar
  4. Dança das Alminhas

5. Roubo do Santo
  6. Dança de Entrada
  7. Bênção
  8. Dança do Sobreiro
  9. Primeira da Tarde
  10. Dança do Doce
  11. Entrada para o Palanque dos Mourisqueiros
  12. Assalto ao Palanque dos Bugios
  13. Prisão do Velho
  14. Dança do santo
- “Roubo do Santo”
  - Posição do andor de São João na Procissão

#### **Ata nº 4 — 19 de fevereiro de 2023**

- Horário da Missa de São João: mantém-se igual ainda que antigamente a missa tenha sido às 10h30;
- Roubo do Santo;
- Porta Aberta no Salão dos Mourisqueiros no dia 24 de junho;
- Importância de inculcar e promover algumas responsabilidades e deveres aos “Lugares” e aos Mourisqueiros mais novos por forma a preservar o espírito de entreatura e proatividade dos mesmos.

#### **Ata nº 5 — 12 de março de 2023**

- Discussão da regra “ser solteiro” de forma universal e abrangente. O objetivo foi obter diferentes pontos de vista a serem ponderados.
- Por tradição, todos os Mourisqueiros são “solteiros” mas que a realidade atual é diferente do que era usual no passado. No passado era costume que a maioria dos homens se casassem e esse casamento era religioso. Atualmente a realidade é diferente e, por conseguinte,

urgja definir concretamente esta regra para prevenir possíveis constrangimentos/ críticas no futuro.

o Para alguns, de um ponto de vista mais radical e cumpridor da tradição, de que quem vive em conjunto (seja casado ou não) não deverá ser Mourisqueiro/ Reimoeiro;

o Para outros, uma vez que os “Lugares” já se encontram nomeados, não se deve alterar a situação de forma radical e criar um período de ajustamento, uma vez que a regra só diz “Ser Solteiro” e quem vive em conjunto continua a ser “solteiro”;

o Para outros, “Ser solteiro” é não estar casado e como tal corre-se o risco de ocorrer injustiças;

- Uma vez que se trata de um assunto que deve ser bem, ficou decidido que o Conselho de Reimoeiros irá discutir sobre o assunto e definir concretamente a regra para evitar constrangimentos no futuro e para preservar a tradição.

#### **Ata nº 6 — 11 de abril de 2023**

- Organização da IV São João de Sobrado;
- Discussão da regra “ser solteiro”

#### **Ata nº 7 — 3 de maio de 2023**

- Regra “Ser solteiro”: a tradição do “ser solteiro” não estava a ser devidamente cumprido nos últimos anos e que no futuro próximo poderia vir a criar muito desconforto no cumprimento da tradição, visto que a sociedade e o quotidiano se alteraram pelo que o estado civil dos intervenientes na Mouriscada deveria ser revisto e adaptado consoante a realidade.
- A direção apresentou a sua proposta relativamente a questões concretas e específicas sobre o tema em questão. Assim sendo, foram votados e aprovados vários aspetos, nomeadamente:

o a) Ser solteiro corresponde a não ser casado pelo civil e/ou igreja no dia 24 de junho nem partilhar

habitação com uma/um parceira/o, independentemente se vive ou não em união de facto. Divorciados e elementos que tenham deixado de viver em conjunto, são ambos considerados como divorciados. Esta definição foi aprovada por unanimidade dos presentes.

o b) Lugares nomeados até 2022: Sabendo-se que existem “lugares” que ainda que civilmente sejam solteiros, mas que se encontram a partilhar habitação e a viver em conjunto com as(os) parceiras(os), ficou decidido por maioria (com a exceção de Renato Rocha que votou contra, alegando que este assunto já havia sido abordado nos anos transatos) que estes se manteriam na sua posição e que poderiam ser Reimoeiros.

o c) Mourisqueiros até 2022: Os Mourisqueiros que já integravam a Mouriscada e que já viviam em conjunto até 2022 poderão continuar a fazê-lo, mas não poderão ser nomeados para “lugares” nem para “Reimoeiro”. Esta decisão foi aprovada por unanimidade.

o d) Lugares a ser nomeados a partir de 2022: Todos os Mourisqueiros que sejam nomeados para “lugares” tem que seguir a regra definida na alínea a) não podendo no mesmo ano ou posteriormente iniciar vida conjunta. Se tal acontecer será a direção da associação e o Conselho de Reimoeiros que irão intervir, impossibilitando o Mourisqueiro em questão de participar na Mouriscada. Esta decisão foi unânime.

o e) Novos Mourisqueiros: Os novos elementos da Mouriscada terão que cumprir a regra definida na alínea a). Esta decisão foi também unânime.

o f) A responsabilidade de nomear um Mourisqueiro como “Meio” e futuro Reimoeiro é dos Reimoeiros de cada ano, tendo estes que comunicar a sua decisão à direção da associação a fim de se escrutinar os dados pessoais e o “estado civil” dos nomeados. Esta decisão foi unânime.

o g) A Direção da Associação São João de Sobrado assumirá a transmissão desta informação aos Mourisqueiros e aos “Meios” que forem sendo nomeados pelos Reimoeiros, através de um documento em que conste os deveres, responsabilidades e regras a seguir. Os “Meios” assinarão este documento a fim de se registar o seu conhecimento e aceitação. Esta decisão foi unânime.

#### Ata nº 8 — 20 de outubro de 2023

- Planeamento da V Gala (2024).
- Análise da Mouriscada 2023

o Sobre a Prisão do Velho foi observado um certo impedimento da passagem do Reimoeiro por parte de alguns bugios, uma situação a evitar no futuro. Falta de comunicação e de representação do advogado dos Bugios;

o É importante informar devidamente, treinar a utilização dos canhões e chamar à atenção para os riscos associados à utilização destes objetos pirotécnicos por forma a que não haja situações de risco quer para os intervenientes como também para a população que assiste;

o Os Reimoeiros presentes referiram que as danças atuais diferem das danças tradicionais que eram efetuadas no passado, pelo que consideraram importante sensibilizar os Mourisqueiros para o ritmo da música e a postura que é exigida. Ficou a sugestão e a disponibilização dos Reimoeiros mais experientes para o acompanhamento deste processo;

o Sobre a integração de novos Mourisqueiros ficou decidido que os pares ou Mourisqueiros interessados em integrar a Mouriscada, tem de contactar o Reimoeiro desse ano e apresentar-se no primeiro ensaio para que se possa avaliar a sua postura e a forma como dançam;

o Por fim, devido ao calor intenso que se sentiu nesta última edição bem como as inúmeras emer-

gências médicas ocorridas, enfatizou-se a importância de transmitir aos Mourisqueiros e Bugios da necessidade de preparação física e mental para o dia 24 de junho, bem como de priorizar o descanso e a hidratação na véspera do Dia de São João;

#### Ata nº 9 — 6 de julho de 2025

- Análise da Mouriscada 2025:

o Na Dança de Entrada, continua-se a parar em frente ao edifício da Junta de Freguesia, deixando a Banda de Música seguir sem o devido acompanhamento dos Mourisqueiros. Situação essa que tem sido recorrente e que urge corrigir;

o Horários cumpridos, realçando-se a entrada na Igreja Matriz no momento do cântico “Sanctus” como era tradição e nem sempre cumprida;

o Alertou-se ainda que, neste ano, foi colocado fogo de artifício a propósito da procissão e do dia 24 de junho, nos terrenos do Engenho, realçando-se o perigo da passagem dos Mourisqueiros no local. Deve-se alertar as Comissões de Festas e o respetivo fogueteiro a fim de manter a segurança;

o Decidiu-se ainda que o Reimoeiro de 2026 deveria convocar os “Lugares” para uma reunião geral da Mouriscada, com o intuito de relembrar e alertar situações e tradições que não estão a ser cumpridas totalmente e que devem ser corrigidas.

#### Ata nº 10 — 11 de setembro de 2025

- Organização da VI Gala São João de Sobrado

• No que concerne à VI Gala São João de Sobrado: Memórias e Paixões, a direção abordou a envolvimento do Conselho de Reimoeiros na organização da gala, nomeadamente na recolha de informações dos homenageados e na venda de bilhetes.

• De seguida, foi procedida a entrega de convites e bilhetes aos Reimoeiros, tal como havia sido estabelecido.

• Relativamente ao futuro das galas, Pedro Vale propôs que no futuro, seja procedida a uma candidatura de interessados em homenagens, nomeadamente nos serviços, mensageiros, entre outros.

• O presidente da direção, António Marques Vale, agradeceu a presença de todos os Reimoeiros. Uma vez que se tratou da última reunião do atual mandato da direção, desejou as maiores felicidades a todos, esperando que o Conselho de Reimoeiros se mantenha ativo e presente na festa.

#### Conclusão:

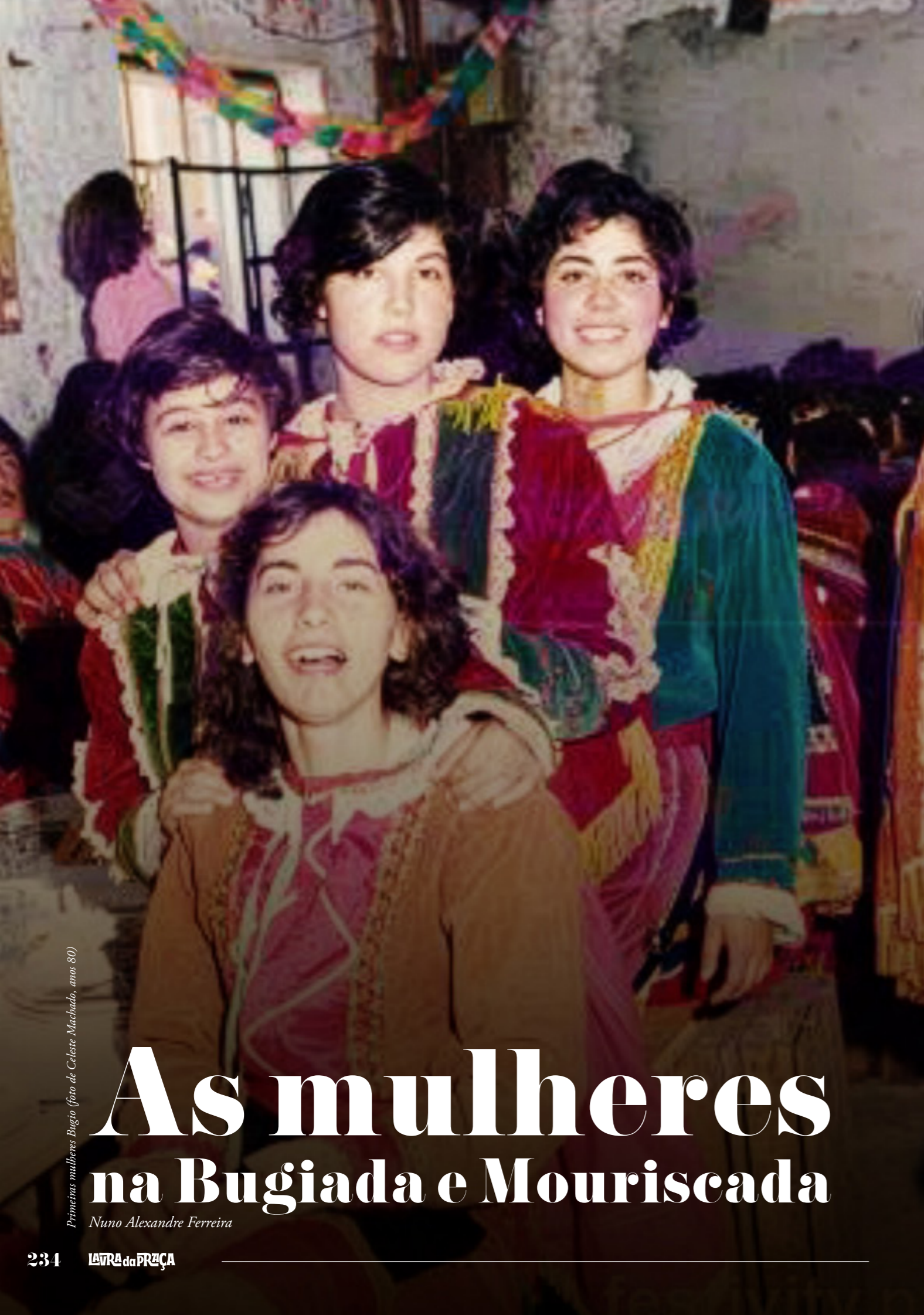
O Conselho de Reimoeiros representa muito mais do que um órgão consultivo: é uma instituição de memória, continuidade e identidade. Desde a sua criação, o Conselho de Velhos da Bugiada, trouxe:

- rigor documental;
- consciencialização das regras e tradição;
- reforço na organização da festa;
- maior ligação entre direção, Mourisqueiros e comunidade;

Ao mesmo tempo, preservou a essência, autenticidade e tradição bem como o companheirismo entre todos os Reimoeiros.



Pormenor do traje de Reimoeiro (foto de Hugo Carneiro, 2025)



Primeiras mulheres Bugia (foto de Celeste Machado, anos 80)

# As mulheres na Bugiada e Mouriscada

Nuno Alexandre Ferreira

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado é uma das mais emblemáticas festas do calendário ritual português. Profundamente enraizada na comunidade local, tem sido historicamente marcada por uma forte centralidade masculina, visível tanto nos papéis de destaque assumidos no espaço público como na narrativa oficial que a própria festa constrói sobre si mesma. Ainda assim, a presença feminina, embora menos visível, tem sido constante e estruturante, sobretudo no trabalho organizativo e nos bastidores que tornam possível a realização do evento.

É precisamente esta tensão entre visibilidade e invisibilidade, protagonismo e bastidores, tradição e mudança, que foi analisada por Emília Araújo e Rita Ribeiro no artigo Ser Bugia e dizer-se Bugio: uma análise da participação das mulheres no tempo da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, Portugal, produzido no âmbito do projeto Festivity.

## Uma festa masculina por tradição

Segundo as autoras,

*“Uma das principais características dessa festa é ter persistido ao longo dos anos como uma festa masculina, protagonizada por homens, ainda que com a ativa colaboração das mulheres em todas as fases de preparação e em todas as atividades que não envolvem a representação perante o público. Nascer mulher em Sobrado é um fado que (...) institui uma das principais fronteiras estruturais da festa sobre a qual se estrutura a identidade da comunidade.”*

Esta citação é particularmente elucidativa porque introduz dois eixos fundamentais: a masculinidade como marca identitária da festa e a naturalização dessa marca através da tradição. Ao afirmar que “nascer mulher em Sobrado é um fado”, as autoras revelam o carácter estrutural da exclusão feminina dos lugares de protagonismo, não como resultado

de decisões individuais, mas como produto de um sistema simbólico profundamente enraizado na socialização comunitária.

A festa constrói-se, assim, a partir de uma divisão clara entre palco e bastidores:

*“(1) uma festa cujo palco é masculino e em que os protagonistas principais de todas as performances são os homens e, nomeadamente, os homens solteiros; (2) uma festa cujos bastidores contam grandemente (...) com a atenção, o cuidado, o poder organizativo e saberes das mulheres (...) enquanto os homens se dedicam às atividades com exposição pública.”*

Aqui, a análise das autoras evidencia uma lógica clássica de género: o espaço público, visível e simbolicamente valorizado, reservado aos homens; o espaço privado ou invisibilizado, associado ao cuidado e à manutenção da ordem, atribuído às mulheres. Esta divisão, longe de ser neutra, estrutura hierarquias de prestígio e reconhecimento que se refletem na própria memória coletiva da festa.



Músicas da Bugiada (foto de Festivity, 2017)

## Invisibilidade feminina e masculinidade hegemónica

Ao aprofundarem a análise dos papéis atribuídos a homens e mulheres, Araújo e Ribeiro sublinham:



Preparação da Sarrabulhada (foto de Festivity, 2016)

“Os papéis de que a festa se faz estão todos destinados aos homens por natureza (...) ou por arte (cenas que se consideram cômicas e risíveis porque incluem ‘mulheres’ que são homens travestidos). As mulheres, também representadas sob uma feminilidade hegemônica que não lhes confere estatuto de sujeito, ficam – naturalmente e por tradição – fora do protagonismo da festa.”

Esta passagem é central para compreender uma das maiores contradições da Bugiada e Mouriscada: as mulheres estão presentes enquanto representação (caricatural, grotesca ou erotizada) mas ausentes enquanto sujeitos. A possibilidade de os homens se travestirem e representarem “mulheres” é aceite e legitimada, ao passo que a participação das mulheres reais é vista como potencialmente destabilizadora da ordem simbólica da festa.

As autoras acrescentam ainda:

“Ainda que de modo liminar, as mulheres vivem a festa intensamente, mas sempre em lugar subalterno em relação aos homens.”

Esta afirmação revela que a exclusão não implica desinteresse ou afastamento emocional. Pelo contrário, muitas mulheres vivem a festa com profunda intensidade afetiva, mas essa vivência não se traduz em reconhecimento simbólico nem em direito à narrativa oficial da festividade.

### Sexualização, travestismo e limites do permitido



Dança do Cego (foto de Festivity, 2015)

Um dos momentos mais problemáticos do ponto de vista das relações de género surge na análise da dança do Cego ou Sapateirada:

“A mulher é alvo de objetificação, em particular, na sexualização que a festa cultiva (...) quando homens se travestem de mulheres e representam a cena cômico-grotesca do adultério flagrado cometido pela ‘mulher’ do Cego.”

Esta cena ilustra como a feminilidade é construída como objeto de riso, desejo e censura moral, sem que as mulheres possam intervir ativamente na definição dessa representação. O corpo feminino, exagerado e grotesco, torna-se um instrumento cénico ao serviço da performance masculina, reforçando estereótipos e limites do comportamento aceitável para “as mulheres de bem”.

As autoras sublinham ainda:

“As mulheres não podem participar em todas as cenas nem imaginar realizar algumas delas porque essas performances não cabem no papel que lhes é atribuído enquanto mulheres.”

Aqui torna-se evidente a ausência de reflexividade coletiva sobre o carácter socialmente construído

dessas fronteiras. A tradição surge como argumento último, funcionando como mecanismo de legitimação da exclusão.

### Transgressões discretas e mudanças possíveis

Apesar deste quadro fortemente estruturado, o artigo identifica fissuras importantes no sistema:

“Na década de 1980, algumas mulheres correram o risco de ser consideradas menos ‘normais’ no seio da comunidade e (...) começam a aparecer na Bugiada, bastante disfarçadas e escondendo as suas formas.”

Estas participações clandestinas representam atos de resistência silenciosa, revelando que a tradição nunca é completamente estática. O facto de estas mulheres terem ocultado a sua feminilidade mostra, contudo,

que a transgressão só foi possível através da negação do corpo feminino enquanto tal.

Mais tarde,

“Hoje, elas já se sentam à mesa e retiram as máscaras, ainda que tenham de gerir olhares que recaem sobre si.”

Este avanço, embora significativo, permanece condicionado por mecanismos subtis de vigilância social, demonstrando que a aceitação ainda não é plena.

### Tradição, poder e futuro

Na conclusão, Araújo e Ribeiro enquadram a festa como reflexo das estruturas sociais mais amplas:

“As festas são microcosmos que reproduzem os modelos e os sistemas de poder vigentes (...).”



A Comissão de Festas das Mulheres (acervo ASJS, 2012)



Esta perspetiva permite compreender que a discussão sobre a participação das mulheres na Bugiada e Mouriscada não é apenas uma questão festiva, mas um debate profundo sobre género, poder e identidade comunitária.

As autoras questionam ainda a capacidade de mudança:

*“Comprender como e até que ponto a comunidade está suficientemente preparada para assumir a desigualdade de gênero que a marca como um tipo de estrutura passível de mudança.”*

A resposta institucional mais recente parece apontar para a manutenção da ordem tradicional. Enquanto no Conselho de Reimoeiros, nenhuma consideração foi escrita, o mesmo não se sucedeu no Conselho de Velhos da Bugiada. Na reunião do Conselho de Velhos de 20 de outubro de 2022, ficou registado que:

*“O ponto seguinte relaciona-se com a participação das mulheres nos lugares de destaque da Bugiada. Uma vez que a festa nunca teve mulheres nos “lugares” e como “Velhos da Bugiada” e que por tradição esses postos são ocupados por elementos do sexo masculino, ficou aprovado por unanimidade que os “lugares” e os “Velhos da Bugiada” serão sempre e exclusivamente ocupados por elementos do sexo masculino.”*

Esta decisão formaliza aquilo que sempre foi prática informal, reforçando a ideia de que a tradição continua a ser mobilizada como fronteira simbólica intransponível.

### Considerações finais

O artigo de Emília Araújo e Rita Ribeiro oferece uma leitura rigorosa, crítica e profundamente

esclarecedora sobre a complexidade das relações de género na Bugiada e Mouriscada. Ao revelar tanto as persistências como as pequenas ruturas, permite-nos compreender que a festa é simultaneamente espaço de pertença, exclusão e negociação identitária.

Resta saber se, no futuro, a comunidade estará disposta a imaginar uma Bugiada e Mouriscada onde as mulheres possam ser não apenas apoiantes, mas também protagonistas plenas. A tradição, longe de ser um bloco imóvel, poderá tornar-se, ela própria, matéria viva de transformação. Ou então não, e mesmo assim a comunidade poderá manter tudo como está. O futuro o dirá.



Mulheres sem máscara e sem receio (foto de Diana Fernandim, 2023)

### Bibliografia

- Ribeiro e Araújo (2021) Ser Bugia e dizer-se Bugio: uma análise da participação das mulheres no tempo da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, Portugal. *Revista Gênero*, 22(1), 1-27. Consultado a 13 de dezembro de 2025 em <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/47877>



Montesquieiros (foto de Município de Valongo, 2024)



A Bugiada na exposição em Sintra (foto de CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2018)

# Bugios e Mourisqueiros em Sintra

Nuno Alexandre Ferreira

Em março de 2018, o MU.SA – Museu das Artes de Sintra abriu as suas portas à exposição “Bugios e Mourisqueiros”, uma celebração visual e simbólica da célebre Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado (Valongo). Integrada no Festival Internacional de Artes Performativas – Periferias, a mostra foi mais do que uma exposição: foi um gesto de diálogo entre o património popular e as linguagens contemporâneas da arte.

O Festival Periferias, organizado pela Chão de Oli-va, nasceu de um impulso claro: dar visibilidade às vozes que ecoam fora dos grandes centros e reconhe-

cer a riqueza das expressões artísticas que brotam das margens. Desde a sua origem, o festival propõe-se corrigir assimetrias culturais, aproximando artistas e públicos através do teatro, da dança, da música, da performance, das marionetas, das exposições e das conversas. Ao incluir criadores da CPLP, o Periferias reforça laços linguísticos e afetivos, projetando a língua portuguesa como eixo de união e diálogo global — periférico na geografia, mas central no espírito.

Foi neste contexto que Sintra recebeu “Bugios e Mourisqueiros”, uma viagem ao coração da tradição sobra-

dense, cuja origem remonta à lenda da ocupação moura da Península Ibérica. Na vila de Sobrado, todos os anos, a 24 de junho, dia de São João, a comunidade revive, com cor e intensidade, a disputa simbólica entre Cristãos (Bugios) e Mouros (Mourisqueiros) pela posse da imagem do santo. É uma celebração que funde fé, sátira, dança e espetáculo, transformando as ruas num palco onde a história se reencena, geração após geração.

A exposição de 2018, fruto da colaboração entre o MU.SA, a Associação Casa do Bugio e a Câmara Municipal de Valongo, através do seu Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, levou para Sintra esta tradição viva.

Máscaras, trajes, fotografias e objetos formaram um percurso sensorial que permitiu ao público conhecer de perto uma das manifestações culturais mais identitárias do Norte de Portugal, mas também uma arte performativa ancestral, coletiva e popular, que continua a resistir à erosão do tempo.

“Bugios e Mourisqueiros”, no Festival Periferias, foi um encontro entre mundos e uma celebração daquilo que permanece vivo quando a arte se torna ponte, e não fronteira.



Esquerda: Mourisqueiro em manequim (foto de Carlos Coxo, 2018)  
Direita: Bugio em manequim (foto de Carlos Coxo, 2018)



Falando sobre a Bugiada e Mouriscada (foto de CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2018)



António César Ferreira, Presidente da Casa do Bugio e Basílio Teles, Presidente da CM Sintra (foto de CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2018)



A exposição “Bugios e Mourisqueiros” (foto de CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2018)

## Bibliografia

- Sintra, C.M. (2018) O MU.SA – Museu das Artes de Sintra recebe a exposição “Bugios e Mourisqueiros. Consultado a 29 de novembro de 2025 em [https://cm-sintra.pt/index.php?option=com\\_content&Itemid=1006&catid=182&id=5852&view=article](https://cm-sintra.pt/index.php?option=com_content&Itemid=1006&catid=182&id=5852&view=article)
- Sintra, U.F. (2018) Exposição “Bugios e Mourisqueiros” no Mu.Sa. Consultado a 29 de novembro de 2025 em <https://uniaodasfreguesias-sintra.pt/exposicao-%E2%80%9Cbugios-e-mourisqueiros%E2%80%9D-no-mu-sa/>
- Oliva, Chão de (2018) Programação: 7ª edição-Sintra 2018-Periferias. Consultado a 29 de novembro de 2025 em <https://cm-sintra.pt/attachments/article/5841/Programacao-Simplificada.pdf>
- Oliva, Chão de (2018) Manifestações Teatro Popular - Bugios e Mourisqueiros. Consultado a 29 de novembro de 2025 em <https://chaodeoliva.com/portfolio/manifstacoes-teatro-popular/>



**NOVO  
WEBSITE**  
BREVEMENTE

# Website SJS à distância de um clique

Cartaz de divulgação do novo website (imagem criada por Fábio Macedo, 2023)

Nuno Alexandre Ferreira

Durante décadas, a Bugiada e a Mouriscada viveram entre o sagrado e o popular, entre a poeira do largo e a adrenalina dos mascarados. Era aquela tradição que toda a gente sentia, mas que vivia sobretudo no boca-a-boca, na fotografia amarelada, no “eu estive lá”. O digital? Bom... isso era coisa para depois. Mas o “depois” chegou.

## Do improvisado ao profissionalismo digital

Antes da era do site oficial, a internet da festa era uma espécie de arqueologia digital: blogs heroicos, mantidos por apaixonados como Manuel Pinto, que desde 2004 segurou as pontas da comunicação online com o mítico [bugiosemourisqueiros.blogspot.com](http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com). Entre 2004 e 2015, foi ali que muitos descobriram, comentaram e revisitaram a festa.

Em 2013 surgiu outro marco: Nuno King criou um blog em formato de website, que durante mais de uma década, até 2024, funcionou como porta de entrada para o universo da festa e para o trabalho das comissões.

Entre 2004 e 2025, vários outros blogs, projetos temporários e páginas dispersas foram aparecendo, cada um alimentado pela vontade de manter viva a chama online da Bugiada e Mouriscada. Até houve, por um curto período, uma página criada no âmbito do processo de candidatura da festa à UNESCO, reunindo documentos e divulgação oficial dessa etapa histórica.

Mas faltava sempre qualquer coisa: unidade, continuidade e... casa própria.

Foi preciso chegar a 2021 para que, sob a direção de António Marques Vale, e sob iniciativa de Nuno Ferreira e Fábio Macedo, a promessa antiga ganhasse força de compromisso: criar, finalmente, o website oficial da Festa de São João de Sobrado.

Com o apoio tecnológico da DestinyCloud e o design cuidado de Filipe Costa Alves, janeiro de 2024, trouxe à vida o tão aguardado website. Ainda em afinação (como qualquer organismo digital vivo), ele assume-se hoje como a central de informação: credível, atual e desenhada para o século XXI.

## O que este site tem? Mais fácil dizer o que não tem

O novo website é mais do que um portal — é quase um ecossistema cultural. Entre as suas secções, encontramos:

- Descrição da Festa e do Festival — para quem chega de fora e acha que isto é “só um desfile”.
- Atividades e iniciativas — da associação às comissões, tudo documentado.
- Blog com notícias — porque a festa vive o ano inteiro.
- Revista Lavra da Praça — cultura local em formato digital.
- Media — fotografias, vídeos, documentos e memórias visuais que valem ouro.
- Loja oficial de merchandising — porque tradição também se veste e se usa.
- Área reservada para sócios — ainda a ser finalizada, mas já a desenhar o futuro.

É um centro cultural digital. Um arquivo vivo. Uma montra moderna de uma tradição que não tem medo do futuro.

## Porquê tão importante?

Porque hoje o mundo chega primeiro pela internet. E quem procura “Bugiada e Mouriscada” merece informação fidedigna, organizada e oficial — não fragmentos perdidos, nem opiniões de ocasião.

Um website oficial faz da festa algo acessível “a um clique”, democratiza o conhecimento, reduz ruído e dá a Sobrado uma presença digital à altura do seu património imaterial.

É cultura com identidade e tecnologia com propósito. É tradição que se adapta. É Sobrado a dizer ao mundo: “Estamos aqui. E estamos online.”



# Retrosaria Palheira:

## Com linhas se cose a Bugiada e a Mouriscada

Nuno Alexandre Ferreira

Em Sobrado, há lugares que são mais do que espaços comerciais. São arquivos vivos, oficinas de memória e pontos de encontro entre gerações. A Retrosaria Palheira é um desses lugares raros. Fundada em 1957, esta casa atravessou décadas de transformação social sem nunca se desligar do pulsar mais profundo da comunidade: a Bugiada e Mouriscada de Sobrado.

Atualmente comandada por António Pinto, nascido em 1960, a Retrosaria Palheira continua a ser um dos centros nevrálgicos do saber-fazer associado aos trajes da festa. António é sócio da Associação São João de Sobrado desde 1997 e liderou a direção da associação entre 2004 e 2017, assumindo um papel determinante não apenas na continuidade da festa, mas na preservação material e simbólica da sua indumentária. Como a própria casa afirma nas suas redes sociais: “*Há mais de 50 anos que a Retrosaria Palheira traça o seu caminho. De geração em geração aqui a tradição ainda é o que era.*”

Mais do que um espaço de confeção, a Palheira é um verdadeiro ateliê comunitário. O trabalho ali desenvolvido revela que o traje da Bugiada e Mouriscada não é resultado de um gesto isolado, mas de um processo coletivo, histórico e culturalmente enraizado. A própria família de António Pinto está associada a este atelier, desde a sua esposa Margarida bem como da sua filha Fábria Pinto.

A centralidade da Casa Palheira no universo da Bugiada é amplamente reconhecida pela investigação académica.

Bárbara Alge, uma das investigadoras mais relevantes sobre esta tradição, escreveu na sua tese de mestrado *Die Performance des Mouro in Nordportugal*, publicada em 2010:

*“António Pinto (48 anos, “Palheira”), irmão de Manuel Pinto, vende e aluga trajes de bugio. A sua casa guarda os instrumentos da Dança dos Bugios*

*e fotografias e filmes da Bugiada desde 1989. Na véspera do dia 24 de junho, costuma organizar uma festa comemorativa para os bugios e mourisqueiros, onde se bebe cerveja e se contam anedotas de festas passadas (...). A sua esposa, Margarida, ajuda-o a fazer os trajes e a organizar as festas para angariar fundos para a Bugiada.”*

A investigadora acrescentou ainda um retrato do quotidiano da casa, onde o trabalho manual se cruza com a vida comunitária:

*“Quando visitei António Pinto em 29 de novembro de 2004, sua esposa, Margarida Pinto (44 anos), estava fazendo toalhas de mesa para a sarrabulhada que aconteceria no fim de semana seguinte. (...)”*

Também Maria Cristina Cunha Araújo sublinhou o papel determinante da família Pinto na evolução estética das fardas, destacando a criatividade e a adaptação ao longo do tempo:

*“Segundo o Sr. António Pinto, foi a sua própria mãe que adulterou as respectivas fardas, tornando-as mais vistosas. Acrescentou ainda: “as fardas antigas dos Mourisqueiros eram de linho branco ou estopa, com uma risca vermelha pela perna abaixo; casaco com duas faixas vermelhas de cada lado. Eram designadas por “padeiras”. As próprias polainas do «Reimoeiro» eram castanhas. As fardas mais velhas e desgastadas eram conhecidas por «comedei-ras», pois como o tempo era de fome, só serviam para o «jantar» da Bugiada. Contudo, até aos anos de 70/75, as fardas eram listadas (pano de listas, finas e longitudinais, vermelho, verde e azul), sendo hoje muito difícil de arranjar.”*

Numa entrevista igualmente citada, reforça-se a dimensão técnica e económica deste ofício:

*“Entrevista concedida pelo Sr. António Pinto, que gentilmente nos falou sobre as fardas da Bugiada.*



Retrosaria Palheira (foto de Festivity, 2016)

*Este começou há 24 anos a confeccionar as fardas com a mãe. O Sr. Pinto não só confecciona as fardas como também as aluga. A farda de Velho, ronda os 550€; as dos Bugios, cerca de 225€. Quanto ao aluguer, dependa da antiguidade do material e ronda os 20/30€ e destinam-se a pessoas com menos posses ou para aquelas que não tem o hábito de irem todos os anos à Bugiada. As fardas dos Mourisqueiros são confeccionadas pelo Sr. Manuel do Cabo. Contudo, cabe à Comissão de Festas oferecer a farda do Reimoeiro e vestir os Mourisqueiros.”*

A confeção dos trajes da Bugiada exige um conhecimento profundo, que não está certificado nem regulamentado. Não existe patente, nem formação formal: o saber transmite-se pela prática, pela observação e pela partilha. Em Sobrado, são poucos os artesãos que dominam este ofício, destacando-se claramente a família da Casa Palheira, atualmente representada por António,

Margarida e Fábria Pinto, que continuam um trabalho iniciado por gerações anteriores.

Apesar de existirem outros artesãos na freguesia (como os irmãos Jorge e Marcos Alves e a sua mãe Margarida, Felicidade Moreira Bento, Helena Figueiredo e Olin da Gaspar) e de muitas mães e avós confeccionarem trajes para familiares, é à Casa Palheira que se deve a maior parte das fardas atualmente usadas na festa.

Cada traje é único. Há liberdade criativa nos recortes, nos padrões e nas cores, sobretudo nos trajes de Bugio. O veludo afirma-se hoje como tecido fundamental, especialmente no manto do Velho, enquanto o traje de Reimoeiro, atualmente em linho, pode também ser realizado em veludo. A par dos trajes, subsiste um saber artesanal específico ligado à produção e restauro das máscaras — em plástico, pintadas à mão, enceradas e adornadas com folhos de renda branca — que continua a passar de geração em geração.

Nos dias que antecedem a festa, é comum ver filas à porta da Casa Palheira. Procura-se alugar, ajustar, comprar ou simplesmente conversar. Fardas, caretas, acessórios e pequenos souvenirs convivem no mesmo espaço, reforçando a ligação entre tradição e contemporaneidade.

Como referiu António Pinto, no documentário de Silvana Torricella, desde :

*“a minha ligação à festa começou desde muito novo, desde o meu tempo de criança. (...) Depois de casar comecei a lidar de perto com os trajes. A minha mãe já fazia trajes e aquilo que eu notava era que as fardas eram feitas de qualquer forma ou feitio (...)”*

*diferente do que eu via quando era criança. Senti que isso não ia levar a bom caminho e comecei eu a fazer os meus fatos (...) e a partir daí nunca mais parei. Já lá vão 40 anos. (...) comecei a fazer as primeiras fardas de Mourisqueiros em 1993. (...)”*

Foram inúmeros os mantos de Velho, fardas de Bugios, Mourisqueiros e Reimoeiros que ali nasceram ao longo de décadas. Pela sua relevância contínua, pela densidade simbólica do seu trabalho e pela ligação indissociável à Bugiada e Mouriscada, a Retrosaria Palheira não é apenas um estabelecimento comercial: é parte integrante do património material e imaterial da festa, e um dos seus mais sólidos guardiões.



Artesanato produzido na casa Palheira (foto de Palheira, 2022)

#### Bibliografia

- Araújo, M. (2004) Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho (o S. João de Sobrado - Valongo) Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Alge, B. (2010) Die Performance des Mouro in Nordportugal. Berlin: VWB – Verlag für Wissenschaft und Bildung



# Mais lama do que sapateirada

Cego (foto de Hugo Carneiro, 2023)

Nuno Alexandre Ferreira

Há cenas que se colam à memória coletiva não porque sempre tenham existido, mas porque, a partir de certo momento, se tornaram impossíveis de esquecer. A Dança do Cego, integrada na Bugiada e Mouriscada de Sobrado, é hoje uma dessas imagens incontornáveis: lama, excrementos, aproximação provocatória ao público, fuga e riso nervoso. Um momento aguardado, fotografado, partilhado. Um momento, também, controverso.

Emília Araújo e Márcia Silva, investigadoras do projeto FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, analisam esta transformação no artigo Futuro como controvérsia e festa como narrativa: breve nota a partir da observação da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Através de entrevistas realizadas em trabalho de campo, situam a intensificação da lama a partir de 1974, um ano excepcionalmente chuvoso que viria a marcar, de forma duradoura, a performance ritual.

As autoras descrevem a cena tal como hoje é reconhecida:

*“Uma das cenas mais significativas da festa é a ‘Dança do Cego’, que acontece durante a tarde. Hoje esta cena inclui uma sequência muito característica de ações que implicam interação constante com o público: sentado, ou deitado e rolando sobre água com excrementos, a personagem do cego aproxima-se de quem assiste, praguejando e usando a vara para lançar a lama embebida em excrementos de animais sobre as pessoas presentes que ora se aproximam, ora fogem em desafio constante. Mas, por causa da sujidade, da inversão e da desorganização que a envolve, esta é também uma das cenas mais controversas da festividade e objeto de algum dissenso, sobretudo quando se pensa em termos do alargamento da festa ao turismo.”*

A lama, aqui, não é apenas matéria. É linguagem. É inversão, contacto, desconforto. É precisamente por isso que se torna um dos pontos mais disputados da festa. Não apenas pelo que faz, mas pelo que significa.

Araújo e Silva identificam o centro da controvérsia não na cena em si, mas na sua relação com o tempo e com a ideia de autenticidade:

*“A controvérsia acende-se justamente em redor da temporalidade da cena na temporalidade histórica e experiencial da festa: a cena é autêntica porque sempre foi objeto da mesma performance e está incorporada como tradição, ou porque a narrativa partilhada sobre o passado da festa lhe retira qualquer datação e selo de atemporalidade?”*

A pergunta é decisiva. O que torna algo tradicional? A repetição contínua ou a narrativa que o apresenta como eterno? No caso da Dança do Cego, ambas parecem operar em simultâneo. Há quem espere por este momento como núcleo identitário da festa, como cena icónica e imperativa da sua organização simbólica. Outros, porém, veem nele uma adaptação da história, posteriormente naturalizada.

Este segundo olhar surge com particular força nos testemunhos dos mais antigos. Um dos entrevistados, com 61 anos, questiona abertamente a ideia de continuidade:

*“antes era em terra batida ( ... ) havia um bocadinho de lama e acharam piada chegar lá e bater com a vara”, mas em 1974 “choveu muito, muito, muito, era um ribeiro por aí abaixo e, depois, chegaram ali, à sapateirada, começaram a bater com a vara, acharam graça [aos espirros para a população]”.*

Com o passar dos anos, a prática foi-se fixando e intensificando. Primeiro, com a necessidade de recriar artificialmente a lama após a colocação dos paralelos:



Sapateirada (foto de M.P. Corrales, 1992)

*“puseram paralelos ( ... ) iam lá de véspera, arranjavam duas carradas de terra e ponha lá para fazer a frese”.*

Depois, segundo o mesmo informante, com a introdução deliberada de excrementos de animais:

*“Hoje, ainda fazem mais: botam-lhes excrementos de burro. Eu fui lá há 2 anos e não se podia estar lá com o cheiro. Aquilo não é tradição”.*

A crítica não é apenas higiénica ou sensorial. É histórica e ética. O entrevistado recorda uma versão da cena onde o controlo e a contenção faziam parte do ritual:

*“o sapateiro é que atirava o sapato ( ... ) e é aquele momento que o sapato não suja nada a ninguém e atira de maneira que não aleije ninguém. Agora, o cego vai por aí abaixo, borra tudo, suja a assistência toda. Não acontecia nada disso. É tudo um exagero, mas a culpa disto é a malta de fora que dá um valor a isso.”*

Este “exagero” aponta para uma tensão central nas festas patrimonializadas: quando a transgressão passa a ser esperada, encenada e amplificada para um público que não partilha a memória do antes. A lama deixa de ser acidente ritual e passa a ser recurso performativo. Aquilo que foi contingente transforma-se em essência.

Não se trata, contudo, de defender um regresso purista a um passado, uma vez que esse passado é, ele próprio, fragmentado e narrado. A questão mais produtiva talvez seja outra: até que ponto a intensificação contínua de certos elementos não esvazia o seu próprio sentido simbólico? Quando tudo é excesso, onde reside a transgressão?

A Dança do Cego continua a ser um dos momentos mais acarinhados do dia 24 de junho.

Mas é também um espelho das negociações permanentes entre memória, espetáculo e identidade. Entre a lama que escorre e a tradição que se constrói, fica a pergunta em aberto: estamos a assistir a uma herança viva ou à cristalização de um episódio elevado, a posteriori, à categoria de eternidade? o que é afinal a tradição? Será que se devia retornar ao antigamente? Será que no futuro, este momento na lama será ainda mais explorado e exacerbado?

#### Bibliografia

• Araújo, E., & Silva, M. (2022). Futuro como controvérsia e festa como narrativa: Breve nota a partir da observação da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. In R. Ribeiro, E. Araújo, M. Silva & A. Fernandes (Eds.), *Festividades, culturas e comunidades: Património e sustentabilidade* (pp. 29-39). UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Consultado a 17 de dezembro de 2025 em <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/73/147/1873-1>



Personagens mascarados da Bugada e Mouriscada em Lisboa (foto de Fábio Macedo, 2024)

# FIMI 2024

## Algo mudou e não foi a Bugada e Mouriscada

Nuno Alexandre Ferreira

O FIMI – Festival Internacional da Máscara Ibérica, no seu histórico de XVI edições, constitui-se como um dos eventos mais importantes do país, no contexto das tradições da cultura imaterial e na mostra de tradições ancestrais, tanto nacionais como internacionais. Este encontro de culturas e património em merecido a presença de milhares de espetadores, agregando centenas de associações, municípios e regiões, na sua maioria, da Península Ibérica.

Durante décadas, a Bugiada e Mouriscada de Sobrado foi convidada a marcar presença no Festival Internacional da Máscara Ibérica (FIMI). Sempre recusou. Não por desinteresse, mas por convicção. A festa é de Sobrado, vive-se em Sobrado, no dia 24 de junho. Essa premissa foi, durante muito tempo, inegociável.

Em 2024, algo mudou. E não foi a tradição.

No 21 de setembro, Lisboa voltou a ser palco do FIMI, depois de anos de interregno motivado pela pandemia. O desfile regressou à Baixa lisboeta e ao Terreiro do Paço, reunindo milhares de máscaras ibéricas. Pela primeira vez, entre elas, estiveram personagens mascaradas da Bugiada e Mouriscada de Sobrado.

Não houve danças. Não houve rituais. Não houve encenação da festa. Houve máscaras. E houve impacto.

### Um convite antigo, uma decisão estratégica

O convite partiu da Progestur/ADGTCP – Associação para a Promoção, Gestão e Desenvolvimento do Turismo Cultural em Portugal, que sublinhou a importância simbólica do regresso do desfile:

*“Depois de alguns anos de interregno devido ao covid 19, as Máscaras vão voltar a desfilar em Lisboa. O Festival Internacional da Máscara Ibérica (FIMI) regressa no dia 21 de setembro (sábado), para desfilar na Baixa de Lisboa. Gostaríamos mui-*



Participação da Bugiada e Mouriscada no FIMI (foto de Fábio Macedo, 2024)

*to de poder contar com os Bugios e Mourisqueiros, neste regresso do Desfile da Máscara Ibérica. (...)”*

A Câmara Municipal de Valongo, através do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada (CDBM), fez chegar o convite à Associação São João de Sobrado, que reconheceu a relevância estratégica da participação para a divulgação da festa em Lisboa.

A resposta foi clara, consciente e delimitada:

*“No seguimento dos contatos telefónico e presencial relativos à participação da Festa de São João de Sobrado no FIMI- Festival Internacional da Máscara Ibérica, a Associação São João de Sobrado confirma o interesse na participação neste evento. Tal como já fora referido, não procederemos a nenhuma re-criação de dança ou rituais, no entanto desfilaríamos com personagens da festa mascaradas, possivelmente com Velho da Bugiada, Bugio, Entrajadas, Cego, Sapateiro, Mulher do Sapateiro, etc.”*

### A máscara como embaixadora



Doutor da Lei (foto de Fábio Macedo, 2024)

A opção foi deliberada: apenas personagens que usam máscara. Velho da Bugiada, Bugio, Sapateiro, Cego, Entrajadas, Mulher do Sapateiro, Doutor da Lei. Nada mais. Nada menos.

A comitiva contou com 15 elementos, incluindo personagens mascaradas, equipa de apoio, marketing e representantes do Município de Valongo. O transporte foi assegurado pela autarquia. A saída ocorreu às 07h00 da manhã. O regresso, já perto da meia-noite.

O desfile, preparado após o almoço oferecido pela organização, percorreu o Terreiro do Paço e ruas envolventes, num ambiente de festa com milhares de pessoas. Não houve improvisos. Não houve desvios ao propósito inicial. A instrução foi inequívoca, no documento com as informações partilhadas à comitiva:

*“Durante o desfile, como estaremos a representar a festa, assumir uma postura séria e responsável. Não tirar fotos durante o desfile. A divulgação desta participação será feita pelas redes oficiais da festa. No restante tempo, manter uma postura adequada à representação da festa e da nossa comunidade. Promover a festa e ajudar na entrega de brochuras da festa.”*

O resultado foi imediato: curiosidade, perguntas, fotografias, emoções. As máscaras, os trajes, a cor e a expressividade causaram um impacto evidente junto do público. Centenas de brochuras foram distribuídas. O interesse prolongou-se nas redes sociais da festa.

### Crítica, ruído e identidade



Na cara as caretas, na mão as brochuras (foto de Fábio Macedo, 2024)

Como era previsível, surgiram críticas. Uma delas, publicada por Fábica Pinto no grupo de Facebook S. João com tradição – Bugiada de Sobrado, sintetiza o desconforto de parte da comunidade:

“Embora a saída tivesse sido mais ou menos encoberta, desde o início de setembro que se sabia do” evento”. Á boca pequena, pelo WhatsApp fizeram-se os convites sem nada muito claro. Estavam para ir muitos. Arrepiaram caminho quando souberam o propósito. Será esta a linha que separa os verdadeiros bugios dos outros. Gabo-lhes a coragem e a hombridade em honrar a premissa que nos distinguiu. Já não distingue.

A Bugiada saiu de Sobrado e passeou-se pelo Terreiro do Paço numa pretensa promoção de si mesma. (...)

A Bugiada, desde o início da FIMI foi sempre convidada a levar os Bugios ao festival. Sempre declinou, embora tenha aceite nos últimos anos um stand de promoção e divulgação da festa. Não me choca essa promoção.

(...) Entendo e partilho a vaidade em mostrar o que é nosso, partilhar a nossa identidade, mas não entendo esta participação que espero peregrina. E digo peregrina pelos motivos anteriormente elencados e pelos que explano agora.

Há não muitos anos, numa reunião da Assembleia da Associação da Casa do Bugio e do Mourisqueiro, indagada a assembleia terá ficado claro que a Bugiada só sairia à rua a 24 de junho em Sobrado. Não estando, no entanto negadas saídas de trajes para ações de promoção da festa.

Ainda que, num ato de livre-arbítrio a Associação tivesse decidido mandar às urtigas o que os associados assumiram como premissa e tivesse decidido avançar, não teriam as desistências dos que estariam para ir tivessem sido suficientes para soar os alarmes?

(...) Que promoção é esta que no fim nos rotula como os caretos de Valongo? É esta a promoção que procuramos? Valerá a pena vender a nossa essência a troco de selfies com turistas? E já agora, já alguém acautelou o aumento do Passal? Ou estará a ser

equacionada uma mudança para os Aliados para que todos nos possam ver?”

As questões são legítimas. O debate também. Mas importa separar planos. A Bugiada e Mouriscada não saiu de Sobrado enquanto festa. Não houve rituais fora do seu tempo e do seu lugar. Houve uma ação de representação cultural, focada exclusivamente na máscara: exatamente o objeto central do FIMI.

Outras vozes, como a de Américo Coelho, igualmente da comunidade, sublinharam essa distinção:

“Também não vejo qualquer mal em divulgar a nossa festa e a nossa tradição. Acho também que não será necessário ‘fechar’ a Bugiada e Mouriscada numa caixa no dia 24 de junho à noite e só a voltar ‘abrir’ na manhã do dia 24 de junho do ano seguinte. As tradições devem ser divulgadas. (...) S. João, SEMPRE.”



Participação da Bugiada e Mouriscada no FIMI (foto de Fábio Macedo, 2024)



Personagens mascarados da Bugiada e Mouriscada e comitiva da Câmara Municipal de Valongo (foto de CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2024)

### Lisboa como amplificador cultural

A própria organização do FIMI foi clara quanto ao sentido desta participação:

“Foi com um agrado enorme e até com emoção que tivemos uma representação da Bugiada em Lisboa. Como sempre dissemos, este festival e todos os festivais servem para dar a conhecer as festas, as tradições convidando as pessoas que assistem a visitar os locais próprios onde as festas se realizam e em particular a vivenciar os rituais nesses locais nas alturas em que eles se realizam.”

É precisamente aqui que reside a grande relevância da edição de 2024: Lisboa enquanto amplificador, não enquanto substituto. A capital como palco de visibilidade, não como espaço de apropriação.

### Bibliografia

- Valongo, C.M. (2019) Valongo divulga Bugiada e Mouriscada no FIMI - Festival Internacional da Máscara Ibérica. Consultado a 16 de dezembro de 2025 em <https://www.cm-valongo.pt/descobrir/eventos/evento/valongo-divulga-bugiada-e-mouriscada-no-fimi-festival-internacional-da-mascara-iberica>
- Valongo, C.M. (2017) Município promove Bugiada e Mouriscada no FIMI. Consultado a 16 de dezembro de 2025 em <https://www.cm-valongo.pt/descobrir/eventos/evento/municipio-promove-bugiada-e-mouriscada-no-fimi>
- Valongo, C.M. (2017) ‘Bugiada e Mouriscada’ presente na XII edição do FIMI. Consultado a 16 de dezembro de 2025 <https://www.cm-valongo.pt/diretorio-servicos/comunicacao/noticias/noticia/bugiada-e-mouriscada-presente-na-xii-edicao-do-fimi>
- Gaia, C.M. (2025) FIMI ‘25. Consultado a 16 de dezembro de 2025 em <https://www.cm-gaia.pt/pt/eventos/fimi-25/>

Nada mudou em Sobrado. Mudou, isso sim, o alcance da festa.

### Não sair da tradição para a fazer chegar mais longe

A participação da Bugiada e Mouriscada no FIMI 2024 marcou um ponto de viragem. Não porque tenha quebrado regras, mas porque mostrou que é possível divulgar sem desvirtuar, mostrar sem banalizar, afirmar sem ceder.

O cansaço do regresso foi grande. A satisfação, maior ainda. O objetivo foi cumprido. Como leme desta decisão, ficou a convicção que orientou toda a ação: “A Bugiada e Mouriscada de Sobrado é única e merece ser conhecida.”

E Lisboa, em 2024, ficou a saber disso.



Velho da Bugiada e Bugios (foto de Município de Valongo, 2019)

# A Bugiada está demasiado grande?

Nuno Alexandre Ferreira

A pergunta — “A Bugiada está demasiado grande?” — não é nova, nem inocente. Ela atravessa décadas de conversas informais, assembleias implícitas e tensões silenciosas em Sobrado, ressurgindo ciclicamente sempre que a festa se realiza. Quando colocada no espaço público e académico, deixa de ser apenas uma inquietação local e passa a funcionar como um verdadeiro operador crítico: interroga a relação entre crescimento e identidade, entre patrimonialização e controlo comunitário, entre espetáculo e ritual.

Emília Araújo e Márcia Silva, investigadoras do projeto “FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado”, abordam esta questão no artigo Futuro Como Controvérsia e Festa Como Narrativa: Breve Nota a Partir da Observação da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Através de entrevistas realizadas em trabalho de campo, as autoras mostram que é recorrente, entre os sobradenses, a preocupação com a necessidade de controlo da festa, do número de

participantes e, sobretudo, de quem vai de Bugio ou de Mourisqueiro, por receio de que a festa se descaracterize. O debate é antigo e permanece em aberto.

No centro desta discussão está aquilo que as investigadoras descrevem como um “jogo simbólico de resguardo de poder sobre a temporalidade histórica da festa”. Não se trata apenas de organizar uma manifestação cultural, mas de disputar a capacidade de definir o seu passado legítimo e o seu futuro possível. Como escrevem:

*“No coração deste jogo simbólico de resguardo de poder sobre a temporalidade histórica da festa está não só a perceção do poder de controlo sobre o futuro e o passado da festa, mas também o receio da descaracterização da festa potencialmente perpetrada, tanto pela flexibilidade e multiplicidade de narrativas sobre o passado da festa, como pela destruição ou suspensão da estabilidade e da continuidade da festa como elemento da narrativa identitária coletiva.”*



Mouriscada (foto de Nuno King, 2019)



Bugiada (foto de Município de Valongo, 2018)

Neste quadro, detalhes aparentemente banais, como o número de Bugios, tornam-se altamente significativos e revelam visões distintas sobre o tempo da festa e a forma como este deve ser preservado. Uma visão mais conservadora emerge claramente em vários testemunhos:

*“os bugios sempre foram muitos. Dantes eram menos. Eu quando fui a primeira vez de bugio com 10 anos eram para aí 50 bugios. Agora também é um exagero. (...) vamos lá ver: vão 600 bugios” (72 anos).*

A verdade é que, nas últimas décadas, assistiu-se a um crescimento exponencial do número de participantes na Bugiada, o que não se sentiu com a mesma intensidade na Mouriscada, ainda que esta também tenha crescido. Esta assimetria sugere que o problema não reside apenas no aumento quantitativo, mas na forma como esse crescimento se articula com a performance ritual e com os códigos internos da festa.

Uma das pessoas entrevistadas entende que a mudança se observa sobretudo na forma de participação, afirmando que:

*“antigamente ninguém queria ir. Antigamente tinham medo de ir. Tinham medo de fazer mal. Não iam. (...) Não queriam ir porque tinham medo. Tinham vergonha por poderem fazer mal. Agora não. Agora qualquer um vai. Agora não se importam. Mesmo que*

*façam mal, não querem saber. (54 anos)”*

Outras vozes relativizam a importância do número absoluto de participantes, deslocando o foco para a qualidade da ligação à festa e para aquilo que identificam como uma falta de “alma histórica” em muitos dos que hoje integram a Bugiada:

*“hoje são mais de 600 bugios, (...) [mas] vão 50 bugios. Quero eu dizer, aqueles que sabem o que vão fazer são 50! Vão mulheres, vão pessoas de fora, vão muitos, vão lá atrás dos outros, mas não sabem o que estão a fazer. (72 anos)”*

Tal como sublinham Araújo e Silva, esta ideia de participação é profundamente crítica. Se, por um lado, o número elevado de Bugios contribui para engrandecer a visibilidade e a espetacularidade da festa, por outro lado introduz desafios significativos ao nível da performance e da qualidade da exibição. As alterações tornam-se evidentes na duração das danças, na relação com a música e na própria experiência corporal dos participantes:

*“agora, é uma Bugiada muito mais numerosa e isso é que distorceu um bocadinho (...). Agora, para dar uma volta temos de dar uns quilómetros só para virar a Bugiada. Acaba por mostrar mais a quem está a ver, mas é mais difícil. (...) Faziam-se danças mais curtas, de outra beleza. (48 anos)”*



Rodízio da Mouriscada (foto de Paulo Luís, 2018)

*“Nós antigamente fazíamos uma dança em que demorava, por exemplo, 10 a 15 minutos e nós agora temos de fazer uma dança que demora 40 minutos (...). É uma coisa abismal. Dançava-se mais à vontade, mais tempo, aproveitava-se mais, e agora limita-se àqueles 20/30 pares que vão na frente e que ouvem a música. É diferente. (48 anos)”*

A tensão agrava-se quando o crescimento da festa se articula com a sua projeção para fora da freguesia. Aqui emerge um discurso de defesa da autonomia comunitária e da “posse” simbólica da festa, expresso no receio de perder a capacidade de decidir sobre a sua arquitetura interna:

*“divulgar eu não sou contra, sou contra tirar o que é nosso (...). O meu receio é esse. (...) Até agora nós fazíamos como queríamos e sabíamos e pode isso mudar” (53 anos)*

ou ainda:

*“divulgar, mostrar, fazer com que venham mais pessoas, mas que não venham pessoas em quantidade. Que venham pessoas interessadas que gostam deste tipo de festas” (33 anos).*

#### Bibliografia

• Araújo, E., & Silva, M. (2022). Futuro como controvérsia e festa como narrativa: Breve nota a partir da observação da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. In R. Ribeiro, E. Araújo, M. Silva & A. Fernandes (Eds.), *Festividades, culturas e comunidades: Património e sustentabilidade* (pp. 29-39). UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Consultado a 17 de dezembro de 2025 em <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/73/147/1873-1>

As perguntas permanecem em aberto e tornam-se cada vez mais prementes: o que aconteceria se o número de Bugios continuasse a crescer de forma significativa? E se o mesmo sucedesse com os Mourisqueiros? Seria necessário construir um novo edifício para albergar o jantar? Que impactos teria esse crescimento nos rituais, nas danças e nos horários do dia de São João?

Mais profundamente, impõe-se a questão central: é possível e desejável controlar, em número, a Bugiada e a Mouriscada? Qualquer tentativa de regulação implica decisões sobre pertença, legitimidade e autoridade simbólica. Controlar pode significar proteger; mas também pode significar excluir. Não controlar pode significar abertura e vitalidade; mas também pode conduzir à descaracterização.

Talvez seja precisamente nesta tensão irresolúvel que a Bugiada continua a cumprir a sua função social mais profunda. Enquanto a pergunta “a Bugiada está demasiado grande?” continuar a ser formulada, com inquietação, conflito e reflexão, a festa permanece viva, não como peça museológica, mas como território ativo de disputa simbólica, memória e futuro.

# SJS'25

**Uma festa gigante sem perder a alma**

*Nuno Alexandre Ferreira*

O São João de Sobrado de 2025 não foi apenas mais uma edição bem conseguida: foi um ponto alto! Um desses momentos raros em que uma comunidade percebeu, quase em simultâneo, que estava a viver algo que ficaria para a história. Não por ser maior, mais ruidoso ou mais mediático, mas porque conseguiu conjugar respeito pela tradição, capacidade organizativa, abertura ao mundo e um profundo sentido de pertença.

Durante sete dias, Sobrado foi o centro de si própria. Viveu-se intensamente, com uma energia contínua, construída noite após noite, até culminar no dia 24 de junho, quando a Bugiada e Mouriscada voltou a cumprir o seu papel maior: ser o coração identitário da vila. Antes disso, as seis noites de festa mostraram uma dimensão que ultrapassa largamente o que se espera de uma festa popular. Grandes artistas nacionais, palcos profissionais, produção técnica de alto nível, milhares de pessoas nas ruas. E, ainda assim, sem bilhete, sem barreiras simbólicas, sem afastamento entre quem organiza e quem participa.

Como bem resumiu Pedro Dias (Caixa dos Mourisqueiros de 2025):

*“Antes do dia de São João é uma Festa que não se vê noutro lado, porque estamos a falar de grandes artistas que sobem a grandes palcos e para se ir ver tem de se pagar bilhetes. Em Sobrado, não se paga. Porque ali a festa não é um produto: é um compromisso coletivo.”*

Mas é no dia 24 que tudo ganha outra densidade. A Bugiada e Mouriscada não acontece para agradar a quem vê de fora. Acontece porque tem de acontecer. Porque sempre aconteceu. Porque é assim que a comunidade se reconhece.

Em 2025, as danças e os rituais seguiram a programação habitual, sem desvios nem simplificações. O impacto visual e sonoro manteve-se avassalador, como sempre. A novidade foi subtil, mas decisiva: ao longo de todo o dia, foram sendo transmitidas informações sonoras e explicações sobre os momentos, as danças e os rituais permitindo uma leitura mais profunda daquilo que se estava a viver. Não se tratou de traduzir a tradição para fora, mas de abrir espaço para que mais pessoas a compreendessem sem a descaracterizar. O resultado foi um aumento evidente do envolvimento do público e um respeito ainda maior pelo que estava a ser vivido.

A Bugiada e Mouriscada afirmou-se, mais uma vez, como património vivo, não congelado, capaz de dialogar com o presente.

*“A Festa como um todo para mim é identidade. (...) É mesmo a identidade daquela vila porque toda a gente sabe, toda a gente fala, toda a gente espera pelo dia de São João, pode estar a chover, pode estar a fazer um sol de 40 graus que ninguém arreda pé, naquele dia toda a gente sabe o que fazer, todos os momentos, depois há sempre aquela parte de comentar qual é que foi o melhor, qual é que não foi o melhor e também faz parte e é normal.”*

As palavras de Joana Vale, Narradora da Prisão do Velho de 2025, ajudam a compreender algo essencial: em Sobrado, a festa não é um evento extraordinário no calendário — é o próprio calendário.

As figuras centrais da Bugiada e Mouriscada carregam essa responsabilidade simbólica. Em 2025, José Alexandre Vale assumiu o papel de Velho da Bugiada e Pedro Queirós o de Reimoeiro. Não como protagonistas isolados, mas como rostos de uma tradição coletiva. A entrega, o rigor e a proximidade com a comunidade foram reconhecidos de forma transversal.

*“O sentimento é único, ser Velho da Bugiada é a cereja no topo do bolo. (...) A nível pessoal é muito gratificante, é um peso enorme e as pessoas depositam muita confiança em nós. Vejo muito isso nos ensaios, as pessoas gostam de ver, falar com o Velho, sentir se o Velho está bem fisicamente ou se ri ou se chora. Tenho feito o meu melhor para responder à população.” - José Alexandre Vale (Velho 2025)*

Esta dimensão humana, quase íntima, explica porque estas figuras não são apenas personagens, mas referências vivas.

Nada disto se constrói sem estrutura. A Comissão de Festas SJS25 foi composta por cerca de



Apresentação pública do cartaz (foto de Eventuais, 2025)

217 elementos, um número inédito, liderados por Joaquim Vale. A festa começou a ser planeada em 2023, com tempo, método e visão, e segundo José Alexandre Vale:

*“Este ano batemos um recorde, somos 217 elementos na comissão de festas. Esta festa começou a ser planeada em 2023 (...). Tivemos tempo para planear e chegamos à conclusão que para fazer o que pretendíamos, teríamos de ter muita gente.”*

Esse planeamento traduziu-se numa capacidade de execução pouco comum, desde a logística à programação cultural, passando pela angariação de fundos, onde se destacaram os três festivais de francesinha, para além das iniciativas tradicionais.

A inovação também marcou esta edição. O streaming em direto e comentado do dia 24 foi uma das grandes surpresas de 2025. Durante um dia inteiro, a festa foi transmitida para milhares de pessoas dentro e fora de Portugal, com Paulo Caetano Moreira e Paulo Figueiredo como anfitriões. Não foi uma transmissão distante ou institucional. Foi próxima, informada, respeitosa. Uma forma de alargar a comunidade simbólica da festa sem diluir a sua essência.

A componente técnica e visual acompanhou essa ambição. A empresa Eventuais, liderada no terreno por Rafael Figueiredo, assumiu um papel que ultrapassou largamente o de prestador de serviços. Envolveu-se na conceção da identidade visual, no desenho do palco, no mapa da festa e em múltiplas tarefas que não lhe eram exigidas. O palco personalizado, a qualidade audiovisual e a organização dos concertos elevaram o festival noturno a um patamar raramente visto em festas populares. As noites de Nininho Vaz Maia e de Calema foram particularmente marcantes, com enchentes que testaram e confirmaram a robustez da organização.

Sobre a programação, tal como transmitiu José Alexandre Vale:

*“Nas Noitadas apostamos nos melhores artistas nacionais como por exemplo a Rosinha, Syro, Nininho Vaz Maia, Sara Correia, Toy, Calema, Ivandro, Soraia Ramos, Danny Gato, Breyth, Às da Concertina, entre outros. Tivemos o cuidado de abranger o máximo de faixas etárias, para podermos ter sucesso, naquilo que serão as noites de S. João de Sobrado. Apostamos numa vertente de djs, porque os jovens gostam sempre de ficar pela noite dentro e a fazer rolar a economia da festa. Iremos ter o que nos caracteriza: as Sardinhas, com mais duas tasquinhas que o ano passado. (...)”*



Palco personalizado SJS25 (foto de Eventuais, 2025)

Na organização desta festa, envolveram-se ativamente a GNR Valongo, Bombeiros Voluntários de Valongo, Proteção Civil de Valongo, Paróquia de S. André de Sobrado, Junta de Freguesia de Campo e Sobrado, Município de Valongo (com todos os seus departamentos envolvidos, turismo, cultura, Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, DITIC, Dhlum, Dopm, Taxas e Licenças, entre muitos outros), Eventuais, Agrupamento de Escuteiros de Sobrado, patrocinadores e amigos que de forma voluntária colaboraram em tudo.

A Associação São João de Sobrado fez também um trabalho incrível de intermediação, parceria, mas também de planeamento. Foi um elo entre a comunidade e toda a organização. Burocracia, Marketing, logística, segurança, tudo o que permitiu o sucesso deste evento, teve sempre o acompanhamento próximo da direção.

O impacto mediático acompanhou a dimensão da festa. A presença na BTL, no programa TVI Fantastic e a forte estratégia digital garantiram uma projeção nacional e internacional. No dia 24, Sobrado recebeu milhares de visitantes, entre população local, curiosos, estudiosos, figuras públicas e representantes políticos.

*“A festa da Bugiada e Mouriscada, sobretudo a Dança de Entrada, faz afluir a Sobrado cada vez mais pessoas. Para além de vários autarcas, candidatos e outros políticos, este ano fez-se notar a presença de Elma Aveiro, a madeirense irmã de Cristiano Aveiro. Segundo soube o JNR, Elma Aveiro tem amigos em Sobrado e partiu deles o convite para vir assistir a uma manifestação etnográfica de relevo e que este ano deverá ter batido recordes de afluência. (...) - JNR Valongo*

Fotografia 5- Dança de Entrada da Bugiada (foto de Eventuais, 2025)

No final, ficou aquilo que nenhuma estatística mede. O sentimento de missão cumprida. A exaustão boa. A saudade imediata. As palavras deixadas nas redes sociais da festa funcionam como testemunho espontâneo: “7 dias que ficam para sempre. Uma vila apaixonada que festejou e abriu os braços a quem nos visitou. Vivemos isto como ninguém, e só nós sabemos o que realmente significa. Esta é uma festa única e verdadeiramente nossa. E não há festa como esta!” Ou ainda: “Foi sem dúvida espetacular. Passei 7 dias seguidos e noites do melhor. Já sinto saudades. Já me sinto de Sobrado.”



Dança do Cego (foto de Eventuais, 2025)

O São João de Sobrado 2025 mostrou que tradição não é resistência ao presente, mas capacidade de o integrar sem se perder. A Bugiada e Mouriscada continuam a ser aquilo que sempre foram: um ato coletivo de identidade, transmitido, vivi-

do e defendido por uma comunidade inteira. Em 2025, essa identidade ganhou escala, visibilidade e reconhecimento, sem abdicar daquilo que a torna única. E é isso que transforma uma festa num legado.



Dança de Entrada da Bugiada (foto de Eventuais, 2025)

#### Bibliografia

- Vivacidade (2025) São João de Sobrado tem cartaz inovador com muitas surpresas. Consultado a 12 de janeiro de 2026 em <https://www.vivacidade.org/noticias/sao-joao-de-sobrado-tem-cartaz-inovador-com-muitas-surpresas>
- JNR (2025) Elma Aveiro, irmã de Cristiano Ronaldo, assistiu à Bugiada e Mouriscada. Consultado a 12 de janeiro de 2025 em <https://www.jornalnovoregional.pt/2025/06/elma-aveiro-irma-de-cristiano-ronaldo-assistiu-a-bugiada-e-mouriscada/>
- Moreira, B. (2025) Para lá da lenda de São João de Sobrado: Os sentidos da Festa e o lugar dos recursos culturais no concelho de Valongo. Consultado a 12 de janeiro de 2026 em <https://repositorio-aberto.up.pt/>



Bugia e Mourisqueiro na BTL (foto de Fábio Macedo, 2025)

# BTL 2025

## São João de Sobrado brilhou em Lisboa

Nuno Alexandre Ferreira

A participação na BTL – Bolsa de Turismo de Lisboa foi, desde sempre, um dos desejos da atual direção da Associação São João de Sobrado. Durante vários anos tentou-se marcar presença, sem sucesso. Em 2025, porém, ficou decidido pela direção, que a Bugiada e Mouriscada seria promovida no que é o certame turístico mais importante do nosso país e não ir deixou de ser opção.

Numa fase inicial, foi preparada uma proposta de divulgação conjunta com a Câmara Municipal de Valongo. No entanto, por esta integrar uma estratégia mais ampla da Área Metropolitana do Porto (AMP), não foi possível concretizar uma ação concertada. Perante este cenário, a Associação São João de Sobrado optou por avançar com uma ação de divulgação autónoma, centrada na promo-

ção da Bugiada e Mouriscada e, com o apoio da Comissão de Festas SJS 25, da própria festa e do respetivo cartaz de São João de Sobrado 2025.

Com um orçamento muito reduzido, decidiu-se assegurar presença em todos os dias do certame, que decorreu entre 12 e 16 de março.

### Presença diária e ações de divulgação

No dia 12 de março, realizou-se uma primeira ação de divulgação do festival e do cartaz, com distribuição de folhetos e reconhecimento do espaço. Nos dias 13 e 14, a divulgação incidu sobretudo na Bugiada e Mouriscada, enquanto manifestação singular do património cultural de Sobrado. O ponto alto

ocorreu no dia 15 de março (sábado), com a apresentação oficial do cartaz no espaço BTL Cultural. As redes sociais da festa convidaram previamente o público a acompanhar o momento em direto:

*“A convite da Cuca Roseta apresentamos às 15h o Cartaz da Festa de São João de Sobrado e a Bugiada e Mouriscada na BTL CULTURAL em Lisboa. A maior feira de turismo em Portugal. Com a presença de alguns artistas que vão estar na nossa festa em Junho. Assista em direto aqui as 15h.”*

Foi a primeira vez que o cartaz da Festa de São João de Sobrado foi apresentado no maior evento de turismo do país, contando ainda com a presença de alguns dos cabeças de cartaz de 2025,



Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, com Bugio e Mourisqueiro (foto de Fábio Macedo, 2025)

como Syro, Ivandro e Soraia Ramos. Em ambiente de conversa informal, os artistas partilharam as expectativas para a atuação em Sobrado, prometendo dar um verdadeiro show. Este momento despertou grande curiosidade, reunindo inúmeros visitantes e membros de outros stands de promoção turística.

### Comitiva reduzida, impacto significativo



Comitiva do São João de Sobrado antes da apresentação do cartaz (foto de Fábio Macedo, 2025)

Dadas as limitações orçamentais, a comitiva foi inicialmente composta por dois elementos da Associação São João de Sobrado, aos quais se juntaram outros colaboradores ao longo dos dias. No dia 15, estiveram presentes vários elementos da Comissão de Festas SJS 25, incluindo o Reimoeiro. No último dia, domingo, juntaram-se ainda mais dois elementos da Associação.

Estes dias revelaram-se fundamentais não só para a promoção da festa, mas também para o estabelecimento de contactos institucionais e para a compreensão do funcionamento destes certames turísticos, percebendo de que forma é possível divulgar a festa sem comprometer a sua identidade e essência.

A identidade visual teve também um papel determinante: as camisolas azuis do São João de Sobrado, pela sua originalidade e criatividade, criaram forte impacto visual e foram alvo de constantes elogios.

### Apoio da comunidade e reconhecimento público

A comunidade de Sobrado acompanhou e apoiou ativamente esta presença, através das redes sociais, onde surgiram várias mensagens de incentivo:

*“Parabéns à Associação São João de Sobrado e a todos que, quer na Associação, quer nas Comissões, trabalham em prol desta grandiosa festa!” — Marisol Marques*

*“Sempre empenhados em promover o nosso S. João. Muitos parabéns aos dois pelo excelente trabalho!” — Rosa Ribeiro*

Figuras públicas das artes à política demonstraram igualmente entusiasmo e interesse pela festa, pelos trajes e pelos rituais, entre as quais Marcelo Rebelo de Sousa, Luciana Abreu, André Sartet e Anjos, entre muitos outros.

### O São João de Sobrado na maior feira de turismo do país

*“Como não conhecíamos esta tão rica tradição?” — foi uma das frases mais ouvidas ao longo da BTL. Os elogios à beleza e ao colorido dos trajes foram constantes, havendo quem reconhecesse de imediato: “São os bugios de Sobrado”.*

*O São João de Sobrado vive-se e sente-se nas ruas da terra, a 24 de junho, quando bugios e mourisqueiros dão corpo a uma lenda que atravessa séculos. Esta festa não se leva para fora — a sua alma está enraizada em Sobrado. Divulgá-la é permitir que mais pessoas descubram a sua grandiosidade, para que, no dia certo, a possam sentir onde verdadeiramente acontece.*

*Os cinco dias de presença na BTL foram, assim, preponderantes para a promoção da tradição, bem como para o fortalecimento de relações institucionais.”*

### Impacto mediático

Durante este período, as redes sociais da festa alcançaram cerca de 300 mil visualizações.

A participação foi também destacada por vários órgãos de comunicação social, como o Jornal de Notícias, Jornal Novo de Valongo, A Voz de Ermesinde e Viva Cidade (Gondomar), reforçando a projeção regional e nacional da Festa de São João de Sobrado e da Bugiada e Mouriscada.

### Bibliografia

- Queirós, O. (2025) Festa de São João de Sobrado apresenta cartaz na BTL Lisboa. Consultado a 15 de dezembro de 2025 em <https://www.jn.pt/pais/artigo/festa-de-sao-joao-de-sobrado-apresenta-cartaz-na-btl-lisboa/17848449>
- Regional, J.N. (2025) Festa de São João de Sobrado promovida na BTL Lisboa. Consultado a 15 de dezembro de 2025 em <https://www.jornalnovoregional.pt/2025/03/festa-de-sao-joao-de-sobrado-promovida-na-btl-lisboa/>
- Ermesinde, A. V. (2025) São João de Sobrado promoveu-se na BTL Lisboa. Consultado a 15 de dezembro de 2025 em <https://www.avozdeermesinde.com/admin/previewv3.asp?idEdicao=435&cid=14663&cidSeccao=4862&Action=noticia>



Comitiva SJS25 e artistas como Syro, Soraia Ramos e Ivandro (foto de Fábio Macedo, 2025)



Bugio e Mourisqueiro no stand do Turismo do Porto e Norte (foto de Fábio Macedo, 2025)

# O Fantástico São João de Sobrado

Nuno Alexandre Ferreira

Há momentos em que a cultura popular deixa de ser apenas memória local e se transforma em afirmação coletiva. A presença do São João de Sobrado no programa Fantástico, da TVI, a 15 de junho de 2025, foi um desses momentos raros, daqueles que não se esgotam no direto televisivo e continuam a ecoar na memória da comunidade.

Durante mais de cinco horas de emissão, Sobrado entrou em milhares de casas, não como curiosidade folclórica, mas como expressão viva de uma tradição complexa, rica e profundamente identitária. A Bugiada e Mouriscada, com os seus personagens, narrativas e simbolismos, ocupou o horário nobre da televisão portuguesa e provou que o património imaterial não pertence apenas ao passado: ele respira, comunica e emociona.

## Cultura que se mostra, cultura que se afirma

A deslocação de uma comitiva de 27 elementos, representando figuras centrais da festa, do Bugio ao Mourisqueiro, do Velho da Bugiada ao Reimoeiro, Sapateiro, Cego, Entrajadas, entre outros. Ninguém dançou, ninguém recriou nenhum ritual, mas foi um verdadeiro ato de afirmação cultural. Cada traje, cada gesto e cada personagem levaram consigo séculos de história oral, ritual e comunitária.

Num país onde tantas tradições sobrevivem à margem da visibilidade mediática, esta presença revelou algo essencial: mostrar não descaracteriza; invisibilizar, sim. Levar a tradição à televisão nacional não é diluí-la, é protegê-la, ampliá-la e garantir a sua continuidade.

## Comunicação, conhecimento e respeito

Um dos aspetos mais marcantes desta participação foi o rigor informativo com que a festa foi apresentada. Manuel Luís Goucha demonstrou um conhecimento profundo da tradição, dos seus

personagens e do território, conferindo à Bugiada e Mouriscada o respeito que merece. A abordagem de Nuno Ferreira, focada na festa e nas suas figuras, e de Ana Lourenço, dedicada à gastronomia e aos sabores locais, reforçou a ideia de um ecossistema cultural completo, onde ritual, comunidade e território caminham juntos.

Este cuidado editorial é crucial: a cultura popular exige contexto, e quando este é bem trabalhado, o impacto é exponencial.

## Impacto que se mede — e que se sente

*“Goucha, não há palavras! Foi um bom publicitário e cativou todos os Portugueses sobre a Festa de S. João.” - Maria Barros*

*“Olá a todos. Estive a ver o programa a partir da Suíça na TVI Player e adorei. Parabéns por darem a conhecer ao mundo a vossa cultura e costumes e também pela vossa presença no Fantástico da TVI. Foi muito bom, pois como previ este ano passar o São João no Porto talvez mude a rota para passar por Sobrado. Parabéns, também para o cartaz de espetáculos que é fabuloso” - Mary Rose Lopes*

*“Vocês não são grandes são enormes! Obrigada pelo vosso empenho, trabalho e conquistas a cada dia. São João de Sobrado é melhor graça a todo vosso esforço e trabalho árduo de todas as comissões que colaboram para tudo se realizar para a melhor festa do mundo.” - Núria Rebelo*

Os números confirmam o alcance: milhares de interações nas redes sociais, comentários vindos da diáspora, convites implícitos ao turismo cultural no dia 24 de junho em Sobrado e um reforço inequívoco da marca São João de Sobrado. Mas há um impacto que não se mede em likes: o orgulho coletivo.



Ver Sobrado representado com dignidade, cor e autenticidade gerou um sentimento partilhado de pertença. Para quem está longe, foi reencontro. Para quem descobriu pela primeira vez, foi convite.

#### Um marco na história recente da festa

Existem, ainda, vozes que questionam a presença de personagens trajados fora do contexto ritual. O debate é legítimo, mas este momento provou algo fundamental: a tradição não é frágil. Pelo contrário, é suficientemente forte para dialogar com o presente sem perder a sua essência.

O São João de Sobrado mostrou que sabe honrar o passado enquanto constrói o futuro. Onde muitos veem limites, Sobrado vê possibilidade. Onde alguns veem risco, Sobrado cria caminho.

A participação no Funtástico não foi apenas um momento televisivo. Foi um marco estratégico, cultural e simbólico. Um exemplo de como o património imaterial, quando bem representado, pode conquistar novos públicos, reforçar identidades e garantir continuidade. Foi uma divulgação completa sobre a Bugiada e Mouriscada mas também da parte do festival e do arraial.

Sobrado não foi apenas visto. Sobrado foi reconhecido. E isso faz toda a diferença.



SJS no programa Funtástico (foto de Fábio Macedo, 2025)



Momento de entrevista no streaming (foto de Fábio Macedo, 2025)

# Streaming

Nuno Alexandre Ferreira

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado sempre viveu no coração do povo e nas ruas da freguesia. Sempre foi um tesouro local, transmitido de geração em geração, de pais para filhos, de velhos para novos. Mas no dia 24 de junho de 2025, a tradição deixou de ser apenas de Sobrado e tornou-se global. Pela primeira vez, esta festa que pulsa história, etnografia, identidade e emoção foi levada ao mundo inteiro através de um streaming profissional de mais de 13 horas.

Aquilo que começou apenas como um sonho (um desejo antigo da comunidade para que os emigrantes sobradenses pudessem acompanhar, mesmo à distância, o dia maior da sua terra) transformou-se num momento histórico. Um marco. Um gesto de amor à tradição e ao povo que dela nasceu.

Victoria Maielo Occhialini definiu com sucesso, no seu trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, o que é streaming.

*“O streaming é a tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo. O arquivo, que pode ser um vídeo ou uma música, é acessado pelo usuário online. O detentor do conteúdo transmite a música ou filme pela internet e esse material não ocupa espaço no computador ou no celular. Algumas plataformas oferecem o download de faixas, apenas para assinantes.”*

Essa tecnologia, que durante anos parecia distante da tradição, finalmente encontrou a Bugiada e Mouriscada e o resultado foi absolutamente incrível e transformador.

## Quando se quer, tudo se consegue...

A vontade existia há muito. Tanto a Associação São João de Sobrado quanto o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada já tinham tentado transmitir a festa noutros anos. Pequenos ensaios, momentos em direto, trechos soltos que, mesmo

assim, encantavam e prendiam o público que os acompanhava online. Mas a ambição era maior: levar todo o dia 24, com qualidade, com dignidade, com narrativa, com espetáculo.

Dentro da Associação São João de Sobrado esta ideia era considerada uma necessidade perene. E, de facto, foi tentada várias vezes, sempre sem sucesso. Até que chegou 2025.

A Comissão de Festas de São João de Sobrado 2025, percebendo a urgência e o valor deste projeto, decidiu assumir a missão. Reuniões, conversas, ajustes, preparação... e o sonho começou, finalmente, a ganhar forma.

Nos dias anteriores ao grande momento, a equipa técnica reuniu-se na casa de Marco Cruz, na Rua José Araújo. Não era apenas logística: era planeamento, era amor à tradição, era antecipação. Ali se escolheu entrevistados, alinou-se equipamentos, estudou-se a festa como quem prepara um espetáculo épico.



Cartaz de anúncio do streaming nas redes sociais da festa de S. João de Sobrado (autoria de Fábio Macedo, 2025)

No dia 23 de junho, o anúncio chegou às redes sociais. E foi como um raio sobre céu sereno:

*“Pela primeira vez, o São João de Sobrado terá um streaming profissional ao estilo televisivo!”*

*Uma grande equipa técnica vai estar no terreno, com emissão contínua em direto no Facebook.*

*Para os nossos imigrantes, é uma forma de estarem mais perto. E quem puder, venha a Sobrado.”*

As reações foram imediatas. E profundamente emocionadas:

*“Obrigada, vou poder matar um pouco as saudades no nosso S. João.”*

*Cátia Ferreira*

*“Obrigada por pensarem nos emigrantes”*

*Susana Dias*

Até o Velho da Bugiada 2025, José Alexandre Vale, reforçou a magnitude do projeto numa entrevista ao Novum Canal:

*“Trá haver um streaming, as pessoas vão cá estar, vai tar cá uma equipa de dezasseis pessoas a filmar em direto para o facebook, uma inovação também, pra que também os emigrantes, que temos muitos emigrantes de Sobrado lá fora, possam chegar ao São João de Sobrado também.”*

No amanhecer de 24 de junho, Sobrado acordou diferente.

A equipa da Eventuais, liderada por Rafael Figueiredo, ergueu um estúdio digno das grandes produções televisivas. Ao lado, o apoio incansável de Márcia Fonseca, da Associação São João de Sobrado. E, durante 13 horas e 2 minutos, nasceu um dos maiores feitos de divulgação cultural da história recente da freguesia.

Os apresentadores Paulo Caetano Moreira e Paulo



*Transmissão das danças e rituais (foto de Fábio Macedo, 2025)*

Figueiredo conduziram a emissão como verdadeiros cronistas do presente: com rigor histórico, com sensibilidade cultural, com brilho humano. Entrevistaram protagonistas, recuperaram memórias, explicaram rituais, analisaram trajes, descreveram a lenda. Fizeram do streaming uma aula viva de etnologia, antropologia e identidade local.

Os entrevistados levaram a alma da festa ao ecrã:

- Orlando Alves (Reimoeiro de 2011 e Vice-Presidente da Associação São João de Sobrado) — sobre ser Reimoeiro e o peso simbólico dessa figura.
- Zélia Mota (sobradense e fotógrafa) — sobre a paixão e a saudade que moldam sua relação com a festa.
- Paulo Esteves Ferreira (Vice-Presidente da Câmara Municipal de Valongo) — sobre a promoção da festa, o apoio do município de Valongo e a logomarca Bugios e Mourisqueiros.
- Joana Vale (Irmã do Velho da Bugiada 2025 e



*Prisão do Velho transmitida em direto (foto de Eventuais, 2025)*



Backstage do streaming (foto de Fábio Macedo, 2025)

co-narradora) — sobre a responsabilidade de ser narradora e a sua relação familiar com o Velho da Bugiada.

- Pedro Queirós (Reimoeiro 2025) — sobre realizar um sonho.
- Nuno Ferreira (Vice-Presidente da Associação São João de Sobrado) — sobre organização, futuro e o Hino de São João.
- Jorge Benido e Marco Araújo (Banda de S. Martinho do Campo) — sobre a força musical da Banda.
- Pedro Vale (Reimoeiro 2006 e mordomo da Comissão de Festas) — sobre a organização e a tradição familiar.
- José Alexandre Vale (Velho da Bugiada 2025) — sobre o seu percurso e emoção.
- Sr. Cunha (Banda de S. Martinho do Campo) — sobre a participação especial a pedido do Velho da Bugiada.
- Joaquim Vale (Juiz da Festa 2025) — emocionado ao falar do dia.
- Padre Vicente Nunes (Pároco de Sobrado) — sobre fé, cultura e comunidade.

As redes sociais explodiram em emoção. Sobrado vi-

rou ponte entre Continentes. E os testemunhos chegaram de toda parte:

*“Foi uma aposta arrojada!! Um investimento e um SUCESSO!! O S. João de Sobrado chegou junto daqueles que não conseguiriam estar de outra forma.”*

*Elsa Carneiro*

*“Parabéns pela transmissão profissional. Foi top. Adorei!”*

*Matthew Correia*

*“Desde Caracas Venezuela com muita dor de coração porque gosto tanto do nosso s. João”*

*Arnaldo da Silva Alves*

*“Como o nosso São João, não existe outro igual. Acompanhei de Paris todo o santo dia, parabéns.”*

*Susana Dias*

*“(…) Eu vi do Luxemburgo todo dia beijinhos para todo”*

*Marília Gomes*

*“Um grande avanço na nossa festa”*

*João Rodrigues*

E houve quem testemunhasse o poder transformador da transmissão:

*“A transmissão em direto foi uma coisa única e que certamente vai continuar nos próximos anos. (...) A minha avó foi operada na quarta-feira, na primeira noite de São João (...) e no dia de São João teve o dia todo, de manhã até à noite, com o direto ligado a assistir e quando acabou o dia ela ligou-me e disse que ia morrer sem saber o que era a Festa do São João, que havia pormenores que lhe passavam ao lado.”*

Isto é cultura, memória e património vivo. Isto é Serviço Público de elevada qualidade.

### Números que Ficam para a História

Segundo a organização:

*“No dia da Bugiada e Mouriscada, o streaming em direto foi um marco: quase 13 horas de emissão, cerca de 250 mil visualizações e mais de 75 mil pessoas alcançadas, com destaque para países como França, Bélgica, Espanha, Suíça, Brasil e Irlanda.”*

É impossível ignorar estes números. São mais do que estatísticas: são vidas tocadas, memórias reacendidas, raízes fortalecidas.

O streaming explicou a festa, aprofundou os personagens, documentou rituais, revelou trajes, guardou história, trouxe contexto antropológico e, sobretudo, reforçou a Bugiada e Mouriscada como um ícone da cultura portuguesa.

### E agora? O Futuro começou em 2025

Como disse um dos comentários mais visionários, de Beatriz Moreira:

*“Há quem perspetive a continuidade da transmissão em tempo real do dia 24 de junho, para poder chegar a outros públicos que não tenham possibilidade de estar presentes no dia de celebração do São João e contribuir com um enriquecimento cultural de pormenores e curiosidades dos tempos longínquos e atuais.”*

Sim. O futuro da festa passa inevitavelmente por aqui.

Mesmo que nunca mais se repita com esta magnitude, este streaming já se tornou acervo, arquivo, património audiovisual da festa. Está disponível no YouTube oficial e no site oficial do São João de Sobrado. Acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo.

O streaming do São João de Sobrado 2025 não foi apenas uma transmissão. Foi um gesto de futuro. Foi uma dádiva para os emigrantes, para os sobradenses, para os estudiosos, para Portugal. Foi um abraço digital enviado de Sobrado para o mundo inteiro. E, acima de tudo, foi a prova de que a tradição não é antiga: é eterna!

Um profundo agradecimento à empresa Eventuais, à Comissão de Festas São João de Sobrado 2025, aos apresentadores, entrevistados e a todos quantos tornaram possível esta obra monumental de comunicação cultural.

Paulo Moreira e o Paulo Figueiredo, anfitriões deste programa, merecem, de forma muito justa e sincera, as palavras que transmiti em direto:

*foi “um dia inteiro dedicado a transmitir o nosso São João quer aos Sobradenses quer a todos os que estão no outro lado, em vários pontos do mundo. E já fomos recebendo várias informações de emigrantes, de Sobradenses fora de Sobrado e de Portugal, que estão super felizes por terem este serviço de streaming e pedindo que este serviço não seja só este ano, que se repita e que continue nos próximos anos. E assim espero.”*

Sobrado fez história. E o mundo assistiu — em direto.

# GALA

## SÃO JOÃO DE SOBRADO

### MEMÓRIAS E PAIXÕES

*Nuno Alexandre Ferreira*

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado é um dos mais expressivos rituais performativos do património cultural português. No seio desta manifestação, nasceu a Gala São João de Sobrado - memórias e paixões, criada para celebrar os seus protagonistas, preservar as memórias e fortalecer a ligação emocional da comunidade ao seu património imaterial mais relevante.

Mais do que uma cerimónia formal, a Gala tornou-se um momento de encontro intergeracional, um espaço de reconhecimento público para Velhos da Bugiada, Reimoeiros, músicos, narradores e demais figuras centrais da festa. Ao longo das suas edições, consolidou-se como um arquivo vivo e afetivo, que homenageia não só os intérpretes, mas também o espírito coletivo que sustenta esta manifestação única.



### I Gala Bugios e Mourisqueiros (2016)

A primeira edição, inicialmente intitulada I Gala Bugios e Mourisqueiros, marcou o início de um ciclo dedicado a honrar quem mantém viva a tradição. Realizada a 21 de maio de 2016, na Casa do Bugio e do Mourisqueiro, foi organizada pela Comissão de Festas de São João de Sobrado 2016, liderada pelo juiz José Delgado e por Nuno Silva (Velho da Bugiada) e Ricardo Devesas (Reimoeiro) nesse ano.

A decoração evocou décadas de festa através de fotografias, peças de espólio e manequins trajados. A condecoração criada pelo pintor Fábio Dias, um quadro de lousa pintado à mão, tornou esta primeira homenagem particularmente simbólica.

Homenageados:

- Velhos da Bugiada: Laurentino Alves, Paraíso Vitória, Norberto Pinto
- Reimoeiros: José Marujo, Timóteo Silva



### II Gala São João de Sobrado: Memórias e Paixões (2018)

Com a segunda edição, a Gala ganhou nova designação e passou a ser organizada por antigos protagonistas da festa, entre eles José Fernando Vale (Miranda), Nuno Silva (Bica) e Pedro Vale. Realizada a 2 de junho de 2018, reuniu cerca de 250 participantes num ambiente pensado para celebrar as “memórias e paixões” da comunidade.

A decoração tematizada, as mesas nomeadas segundo elementos da Bugiada e Mouriscada e o vinho “Bugios e Mourisqueiros” reforçaram a identidade do evento. As condecorações, desta vez livros em marfinito criados por D. Fátima de Valongo, afirmaram um cuidado crescente na preservação material da história.

Homenageados:

- Velhos da Bugiada: José Joaquim Dias Ferreira, Augusto Pinto de Sousa (Munha), André Pinto de Sousa (André da Munha), Adelino Dias (Maninho), Zeca Carneiro
- Reimoeiros: António Moreira Sousa, António Machado, André Marujo, Manuel Fernandes da Silva, Fernando da Munha, Zeca Carneiro, José Joaquim Pinto de Almeida, Joaquim Carneiro de Almeida, Manuel Joaquim Pinto, António Lopes, António Carneiro



### III Gala São João de Sobrado: Memórias e Paixões (2019)

Mantendo o formato e a equipa da edição anterior, a III Gala realizou-se a 8 de junho de 2019. O ambiente voltou a destacar espólio histórico, manequins trajados e uma forte componente audiovisual.

A organização reforçou a importância de homenagear protagonistas “com distância temporal”, reforçando o caráter arquivístico e de memória do evento.

Homenageados:

- Velhos da Bugiada: Graciano Ferreira Pereira de Oliveira, Augusto António Barbosa, Alberto Moreira Silva, Luís Rocha Nunes, Domingos Monteiro
- Reimoeiros: Alberto Fernandes, Joaquim Silva Pereira, Joaquim Pinto, António Pereira, Manuel Fernando Almeida Coelho, José Eduardo Maiata, Domingos Santos Ferreira Marujo, Joaquim de Sousa Pinto, Joaquim Alves Moreira, José Manuel Martins Pereira



#### IV Gala São João de Sobrado (2023)

Depois de um interregno, a Gala regressou a 27 de maio de 2023, com organização da direção da Associação São João de Sobrado e colaboração dos Conselhos de Velhos e Reimoeiros. Os manequins trajados com fardas dos homenageados ganharam destaque visual, reforçando a dimensão museológica do evento.

As condecorações, livros em vinil concebidos por Nuno Ferreira e produzidos por Fábio Nascimento, demonstraram a evolução estética da Gala.

Homenageados:

- Velhos da Bugiada: José Almeida, Joaquim Rocha, António Rocha, Joaquim
- Reimoeiros: Manuel Gaspar, José Pereira, José Barbosa, Luís Barbosa, José Cardoso, Hélder Pinto, Manuel Moreira



#### V Gala São João de Sobrado (2024)

A 11 de maio de 2024, celebrou-se a quinta edição da Gala. A estrutura seguiu o modelo consolidado, com decoração centrada em espólio fotográfico e manequins com as fardas dos homenageados. A condecoração em vinil manteve a estética introduzida no ano anterior.

Esta edição distinguiu, além de Velhos da Bugiada e Reimoeiros, o Narrador, a Caixa dos Mourisqueiros e um conjunto alargado de músicos — um sinal do reconhecimento da pluralidade de papéis que sustentam a festa.

Homenageados:

- Velho da Bugiada: António Poças
- Reimoeiros: Diamantino Marujo, António Marques, José Silva
- Narrador: José Marujo
- Caixa dos Mourisqueiros: José Ferreira Vicente
- Músicos da Bugiada: Manuel Ribeiro, Manuel Júnior, José Santos, Manuel do Vale, Lindoro Pinto, José Mendes, Pedro Bessa, Augusto Fernandes, Manuel Pinto, Francisco Moreira



#### VI Gala São João de Sobrado (2025)

A 18 de outubro de 2025 realizou-se a sexta edição, marcada por uma abordagem ainda mais simbólica. As condecorações foram agora **estátuas representando o Velho e o Reimoeiro**, criadas pela Ponto M, reforçando o carácter icónico das duas figuras centrais da festa.

A apresentação, conduzida por Nuno Ferreira e Sara Nunes, deu ao evento um tom mais contemporâneo, mantendo o profundo respeito pela tradição.

Homenageados:

- Velhos da Bugiada: Joaquim Alves, Joaquim Brito, José Fernando Vale
- Reimoeiros: Fernando Fonseca, José Lobo
- Narrador: Fernando Queiróz
- Caixa dos Mourisqueiros: Elísio Vieira da Costa, José Barbosa da Silva
- Músicos da Bugiada: Manuel da Silva Júnior, Carlos Moreira Pinto, António Moreira Pinto, Armando Alves Dias, José Jeremias



Encontro de gerações e memórias na IV Gala SJS (foto de Fábio Macedo, 2025)

### A Gala como Arquivo Vivo

Ao longo das suas edições, a Gala São João de Sobrado tornou-se um espaço de consagração e memória: celebra os intérpretes que dedicam anos de vida a esta tradição, recolhe testemunhos, preserva registos e mantém viva a identidade de Sobrado.

Mais do que uma cerimónia anual, constitui hoje um pilar cultural da comunidade, garantindo que a transmissão da Bugiada e Mouriscada continua, não apenas nos gestos ritualizados de 24 de junho, mas também no reconhecimento público daqueles que lhe dão alma.



A primeira gala (acervo ASJS, 2016)



Terceira gala (acervo ASJS, 2019)



A emoção das homenagens póstumas (foto de Fábio Macedo, 2024)



Um encontro de gerações (foto de Fábio Macedo, 2025)



Homenagem ao Reimoeiro Tono Rita (acervo ASJS, 2018)

# THEMATIC Street Art

*Nuno Alexandre Ferreira*

O artista e a obra (foto de Mariana Vasconcelos, 2025)

Sobrado não é uma vila que se deixa olhar de passagem. É território que se afirma, que exige presença. Numa época em que tantos patrimónios são domesticados, embalados e reduzidos a cartões-postais, aqui a história não se conta: vive-se, vibra, transforma-se em gesto, em corpo, em ritual.

A Bugiada e Mouriscada não é apenas festa, é narrativa encenada, identidade em carne viva, onde Bugios e Mourisqueiros são protagonistas de uma coreografia ancestral de poder, devoção e confronto. Cada máscara, cada fita, cada movimento é mais que simbolismo: é território, é memória, é a afirmação de quem Sobrado é.

Theic chegou com a mão pronta para traduzir essa força em pintura, mas trazia consigo apenas uma ideia inicial simples. Foi a comunidade, com a sabedoria e intensidade de quem conhece cada gesto da festa, que deu profundidade à criação. Sem impor, sem pressionar, sem esmagar: sugeriu, inspirou, orientou. Indicou nuances que só quem vive a tradição todos os anos poderia perceber, conduziu a escolha entre alternativas e ajudou a decidir que o momento a ser representado seria a Prisão do Velho com o Velho da Bugiada ajoelhado, pedindo clemência ao Reimoeiro. Um instante de tensão pura, de drama humano, transformado em mural com a força conjunta do artista e da comunidade.

Cada detalhe da festa (os trajes, as máscaras, os gestos, os olhares) foi absorvido através da sessão fotográfica (ocorrida a 17 de novembro de 2025 no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada com alguns voluntários que serviram de modelo para inspiração artística) e recriado com atenção obsessiva. A parede da Junta de Freguesia deixou de ser um simples suporte e tornou-se tela viva, manifesto visual, território de identidade. Não há exotismo, não há romantização; há a festa como ela é: vibrante, complexa, crua, colorida e intensa.



Sessão fotográfica (foto de Mariana Vasconcelos, 2025)



Sessão fotográfica (foto de Mariana Vasconcelos, 2025)

Este mural, pintado entre 18 e 22 de novembro, não é apenas uma obra de arte do Theic! É uma homenagem a este povo resiliente! A esta comunidade que influencia sem dominar, que guia sem condicionar, que inspira sem limitar. É tradição transformada em linguagem visual, identidade elevada à escala da contemporaneidade, memória convertida em gesto artístico que ninguém pode ignorar. Quem passa não observa passivamente; sente este momento e recorda constantemente o dia mais importante do ano, o dia de São João.

Theic é o nome artístico de Camilo Nuñez, um artista uruguaio radicado em Lisboa, Portugal. Desde 2008, dedica-se a trabalhar em diferentes áreas da arte, como fotografia, pintura, design e escultura. Em 2010, juntamente com Florencia Durán, iniciou o projeto Colectivo Licuado, que se dedica a fazer intervenções murais em espaços públicos e privados. Desde 2013, este coletivo viaja pelo mundo para participar em festivais de arte urbana e residências artísticas em países como Espanha, Portugal, Itália, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Índia, Alemanha e Croácia, entre outros. O trabalho de estúdio de Theic é muito influenciado pela pintura clássica, pela mitologia grega e pelo cinema contemporâneo. O seu trabalho é figurativo e o ser humano é o protagonista, sendo a técnica e a cor elementos centrais para a criação de obras de caráter realista e intenso.

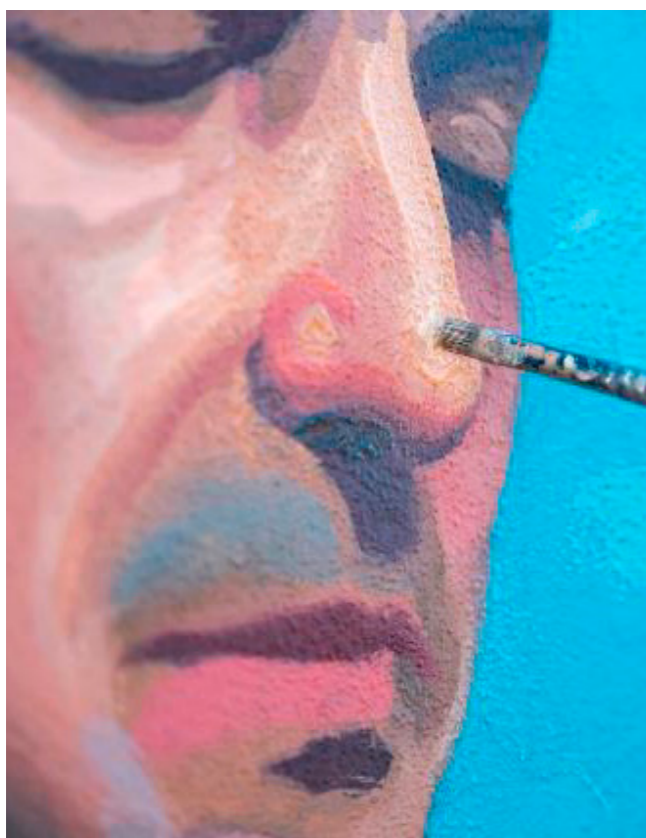
O mural em Sobrado faz parte do projeto V-I-A | Valongo Intervenções Artísticas, uma iniciativa da Câmara Municipal de Valongo que transforma espaços urbanos em territórios de expressão artística e valorização cultural. Nesta intervenção, a Associação São João de Sobrado e a Junta de Freguesia tiveram papel decisivo, orientando e enriquecendo o processo criativo de Theic, garantindo que o mural refletisse com precisão a tradição da Bugiada e Mouriscada e a visão coletiva da identidade do território. A curadoria e produção estiveram a cargo da Mistaker Maker, com patrocínio da CIN, e a documentação fotográfica foi realizada por Mariana Vasconcelos.



THEIC em ação (foto de Mariana Vasconcelos, 2025)



A Prisão do Velho segundo THEIC (foto de Mariana Vasconcelos, 2025)



Pormenores (fotos de Mariana Vasconcelos, 2025)



O resultado é um projeto de co-criação autêntica, onde arte e comunidade se entrelaçam, onde tradição e contemporaneidade se fundem. Cada detalhe do mural, cada gesto e cada escolha visual nasce do diálogo constante entre artista, associação, junta e

município. Sobrado não espera reconhecimento: mostra-se, sente-se e afirma-se, na intensidade da sua festa, na força das suas cores e no traço que agora deixa a sua marca permanente nas paredes da vila.



Fachada da Junta de Freguesia de Sobrado (foto de Mariana Vasconcelos, 2025)

**Ficha técnica:**

V-I-A | Sobrado x Theic (URU)

**Local:** Junta de Freguesia de Sobrado

**Promotor:** Município de Valongo

**Apoio:** Junta de Freguesia de Sobrado e Associação São João de Sobrado

**Curadoria + Produção:** Mistaker Maker

**Patrocinador:** CIN

**Fotografia:** Mariana Vasconcelos

# Por trás da festa

## a engrenagem invisível do São João de Sobrado

Nuno Alexandre Ferreira

Todos os anos, em junho, Sobrado transforma-se. As ruas enchem-se de gente, os Bugios e Mourisqueiros tomam o espaço público, o som dos tiros ecoa, a música acompanha os passos rituais e a tradição renova-se. Para quem assiste, a Festa de São João de Sobrado, com a emblemática Bugiada e Mouriscada, parece acontecer de forma quase espontânea, como se fosse um milagre coletivo que surge naturalmente do povo e para o povo.

Mas por trás de cada gesto encenado, de cada dança, de cada palanque montado e de cada rua interditada ao trânsito, existe uma organização complexa, rigorosa e altamente articulada, envolvendo dezenas de pessoas e múltiplas entidades. Esta é a história da engrenagem invisível que sustenta uma das manifestações mais marcantes do património cultural imaterial do concelho de Valongo.

### **A Associação São João de Sobrado: a máquina silenciosa que faz a festa acontecer**

No centro de toda a estrutura organizativa encontra-se a Associação São João de Sobrado, entidade responsável pela organização geral da festa e pela salvaguarda da Bugiada e Mouriscada enquanto património cultural imaterial.

É a Associação que assume a coordenação estratégica do evento: desde a definição dos regulamentos até à articulação institucional, passando pelo cumprimento de todas as exigências legais e administrativas. Num evento com milhares de visitantes, múltiplos espaços, circulação de veículos, uso de fogo de artifício e encenação ritual, esta dimensão burocrática é tão determinante quanto invisível ao público.

Compete à Associação celebrar protocolos com a Câmara Municipal de Valongo, a Junta de Freguesia de Sobrado e a Paróquia de Santo André de Sobrado, solicitar licenças, tratar de autorizações de ruído, iluminação, arraial, direitos de autor, ligações elétricas, ocupação de via pública e pareceres de diferentes entidades externas.

A Associação é ainda responsável pela coordenação do Plano Prévio de Segurança, pela definição do plano de mobilidade e trânsito, pela articulação com forças de segurança e socorro, pela entrega de credenciais de circulação, pela sinalização dos acessos e pela promoção e comunicação da festa, incluindo com a venda de produtos de merchandising da festa.

### **Comissão de Festas: o motor anual da celebração**

Se a Associação garante a estabilidade e a continuidade, a Comissão de Festas é o motor anual da festa. Renovada todos os anos e liderada por um juiz, esta comissão assume, por delegação da Associação São João de Sobrado, a responsabilidade direta pela concretização do São João desse ano específico.

Composta por cerca de duas dezenas de mordomos, a Comissão trabalha ao longo de um ano inteiro na angariação de fundos e na preparação logística da festa. Organiza eventos, mobiliza a comunidade, define o cartaz artístico e cultural, contrata artistas, empresas de som, iluminação e fogo de artifício, e assegura toda a dinâmica do arraial.

É também responsabilidade da Comissão garantir o bom funcionamento dos momentos centrais da festa: o “jintar” da Bugiada e Mouriscada, a organização da procissão, o asseio da igreja e dos andores, a colocação de bancos no coreto, o acolhimento de convidados e a alimentação das equipas de serviço.

Apesar da autonomia operacional, a Comissão atua sempre em estreita articulação com a Associação São João de Sobrado, cumprindo os protocolos institucionais e respeitando as normas de segurança e organização definidas.

### **Velho da Bugiada e Reimoeiro: tradição com responsabilidades**

A singularidade da Bugiada e Mouriscada reflete-se também na sua organização interna. O Velho da Bugiada e o Reimoeiro, figuras centrais do ritual, não são apenas protagonistas simbólicos da festa, uma vez que assumem responsabilidades concretas na preparação da festa.

O Velho da Bugiada coordena a formação bugia: escolhe guias, rabos, advogados e músicos. Define serviços, trata da logística dos palanques, da poça, da serpe e da escada. Organiza ainda “o correr das embaixadas”, assegura os animais e os espaços necessários ao ritual para além de indicar o juiz, juntamente com o Reimoeiro.

Já o Reimoeiro coordena a estrutura mourisca, nomeia um futuro Reimoeiro, colabora na indicação do juiz da festa, nomeia quem entrega as “folhas”, assegura espaços relevantes para o dia 24 de junho

(Casa dos Escola e Casa dos Marujo), define quem dá tiros, entre outras responsabilidades.

Ambos garantem que a tradição se mantém fiel à sua matriz, mas adaptada à realidade contemporânea.

### **Câmara Municipal de Valongo: uma máquina municipal ao serviço da festa**

A Câmara Municipal de Valongo assume uma intervenção de grande escala, mobilizando múltiplos departamentos e serviços municipais. Trânsito, proteção civil, limpeza urbana, ambiente, comunicação, cultura, logística, iluminação pública e mobilidade trabalham de forma coordenada para garantir que a festa decorre com segurança e qualidade.

Para além do apoio financeiro e da isenção de taxas, a Câmara assegura cortes e condicionamentos de trânsito, cria sinalização personalizada, disponibiliza barreiras de segurança, gere parques de estacionamento, promove serviços de shuttle e assegura a recolha e separação de resíduos em todo o centro de Sobrado.

A Proteção Civil Municipal destaca elementos no terreno, acompanha a abertura de barreiras durante a Bugiada e Mouriscada e integra o planeamento de emergência. Paralelamente, serviços técnicos asseguram a verificação da iluminação pública, a remoção temporária de mobiliário urbano e a adaptação do espaço às exigências do evento.

Este envolvimento traduz-se numa verdadeira orquestra municipal, onde diferentes áreas trabalham em sintonia com a Associação São João de Sobrado.

### **Junta de Freguesia de Sobrado: proximidade e conhecimento do território**

A Junta de Freguesia desempenha um papel essencial na preparação do território para a festa. A sua

intervenção abrange desde a limpeza de parques de estacionamento, recintos e acessos, até à colocação e manutenção de sanitários, passando pela disponibilização de infraestruturas, bancos, balneários e espaços de apoio.

Este trabalho envolve funcionários operacionais, serviços administrativos e responsáveis locais que conhecem profundamente o território e a comunidade. A Junta colabora ainda na divulgação da festa, na interrupção temporária da feira, na gestão de pequenos, mas decisivos detalhes logísticos e na articulação com moradores e comerciantes.

### **Segurança e socorro: uma prioridade absoluta**

A segurança do público é tratada como prioridade máxima. GNR, Bombeiros Voluntários de Valongo e Proteção Civil Municipal trabalham em conjunto na definição do plano de emergência, na gestão de multidões, no socorro e na prevenção de riscos.

Nada é deixado ao acaso porque a continuidade da tradição depende também da sua segurança.

### **A dimensão religiosa: a raiz da festa**

No centro de tudo permanece São João. A Paróquia de Santo André de Sobrado assegura a organização da missa e da procissão, cedendo espaços fundamentais e preservando a dimensão religiosa que está na origem desta celebração popular.

### **Uma tradição que se organiza com profissionalismo**

A Festa de São João de Sobrado é hoje um exemplo claro de como uma tradição popular pode crescer sem perder autenticidade. A sua organização revela um elevado grau de profissionalismo, fruto da cooperação entre associações culturais, instituições públicas, forças de segurança e a comunidade local.

# Merchandising São João de Sobrado

Nuno Alexandre Ferreira



A Bugiada e Mouriscada de Sobrado, uma das manifestações culturais mais singulares de Portugal, sempre foi uma força identitária capaz de mobilizar a comunidade local e de cativar visitantes. Mas nos últimos anos, um novo fenómeno tem vindo a ganhar expressão: o merchandising oficial da Festa de São João de Sobrado, que deixou de ser apenas um complemento às celebrações para se tornar um verdadeiro motor cultural, económico e turístico para a festa.

## Das primeiras experiências ao nascimento de uma marca

Muito antes de existir uma loja oficial, as Comissões de Festas já produziam artigos associados à Bugiada e Mouriscada. T-shirts, fitas, canecas e pequenos objetos surgiam anualmente como forma de angariar fundos, sempre com foco na edição de cada ano. Entre essas iniciativas, destacam-se as das Comissões de 2016, 2018 e 2019, pela criatividade e impacto comunitário.

A Associação São João de Sobrado também procurou, ao longo do tempo, criar produtos oficiais, estabelecendo parcerias que marcaram a memória coletiva: o Vinho Bugios e Mourisqueiros da Quinta das Arcas, os Cafés Tropical, os biscoitos Paupério com selo oficial e peças de artesanato produzidas por lojas locais como a Casa Pauleira ou a Coisasquetais. Era um caminho ainda inicial, mas já revelador de uma vontade crescente: transformar a festa numa marca viva, moderna e reconhecível.

## 2022: o primeiro grande passo — a criação da Loja Oficial

2022 marcou um ponto de viragem com a abertura da Loja Oficial de São João de Sobrado. Com recursos limitados, mas visão estratégica, nasceu uma linha inicial de produtos diversificada, produzida em pequenas quantidades, que rapidamente conquistou o público.

Os ímanes de azulejo, os porta-chaves Bugios e Mourisqueiros, as canecas ilustradas, os livros e as peças



A loja do SJS na festa de S. Mamede em Valongo (foto de Fábio Macedo, 2022)

artesanal pintadas à mão tornaram-se os primeiros sucessos desta nova fase. Durante o período de São João, mesmo com uma simples barraquinha itinerante, a aceitação foi surpreendente.

A loja transformou-se num polo de interesse económico, cultural e turístico e o embrião de algo muito maior.

## 2023: identidade visual, materiais nobres e maior profissionalização



Tony Carrreira, sem saber, apadrinhou a promoção do merchandising (foto de Fábio Macedo, 2023)

Com base no sucesso alcançado, 2023 trouxe um investimento mais sólido e uma estratégia mais afinada. Surgiram linhas de produtos em couro (porta-chaves e porta-moedas), castanholas artesanais produzidas em Sobrado, novos ímãs, canecas e fitas com design inspirado na iconografia da Bugiada e Mouriscada.

As t-shirts de Bugio e Mourisqueiro, acompanhadas de fitas como acessórios, tornaram-se um fenômeno de vendas e até Tony Carreira levou a tradição consigo, amplificando a visibilidade da festa.



Merchandising SJS na Expoval (foto de Fábio Macedo, 2023)

### 2024: diversificação e consolidação de uma marca cultural

Em 2024, com orçamento reforçado e maior rentabilidade, a loja expandiu-se com produtos pensados especialmente para visitantes, com informação adi-



Tshirts Bugiada e Mouriscada (acervo ASJS, 2023)

cional sobre a Bugiada e Mouriscada: postais, lápis, baralhos de cartas, novas fitas, magnéticos, t-shirts e os primeiros chapéus temáticos.

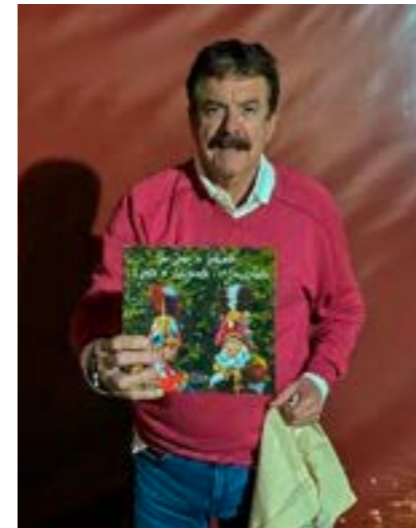
O design tornou-se mais apurado, mais moderno e mais alinhado com uma identidade visual reconhecível, transformando a marca São João de Sobrado num símbolo de orgulho local.

### 2025: o ano da explosão — quando o merchandising se transforma num movimento



Staff da Loja SJS (foto de Fábio Macedo, 2025)

Se 2022 foi o início, 2025 foi a consagração. A tendência começou com os Panamás São João de Sobrado, que rapidamente se tornaram um fenômeno cultural, um símbolo de verão e um item de moda. O impacto foi tão grande que originou uma verdadeira trend e este produto ficou sucessivamente esgotado, uma vez que a cada nova reposição que era feita, rapidamente era vendida.



Quim Barreiros com merchandising SJS (foto de Fábio Macedo, 2024)



Bárbara Tinoco com merchandising SJS (foto de Fábio Macedo, 2024)



Bandalusa com merchandising SJS (foto de Fábio Macedo, 2024)

Foi também criado um gift pack oficial para artistas, ampliando a presença da festa nos palcos e nos bastidores, que foi recebido com forte entusiasmo por artistas como Syro, Calema, Soraia Ramos, Sara Correia, Nininho Vaz Maia e Ivandro.

As novas coleções incluíram:

- Panamás, t-shirts e hoodies (os grandes best-sellers do ano),
- Pins, magnéticos e baralhos de cartas com informação sobre a Bugiada e Mouriscada,
- Canecas com identidade visual renovada,

- Garrafas de água reutilizáveis,
- Estátuas em marfinito do Velho da Bugiada e do Reimoeiro.

E, pela primeira vez, o merchandising tornou-se uma ponte entre Sobrado e o mundo: centenas de fotografias chegaram de viajantes usando produtos oficiais nas férias, criando o movimento #sjsaroundtheworld — com imagens vindas do Canadá, Egito, Maldivas, Caraíbas, Espanha, Itália e muito mais.

A festa viajou. A marca expandiu-se. O orgulho cresceu.

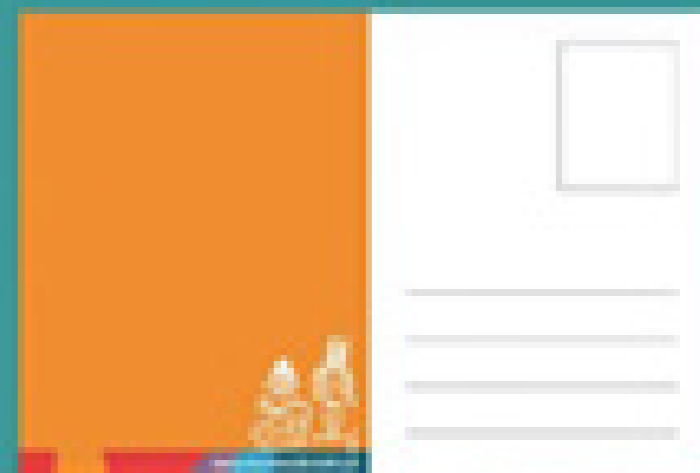
### Muito mais do que produtos: uma afirmação cultural



Ivandro com gift-pack SJS (foto de Fábio Macedo, 2025)



Soraia Ramos com gift-pack SJS (foto de Fábio Macedo, 2025)



O merchandising de São João de Sobrado não é apenas um conjunto de objetos. É uma ferramenta de promoção turística, um incentivo à economia local, uma estratégia de marketing territorial e, acima de tudo, uma expressão autêntica de identidade.

Graças à visão da Associação São João de Sobrado e ao apoio da comunidade, a Bugiada e Mouriscada ganhou uma nova forma de se comunicar com o mundo. Os produtos já não servem apenas para angariar fundos — eles contam histórias,

educam visitantes, viajam por vários continentes e reforçam a ligação emocional de quem sente a festa como parte de si.

Hoje, o merchandising não só valoriza a tradição como projeta Sobrado para novos públicos, novas geografias e novas oportunidades.

E esta é apenas a primeira etapa de um caminho que ainda tem muito para crescer.



SJS around the world (acervo ASJS, 2025)





*Velho aprisionado pelo Remoiro (foto de José Luís Lobo, 2001)*

# Campo e Sobrado:

## 12 anos de casamento forçado

Nuno Alexandre Ferreira

Sobrado sempre foi uma comunidade resistente com identidade própria que persistiu aos tempos porque a história, a cultura e a consciência coletiva sempre a sustentou.

Integrada no concelho de Valongo, Sobrado é hoje uma vila que voltou a ser freguesia independente em 2025, após doze anos de agregação administrativa. Mas para compreender a relevância desse regresso à autonomia, é necessário olhar para trás, não apenas para a sua história, mas sobretudo para o modo como este território construiu, ao longo dos séculos, uma identidade social própria.

## Raízes históricas: a permanência como traço identitário



Igreja Matriz de Sobrado (Acervo Arquivo Diocesano do Porto, anos 50)

A existência de Sobrado enquanto unidade territorial organizada remonta, pelo menos, ao século XI. Em 1077 encontram-se referências à Igreja de Santo André de Ferraria e à Igreja de São Saturnino de Valinhas, cujos territórios terão formado a Paróquia de Santo André de Sobrado (Sanctus Andreas de Sobrato).

Nas Inquirições de 1220, ordenadas por D. Afonso II, Sobrado surge integrada na Terra de Aguiar e de Ferreira. Em 1258, novas Inquirições, mandadas realizar por D. Afonso III, confirmam a sua inserção no Arcediago e Julgado de Aguiar de Sousa, sendo mencionadas as povoações de Sobrado e Vilar. Em 1308, aparece (provavelmente como lapso) como Santo André da Ribeira, referindo-se os lugares de Vilar, Devesas e Paço. Em 1320, consta ainda no Livro de assento da taxa dos benefícios do Reino.

A 25 de novembro de 1513, Sobrado é mencionada no Foral de “Aguiar de Sousa”, concedido por D. Manuel I, sendo referidos os lugares de Campelo, Paço, Vilar e Ferreira.

Ao longo do século XIX, com as reformas administrativas liberais, Sobrado integrou o Concelho de Baltar (1834) e, posteriormente, o concelho de Valongo (1836). Em 1867, num episódio fugaz de reorganização, as paróquias de Campo e Sobrado foram integradas na paróquia civil de Gandra, no concelho de Paredes, regressando pouco depois à forma anterior, ao Concelho de Valongo, ao qual se manteve até à atualidade.

Este percurso revela um elemento fundamental: a continuidade. Apesar das reformas, reorganizações

e mutações institucionais, Sobrado manteve sempre uma identidade territorial reconhecida. A freguesia era, mais do que apenas uma divisão funcional, uma realidade social sedimentada.

### Território e identidade: uma leitura sociológica

Sobrado é, no essencial, um grande vale, rodeado por montes e banhado pelo rio Ferreira. Esta configuração geográfica não é neutra do ponto de vista sociológico.

Historicamente, as grandes rotas de acesso ao Porto não atravessavam a freguesia. Esse relativo isolamento produziu efeitos sociais claros: reforço das redes internas de solidariedade, forte coesão comunitária e uma cultura local menos permeável a influências externas diretas.

A identidade sobradense construiu-se, assim, num equilíbrio entre pertença territorial e autonomia funcional. Campo e Sobrado coexistiram sempre em proximidade, mas com dinâmicas próprias. A mobilidade, os serviços, os circuitos sociais e associativos estruturaram-se internamente, reforçando o sentimento de comunidade distinta.

Quando, em 2013, a reforma administrativa (Lei n.º 22/2012 e 11-A/2013) determinou a agregação das freguesias de Campo e Sobrado, formando a União das Freguesias de Campo e Sobrado, a decisão encontrou resistência local.

Em novembro de 2012, António Pinto (Presidente da Associação Casa do Bugio) proferiu um discurso em assembleia de freguesia de Sobrado, o qual foi publicado por Manuel Pinto, a 2 de dezembro:

*“Sobrado é a sua Festa e a Festa precisa da Freguesia*

*Sobrado é uma freguesia – ou, para sermos mais rigorosos – uma Paróquia que existe há muitos séculos. Aparece documentada nas Inquirições do séc. XIII, pelo que se pode dizer que tem mais de setecentos anos.*

*Por alguma razão existiu e perdurou este tempo como unidade autónoma, com os seus serviços próprios, que se foram desenvolvendo até ser elevada a Vila, há pouco mais de dez anos. (...)*

*Quando os habitantes de Sobrado se tinha de dirigir a Valongo e ao Porto muitos atravessavam o monte pelo Alto de Sobrado, a Sul, e era também esse o caminho quando tinham de ir apanhar o comboio.*

*Ainda hoje – e este é um argumento que importa ter em conta – a freguesia de São Martinho de Campo é apenas um lugar de passagem para os Sobradenses. Não há nada de essencial, em termos de serviços, por exemplo, que leve o habitante de Sobrado a ir a Campo. E vice-versa. São duas comunidades que coexistem, mas cada uma de forma autónoma.*

*Mas é também preciso dizer com toda a clareza que Sobrado é muito mais do que uma unidade administrativa. É uma freguesia com uma identidade cultural marcada e única. E essa identidade – que a singulariza entre todas as outras que existem ao seu redor – é a Festa da Bugiada e da Mouriscada.*

*Esta festa identifica Sobrado e os Sobradenses identificam-se com ela. Esta Festa é, no dizer, de muitos especialistas da cultura popular tradicional, uma das mais curiosas e espectaculares que existem em Portugal. Ela mobiliza praticamente, de forma directa ou indirecta, toda a gente. E está presente em todo o lado, incluindo nas comunidades de Sobradenses espalhados pelo Mundo.*

*Para que a Festa seja cada vez mais promovida e conhecida – se possível através do reconhecimento como património imaterial português e da Humanidade – é fundamental que tenha por detrás uma autarquia local que a sinta como sua, que esteja disposta a apoiá-la e projectá-la, que a torna a bandeira não apenas da cultura e do*

turismo, mas também alavanca do desenvolvimento económico e social. A Festa da Bugiada e da Mouriscada é Sobrado e Sobrado é esta Festa. Acabar com a Freguesia não vai acabar com a Festa – porque os verdadeiros sobradenses não o vão permitir – mas vai dar-lhe uma machadada muito forte e isso não podemos aceitar.

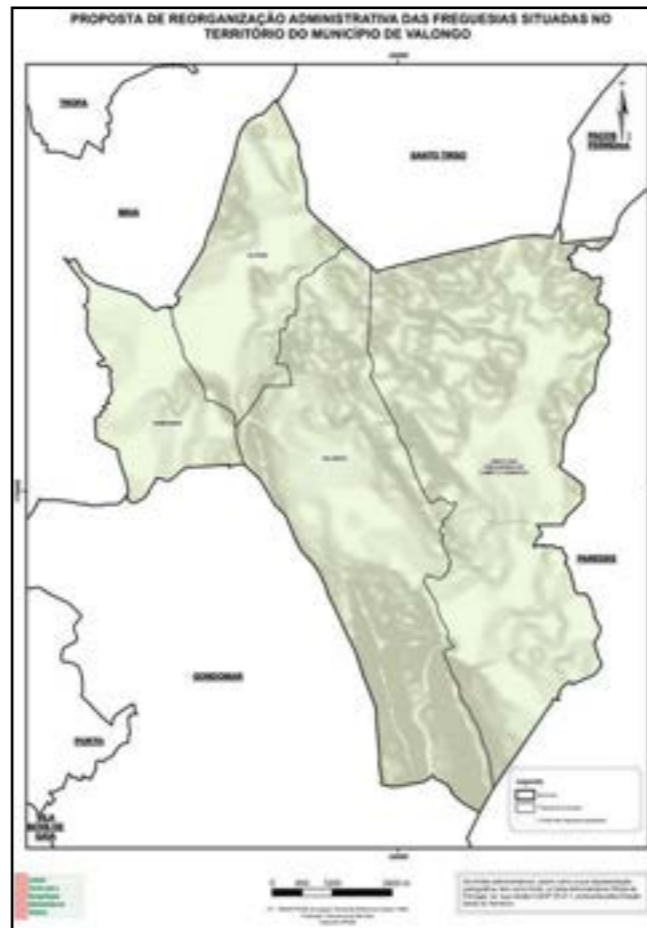
Isto não quer dizer que os Sobradenses queiram viver fechados sobre si próprios. Nada os move contra ninguém nem contra nenhuma freguesia. O que eles querem é continuar a ser fregueses da sua Freguesia. O que eles não querem é permitir que, acabando com a freguesia, se ataque a sua identidade cultural, que é parte integrante da identidade individual de cada um dos seus habitantes e que foi forjada ao longo de muitos séculos. E isto não pode deixar de ser tido em consideração, quando se quer, nas costas do povo, violentar uma organização administrativa e um modo de vida que tem funcionado bem. Mudar é o que está mal, não o que está bem. Como diz a canção, “pra melhor está bem, está bem, pra pior já basta assim”.

*Sobrado é a sua Festa e a Festa precisa da Freguesia.”*

Do ponto de vista sociológico, esta intervenção revela algo central: a freguesia não era entendida apenas como estrutura administrativa, mas como suporte simbólico da identidade coletiva.

#### A Bugiada e Mouriscada: leitura etnográfica

A Festa da Bugiada e da Mouriscada é fundamental e uma das bases da identidade local sobradense. Não é apenas um evento anual. Do ponto de vista etnográfico, trata-se de uma manifestação de cultura popular tradicional que estrutura o calendário, mobiliza redes familiares, associações, emigrantes e gerações distintas. A festa, mais do que observada, é vivida intensamente por esta comunidade.



Mapa da proposta de reorganização administrativa (partilhado por Jornal Voz de Ermesinde, 2012)

O discurso de António Pinto, em 2012, sublinhou essa centralidade cultural:

*“Esta festa identifica Sobrado e os Sobradenses identificam-se com ela. Esta Festa é, no dizer, de muitos especialistas da cultura popular tradicional, uma das mais curiosas e espectaculares que existem em Portugal. Ela mobiliza praticamente, de forma directa ou indirecta, toda a gente. E está presente em todo o lado, incluindo nas comunidades de Sobradenses espalhados pelo Mundo.”*

A dimensão etnográfica da festa reforça a ideia de que a identidade local se constrói através da repetição ritual e da transmissão simbólica. A existência de uma autarquia própria é, neste contexto, percebida como condição de proteção e projeção dessa herança imaterial.



Identidade visual e promoção do património de Campo e Sobrado (foto de Junta de Freguesia de Campo e Sobrado, 2018)

#### A agregação: administração versus identidade

A agregação de freguesias em Portugal, realizada em 2013 (Lei 22/2012 e 11-A/2013, a “Lei Relvas”), reduziu o número total de freguesias de 4260 para 3092, criando 135 uniões de freguesias para aumentar a eficiência. Este processo extinguiu autarquias, transferindo os seus ativos, passivos e direitos para as novas freguesias agregadas. Durante este momento, foi concretizada a agregação das freguesias de Campo e Sobrado que se passou a designar União das Freguesias de Campo e Sobrado. Neste mesmo ano foi criada a imagem identificativa das duas freguesias unidas.

Como referiu Paulo Moreira:

*“As freguesias de Campo e de Sobrado foram agregadas, em 2013, por imposição da reforma administrativa do território, formando-se uma união de freguesias. (...) A sede desta nova entidade territorial ficou em Campo. (...) A agregação foi como que um casamento forçado e não desejado pelos nubentes. Tratou-se, efectivamente, de uma união obrigatória e imposta, na medida em que a mesma foi decidida pelo poder central (...)”*

E acrescentou:

*“(...) verifica-se que da agregação não surgiu um sentimento de comunidade “freguesial” partilhado entre campenses e sobradenses. (...)”*

Ambas as assembleias de freguesia foram contra a agregação, o mesmo sucedendo com a assembleia municipal. De qualquer das formas, como referiu Paulo Moreira, “Com as eleições autárquicas de 2013 consumou-se a agregação das duas freguesias. Em resultado dessas eleições o presidente eleito, pela população, para dirigir os destinos de Campo e Sobrado, foi o Sr. Alfredo Costa Sousa. Viria a ser reeleito nos dois seguintes atos eleitorais autárquicos, em 2017 e em 2021, sendo que o último mandato termina em 2025 (...)”

Sociologicamente, o que falhou não foi a convivência, que sempre existiu, mas a construção de um novo “nós” coletivo. A identidade territorial não se impõe por decreto; constrói-se por sedimentação histórica.

#### A desagregação: quando a união fez a desunião

A agregação nunca foi unânime. A vontade dos Sobradenses e Campenses nunca foi respeitada. Foram várias as tentativas de “divórcio” como a de 2014, quando o PCP (Partido Comunista



Logótipo do Movimento pela desagregação de Campo e Sobrado (imagem do movimento, 2020)

Português) entregou na Assembleia da República 31 projetos de lei para a desagregação de freguesias, dois dos quais relativos a Campo e Sobrado, sem efeito prático.

Assim, em maio de 2016 foi criado o Movimento pela Desagregação de Campo e Sobrado, tendo a 26 de outubro de 2016 sido entregue, por este movimento, na Assembleia da República, de um abaixo-assinado reivindicando a reposição de Campo e Sobrado, contando com mais de 3000 assinaturas. Este movimento de personalidades de Campo e de Sobrado (liderados por Adriano Ribeiro e António Pinto), apoiados pelos autarcas locais de Campo, Sobrado e do Município de Valongo, organizaram e lutaram para que a desagregação realmente acontecesse, tendo sido um processo longo e demorado, cerca de quase 10 anos.

Paulo Moreira sintetizou o percurso:

*“Após a agregação o caminho viria a ser longo e, no caso em apreço de Campo e de Sobrado, através de um processo unânime, podendo-se afirmar que a união fez a desagregação.”*

### Ser freguesia independente: relevância contemporânea

Após tanta luta, a lei da desagregação foi publicada a 13 de março de 2025, entrando em vigor no dia seguinte. Nas eleições autárquicas de 12 de outubro de 2025, Sobrado voltou a eleger autonomamente os seus órgãos. A nova presidente, Ana Lourenço, tomou posse a 29 de outubro de 2025.

Doze anos após a agregação, a freguesia foi restaurada. Atualmente ainda decorre o processo de reorganização administrativa procedente da desagregação.

A relevância de ser freguesia independente não reside numa nostalgia administrativa. Reside na adequação entre escala política e identidade social.

Sobrado nunca deixou de ser vila. Nunca deixou de ser comunidade. Mas a autonomia devolve-lhe:

- Proximidade decisória;
- Coerência estratégica na promoção cultural;
- Capacidade de gestão territorial ajustada à sua realidade;
- Representação política alinhada com o seu sentimento coletivo.

Do ponto de vista sociológico, trata-se de um exemplo claro de como a identidade local pode sobreviver à reorganização administrativa e, mais do que isso, mobilizar-se para a redefinir.

Sobrado demonstrou que território é mais do que espaço físico: é memória partilhada, ritual vivido, consciência coletiva e vontade política. E, quando esses elementos convergem, a autonomia deixa de ser apenas um estatuto jurídico. Torna-se expressão legítima de uma comunidade que sabe quem é e escolhe continuar a sê-lo.



Edifício da Junta de Freguesia de Sobrado (foto de Fábio Macedo, 2025)

### Bibliografia

- Pinto, M. (2012) “Sobrado é a sua Festa e a Festa precisa da Freguesia”. Consultado a 4 de março de 2026 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2012/12/sobrado-e-sua-festa-e-festa-precisa-da.html>
- Moreia, P. (2025) Campo e Sobrado: Duas freguesias. Notas Monográficas. Valongo: Junta de Freguesia de Campo e Sobrado



SÃO JOÃO  
SOBRADO

MUSEU DA BUGIADA E MOURISCADA

# Utopia do Futuro

Visão futurista da Casa da Bugia e do Mouriscado pelo chatgpt (Nuno King, 2026)

Nuno Alexandre Ferreira

Há quem diga que a utopia é apenas a mania dos teimosos. Sobrado tem medo de perder a sua tradição, a sua identidade e o seu bairrismo. Existem sempre muitos sonhos, mas depois falta ousadia, ambição, planeamento. Mas e se, por ousadia lúcida, imaginássemos um futuro onde esses sonhos deixam de ser apenas sonhos?

Um futuro em que a tradição se mantém intocável,

sagrada, vivida exatamente como deve ser, mas rodeada das condições, infraestruturas, reconhecimento e estratégia que lhe permitam crescer, gerar riqueza, afirmar Sobrado e assegurar que, daqui a cinquenta anos, nada se perdeu, mas Sobrado se desenvolveu.

Mais do que um delírio, é uma visão possível. Exige trabalho, planeamento, articulação entre institui-

ções, coragem política e envolvimento comunitário, mas está ao alcance de quem sabe onde quer chegar.

### Reconhecimento cultural: quando a tradição ganha o palco que merece

O caminho para o futuro passa por consolidar aquilo que já é evidente para quem vive a festa: o seu valor excepcional. Com estratégia, investigação e dossier bem estruturado, seriam objetivos perfeitamente alcançáveis:

- Declaração de interesse público municipal,
- Inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial,
- Candidatura a Património Mundial Imaterial da UNESCO,
- Concursos a prémios ibéricos, europeus e de acessibilidade cultural,
- E até uma Valongo — Cidade Criativa da UNESCO, com Sobrado como motor identitário.

Nada disto altera a Bugiada e Mouriscada. Reforça-a. Protege-a. Amplifica-a.

### Casa do Bugio e do Mourisqueiro: um Museu vivo, sustentável e dinâmico

Não se trata apenas de um museu bonito para fotografias. Trata-se de criar um centro estruturante, profissional e dinâmico:

- Museu interpretativo;
- Arquivo documental e multimédia;
- Espaço imersivo tecnológico;

- Residência artística para trajes, máscaras e acessórios;

- Loja, bar e serviços educativos;

- Pavilhão do Jintar com salões dedicados a Bugios e Mourisqueiros (implica construção de novo espaço junto ao atual edifício).

Com financiamento adequado e um plano de gestão sólido, este equipamento seria o coração cultural de Sobrado: um espaço vivo, formativo e economicamente sustentável.

### Património Imaterial organizado e acessível

O saber da festa, nomeadamente a lenda, as melodias, os rituais, a dramaturgia, pertence à comunidade. Mas pode (e deve) estar também:

- Inventariado;
- Catalogado;
- Digitalizado;
- Estudado,
- Disponibilizado numa plataforma online aberta ao público;
- Organizado por instituições que já existem: Associação São João de Sobrado, Câmara Municipal de Valongo, Paróquia de Sobrado, Casa Palheira, Banda de S. Martinho de Campo.

A tradição não se congela, preserva-se. E preservação exige método.

### Educação: o futuro aprende-se cedo

O projeto “Lavra dos Infantes”, dedicado às escolas de



Futuro selo UNESCO da Bugiada e Mouriscada (Filipe Alves, 2026)

Sobrado e com possibilidade de extensão às escolas do município, poderia incidir sob atividades como:

- Ensinar a tradição: Lenda, rituais, memórias;
- Workshops de artesanato;
- Atividades artísticas temáticas (desenho, esculturas, pinturas, serigrafias);
- Ensinar a história e património cultural de Sobrado;
- Realização de exposições nas escolas;
- Ensino musical (instrumentos e melodias da Bugiada e da Mouriscada);

Basta vontade e articulação com agrupamentos escolares e departamento educativo municipal.

### **Turismo inteligente, que valoriza sem invadir**

Um dos problemas desta tradição é a sua sazonalidade. A realização de eventos de angariação de fundos e associados à Bugiada e Mouriscada tem vindo a permitir a vivência desta tradição ao longo de todo o ano, mas isso não possibilita o seu desenvolvimento económico integrado e ao longo de todo o ano.

Assim, a criação de rotas culturais e turística, como a Rota Portuguesa das Máscaras ou a Rota Portuguesa das Festas de Mouros e Cristãos, poderia permitir o desenvolvimento turístico e cultural de várias localidades portuguesas, permitir sinergias e também uma afirmação maior deste património imaterial.

A concepção de uma app oficial não transforma Sobrado num parque temático. Permite o desenvolvimento de um destino cultural identitário, onde quem chega entende e respeita e onde quem vive beneficia.

Incentivo à criação económica de infraestruturas hoteleiras, de restauração, entre outros, favoreceria o desenvolvimento económico e turístico da localidade e da região;

E porque não a criação de espaços museológicos especializados, nomeadamente um Museu industrial Fábrica da Balsa, um Museu de Arte Sacra Santo André de Sobrado e um Museu agrícola de Sobrado? Certamente preservariam culturalmente Sobrado e apoiariam a atração e fixação de visitantes, para além da criação de emprego.

### **Eventos estruturados ao longo do ano**

A Bugiada e Mouriscada por si só, já tem o seu valor intrínseco. Mas a realização de outros eventos associados com a temática, valorizariam ainda mais esta tradição:

- Gala São João de Sobrado;
- Congressos;
- Palestras, seminários e encontros;
- Documentários e projetos multimédia.

Isto coloca Sobrado no mapa cultural o ano inteiro, sem tocar na tradição do dia 24.

Associação São João de Sobrado forte, comunidade envolvida

Com contabilidade organizada, funcionários especializados e plano estratégico, a Associação São João de Sobrado pode dar um salto qualitativo.

E a ideia “Sobrado é Sócio” reforça exatamente o que já existe: a festa é de todos, com todos. Assim, se toda a comunidade fosse sócia, a Associação por si só seria também mais forte.

### **Infraestruturas pensadas para a festa, e para as pessoas**

Este é o ponto onde a utopia é mais claramente realizável:

- WC's dignos;
- Caixotes do lixo;
- Posto de informação e loja;
- Sinalética coerente;
- Decoração urbana;
- Requalificação das ruas mais marcantes da festa;
- Parques de estacionamento adequados e bem sinalizados;
- Sistema de abastecimento e escoamento de águas para apoio ao arraial;
- Sistema elétrico adequado;
- Vaivém durante toda a festa;
- Transportes coordenados com CP, taxis, Uber;
- Criação de praças de Taxis/ Uber
- A logística faz a festa respirar. Cria melhores condições aos visitantes, mas sobretudo aos habitantes locais. E isso faz parte do respeito pela tradição.

### **Mais cultura, igual festival**

A Bugiada e Mouriscada é o cerne e a base de toda a festa de São João de Sobrado. E queremos que continue a sê-lo. Mas há mais que se pode fazer. E porque não?

• Semana Cultural da Bugiada e Mouriscada (período anterior ao festival)

• Podcast Bugiada e Mouriscada

• Peça luminosa associada à festa a ser instalada no centro de Sobrado;

• Visitas guiadas temáticas;

• Exposição fotográfica nas ruas de Sobrado;

• Placa Bugiada e Mouriscada para identificar locais associados à festa (casa de Velhos da Bugiada e Reimoeiros, locais de jintar, locais de bastidores da festa)

• Projeto artístico das caixas de eletricidade pintadas;

• Livro de Banda Desenhada sobre a Bugiada e Mouriscada;

• Projeto cultural de street art

o Casa do Bugio e do Mourisqueiro

o Centro de Saúde de Sobrado

o Junta de Freguesia de Sobrado

o Casa Marujo

o Casa dos Escola

o Casa Marto

o Casa do Cabo

o Coreto

o Rua José Araújo

o Rua de Fijós

o Rua de Campelo

- Projeto Literário “Lavra da Praça”
- Projeto “Flores da Bugiada e Mouriscada”
- Eventos culturais alternativos mas associados com a festa: palestras, simpósios, congressos, atuações musicais, entre outros;
- Workshops (trajes, artísticos, gastronómicos)

Assim, todos ganham e Sobrado também. Vive-se mais a festa, sem a alterar.

#### **Economia local: quando o arraial se estende à vila**

O Projeto Arraial Alargado é uma ideia simples, eficaz e exequível:

- Comércio local decorado,
- Parcerias com empresários sobradenses,
- Produtos identitários,
- Gastronomia associada,
- Circuitos económicos que fortalecem Sobrado.

O património cultural é, também, uma ferramenta económica e não há mal nenhum nisso. É necessário dinamizar a economia local, especialmente no período da festa de São João de Sobrado.

#### **Investigação, formação e profissionalização**

Com bolsas, parcerias académicas e formação contínua, a festa não só se mantém viva como se torna referência estudada dentro e fora do país.

Este é talvez o passo mais transformador e mais realista. É necessário formar as seguintes áreas:

- Pessoal afeto ao património cultural e turismo;
- Gestão associativa;
- História, sociologia e etnografia associada à Bugiada e Mouriscada;
- Personagens da tradição: Narradores, entre outros;

Com isto seria possível criar emprego digno e técnico associado à festa, mas que valorizaria todo o concelho.

#### **Marketing**

Existe muita concorrência no mês de junho no que diz respeito a tradições joaninas. Existe Braga, Porto e Vila do Conde. Mas se não conseguimos competir financeiramente com estas tradições, porque não utilizar ferramentas existentes e de marketing para colmatar esta situação? o que é necessário:

- Estabelecimento de um plano de marketing a longo prazo;
- Estabelecimento de um departamento de marketing e multimédia contínuo e dinâmico sobre a festa;
- Criação de conteúdos, documentários segmentados, entre outros sobre a festa;
- Streaming anual da Bugiada e Mouriscada;

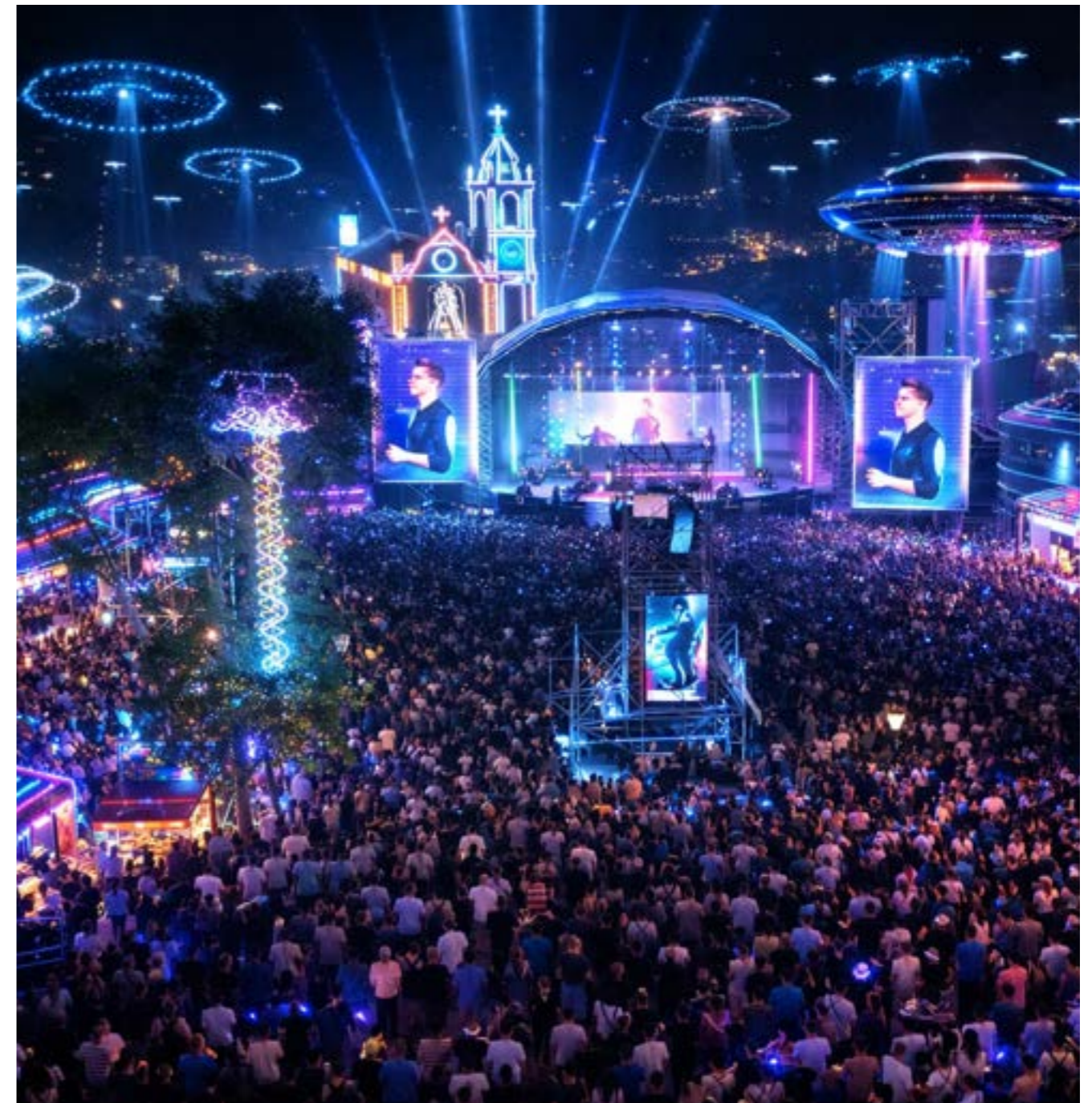
#### **Não é utopia. Basta querer!**

Sobrado não precisa da utopia, mas pode transformá-la em plano. Todas estas ideias são possíveis, não porque transformam Sobrado, mas porque reforçam

o que Sobrado já é. Nada altera a tradição. Nada mexe nas danças, na lenda, no Jintar, ou seja, na essência da festa.

Tudo isto serve apenas para garantir que a festa continua forte, respeitada, estudada, amada e capaz de gerar riqueza cultural, emocional e económica para quem a vive.

O futuro pode ser utopia. Mas, com trabalho, pode ser também projeto. E Sobrado, que nunca teve medo de sonhar, sabe exatamente como transformar sonhos em realidade.



Visão futurista do festival São João de Sobrado em 30 anos segundo ChatGPT (Nuno King 2026).

# Conta a Lenda deste povo

Marisol Marques

Conta a lenda deste povo,  
Deste povo tão amado!  
Em Vallis Longus brilhava o ouro  
Mas o Santo estava em Sobrado!

Os Mouros arrebatavam minério,  
Com exército potente!  
Certo dia, porém,  
A filha do Rei cai doente!

Curandeiros com mezinhas,  
Vieram de todo o povoado!  
Mas, de nada lhes valeu,  
Seu destino estava traçado!

Ouvira o Rei Mouro falar,  
De um povo e sua crença!  
Pede o S. João emprestado,  
Para curar a doença!

Depois da filha curada,  
E do milagre esperado!  
Não devolvem o Santo,  
Ao povo de Sobrado!

Se a fé move montanhas,  
A ambição vai mais além!  
E, no dia de S. João,  
Fazem o Velho refém!

Foi um dia de batalhas,  
Entre Mouros e Cristãos!  
O Santo regressa à Igreja,  
Porque o povo deu as mãos!

O Santo é nosso!!  
Vão-se os Mouros finalmente!  
Se O voltarem a roubar,  
Temos a Fé e a serpente!!!

Viva o povo de Sobrado,  
Nesta paixão desmedida!  
Viva S. João milagroso,  
Que abençoe a nossa vida!



Velho da Bugada em sobressalto (foto de António Marques Vale, 2009)

Um esboço da lenda de  
S. João de Sobrado

# Humano rosto, só o Velho tem

*António Garcês*

Dizem que habitavam, num tempo antigo  
Povos distintos, vidas separadas,  
Perto do rio Ferreira que era abrigo,  
Mouros na serra e gentes espalhadas.

Uns na serra extraíam com ardor,  
Liderados pelo sábio Reimoeiro,  
O ouro raro, de imenso valor,  
Guardado com desvelo verdadeiro.

Em torno deles, Cristãos viviam,  
Em pequenos grupos, terras lavradas;  
Uns livres eram, outros serviam  
As ordens duras, mãos subjugadas.

Havia um grupo, ao Mouro sujeito,  
Que trabalhava sob jugo severo;  
Mas guardava, com fé no peito,  
Um culto antigo, firme e sincero.

Tinham ermida de singela mão,  
A São João, Batista venerado;  
Ali rezavam com devoção,  
Por seu destino sempre angustiado.

Os Bugios, pelo vale a prosperar,  
Norteados p'lo Velho da Bugiada,  
Lavram, semeiam sem nunca parar,  
Cultivam a alma, sua jornada.

Viviam em paz, em tranquilidade  
Mas um dia, veio o vento, a tormenta  
(E estes dois povos, em serenidade...)  
O mal, cedo ou tarde, cresce e fermenta.

A filha do Reimoeiro enfermou!  
Seu pai, impotente, sem solução,  
Sem cura, o desespero amplificou.  
Ao ouvir do Santo e sua intercessão

Sabia dos seus antigos vizinhos.  
Com muita fé, com muita devoção,  
Veneravam com afeto e carinhos  
A plácida Imagem de São João.

O Reimoeiro, em desalento, aflito,  
O empréstimo dessa Imagem sagrada,  
Pedi e rogou e implorou, contrito,  
Para a sua filha desenganada.

- Ó tu, meu bom Velho, és gente!  
Escuta, ouve o clamor da minha voz!  
Minha filha morre e eu impotente,  
Não suporto esta cruel dor atroz!

Está abandonada à sua sorte  
Pelos tristes físicos desta terra  
Que a votaram à maléfica morte  
Lá em cima no topo daquela serra.

Que mísera e mesquinha vida é esta!  
Tão impiedosa, tão fria, tão bruta!  
Oh! Sorte maldita, como és funesta!  
Não quero, não aguento esta disputa!

Escutou em silêncio, o Velho,  
Aquela lamúria, aquele lamento...  
Recordou-se do sabido evangelho  
E olhou os seus por um breve momento.

Os cristãos, compassivos, generosos,  
À sua belíssima filha apegado  
Àquele pobre pai desassossegado  
Anuíram aos clamores dolorosos.

Em sua interseção acudiu o Santo,  
Que de pedra só tem a sua imagem.  
Cobriu a filha do rei com o seu manto,  
Restituiu-lhe uma nova e fresca aragem.

Em gáudio do vale até à montanha  
Rejubila aquele Rei tão contente  
E não contendo alegria tamanha  
E um festim determina à sua gente!

Em sinal de gratidão e de paga  
Os Bugios convida ao seu castelo.  
E junto do chefe deles indaga,  
Uma mão no ombro, outra no cutelo.

Mas que ingratidão é esta, que absurdo!  
Como pode ser tão ingrato este ente!  
Antes fosse ele, cego, mudo, surdo  
A fazer tanto mal àquela gente!

Quis ele apoderar-se do Santo ídolo  
De mágica e mística poderoso.  
Não pensou mais, tolo imprudente frívolo  
Usurpou, tomou, rapinou, ditoso.

Não devolve, o Reimoeiro cruel,  
O sagrado e precioso relicário.  
Ali destilou seu ódio, seu fel,  
Como os tolos e néscios no Calvário.

Para melhor crescer a sua afronta  
No banquete aos Bugios of'recido  
Com ossos, restos fétidos confronta  
O humilde e simples povo escarnecido.

E proliferou a desarmonia  
A gota de água, o caldo entornou  
Acentuou-se a bélica distonia  
Ribombou o sino, bateu, dobrou.

Tecida a maledicência, a desdita,  
A falsidade dança um jogo perverso...  
Semeada a discórdia vil e maldita  
Derribaram os laços, tudo adverso...

Em busca de paz trocaram em vão  
Mensagens dramáticas e aflitivas.  
Nem doutores da lei, nem solução,  
De nada adiantaram as missivas.

Os Bugios reclamam o que é seu  
Que os Mouros recusaram devolver.  
Estalou a guerra e aconteceu  
O que ninguém queria crer.

Do alto do seu castelo, seu palanque  
Troam vorazes tiros de canhões.  
O Reimoeiro quer levar a sua avante  
É ele quem manda, sem exceções.

Tão feia se desenrola a contenda!  
O Velho sem pólvora, sem ação,  
(Espera-o uma cruel morte horrenda)  
Teme pelos seus, a sua nação!

Para que foi ele ser solidário?  
Porque estendeu ao Mouro a sua mão?  
Caiu no logro, conto do vigário,  
Apenas por ter nobre coração.

Avança o som sincopado da caixa  
Do exército feroz do Reimoeiro,  
Que circunda o castelo em toda a faixa  
Para fazer o Velho prisioneiro...

Pah pahpah pah pah pahpah pah pah pah  
Um som terrível do abismo sombrio  
Pah pahpah pah pah pahpah pah pah pah  
Um macabro, grito agudo e frio

Investem possantes e destemidos  
Contra aflitos Cristãos apavorados  
Uma e outra vez foram repelidos  
E arremetem novamente alinhados.

Forçam, penetram e vasculham tudo  
Aquele líder querem encontrar  
E lá segue o Mouro forte e peitudo  
Escancara as portas de par em par

Aprisiona o Velho derrotado  
Que suplica de joelhos no chão,  
Qual pássaro subjugado enjaulado,  
Que o liberte, que conceda perdão!

E lá está ele, de mãos erguidas...  
O inflexível Reimoeiro diz não!  
- Pelo que é mais sagrado, por quem cuidas!  
Tem de existir algo mais, outra opção!

Vieram novos, Bugios pequenos,  
Com os olhos repletos de bagadas,  
Joelhos no chão, nada serenos  
Erguem suas vozes angustiadas!

E surgiram mais amigos Bugios  
Tão confusos, vergados, encolhidos,  
Ombros pendidos, olhares vazios  
Dominados, destroçados, vencidos

O Inflexível Reimoeiro diz não!  
Tudo termina naquele momento!  
O Inflexível Reimoeiro diz não!  
Mas que povo tão turrão e birrento!

Desiludido, desorientado,  
Como persiste o povo solidário?  
Nada valem clamores professados,  
Nem a lei, a razão ou emissário!

Por comiseração, perdeu-se o povo,  
Oprimido, humilhado, em abandono...  
Por devoção, solicita de novo  
Amparo ao tão devotado patrono.

Só um milagre ou ajuda divina  
Lhes poderá trazer a redenção  
E livrá-los da iminente ruína  
O caminho da servil perdição.

«Oh S. João Batista, o precursor!  
Escuta a nossa reza, a nossa prece  
Neste momento de aflição e dor!  
Rogamos amparo, a vossa benesse!

Oh S. João, intercessor divino,  
Ampara-nos e tende compaixão!  
Escuta o vosso povo sem destino,  
Guia-nos ao rumo da salvação!»

Resplandeceu o sol ao fim do dia  
Animando aquela piedosa gente  
Que no chão, por entre cascalhos via  
A deslizante furtiva serpente.

Astutos convictos e decididos  
Produzem uma serpe repugnante  
Vestem fatos vivos e coloridos  
Urram e berram de forma incessante!

«Ela é nossa!» Ecoando em todo o vale  
Agrega o povo convicto e coeso  
Disposto a afastar todo e qualquer mal  
Juntam-se em grande número, em peso!

De enxadas, físgas, forquilhas,  
Machados, chavelhas até fogueiros,  
Pedras, calhaus, barrotes e cavilhas,  
Contundentes apetrechos caseiros!

Munem-se esperançados, resolutos  
Com utensílios que têm à mão  
Em número nada são diminutos  
Ao seu amor e vontade e paixão.

E para completar o panorama,  
Para incutir fobias provocadoras  
Chapéu plúmbeo desmedido que inflama,  
Máscaras sinistras, perturbadoras,

Terríveis, sobrenaturais, sombrias  
Pois é claramente esta a essência:  
Terão de aterrorizar os vigias,  
Assusta-os deveras sem clemência!

Não são rostos, mas abismos sem fim,  
Bocas abertas, febris, em tormento,  
Caras de lodo, de um mundo ruim,  
Que espalham sombras no seu movimento.

Só o Velho tem rosto verdadeiro,  
Carne e olhar no meio da aflição;  
Os outros surgem do medo primeiro,  
Demónios sem nome nem feição.

Humano rosto, só o Velho tem  
(mesmo no meio de tantos flagelos)  
Só o Velho, o líder, mais ninguém!  
Os outros arrepiam os cabelos!

Com a serpe para os Mouros acuar  
Pincham, avançam, gritam ululantes!  
Engrandecem e investem sem cessar  
Contra os injustos pagãos dominantes!

Instalou-se o temor, grande pavor!  
Os Mourisqueiros fugiram com medo!  
Grande é o Santo e Deus Nosso Senhor!  
«Ela é nossa!» Foi a fé o segredo,

A Serpe, arma pelos ares erguida,  
E toda a panóplia tumultuosa!  
Debandaram os Mouros de fugida  
Deixando a gente do Velho ditosa!

Mas que fina estratégia engenhosa!  
O estimado Velho foi resgatado  
(com esta união tão vitoriosa)  
Dos grilhões da injustiça libertado!

Em ordem, a justiça está presente:  
Paz alcançada, imagem devolvida,  
Símbolo da união novamente,  
Convivência é a única medida!

Esta lenda ensina a valorizar  
A empatia, a compaixão, o respeito,  
O saber estar em qualquer lugar,  
Pois à lei cada qual está sujeito.

Ensina com Mouros e Bugios  
Que as diferenças não devem gerar  
Divisão como fazem certos rios,  
Mas pontes, compreender e dialogar.

Oh São João Batista! Oh protetor!  
Reine sempre no nosso coração  
A justiça, a harmonia, o amor,  
Que fermenta a semente da união!

Agradecido às gentes de Sobrado,  
A minha querida terra natal!



Prisão do Velho (foto de António Garcês, s/d)



# Os Protagonistas da Festa

Prisão do Velho (foto Hugo Carneiro, 2025)

Nuno Alexandre Ferreira



# Párocos e Abades de Sobrado

1588- 1632: (Abbade) Jerónimo Armante

1632-1641: (Padre, Cura desta igreja?) Jorge

1641-1670?: (Abbade) Francisco Beliágoa Carneiro

1670?- 1686: (Abbade) João da Fonssecca Gois

1686- 1700: (Abbade) Francisco Ferreira Marques

1700- 1744: (Abbade) Jeremias da Silva Pereira

1744- 1755: (Abbade) Manoel Baldaia de Magalhães

1755/1758- 1811: (Abbade) Manoel Pamplona Carneiro Rangel de Tovar

1811-1863: (Abbade) Nicolau Tovar Proença

1863 – 1895: (Abbade) António Thomé de Castro

1895 -1896: (Parocho) Manoel de Souza

1896 – 1915: (Abbade) António Mendes Moreira

1915- 1930: (Pároco) José António Moreira de Sousa

1930: (Pároco) Marcelino Francisco da Conceição

1931- 1937: (Pároco) António Paulo Ferreira (Heconteria?)

1937-1939: (Pároco) José Moreira das Neves Lobo

1939- 1949: (Pároco) José Barbosa

1950-1988: (Pároco) Agostinho de Freitas

1988-1990: (Administrador Paroquial e Pároco) Damião Olindo das Neves Basto

1990 -1991: (Administrador Paroquial) Avelino José Ferreira de Abreu

1992- 2000: (Pároco) Cândido Gomes da Silva

2000- Até ao presente: (Pároco) Vicente António Nunes da Silva

# Caixas dos Mourisqueiros

2019 | 2022-2025- Pedro Dias (Ferreiro)

1969-1970 | 2015-2017: Fernando Lopes (Presunto)

Anos 60- 1968 | 1971- 2014: José Barbosa Silva (Zé Malhado)

Anos 40 e anos 60: Elísio Vieira da Costa (Ilídio da Rola)

Anos 30- Anos 60| Joaquim Ferreira Vicente (Fritoso)

# Associação São João de Sobrado

Nuno Alexandre Ferreira

A Associação São João de Sobrado, outrora designada de Associação Organizadora da Casa do Bugio e das Festas de São João de Sobrado, é uma associação criada em 1993 e que tem como sede a Casa do Bugio e do Mourisqueiro em Sobrado, concelho de Valongo. Surgiu mediante a vontade popular de preservação e dinamização de uma das festas mais singulares e autênticas de Portugal: a Bugiada e Mouriscada. Representa a festa que organiza, mas também a comunidade onde se insere e atua.

Mais do que pensar e coordenar esta festividade, queremos ser um agente ativo e recetivo, assegurando a preservação da tradição e da paixão, mas sempre com os olhos postos no futuro.



## MISSÃO

Organizar, preservar e promover a autenticidade e tradição da Bugiada e Mouriscada, afirmando-a como uma das festividades mais autênticas e extraordinárias que ainda hoje sobrevivem em todo o continente europeu.

## VISÃO

Apaixonar continuamente toda a comunidade para que a Bugiada e Mouriscada mantenha a sua essência e originalidade, constituindo as raízes de uma forte identidade, alma e sentimento de pertença.

## RESPONSABILIDADES

As responsabilidades da ASJS são:

- Organização anual da Festa de São João de Sobrado;
- Manutenção e melhoria da sua sede: Casa do Bugio e do Mourisqueiro;
- Promoção e preservação da Bugiada e Mouriscada;
- Estudo e recolha de espólio relativo à festa e à comunidade;
- Desenvolvimento de iniciativas que promovam a cultura, património e identidade da Vila de Sobrado;
- Colaboração com as autarquias e associações locais com vista à promoção da cultura e do património material e/ou imaterial locais;

## LOGÓTIPO



Logo ASJS

ASSOCIAÇÃO  
SÃO JOÃO  
DE SOBRADO

O logótipo da Associação Casa do Bugio, instituído no momento da fundação da associação em 1993, estabelece uma relação simbólica entre a festa da Bugiada e Mouriscada e a comunidade de Sobrado. Foi concebido por Manuel Pinto, tendo sido atualizado e retificado por Filipe Costa Alves, aquando da alteração da designação da associação em 2022.

Os símbolos associados à festa incluem a barretina, a face (dividida em duas partes, com cores distintas que aludem para as duas fações de exércitos) e os espadins dos Mouriscos.

Quanto à sua relação com a comunidade de Sobrado, existem os montes, a espiga, o azul que poderá representar o Rio Ferreira, mas também a coroa mural de torres no remate do logótipo/brasão que é uma característica típica dos brasões heráldicos das divisões administrativas portuguesas (neste caso apresenta 3 torres que representam as freguesias), no entanto, neste momento (desde 2001), Sobrado sendo Vila, incorpora na sua simbologia 4 torres.

Deste modo, é possível compreender que a festa da Bugiada e Mouriscada é influenciada (desde os seus inícios) pela comunidade e a própria comunidade também é influenciada pela festa. Este é um dos pormenores desta relação.



Vista aérea da Casa do Bugio e do Mourisqueiro (foto de Fábio Macedo, 2025)

# Casa do Bugio e do Mourisqueiro

A Casa do Bugio e do Mourisqueiro representa a concretização de um sonho profundo e antigo da comunidade de Sobrado: a criação de um espaço dedicado à preservação, valorização e vivência plena da Festa de São João, com especial destaque para a secular Bugiada e Mouriscada.

A Associação Organizadora da Casa do Bugio e das Festas de São João de Sobrado, fundada em 1993, surgiu precisamente com este propósito. A 15 de junho de 1997 foi lançada a primeira pedra do edifício, num terreno generosamente cedido pela Família Araújo e com o apoio institucional da Câmara Municipal de Valongo. Desde então, a construção evoluiu de forma progressiva graças às angariações de fundos, ao esforço das sucessivas direções e ao contributo voluntário dos sobradenses.

O edifício abriu portas ao seu primeiro “jantar” da Bugiada e Mouriscada em 24 de junho de 2001, tornando-se, desde esse momento, o palco privilegiado para os jantares, ensaios e várias atividades associadas às celebrações de São João. Hoje, a Casa do Bugio e do Mourisqueiro apresenta excelentes condições para acolher eventos, sendo um dos pilares estruturantes da dinâmica cultural da freguesia.

Em 2022, o edifício adotou a designação atual — Casa do Bugio e do Mourisqueiro — reforçando simbolicamente o seu carácter inclusivo e representativo das duas figuras centrais da festa. Este espaço é, acima de tudo, a casa dos Bugios, dos Mourisqueiros e de todos aqueles que vivem e celebram o São João de Sobrado.

A Casa do Bugio e do Mourisqueiro integra diversas áreas dedicadas à salvaguarda e valorização do património material e imaterial da festa:

• **Sala da Bugiada:** Situa-se no piso superior do edifício e foi criada em 2023. Visa albergar espólio, fardamento e acessórios associados com os Bugios.

• **Sala da Mouriscada:** Situa-se no piso superior e foi criada em 2018. Foi o primeiro espaço criado na parte superior do edifício servindo para guardar e proteger todas as fardas e pertences usados pelos Mourisqueiros no São João de Sobrado.

• **Sala da Direção e do Arquivo:** Situa-se no piso superior e foi criada em 2021 para servir de arquivo da associação e da festa, bem como local de reuniões da direção. Neste espaço é possível consultar um grande espólio bibliográfico, artístico e fotográfico da festa, reunido recentemente.

• **Galeria Museológica:** Atualmente a galeria não tem nenhuma função. Trata-se apenas de um corredor retangular, no piso superior, que dá acesso às salas do arquivo, da Mouriscada e da direção. No futuro, será uma galeria artística e museológica que muito engrandecerá e representará a festa e a associação, sendo um projeto que se encontra em desenvolvimento.

• **Salão dos Bugios:** Situa-se no piso central e é o salão nobre do edifício e o mais amplo. É aqui que os bugios participam no “jantar” e é também aqui que a sarrabulhada e outros eventos ocorrem.

• **Salão dos Mourisqueiros:** É o segundo maior salão. É aqui que os Mourisqueiros participam no jantar. Localiza-se no rés-do-chão do edifício e é aqui que funciona a Academia de Dança da associação.



Casa do Bugio e do Mourisqueiro (foto de Eventuais, 2025)

# História

A Associação São João de Sobrado foi fundada a 21 de dezembro de 1993 com o objetivo de construir a Casa do Bugio e organizar as tradicionais Festas de São João de Sobrado, representando os sobradenses na preservação, promoção e valorização das suas tradições culturais.

Desde a sua criação, a associação tem trabalhado em prol da festa e da comunidade, fortalecendo a organização interna, apoiando as comissões de festas e promovendo o património cultural local. Em 2022, a associação passou a designar-se oficialmente Associação São João de Sobrado e o edifício-sede passou a ser chamado Casa do Bugio e do Mourisqueiro, refletindo o compromisso com a tradição e a modernização institucional.

## Fundação e Período de Gestão de José Ferreira da Silva (1993-2004)

A associação foi criada como Associação Organizadora da Casa do Bugio e das Festas de São João de Sobrado, iniciando efetivamente a sua atividade em 1996. Foram sócios fundadores: José Fernandes da Silva, Fernando Ferreira de Sousa, António Moreira Pedro, António da Costa Dias e Manoel Joaquim Ferreira Pinto.

José da Silva Pereira assumiu a presidência e liderou os primeiros anos, focando-se na organização interna, angariação de fundos, preservação das tradições e sobretudo na construção do edifício-sede.

### Principais iniciativas e conquistas:

- Organização burocrática e estatutária: Criação dos primeiros estatutos e regulação da associação.
- Acolhimento de sócios: Integração e atenção especial aos Bugios e Mourisqueiros mais antigos, fortalecendo o sentimento de comunidade.
- Preservação de tradições:

o Com o apoio da Junta de Freguesia, assegurar que o corredor existente junto do coreto, onde o Mensageiro corre as embaixadas, se mantenha em terra batida;

o Replantação de um sobreiro no Largo do Passal para que a tradição da Dança do Sobreiro realmente ocorra no local que deveria ser e junto de uma árvore.

- Planeamento e construção da Casa do Bugio:
  - o Definição do projeto para a Casa do Bugio;
  - o Início da construção do edifício-sede em 1997;
  - o Angariações de fundos para a construção;
- Educação e formação: intenção de criação de escolas de música e aulas explicativas para participantes da festa.
- Promoção cultural:
  - o Início de estudos sobre a classificação da festa como Património Nacional.
  - o Publicação de livros alusivos à Bugiada e Mouriscada;
  - o Publicação de brochuras alusivas à festa;
  - o Tentativa de recuperação de tradições perdidas associadas ao São João de Sobrado;

Este período de cerca de onze anos consolidou as bases da associação, permitindo a construção física e simbólica da Casa do Bugio, a valorização das tradições e a formalização da participação dos sócios nas festividades.

## **Crise e Comissões Administrativas (2004-2006)**

Após a saída de José Ferreira da Silva, António Almeida Moreira assumiu a presidência a 18 de junho de 2004, mas devido a dificuldades administrativas da associação e estruturais no que diz respeito à construção do edifício da Casa do Bugio, em 2005 foram instituí-

das duas Comissões Administrativas para assegurar a gestão da associação e garantir a segurança do edifício.

Existiram duas Comissões administrativas neste período de crise:

- A primeira Comissão Administrativa tomou posse a 4 de novembro de 2005 e era formada por Moisés António Moreira Gândara e Jorge Manuel Rocha da Silva (direção), Manuel António da Silva Pinto Suzano e António José Dias dos Santos (Assembleia Geral) e Manuel Fernando Almeida Coelho (Conselho Fiscal).

- A segunda Comissão Administrativa tomou posse a 16 de dezembro de 2005 e foi composta por Fernando Manuel Moreira Dias, Joaquim Fernando Carneiro Soares, António Manuel Marques Moreira do Vale, António Fernando Moreira Gaspar, Nuno Filipe Pereira da Silva, António José Dias dos Santos, Manuel António da Silva Pinto Suzano e Manuel Fernando Almeida Coelho.

Neste curto período, as principais conquistas foram:

- o Continuidade da construção da Casa do Bugio.
- o Reforço da segurança e estabilidade do edifício-sede.
- o Garantia da continuidade da associação em período de crise

A intervenção das Comissões Administrativas foi crucial para manter a associação ativa, permitindo a transição para uma gestão estável e preparando o terreno para os anos seguintes.

#### **Período de Gestão de António Pinto (2004-2017)**

António Pinto assumiu a presidência formalmente em 2006, após participação nas Comissões Administrativas. Este período ficou marcado por estabilidade, consolidação estrutural e ampliação da visibilidade da festa.

#### Principais Iniciativas e Conquistas:

- Construção e melhoria no edifício Casa do Bugio:
  - o Isolamento da cobertura e paredes;
  - o Reforço estrutural e correção da construção;
  - o Melhoria das escadas e instalação de elevador;
  - o Construção de casas de banho e remodelação do piso superior;
  - o Melhoria das condições da cozinha e colocação de hote;
  - o Instalação de sistema de segurança;
  - o Construção dos passeios exteriores;
  - o Aquisição de mobiliário, utensílios e louça;
  - o Construção de anexo exterior para fornos e gás;
- Burocracia:
  - o Sócios;
  - o Secretaria;
- Divulgação e cultura:
  - o Participação em programas televisivos (Praça da Alegria, entre outros) e eventos culturais;
  - o Divulgação da festa em jornais e revistas;
  - o Publicação de livros sobre a festa;
  - o Início de arquivo documental, fotográfico e videográfico;
  - o Blog [bugiosemourisqueiros.blogspot.com](http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com);
  - o Criação de produtos de merchandising e registo de marcas e patentes;
- Organização e regulamentação da festa:
  - o Organização das festas de São João de Sobrado nos anos de 2005, 2006, 2010, 2011, 2013, 2015 e 2017;

- o Disciplinamento da festa com obrigatoriedade de sócios entre os intervenientes.

- o Criação de escolas de música e aulas explicativas para músicos e participantes.

- Candidatura à UNESCO:

- o Início do processo de candidatura e incentivo à investigação sociológica e antropológica sobre Bugiada e Mouriscada.

- Integração comunitária:

- o Inclusão do grupo Instintos Radicais na associação;

- o Apoio às comissões de festas;

- o Promoção de eventos locais;

- o Cedência de espaço para a EPV- Escola Profissional de Valongo;

O período de António Pinto foi decisivo para consolidar a Casa do Bugio como edifício de referência, uma vez que a ele se deve uma das fases mais relevantes da sua construção, obras essas que nem sempre foram visíveis. Fortaleceu ainda estrutura da associação, tornando-a mais profissional e preparada para desafios culturais e administrativos.

#### **Período de Gestão de António César Ferreira (2017-2021)**

António César Ferreira, já integrado nas direções anteriores, assumiu a presidência em 2017 e conduziu a associação durante quase quatro anos, incluindo o período de pandemia de Covid-19, que limitou a atividade, mas não interrompeu a gestão.

#### Principais Iniciativas e Conquistas:

- Melhorias no edifício:

- o Colocação de portão exterior e janelas na parte superior;

- o Criação da Sala da Mouriscada com mobiliário adequado.

- Projetos culturais e educativos:

- o Oficinas de artes decorativas em parceria com a Câmara Municipal e escolas locais;

- o Exposição “Bugios e Mourisqueiros” no Periferias em Sintra;

- o Aquisição de espólio de vídeos da RTP;

- Eventos e celebrações:

- o Organização da II e III Gala São João de Sobrado.

- o Celebração dos 25 anos da associação em 2018.

- Divulgação e marketing cultural:

- o Participação em programas televisivos, iniciativas culturais e exposições;

- o Organização do teatro “Auto da Bugiada e Mouriscada”;

- o Colaboração na candidatura às 7 maravilhas da Cultura Popular de Portugal;

A 15 de dezembro de 2018, a direção promoveu os festejos dos 25 anos da fundação, no seu edifício sede, tendo contado com a presença dos executivos da Câmara Municipal de Valongo e da Junta de Freguesia de Campo e Sobrado. Os Instintos Radicais, grupo de dança que estava associado à associação, ajudou na parte da animação do dia.

Apesar da limitação imposta pelo Covid-19, em 2020 e 2021, o mandato de António César Ferreira, manteve o caminho até então seguido, tentando reforçar a identidade da associação, ampliar os espaços de interação cultural e consolidar a visibilidade da festa e da Casa do Bugio.

## Período de Gestão de António Marques Vale (2021-2025)

António Marques Vale assumiu a presidência em 2021, com o foco na dignificação da associação, aproximação à comunidade e promoção da festa no panorama regional e nacional. A verdade é que os quatro anos e meio da sua gestão, ampliou a promoção da festa, consolidou o trabalho da associação reforçando a sua posição cultural.

### Principais Iniciativas e Conquistas:

- Modernização e organização institucional:
  - o Alteração e formalização dos novos Estatutos, Regulamento Geral Interno e Regulamento Eleitoral;
  - o Alteração oficial da designação da associação e atualização do logótipo;
  - o Criação do Conselho de Velhos da Bugiada e do Conselho de Reimoeiros;
  - o Atualização completa da lista de associados e integração de novos membros;
  - o Uniformização das redes sociais e meios de contacto;
  - o Integração da SJS MDC Dance Academy;
  - o Integração do grupo de Jipes Bugios e Mourisqueiros;
- Melhorias na Casa do Bugio e do Mourisqueiro:
  - o Limpeza, reorganização e utilização de todos os espaços do edifício;
  - o Obras de manutenção estruturais;
  - o Criação de salas temáticas (Salão dos Mourisqueiros, Sala da Bugiada, Sala da Direção e Arquivo, Galeria Museológica);
  - o Construção de WC mobilidade reduzida e balneários;

- o Reformas do piso;
- o Intervenção na varanda e no telhado;
- o Aquisição de TV LED;
- o Substituição do sistema de vigilância e colocação de câmaras de videovigilância;
- o Mobiliário e louças;
- Eventos e celebrações:
  - o Celebração dos 30 anos da associação em 2023, com presença de sócios fundadores, representantes autárquicos e comunidade;
  - o Organização da IV, V e VI Gala São João de Sobrado;
- Divulgação e valorização cultural:
  - o Participação em programas televisivos (Marco Paulo, Funtástico da TVI);
  - o Eventos em BTL Lisboa, FIMI Lisboa, Exposições (Galiza), exposições no MaiaShopping e colaboração com o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada;
  - o Criação de merchandising e loja oficial;
  - o Criação de brochuras, mapas turísticos, Conduas de Bugios e Mourisqueiros;
  - o Forte investimento em marketing cultural e turístico;
  - o Apoio logístico e burocrático às comissões de festas, reforçando a organização, segue qualidade das celebrações.
  - o Publicação de livros associados com a Bugiada e Mouriscada;
  - o Publicação da Revista Lavra da Praça;
  - o Website oficial São João de Sobrado;
  - o Apoio ao Streaming 2025;

- Arquivo:
  - o Concepção e aquisição de ilustrações;
  - o Criação do arquivo da festa;
  - o Aquisição de acervo documental, fotográfico e videográfico;
  - o Compra de livros associados com a festa;

Este período marcou um novo ciclo de expansão e valorização da associação, promovendo a profissionalização da gestão, modernização do edifício e incremento da visibilidade da festa, consolidando a Bugiada e Mouriscada / São João de Sobrado como referência cultural.

Foi um período de grande dedicação à Associação São João de Sobrado, com rasgos de criatividade de todos os seus membros e que com o apoio de toda a comunidade, foi possível tornar realidade muitas das aspirações antigas da comunidade e dos associados.

### Futuro

O futuro da Associação São João de Sobrado é construído com base na experiência acumulada, no compromisso do presente e nos sonhos para o amanhã. A associação continuará a promover as tradições da Bugiada e Mouriscada, a valorizar a festa de São João de Sobrado e a afirmar-se no panorama cultural local, regional e nacional, mantendo um forte vínculo com a comunidade e com os seus associados.



Ilustração da Bugiada e Mouriscada (acervo ASJS, 2026)

# Conclusão

## A festa é, e sempre será, resistência mascarada da identidade de Sobrado.

Nuno Alexandre Ferreira

Chegamos ao fim desta III Edição da Lavra da Praça com a sensação de que não apenas resgatamos um pedaço da história: devolvemos-lhe o fôlego. Incidimos sobre um tempo sombrio — o da ditadura militar e do Estado Novo, entre 1926 e 1974 — um tempo em que a palavra era vigiada, a liberdade contida e as vozes muitas vezes caladas. E, no entanto, nesse cenário de silêncios forçados, a Bugiada e Mouriscada não se apagou. A festa resistiu. A festa dançou. A festa cresceu.

Da documentação analisada, das memórias resgatadas, dos registros fotográficos e videográficos que conseguimos compilar, emergiu uma verdade surpreendente: não houve censura direta por parte do regime. Porém, o peso invisível da moral e dos ideais do Estado Novo deixou marcas sutis, influenciando indiretamente a forma como a festa era organizada, divulgada e até vivida pela comunidade local. Como se uma sombra pairasse, silenciosa, sobre cada máscara, sobre cada gesto, sobre cada dança.

O que também se revelou claro foi o interesse crescente dos investigadores, antropólogos, etnólogos e folcloristas, que viram na festa um campo fértil de estudo, um palco de símbolos e mistérios — especialmente nas máscaras, nos rituais e na própria lenda que a sustenta. A comunicação social, por sua vez, abriu as suas lentes e canetas para registar e difundir o que acontecia, dando à Bugiada e Mouriscada uma visibilidade inédita, mesmo sob o jugo de um regime que preferia controlar o espetáculo da vida.

Esta edição ofereceu um mergulho profundo nesse passado, mas também trouxe algo inédito e emocionante: pela primeira vez, partilhamos um inventário de nomes — os que conseguimos

recuperar — daqueles que foram Velhos e Reimoeiros. Nomear é um ato de resistência. É transformar a memória em palavras sublimes, é não permitir que o anonimato sepulte quem, com pés cansados e corações cheios, manteve acesa a chama desta festa. Cada nome é uma semente contra o esquecimento.

Mas não ficamos apenas na memória coletiva: dedicamos também um olhar atento a cada personagem da festa, ao património material e imaterial que a envolve, às máscaras, aos gestos, aos rituais de resistência que se repetem ano após ano e que dão corpo a uma herança que é simultaneamente local e universal.

E porquê Lavra da Praça? Porque lavar é mais do que mexer na terra: é preparar o terreno para o futuro, é desafiar as certezas, é questionar visões feitas. É abrir espaço ao conhecimento e deixá-lo invadir a praça — esse espaço coletivo onde tudo acontece, onde todos se encontram, onde a memória se transforma em espetáculo vivo.

Assim, concluímos esta edição não como quem fecha um livro, mas como quem acende uma tocha. Porque a história aqui revelada é também um convite: que cada leitor, ao percorrer estas páginas, se sinta chamado a carregar a memória adiante, a manter viva a chama da Bugiada e Mouriscada, a defender o direito de celebrar, de dançar, de existir.

Esta revista é, sim, um documento cultural. Mas é também uma declaração ousada: a festa nunca se rendeu, nunca se calou, nunca se deixou dominar. Ela é, e sempre será, resistência mascarada da identidade de Sobrado.



O desesperto (foto de Anónimo Joaquim Marques, 1997)

# Autores



**Nuno Alexandre Ferreira**

Nuno Alexandre Ferreira, também conhecido por Nuno King, nasceu no Porto em 1992, vivendo em Sobrado desde 2002. Ao longo da sua vida, entre vários projetos e associações, dedicou-se ao estudo e promoção da cultura, património e tradições de Sobrado e da festa de São João de Sobrado. Acompanha e fotografa os Mourisqueiros desde 2013. Entre 2013 e 2024 divulgou a festa nas redes sociais e no blog [saojoaosobrado.wordpress.com](http://saojoaosobrado.wordpress.com). É vice-presidente e secretário da Associação São João de Sobrado desde 2021.



**Paulo Caetano Moreira**

Paulo Caetano Moreira nasceu em 1970, em Campo, Valongo. Possui licenciatura em História (2005) e é mestre, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em História e Património - Estudos Locais e Regionais: Construção de Memórias (2012). É autor de alguns trabalhos académicos e de investigação, nomeadamente de história local, com maior incidência no Concelho de Valongo. Tem participado em seminários, jornadas e conferências na área da história e do património cultural, em alguns casos como orador. É colaborador do Município de Valongo, exercendo funções no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada.



**Fábía Suzano Pinto**

Fábía Suzano Pinto, nasceu em Sobrado em 1983, tendo crescido nos bastidores da Festa de São João de Sobrado. Começou a registar fotograficamente a festa em 1995 para o seu espólio pessoal e não parou mais. Sem pretensão de profissionalismo tem procurado de uns anos a esta parte uma visão fotográfica diferente da festa. Igualmente, tem dado atenção à Bugiada e Mouriscada por outras formas, seja com a criação e administração do grupo S. João com Tradição- Bugiada de Sobrado, onde desde 2011, promove o diálogo, a partilha de informações e registos fotográficos sobre a festa nas redes sociais. Produz artesanato sobre a festa e escreve frequentemente artigos sobre a festividade, nos seus mais diversos aspetos, nomeadamente, relacionados com a lenda que subjaz à festa. Foi bugio por 9 anos, fez parte das comissões de festas em 2010 e 2017, ajudando ainda os seus pais na produção de fardas e acessórios.



**António Garcês**

António Augusto Moreira Garcês nasceu em Sobrado, em 1974. Professor de profissão, na Ilha da Madeira, dedica-se também ao teatro, especialmente com jovens. Mesmo à distância, mantém o apego profundo à terra natal, acompanhando com devoção tudo o que diz respeito a Sobrado, à festa e às histórias que lhes dão vida. Desde há vários anos que se dedica à investigação sobre a Bugiada e Mouriscada, especialmente em termos de documentação e artigos de jornais, mas a sua relação com a festa é mais extensa uma vez que também costuma registar habitualmente a festa em fotografia, dedicando-se ainda à escrita de poemas e de outros textos. Promove igualmente o património cultural e imaterial de Sobrado.



**Manuel Pinto**

Manuel Joaquim da Silva Pinto nasceu em Sobrado, em 1954. É uma referência nacional nas áreas do Jornalismo, Educação para os Media e Sociologia da Comunicação. Foi jornalista por vários anos e professor da Universidade do Minho. É um dos principais investigadores da Bugiada e Mouriscada, tendo dedicado grande parte da sua vida à divulgação da festa, do seu património, rituais e memória. Encontra-se associado ao processo de inscrição da Bugiada e Mouriscada ao registo no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial e é sócio-honorário da Associação São João de Sobrado.



**Marisol Marques**

Marisol Moreira Ferreira Marques nasceu em 1970 em Caracas (Venezuela). Licenciada em Ciências Sociais, com Minor em Sociologia, exerceu funções, durante 32 anos, como Técnica no Instituto de Emprego e Formação Profissional. Participou e participa, ativamente, na dinâmica da Freguesia de Sobrado, destacando-se, desde 2019, como Presidente da Associação Ambientalista Jornada Principal, em defesa do ambiente e do encerramento do aterro de Sobrado. Acompanhando sempre a Bugiada e Mouriscada, escreve textos e poemas sobre esta festividade.

## Ficha técnica



ASSOCIAÇÃO  
SÃO JOÃO  
DE SOBRADO

**Título:**  
Lavra da Praça- Edição IV

**Edição:**  
Associação São João de Sobrado

**Design Gráfico e Paginação:**  
Filipe da Costa Alves

**Data:**  
Abril de 2026

## Apoio





[www.saojoaodesobrado.pt](http://www.saojoaodesobrado.pt)



[saojoaodesobrado.oficial](https://www.instagram.com/saojoaodesobrado.oficial)